



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO MUSEU NACIONAL**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS  
INDÍGENAS**

**O IMPACTO DO PROFLLIND NO CONTEXTO DO MESTRADO PROFISSIONAL  
EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS POR MEIO DAS ANÁLISES DAS  
VIVÊNCIAS DE ALUNOS EGRESSOS**

**Sonia Regina Camargo**

**2024**



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO MUSEU NACIONAL  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS  
INDÍGENAS**

**SONIA REGINA CAMARGO**

**O IMPACTO DO PROFLLIND NO CONTEXTO DO MESTRADO PROFISSIONAL  
EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS POR MEIO DAS ANÁLISES DAS  
VIVÊNCIAS DE ALUNOS EGRESSOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística e Línguas Indígenas.

**Orientadora: Profa. Dra. Jaqueline dos Santos Peixoto**

Rio de Janeiro

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO MUSEU NACIONAL  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS  
INDÍGENAS**

**O IMPACTO DO PROFLLIND NO CONTEXTO DO MESTRADO PROFISSIONAL  
EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS POR MEIO DAS ANÁLISES DAS  
VIVÊNCIAS DE ALUNOS EGRESSOS**

**Sonia Regina Camargo**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística e Línguas Indígenas.

**Orientadora: Profa. Dra. Jaqueline dos Santos Peixoto.**

Linha de pesquisa: Língua, Cultura e Sociedade.

**Rio de Janeiro**

**2024**



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO MUSEU NACIONAL


MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS  
INDÍGENAS


O IMPACTO DO PROFLLIND NO CONTEXTO DO MESTRADO PROFISSIONAL  
EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS POR MEIO DAS ANÁLISES DAS  
VIVÊNCIAS DE ALUNOS EGRESSOS

Sonia Regina Camargo

Banca Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Jaqueline dos Santos Peixoto (PROFLLIND-MN-UFRJ)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Beatriz Protti Christino (PROFLLIND-FL-UFRJ)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Ana Paula Tatagiba Barbosa (FSS-UERJ)

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Marci Fileti Martins (PROFLLIND-MN-UFRJ)

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria de Fátima Sousa de Oliveira Barbosa (PROFLETRAS-UFRJ)

C173i Camargo, S. R. de.

O impacto do PROFLLIND no contexto do mestrado profissional em linguística e Línguas indígenas por meio das análises das vivências de alunos egressos / Sonia Regina Camargo. Rio de Janeiro, 2024.

246 f.

Orientadora: Profa. Dra. Jaqueline dos Santos Peixoto

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas - PROFLLIND, 2024.

1. Línguas indígenas. 2. Análise do discurso. 3. PROFLLIND. 4. Ação afirmativa. I. Peixoto, Jaqueline dos Santos . II. Título.

**CDD498**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, fonte inesgotável de amor e sabedoria, cuja proteção, força e orientação foram essenciais para que eu pudesse concluir esta jornada, especialmente nos momentos em que, diante das dificuldades muitas vezes pensei em desistir. Agradeço também aos bons Espíritos, que me inspiraram e fortaleceram em cada etapa desta jornada.

Em especial, à minha filha amada, companheira fiel Daiane Cristine Camargo Cantarino, quero dedicar estas palavras do fundo do meu coração. Você me impulsionou a retomar os estudos e a buscar novos horizontes, sua determinação e carinho me inspiram a ser uma pessoa melhor a cada dia. E ao seu esposo, Gustavo Toledo Cantarino, meu querido filho do coração, minha eterna gratidão. Sua paciência e habilidade com a informática me ajudaram muito nessa caminhada.

À matriarca das Camargo, minha mãe, Isaura Camargo, pelo amor incondicional, ensinamentos de fé, ética, moral, respeito com o próximo e responsabilidades que sempre me guiaram; tenho certeza de que, se estivesse lúcida, teria imenso orgulho de mim.

Dedico também às minhas irmãs, em especial a minha irmã Sandra Camargo, que nas horas de angústia, ouvia-me com carinho e compreensão, Ana e Ângela Camargo e minhas sobrinhas Luciana, Andrea e Luzia Camargo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora a Professora Jaqueline dos Santos Peixoto. Hoje, sinto uma profunda emoção ao refletir sobre a jornada que percorri ao lado seu. Mais do que uma orientadora, ela se tornou uma grande amiga e uma figura central na minha caminhada acadêmica, especialmente como coordenadora do Proflind.

Em momentos de incerteza e desafios que pareciam insuperáveis, sua generosidade sempre esteve presente, dedicando seu tempo para me guiar, mostrando que a verdadeira educação vai além do conhecimento técnico; é uma entrega de coração e alma.

Sou eternamente grata pela paciência que teve comigo, pela atenção que dispensou a cada dúvida e por sua dedicação incansável. Em cada crítica construtiva que me ofereceu, encontrei conselhos valiosos e a oportunidade de crescimento pessoal e profissional, para ir além e explorar novos horizontes e acreditar no meu potencial, mesmo quando eu mesma duvidava.

A culminância de toda essa jornada se reflete na conclusão desta dissertação, um marco que não seria possível sem sua orientação. Professora Jaqueline, sua influência em minha vida é inestimável. Agradeço de coração por tudo o que fez por mim. Você não é apenas uma mentora; você é uma inspiração, e sou imensamente grata por tudo.

À estimada professora Marília Lopes da Costa Facó Soares, com profunda gratidão, dedico estas palavras, que é luz e inspiração na jornada acadêmica de milhares estudantes. Sua dedicação inabalável ao Proflind e seu compromisso com a educação indígena transformam o ambiente acadêmico superior dos povos minorizados e marginalizados. Sua trajetória nos motiva a seguir em frente, lutando por um futuro melhor para todos.

Ao Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas do Museu Nacional (PROFLIND-MN), pela experiência intercultural em sala de aula com indígenas vindos de diferentes regiões do Brasil, e pela oportunidade de crescimento acadêmico na área de linguística e línguas indígenas.

Agradeço sinceramente aos alunos egressos das turmas 2016, 2017 e 2018, que se dispuseram a me conceder entrevistas de forma tão gentil. Sem a colaboração e o apoio de vocês, esta dissertação não teria sido possível. A contribuição de cada um foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, e sou imensamente grata pela generosidade em compartilhar suas experiências e perspectivas.

A todos os professores do Proflind, meu sincero agradecimento pelas valiosas contribuições à minha formação acadêmica. Agradeço também aos meus colegas de turma, especialmente à Maria José Santos Rodrigues e Carmelita Lopes dos Santos, pela amizade, parceria, apoio e momentos de descontração que tornaram esta jornada mais leve e prazerosa.

Por fim, quero dedicar um agradecimento especial ao nosso querido colega Alcery Marques Gabriel – Terena (*in memoriam*), cuja ajuda na disciplina de Morfologia foi fundamental para que eu conseguisse superar os desafios.

Meu agradecimento vai também aos amigos e colegas que me apoiaram, tanto diretamente quanto indiretamente, durante esta trajetória. Em especial, agradeço a Ana Paula Barbosa, Alice Quintella, Anete Luz, Claudine Leite, Jeferson e Luiz Cláudio Falcão de Albuquerque pelas inúmeras vezes que vocês me ouviram e me incentivaram nessa jornada. E, de maneira muito especial, a Luiz Eduardo Nery da Silva, meu colega do coração que gentilmente me substituiu em meu trabalho nos dias em que precisei me dedicar às aulas e à escrita da dissertação.

Quero expressar minha gratidão ao meu chefe, o coordenador do PPGZoo, Prof. Marcelo Ribeiro Brito, pelo apoio durante essa jornada desafiadora de conciliar trabalho e estudos. Sua compreensão e incentivo foram fundamentais para que eu pudesse enfrentar esse desafio com determinação e foco.

Gostaria de dedicar essas palavras de agradecimento a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta dissertação, que foi uma jornada repleta de desafios e superações.

A todos, meu mais sincero e profundo agradecimento.

*"A verdade não é apenas no que se diz, mas o que se insinua, se oculta e se revela nas entrelinhas."* - Michel Pêcheux

## RESUMO

CAMARGO, S. R. de. **O IMPACTO DO PROFLIND NO CONTEXTO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS POR MEIO DAS ANÁLISES DAS VIVÊNCIAS DE ALUNOS EGRESSOS**. Rio de Janeiro, 12 de novembro de 2024, 246f. Exame de Mestrado (Mestrado Profissional - Proflind) - Pós-Graduação em Linguística e Línguas Indígenas, Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Esta dissertação tem como objetivo realizar uma análise do sentido do discurso de alunos egressos do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas (Proflind) a partir de suas experiências como discentes do Programa. A Análise do Discurso visa descrever e analisar o significado subjacente das estruturas linguísticas que revelam as experiências e opiniões a partir de suas vivências no Proflind. O trabalho foi dividido em etapas que abordam de maneira crítica o contexto educacional e a percepção dos estudantes sobre o Programa. A descrição e análise do sentido das falas dos alunos egressos é feita por meio de narrativas produzidas nas entrevistas realizadas por nós a fim de identificar os desafios e as superações dos alunos indígenas na educação superior. A fundamentação teórica abrange uma revisão dos conceitos e teorias das disciplinas de Análise do Discurso, que tratam a língua em sua dimensão discursiva, ou seja, de produção e representação dos sentidos. A dissertação explora estudos relevantes para o entendimento dos discursos sobre formação acadêmica e identidade cultural, além de discutir como esses elementos influenciam as percepções dos estudantes. A metodologia adotada baseou-se em uma pesquisa bibliográfica que serviu de alicerce para a análise das entrevistas. Foram realizadas entrevistas com alunos concluintes do Proflind, possibilitando a coleta de dados qualitativos. A análise ocorreu por meio da descrição das falas dos entrevistados, tanto de maneira individual quanto em comparação com os diversos temas presentes. Os resultados revelaram um panorama diversificado das expectativas e opiniões dos alunos sobre o Proflind. Observou-se que, apesar do reconhecimento positivo da formação recebida, há questões relacionadas à aplicabilidade prática dos conhecimentos adquiridos e à valorização das línguas indígenas no contexto acadêmico. A dissertação destaca a importância de considerar as vozes dos alunos em processos de avaliação e melhoria dos Programas de formação, sinalizando a necessidade de um olhar mais atento às especificidades culturais e sociais no ensino de Linguística. Este trabalho visa contribuir para o campo da Educação Superior Indígena e abre caminhos para pesquisas que busquem aprofundar o entendimento sobre o impacto dos cursos de Linguística e Línguas Indígenas tanto na formação de profissionais voltados para a educação indígena quanto nas comunidades que representam.

**Palavras-chave:** Proflind. Ação Afirmativa. Línguas Indígenas. Análise do Discurso.

## ABSTRACT

CAMARGO, S. R. de. **THE IMPACT OF PROFLIND IN THE CONTEXT OF THE PROFESSIONAL MASTER'S DEGREE IN LINGUISTICS AND INDIGENOUS LANGUAGES THROUGH THE ANALYSIS OF THE EXPERIENCES OF EGRESSED STUDENTS**, Rio de Janeiro, November 12, 2024, 246f. Master's Examination (Professional Master's - Proflind) - Graduate Program in Linguistics and Indigenous Languages, National Museum/Federal University of Rio de Janeiro.

This dissertation aims to analyze the meaning of the discourse of egressed students from the Professional Master's in Linguistics and Indigenous Languages (Proflind) based on their experiences as learners of the program. Discourse Analysis aims to describe and analyze the underlying meaning of linguistic structures that reveal experiences and opinions based on their experiences in Proflind. The work was divided into stages that critically address the educational context and students's perceptions of the Program. The description and analysis of the egressed student's speech are conducted through narratives produced in interviews that we conducted to identify the challenges and achievements of indigenous students in higher education. The theoretical foundation includes a review of concepts and theories from Discourse Analysis disciplines, which treat language in its discursive dimension, that is, the production and representation of meanings. The dissertation explores relevant studies for understanding discourses on academic training and cultural identity, as well as discussing how these elements influence students' perceptions. The adopted methodology was based on bibliographic research that served as a foundation for the analysis of the interviews. Interviews were conducted with Proflind's graduates, allowing the collection of qualitative data. The analysis occurred through the description of the interviewee's speeches, individually and in comparison, with the various present themes. The results revealed a diverse panorama of student's expectations and opinions about Proflind. It was observed that despite the positive recognition of the training received, there are issues related to the practical applicability of the acquired knowledge and the valorization of indigenous languages in the academic context. The dissertation highlights the importance of considering students voices in the evaluation and improvement processes of educational programs, signaling the need for a more attentive look at cultural and social specificities in the teaching of Linguistics. This work aims to contribute to the field of Indigenous Higher Education and opens paths for research that seeks to deepen the understanding of the impact of Linguistics and Indigenous Languages courses in the training of professionals focused on indigenous education and in the communities they represent.

Keywords: Proflind. Affirmative Action. Indigenous Languages. Discourse Analysis.

## LISTA DE SIGLAS

AD – Análise do Discurso

CINNT – Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica  
"Antônio Lacerda"

IHC – Interação Humano-computador

IE – Instituição de Ensino

MEDS – Método de Explicitação do Discurso Subjacente

MN – Museu Nacional

OGPTB – Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngues

ONGS – Organizações Não Governamentais

PROFLIND – Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas

SVO – Sujeito-Verbo-Objeto

SOV – Sujeito-Objeto-Verbo

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNEMAT – Universidade Estadual do Mato Grosso

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2. A TRADIÇÃO FRANCESA E ESTADUNIDENSE DE ANÁLISE DO DISCURSO.....</b>	<b>27</b>
<b>3. OS SENTIDOS DO TEXTO: CONHECENDO AS IDENTIDADES DOS INDÍVIDUOS PELA ANÁLISE DA SUA FALA.....</b>	<b>45</b>
<b>3.1 A Contribuição do Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS) para a análise do discurso dos entrevistados em contexto multilíngue.....</b>	<b>45</b>
<b>3.2 A Contribuição da Linguística Forense para a análise do discurso dos entrevistados em contexto multilíngue.....</b>	<b>51</b>
<b>4. METODOLOGIA DE OBTENÇÃO DOS DADOS.....</b>	<b>61</b>
<b>4.1 Limitações e considerações éticas.....</b>	<b>67</b>
<b>4.2 Justificativa da metodologia.....</b>	<b>68</b>
<b>4.3 Procedimentos.....</b>	<b>72</b>
<b>4.4 Condução das entrevistas.....</b>	<b>73</b>
<b>4.5 Análise dos dados.....</b>	<b>74</b>
<b>4.6 Coleta de dados.....</b>	<b>75</b>
<b>4.7 Instrumentos de coleta.....</b>	<b>76</b>
<b>4.8 Transcrição e codificação das entrevistas.....</b>	<b>77</b>
<b>5. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS.....</b>	<b>78</b>
<b>5.1 Análise da entrevista do Participante Entrevistado 1 (PE1).....</b>	<b>78</b>
<b>5.2 Análise da entrevista do Participante Entrevistado 2 (PE2).....</b>	<b>85</b>
<b>5.3 Análise da entrevista do Participante Entrevistado 3 (PE3).....</b>	<b>94</b>
<b>5.4 Análise da entrevista do Participante Entrevistado 4 (PE4).....</b>	<b>101</b>
<b>5.5 Análise da entrevista do Participante Entrevistado 5 (PE5).....</b>	<b>121</b>
<b>5.6 Análise da entrevista do Participante Entrevistado 6 (PE6).....</b>	<b>135</b>
<b>5.7 Análise da entrevista do Participante Entrevistado 7 (PE7).....</b>	<b>155</b>
<b>6. ANÁLISE COMPARATIVA DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>178</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>189</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>194</b>
<b>APÊNDICE – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS.....</b>	<b>198</b>

<b>ANEXO A – Entrevista do Participante Entrevistado 1 (PE1).....</b>	<b>203</b>
<b>ANEXO B – Entrevista do Participante Entrevistado 2 (PE2).....</b>	<b>211</b>
<b>ANEXO C – Entrevista do Participante Entrevistado 3 (PE3).....</b>	<b>215</b>
<b>ANEXO D – Entrevista do Participante Entrevistado 4 (PE4).....</b>	<b>225</b>
<b>ANEXO E – Entrevista do Participante Entrevistado 5 (PE5).....</b>	<b>232</b>
<b>ANEXO F – Entrevista do Participante Entrevistado 6 (PE6).....</b>	<b>236</b>
<b>ANEXO G – entrevista do participante entrevistado 7 (PE7).....</b>	<b>241</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A motivação para o presente estudo deriva da experiência adquirida ao longo do convívio diário com diferentes etnias dos povos originários do Brasil, durante o Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – PROFLLIND – do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Oferecido de maneira pioneira pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), este programa se destaca por proporcionar particularmente acesso à Pós-graduação Profissional para povos originários, atendendo a uma demanda histórica de inclusão educacional.

O critério adotado pelo programa para a seleção de estudantes resulta em maior número de vagas destinadas a indivíduos oriundos de grupos historicamente discriminados e marginalizados, que vivenciam a exclusão social tanto no passado quanto no presente. Em seus editais, fica clara a natureza gratuita do curso que reserva a título de ação afirmativa 60% de suas vagas para candidatos autodeclarados indígenas.

Esta abordagem contrastante com as diretrizes de seleção estabelecidas por outros Programas de Pós-graduação evidencia o comprometimento do Profllind em promover a equidade e a justiça social na educação superior. Nesse contexto, o Profllind se configura como pioneiro na promoção de iniciativas voltadas à inclusão dos povos indígenas do Brasil e consequente preservação das línguas desses povos.

Nesse contexto, o Programa apresenta um grande potencial para o desenvolvimento de pesquisas que podem gerar uma ampla diversidade de políticas linguísticas no ambiente universitário, tanto no âmbito nacional quanto internacional. Por meio do desenvolvimento e aprimoramento de sistemas de escrita, confecção de gramáticas, dicionários e materiais didáticos, o Profllind procura fortalecer a transmissão das línguas indígenas para as futuras gerações, por meio recursos acadêmicos que podem inclusive viabilizar a revitalização de línguas ameaçadas de extinção. Muitas dessas línguas, na verdade, estão apenas adormecidas, sendo utilizadas em contextos restritos como o ambiente familiar, outras são faladas apenas por idosos ou preservadas em cerimônias e rituais das culturas dos povos indígenas. Em tais ambientes, frequentemente, apenas um membro daquele grupo é capaz de acessar e transmiti-las adequadamente, utilizando a autoridade e a sensibilidade

necessárias para a preservação e revitalização desse patrimônio linguístico. Essa costuma ser a situação de povos indígenas em processo de reorganização e de comunidades indígenas reagrupadas.

Ao longo de minha trajetória acadêmica, desenvolvi uma reflexão crítica sobre a educação, contemplando-a sob diversas perspectivas. Sempre busquei alternativas que transformassem o processo de ensino-aprendizagem em algo distinto das experiências que tive, tanto enquanto estudante, quanto professora da Educação Infantil. Nesse contexto de idealizações e aspirações de uma estudante-pesquisadora, a oportunidade de ingressar na Pós-graduação possibilitou-me conhecer e vivenciar um ambiente educacional que se destacava por sua singularidade em relação às salas de aula que até então havia frequentado e pela pluralidade intercultural.

O início do mestrado, em formato presencial, ocorreu no segundo semestre de 2019, em uma sala de aula iluminada naturalmente por grandes janelas, através das quais a luz solar adentrava com intensidade, aquecendo e iluminando o espaço. Esse ambiente propiciava uma vista privilegiada da biodiversidade do Horto Botânico do Museu Nacional, localizado na Quinta da Boa Vista, nas proximidades do Palácio que, no passado, abrigou a Família Real e continha o maior acervo de patrimônio histórico antropológico e natural do Brasil, até o trágico incêndio de 2018, que reduziu a riqueza desse legado a cinzas.

Essa confluência de memória histórica e ambiente natural proporcionou um contexto enriquecedor para o desenvolvimento de meus estudos e práticas pedagógicas. Assim, esse contexto histórico e cultural, caracterizado por ser um espaço de sonhos e, acima de tudo, por sua essência voltada ao entusiasmo pela ciência antropológica e natural, em que se produz o futuro no presente, encontra-se uma sala de dimensões físicas modestas, que transcende a mera presença de paredes, cadeiras, mesas e um quadro branco. Este ambiente se revela como um vasto espaço em que a educação se manifesta plenamente como um fenômeno social. Ali, são evidenciadas as realidades bi/multilíngues e as diversas concepções das correntes linguísticas, além de constituir o espaço em que se concretizam o ensino e a aprendizagem, promovendo a troca de experiências e vivências oriundas dos diversos contextos sociais trazidos pelos protagonistas envolvidos nesse cenário.

Ao iniciar as atividades eletivas, deparei-me com a complexidade da realidade bi/multilíngue e com o contato entre os representantes de povos de diversas línguas

indígenas, o que me proporcionou uma gama de experiências que foram, em múltiplas facetas, intrigantes, inusitadas e frequentemente conflituosas. Essas vivências destacaram questões relacionadas ao uso e à valoração social das línguas em contato, um aspecto central no Programa de Pós-graduação, que busca promover essa interação de forma consciente e crítica. O intuito é proporcionar uma formação sólida que integre teoria e prática, permitindo que os alunos desenvolvam uma compreensão aprofundada das dinâmicas linguísticas e sociais. Dessa forma, espera-se que eles adquiram conhecimentos teóricos sobre suas línguas, o contato de suas línguas com outras línguas indígenas e com a língua hegemônica e suas implicações, e adquiram também as competências práticas que lhes permitam atuar de forma eficaz em contextos reais, seja na pesquisa, na educação, ou em outras áreas de atuação profissional nas quais o conhecimento das línguas dos povos originários possa gerar inclusão social.

A estrutura curricular foi cuidadosamente elaborada para abranger disciplinas que promovam o aprofundamento do conhecimento técnico em que a habilidade de liderança, gestão de projetos e inovação sejam alcançadas por seus discentes.

Os alunos têm a oportunidade de participar de atividades práticas e projetos de pesquisa que os conectam com a realidade da cultura indígena. A minha turma do segundo semestre de 2019 era composta majoritariamente por homens indígenas recém-chegados de diversas regiões do Brasil, especialmente das áreas Amazônicas, Centro-Oeste e Sul do país e fronteiras do Brasil, Colômbia e Peru. Esse cenário transformou a sala de aula em um autêntico laboratório sociolinguístico, revelando-se como um potencial objeto de pesquisa para aqueles que se interessam em estudar as características do continuum de variedades linguísticas que permeiam o país, tudo contido naquele pequeno espaço.

O fato de o quantitativo de mulheres ser muito baixo me chamou a atenção e poderia ser um dos pontos de discussão da pesquisa: Onde estão as mulheres indígenas? Por que não estavam na sala de aula? Ainda é negado a elas a possibilidade de estudar e abrir seus horizontes? O que me pareceu é que ao contrário da nossa sociedade cursos voltados para a formação de docentes na cultura indígena ainda é um espaço predominantemente masculino. Porém, esse tema será deixado para o futuro. A diversidade de sotaques e linguagens diversificadas, resultado da convivência de diferentes culturas trouxe à tona uma rica tapeçaria de interações. Alunos de diversas regiões se revezavam em diálogos que, muitas vezes, cruzavam

fronteiras linguísticas. As professoras, por sua vez, atuavam como mediadoras dessa experiência, orientando os debates e incentivando a troca de ideias entre os estudantes, que exploravam não apenas as regras gramaticais, mas também as nuances do significado que cada variação carregava. Nesse ambiente, as expressões regionais se tornavam uma oportunidade de aprendizado colaborativo, em que o respeito pela individualidade linguística de cada um se tornava fundamental.

As discussões sobre a validade de diferentes formas de expressão, frequentemente taxadas como "erradas" em contextos mais formais, mostraram-se uma forma de resistência e afirmação das identidades dos estudantes. As interações na sala de aula também refletiam temas sociais e culturais mais amplos, que permeavam as narrativas pessoais dos alunos. Questões de classe, etnia e geração se entrelaçavam, revelando que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas uma potente ferramenta de poder e pertencimento. Essa dinâmica evidenciava, por exemplo, as variedades do português faladas pelos povos indígenas, que frequentemente são desvalorizadas no cotidiano fora das aldeias, mas são reconhecidas e valorizadas como formas de português indígena em espaços políticos (Peixoto, 2020). Dessa forma, a sala de aula não era apenas um espaço para o ensino de conteúdos formais, mas um verdadeiro microcosmos das interações da sociedade. Com isso, o professor e os alunos tornaram-se coautores de um conhecimento que transcende os livros didáticos, promovendo uma reflexão crítica sobre a língua e suas implicações identitárias. Era o exercício da linguagem em sua forma mais pura: viva e em constante transformação, capaz de desafiar preconceitos e abrir caminhos para novas formas de expressão.

Neste cenário, surgiram observações pertinentes em relação ao bilinguismo, que se manifestaram em momentos específicos durante as interações linguísticas entre os colegas de turma. Em situações de sala de aula, foi notável como alguns colegas conseguiam compreender rapidamente os conteúdos das disciplinas propostas e repassavam em suas línguas nativas para outro "parente" (denominavam-se dessa forma entre eles), de etnias diferentes que não haviam compreendido o que foi perguntado pela professora. Tal prática se estendeu a momentos informais, como as interações no restaurante do Museu Nacional (MN), em que as conversas em línguas nativas geravam curiosidade entre os não-indígenas que estavam presentes. Esses fenômenos ressaltam a complexidade do bilinguismo no contexto social,

destacando a necessidade de um olhar atento às dinâmicas comunicativas que emergem em comunidades linguísticas diversas.

Em março de 2020, o advento do distanciamento social em decorrência da pandemia de Coronavírus exigiu uma reinvenção no âmbito das Instituições de Ensino (IE). Praticamente todas as IEs se viram compelidas a adotar o sistema híbrido de ensino, o que resultou em uma transição para o ambiente virtual de aprendizagem, trazendo muitas dificuldades nos encontros diários principalmente dos colegas que se encontravam em outras regiões do país. Contudo, as aulas seguiram em ambiente virtual e proporcionou um espaço enriquecedor para leituras, discussões, reflexões e questionamentos mediados pelos docentes. Essa convivência possibilitou experiências e reflexões significativas a respeito da linguística, contribuindo para uma maior sensibilização acerca das variadas formas de expressão linguística, bem como das identidades culturais que estão intrinsecamente ligadas aos modos da fala que caracterizam variedades do português.

Esses momentos de interação multilíngue não só demonstram a fluência e a flexibilidade linguística dos alunos, como também revelam um aspecto de identidade cultural e da valorização das línguas nativas no contexto educacional superior. A capacidade de transitar entre diferentes idiomas e compartilhar conhecimentos e experiências de maneira eficaz fortalece os laços comunitários e, ao mesmo tempo, destaca a importância da inclusão e do respeito às diversas culturas presentes. Em virtude disso, surgiu o desejo de aprofundar o meu conhecimento sobre o Proflind, o multilinguismo e o perfil dos alunos formados no Mestrado Profissional em minha dissertação de Mestrado a ser avaliada para a conclusão do curso.

A decisão de investigar esses temas está intrinsecamente ligada ao papel transformador da educação na formação de cidadãos, que dominam idiomas, mas não possuem uma compreensão crítica de seu papel na sociedade multicultural contemporânea. Compreender como o Proflind, um Programa voltado para o desenvolvimento de competências multilíngues e interculturais, impacta a trajetória dos alunos egressos é fundamental para identificar práticas educacionais que favorecem a inclusão e a valorização das diversidades linguísticas do Brasil. Por esse motivo, a minha busca em evidenciar as oportunidades e os desafios que os alunos indígenas enfrentam ao ingressar no mercado de trabalho e na sociedade, depois de terem passado por uma formação que prioriza a diversidade e a adaptabilidade cultural. Ao explorar esses temas, espero contribuir para uma discussão mais ampla

sobre o papel do multilinguismo e da interculturalidade na educação, promovendo um ambiente de aprendizado que valorize e integre todas as vozes e histórias presentes em contextos plurais, que se propõe a iluminar as implicações sociais, culturais e pedagógicas com a intenção de fomentar práticas educacionais que reconheçam e celebrem a diversidade linguística, cultural e social como ativos preciosos na formação de cidadãos conscientes de sua realidade política.

### **1.1 Objetivos, pressupostos teóricos e hipótese**

Na atualidade, reconhecer e valorizar as culturas e línguas indígenas no meio acadêmico tornou-se uma exigência tanto ética quanto intelectual, especialmente diante de um cenário permeado por desigualdades sociais e a busca por direitos culturais. Nesse sentido, esta dissertação tem como objetivo contribuir para o reconhecimento dos povos indígenas do Brasil, ao explorar as expectativas, percepções e aspirações dos discentes do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas (Proflind). O objetivo de entender o impacto da Pós-graduação Profissional na vida dos alunos do Proflind é realizado por meio da análise de entrevistas realizadas com egressos do Programa. Para tanto, utilizando como ferramenta a Análise do Discurso (AD) em suas diferentes versões como metodologia principal para investigar o sentido da fala dos participantes entrevistados para nossa pesquisa

Devido à natureza social e política envolvidas nas entrevistas feitas com os discentes egressos do Proflind, a análise dos seus discursos segue uma abordagem metodológica crítica. Lidamos aqui essencialmente com teorias de Análise Crítica do Discurso. Nossa abordagem metodológica está alicerçada no Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS), uma abordagem de Análise do Discurso desenvolvida a partir dos estudos de Jacqueline Authier-Revuz sobre metaenunciação, na Análise do Discurso de Michel Pêcheux, que evidencia a heterogeneidade ideológica do discurso, na Teoria Social do Discurso de Norman Fairclough, que trata o discurso como prática tridimensional que reflete e constrói as relações na sociedade, e na Escola Estadunidense de Análise do Discurso

representada em nosso trabalho pelas ideias de Leonardo Vichi. A articulação dessas teorias possibilitou a descrição e a análise dos significados presentes nas falas dos participantes, promovendo uma compreensão mais aprofundada das vivências e das dinâmicas que moldam as trajetórias acadêmicas dos alunos egressos do Proflind pertencentes a diferentes etnias. Particularmente, os egressos que participaram de nossa pesquisa pertencem aos grupos Baré, Tucano, Bakairi, Kayapó e Ticuna.

A importância de nossa pesquisa se justifica pela compreensão da relação dos povos indígenas do Brasil com a educação superior. A valorização das culturas e línguas indígenas no ambiente acadêmico é essencial para fomentar a inclusão e enriquecer o entendimento sobre a diversidade linguística, social e cultural do Brasil. Assim, esta pesquisa se justifica pela necessidade de explorar as perspectivas dos alunos do Proflind sobre o tema, com o objetivo de contribuir para a preservação e promoção das tradições indígenas por meio dos conhecimentos adquiridos no contexto hegemônico circundante. A contextualização desse conhecimento nas suas comunidades se torna pertinente em face das desigualdades sociais e da urgência de garantir o respeito à pluralidade étnica e linguística que caracteriza a sociedade brasileira.

O objetivo central desta pesquisa é examinar as expectativas e percepções dos alunos a partir das suas experiências no Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas, com o intuito de compreender de que forma a valorização das línguas e culturas indígenas pode ser promovida no meio acadêmico. As abordagens críticas de Análise do Discurso possibilitarão uma investigação aprofundada das falas dos entrevistados, revelando suas experiências e perspectivas dentro do contexto do Proflind. O método aqui empregado visa permitir uma compreensão mais detalhada das dinâmicas culturais e linguísticas que permeiam a trajetória acadêmica desses estudantes.

## 1.2 Organização estrutural

A dissertação está organizada em sete capítulos, buscando proporcionar uma visão abrangente sobre a valorização das culturas e línguas indígenas no contexto acadêmico. Nesta Introdução, são apresentados os contextos da pesquisa, sua relevância e os objetivos principais, além de uma visão geral da metodologia adotada. No segundo capítulo, as tradições francesa e estadunidense são tratadas na Análise do Discurso, que exploram os fundamentos teóricos da Análise do Discurso (AD), destacando suas contribuições para o estudo de como diferentes discursos se materializam na linguagem. A tradição francesa, fortemente influenciada por Michel Pêcheux, (Pêcheux, 1988), está enraizada na ideia de que o discurso é moldado por condições sociais e históricas que o estruturam. Pêcheux (1990) propôs que o discurso reflete e constrói a realidade social, sendo sempre mediado por ideologias. Essa vertente coloca ênfase nas relações de poder e no papel das formações discursivas, argumentando que todo enunciado carrega consigo traços de estruturas ideológicas que afetam o sentido. A Análise do Discurso francesa, portanto, visa desvendar essas formações e as condições de produção que influenciam a construção dos significados.

Já a tradição estadunidense, influenciada por Norman Fairclough (Fairclough, 1995), apresenta uma abordagem mais pragmática e interdisciplinar. O enfoque está na interação entre discurso e sociedade, com particular atenção às práticas sociais e ao papel do discurso na reprodução ou contestação de relações de poder. A abordagem de Fairclough, por exemplo, propõe uma análise crítica que se concentra no impacto do discurso em diferentes esferas da vida social, como a mídia, a política e a educação, investigando como o discurso pode ser um meio de manutenção ou transformação das estruturas sociais.

Essas duas vertentes, embora com visões distintas, contribuem significativamente para o estudo das linguagens e dos discursos ao proporcionarem ferramentas analíticas que permitem examinar como os sentidos são construídos em diferentes textos e contextos. Enquanto a tradição francesa se aprofunda na análise das ideologias subjacentes ao discurso, a estadunidense enfatiza o papel do discurso na dinâmica social e nas relações de poder.

Esses marcos teóricos são fundamentais para a presente pesquisa, pois delineiam a base para investigar como as falas dos alunos egressos do Proflind refletem suas experiências individuais, as estruturas sociais e históricas, além das suas vivências como membros de comunidades indígenas em um ambiente acadêmico multilíngue.

O capítulo três refere-se aos sentidos do texto em que se procura conhecer os indivíduos pelas análises de suas falas e está dividido em duas partes principais, cada uma voltada para ferramentas metodológicas da Análise do Discurso (AD) utilizadas para examinar as falas dos entrevistados. O objetivo é explorar como o discurso revela as percepções e opiniões dos participantes e as influências sociais, culturais e linguísticas que interferem em suas formas de expressão. A AD, nesse contexto, atua como uma ferramenta essencial para desvelar camadas profundas de significados que podem não ser imediatamente perceptíveis. A estrutura do capítulo se organiza em duas seções. Na subseção **3.1 A Contribuição do Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS) para a Análise do Discurso dos Entrevistados em Contexto Multilíngue**, apresentamos o MEDS. Ele é introduzido como uma ferramenta valiosa para investigar os significados presentes nas falas dos entrevistados. O MEDS permite acessar discursos latentes, trazendo à tona as influências culturais, ideológicas e históricas que influenciam as falas. Em um ambiente multilíngue como o do Proflind, essa abordagem é particularmente útil para entender como diferentes línguas e culturas se entrelaçam no discurso dos alunos, refletindo as dinâmicas sociais e culturais de suas comunidades de origem.

Nossa análise vai além do conteúdo explícito das falas, buscando abarcar inclusive as formações discursivas subjacentes que orientam os enunciados produzidos pelos participantes. Esse aspecto é especialmente importante ao se tratar de indivíduos de diversas etnias indígenas, cujos discursos estão fortemente ligados a suas identidades culturais, relações com suas línguas maternas e experiências com a língua portuguesa no ambiente acadêmico. O MEDS, assim, desempenha um papel relevante ao iluminar as tensões entre os discursos públicos e as subjetividades dos falantes. Na subseção **3.2**, é discutida **A contribuição da Análise do Discurso Estadunidense para a análise do discurso dos entrevistados em um contexto multilíngue**. Nesta seção, particularmente a Linguística Forense, uma aplicação da AD estadunidense, é discutida como uma abordagem para a análise do sentido dos enunciados produzidos pelos participantes da pesquisa, particularmente em contextos

multilíngues, em que as diferenças linguísticas desempenham um papel significativo. Tradicionalmente aplicada no campo jurídico, a linguística forense oferece métodos detalhados para a análise da fala e da escrita, possibilitando a identificação de padrões linguísticos que podem passar despercebidos em uma primeira análise.

No caso do Proflind, coexistem falantes de diversas línguas indígenas, a AD estadunidense, aplicada à linguística forense, auxilia na identificação de variações linguísticas que refletem identidades culturais e sociais. Através de uma análise minuciosa das escolhas lexicais, sintáticas e prosódicas, essa abordagem proporciona uma compreensão mais profunda de como os indivíduos constroem suas identidades e posições em um contexto de diversidade linguística.

Nesse contexto, por meio da integração das abordagens, ao combinar o MEDS e a linguística forense, este capítulo oferece uma análise robusta e multidimensional das falas dos entrevistados, revelando como os significados, os diferentes perfis e individualidades são construídos de maneira complexa em um ambiente de interações multilíngues e multiculturais. A fusão dessas abordagens permite uma exploração rica e detalhada das dinâmicas discursivas, proporcionando uma visão mais completa das experiências e das expressões linguísticas dos alunos do Programa do Mestrado Profissional.

O quarto capítulo aborda os detalhes metodológicos da pesquisa, descrevendo de maneira sistemática o processo de coleta e análise dos dados. A estrutura foi organizada para proporcionar clareza em cada etapa do estudo, permitindo uma compreensão precisa dos métodos e procedimentos utilizados. O capítulo está igualmente dividido em três subseções: **4.1 Descrição Geral da Metodologia**, na qual é apresentada uma explicação detalhada dos métodos aplicados à coleta e análise dos dados. A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, ancorada na Análise do Discurso (AD), com o objetivo de examinar as falas dos participantes das entrevistas realizadas. A AD foi escolhida devido à sua capacidade de revelar significados implícitos e desvelar as dinâmicas sociais e ideológicas presentes nos discursos. As entrevistas semiestruturadas foram o principal instrumento de coleta de dados, permitindo aos entrevistados expressarem livremente suas percepções e vivências. A análise voltou-se tanto no conteúdo explícito quanto nos sentidos subjacentes das falas, garantindo uma investigação profunda dos discursos produzidos no contexto acadêmico multilíngue. **Nessa seção 4.2**, são descritos os participantes envolvidos no estudo, com foco especial em suas origens, minorias culturais e nas suas

características sociais, elementos essenciais para a contextualização e compreensão das análises subsequentes. A amostra foi composta por alunos do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas, pertencentes a diferentes etnias, incluindo os povos Baré, Tucano, Mebêngokré, Bakairi, Ticuna e uma aluna egressa não-indígena. A diversidade de etnias foi um fator de suma importância para a pesquisa, pois permite explorar como as experiências acadêmicas e as percepções sobre a valorização das línguas indígenas variam entre os alunos. Além das origens étnicas, foram consideradas questões como idade, trajetória educacional e nível de proficiência em suas línguas maternas e no português, proporcionando um panorama rico para a Análise dos Discursos. **Seguindo para a seção 4.3**, que trata dos procedimentos, são detalhados nessa parte os métodos utilizados para a condução das entrevistas e a coleta de dados, explicando cada etapa do processo de forma minuciosa. As entrevistas foram realizadas como dissemos de forma semiestruturada, utilizando um roteiro flexível que possibilitou a exploração de questões específicas relacionadas às experiências acadêmicas, à valorização das línguas indígenas no ambiente universitário e às expectativas dos alunos em relação ao Programa Proflind.

O formato semiestruturado garantiu que, embora houvesse um foco nas perguntas principais, os entrevistados tivessem espaço para trazer à tona suas próprias percepções e histórias, resultando em dados ricos e variados. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes, e posteriormente transcritas para análise. A análise dos dados seguiu o modelo da Análise do Discurso (AD), com ênfase na identificação de temas recorrentes, padrões discursivos e variações linguísticas, que podem ser interpretadas a partir de diferentes perspectivas na AD como no contexto social e identitário, nas estratégias de argumentação e persuasão, nas normas e desvio, no multilinguismo e hibridismo, na mudança linguística e nos fatores contextuais. Ao darmos continuidade à pesquisa no capítulo 5 as análises das entrevistas individuais são apresentadas de forma detalhada. A ênfase está nas percepções individuais, destacando as experiências acadêmicas e culturais de cada participante. A análise individual das entrevistas possibilita entender como cada aluno constrói seu discurso em torno da valorização das línguas indígenas, suas expectativas em relação ao curso e os desafios que enfrentam no ambiente acadêmico multilíngue.

O uso da Análise do Discurso permite explorar como as falas de cada indivíduo estão inseridas em um contexto maior de práticas sociais, ideológicas e culturais, não

se limitando ao que é dito, mas quais as influências colaboram com as condições sociais que permeiam suas falas e imprimem suas visões sobre as línguas indígenas na dinâmica do ambiente acadêmico.

No capítulo 6, é realizada uma análise comparativa das entrevistas, com o objetivo de identificar padrões comuns e diferenças importantes nas falas dos diferentes entrevistados. Essa abordagem permite, a nosso ver, uma compreensão aprofundada das experiências dos alunos egressos das diversas etnias, destacando como suas origens culturais e sociais intervêm em suas perspectivas e narrativas. Ao explorar as semelhanças e divergências nas respostas, oferecemos uma visão abrangente das atuações interétnicas apresentadas no contexto do Proflind, contribuindo para um entendimento mais rico e contextualizado dos diálogos linguísticos e culturais entre os participantes.

Ao comparar as falas, a pesquisa identifica os desafios comuns enfrentados pelos alunos no contexto acadêmico, as diferentes formas de como cada grupo étnico lida com esses desafios, contribuindo para uma compreensão mais ampla das dinâmicas culturais e linguísticas no ambiente universitário. A análise comparativa também destaca as comunicações entre os discursos individuais e coletivos, mostrando como as falas dos alunos refletem tanto suas experiências pessoais quanto as questões mais amplas enfrentadas por suas comunidades em relação à valorização e preservação de suas línguas e culturas.

Por fim, o capítulo 7 nas Considerações Finais, apresenta as conclusões da pesquisa, destacando as principais contribuições do estudo. A análise das entrevistas individuais e a comparação entre as falas dos participantes evidenciam a proeminência da valorização das línguas e culturas indígenas no ambiente acadêmico, bem como a necessidade de políticas e práticas que promovam a inclusão e o respeito à diversidade linguística. O capítulo das Considerações Finais ressalta que a formação acadêmica dos alunos do Proflind é enriquecida pela pluralidade de vozes e experiências, o que também traz à tona a urgência de se garantir a preservação das tradições culturais e linguísticas. Além disso, o capítulo sugere caminhos para futuras pesquisas, apontando a relevância de estudos longitudinais que investiguem a evolução das perspectivas dos alunos ao longo do tempo e a eficácia de iniciativas voltadas para a valorização das línguas indígenas em contextos acadêmicos e sociais mais amplos. A organização do capítulo final permite uma compreensão clara e consistente das principais descobertas da pesquisa,

contribuindo para o fortalecimento do campo de estudos sobre linguística e culturas indígenas no Brasil. Além disso, em conjunto com as análises realizadas ao longo da dissertação, esse capítulo final busca destacar a importância de reconhecer e valorizar as diversidades linguísticas e culturais presentes no contexto brasileiro. A partir das contribuições obtidas com as análises linguístico-discursivas das entrevistas, esperamos enriquecer o conhecimento acadêmico e oferecer contribuições para a promoção de políticas públicas que respeitem e promovam as línguas e culturas indígenas.

Por meio de uma reflexão crítica sobre os resultados, a pesquisa visa contribuir para a construção de um diálogo mais inclusivo e representativo entre as diversas culturas e etnias que formam a sociedade brasileira. Ao abordar as experiências dos alunos egressos do Proflind, este estudo não apenas ilumina as narrativas individuais, mas também destaca a necessidade de um espaço acadêmico que valorize as vozes marginalizadas. O objetivo é promover um ambiente em que a diversidade linguística e cultural seja convertida em mais oportunidades para que todos os grupos se sintam legitimados e representados dentro do contexto educacional. Essa abordagem é fundamental para a promoção de um ensino que respeite e integre as particularidades de cada cultura, enriquecendo o conhecimento coletivo e favorecendo a construção de uma sociedade mais igualitária e justa. Assim, a organização estrutural de nossa dissertação pretende fornecer uma visão clara e progressiva das abordagens teórico-metodológicas que culminam em uma análise detalhada e fundamentada das falas dos alunos egressos do Proflind.

## **2. A TRADIÇÃO FRANCESA E ESTADUNIDENSE DE ANÁLISE DO DISCURSO**

Neste capítulo iremos abordar a tradição francesa e estadunidense de Análise do Discurso. A tradição estadunidense é tratada na teoria sistêmica de Análise do Discurso desenvolvida por Fairclough. Em sua prática de Análise do Discurso, Fairclough propõe um modelo triádico para a análise, que abrange o texto, a prática discursiva e a prática social. Isso indica que, para compreender como as mudanças na linguagem podem levar a transformações sociais, é essencial analisar não apenas

o conteúdo do que é dito, mas também a forma como isso é expresso e as condições e contextos nos quais isso acontece. Desse modo, veremos como a Teoria Social da Análise do Discurso de Fairclough nos oferece uma perspectiva valiosa sobre como a mudança do discurso é um elemento fundamental nas transformações sociais e culturais, uma vez que os discursos moldam percepções, valores e identidades, impactando diretamente a dinâmica social.

A tradição francesa de Análise do Discurso é abordada a partir da perspectiva do trabalho de Michel Pêcheux e Jacqueline Authier-Revuz. A perspectiva teórica iniciada por Pêcheux considera todo discurso como ideologicamente motivado. O discurso é influenciado pela ideologia dominante e afetado pelo *status quo* hegemônico. Contudo, a própria Análise do Discurso fornece ferramentas para que os indivíduos percebam o seu assujeitamento ideológico em sua formação discursiva. As não coincidência do dizer apontam para um discurso heterogêneo atravessado por conflitos sociais e disputas ideológicas. Entre as ferramentas que elucidam as não-coincidências do dizer estão as formas de modalização autonímica, que obriga os indivíduos a se colocarem exteriormente a própria fala. A modalização autonímica é uma das maneiras pelas quais as atitudes dos enunciadores são refletidas no discurso. Ela permite identificar as falhas de coincidência do discurso, ou seja, as faltas de coincidência entre o que é o dizer e o dito (PEIXOTO,2003). A opacidade da língua cria na necessidade da metaenunciação, um conceito central na Análise do Discurso que se refere ao processo pelo qual um indivíduo faz comentários ou reflexões sobre o próprio discurso ou sobre o discurso em geral. Em outras palavras, é a capacidade de um discurso de se referir a si mesmo, de refletir sobre sua própria produção, suas intenções, seus efeitos e seus próprios mecanismos de construção. Particularmente, a metaenunciação pode nos ajudar a revelar como os alunos egressos do Proflind veem a si mesmos e as suas intenções comunicativas, fornecendo *insights* sobre o sentido de seus discursos.

## 2.1 A tradição francesa de Análise do Discurso

A Análise do Discurso da linha francesa, conforme proposta por Michel Pêcheux, um dos principais teóricos franceses dessa corrente, oferece uma reflexão profunda sobre a interconexão entre linguagem, ideologia e sujeito, destacando a relevância dessas relações nas dinâmicas sociais e políticas contemporâneas. Pêcheux desafia a visão tradicional da linguagem, que a considera apenas um meio de comunicação, propondo, ao contrário, que a linguagem seja entendida como um campo de batalha onde se manifestam ideologias e relações de poder.

Um aspecto central de sua obra é a reformulação do conceito de sujeito, que é compreendido como uma construção social e histórica, questionando a noção de autonomia e plena consciência. Nesse contexto, os significados são vistos como dinâmicos e contextuais, refletindo as múltiplas interpretações que podem surgir a partir da prática discursiva. Dessa maneira, a Análise do Discurso, segundo Pêcheux, torna-se um instrumento poderoso para a compreensão de como as percepções e interpretações dos indivíduos são moldadas pelo contexto histórico e social em que estão inseridos.

O conceito de "dispositivo discursivo" é fundamental em sua teoria, pois Pêcheux explora as condições externas à produção de sentido nos discursos e como esses discursos se ajustam aos interesses sociais. Em sua abordagem, ele evidencia que o discurso não é neutro; ele é permeado por forças que estruturam o que pode ser dito e de que maneira. Essa análise revela as sutilezas das relações de poder que permeiam qualquer enunciado, sublinhando a importância de uma atenção cuidadosa aos contextos que informam essas expressões.

Ao abordar as omissões presentes nos discursos, Pêcheux promove uma reflexão crítica que desvende significados ocultos, enriquecendo a compreensão das múltiplas camadas que compõem a comunicação. Ele destaca a importância de compreender as vozes que são frequentemente silenciadas ou ignoradas. A ligação que Pêcheux estabelece entre discurso e ideologia é, portanto, um chamado à ação: desnaturalizar as representações comuns e questionar as ideologias dominantes tornam-se passos essenciais para desconstruir narrativas frequentemente aceitas como verdades absolutas. Essa desnaturalização não apenas ilumina questões

sociais e políticas, mas também abre espaço para novas formas de resistência e transformação.

Pêcheux também enfatiza como as interdições e os efeitos de sentido são produzidos dentro do discurso, considerando a ambiguidade e a polissemia da linguagem. Em diálogo com Pêcheux, Norman Fairclough, em sua Teoria Crítica da Análise do Discurso, corrobora a ideia de que o discurso evidencia as estruturas ideológicas que fundamentam as práticas sociais, mostrando como essas práticas podem ser modificadas por meio de mudanças discursivas. Fairclough desenvolve o conceito de "discurso" como uma prática social que é simultaneamente moldada e molda as relações de poder e as estruturas sociais.

Fairclough também destaca a importância de analisar não apenas o texto, mas o contexto em que o discurso é produzido e recebido, considerando como as práticas discursivas influenciam e são influenciadas por fatores sociais, culturais e políticos. Enquanto Pêcheux focaliza a construção do significado e a relação entre discurso e ideologia, Fairclough adota uma perspectiva mais crítica e contextualizada, analisando de forma mais ampla as interações entre discurso, poder e práticas sociais. Ambos, porém, reconhecem a importância da relação entre discurso e poder, embora suas abordagens difiram em termos de ênfase e metodologia.

Portanto, a crítica social mediada pela linguagem emerge como um aspecto central tanto para Fairclough quanto para Pêcheux, ressaltando a importância da Análise do Discurso na compreensão e transformação das dinâmicas sociais contemporâneas.

Nesse sentido, entender como os indivíduos se situam em relação à própria fala é fundamental. O trabalho de Jacqueline Authier-Revuz contribui para explicar as diferentes maneiras pelas quais os falantes expressam suas atitudes em relação ao que é dito. Authier-Revuz ajudou a expandir a teoria da modalização na Análise do Discurso, detalhando como diferentes formas de modalização afetam a interpretação do discurso.

## 2.2 A tradição estadunidense de Análise do Discurso

A Análise Crítica do Discurso (ACD), conforme desenvolvida por Norman Fairclough, é uma abordagem que vai além da mera análise linguística, incorporando uma compreensão das dinâmicas sociais, culturais e históricas que moldam os discursos. Essa perspectiva é particularmente relevante quando se considera a desconstrução de narrativas tidas como “verdades” absolutas, as relações de poder inerentes à linguagem, e as questões de colonização e decolonização que permeiam as interações sociais.

Fairclough integra a linguística sistêmico-funcional de Michael Halliday em sua análise, argumentando que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas uma ferramenta poderosa na construção e transformação social. Em sua obra seminal, "Language as Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning" (1978), Halliday defende que a linguagem desempenha um papel central na formação de significados e na constituição das relações sociais. Fairclough utiliza as funções da linguagem — ideacional, interpessoal e textual — propostas por Halliday para mapear como os discursos operam nas práticas sociais cotidianas e como manifestam a linguagem de maneira eficaz.

No contexto da ACD, Fairclough propõe uma análise que considera três dimensões interligadas: o texto, que envolve a análise do conteúdo linguístico; a prática discursiva, que abrange a produção, distribuição e consumo do discurso; e a prática social, que se refere às condições sociais e institucionais que influenciam a linguagem e suas interpretações. Essa estrutura permite uma compreensão abrangente de como os discursos não apenas refletem, mas também moldam as realidades sociais, revelando as relações de poder subjacentes.

A desconstrução de narrativas hegemônicas, frequentemente perpetuadas por discursos dominantes, é um aspecto fundamental da ACD. Ao examinar como as narrativas eurocêntricas se impõem e marginalizam vozes decoloniais, Fairclough nos convida a refletir sobre as complexas interações entre linguagem, poder e ideologia. Isso é especialmente pertinente em um contexto global, onde as histórias de colonização e decolonização continuam a influenciar as relações sociais e os discursos contemporâneos.

A Análise Crítica do Discurso se torna, assim, uma ferramenta poderosa para revelar as dinâmicas de poder dentro de um discurso. Cada ato comunicativo não é apenas uma troca de informações, mas um processo que pode reforçar ou desafiar estruturas de poder consolidadas na sociedade. Ao abordar temas em áreas como política, educação e negócios, não apenas trocamos palavras, mas moldamos a percepção coletiva sobre questões significativas, influenciadas por contextos históricos, sociais e culturais.

Fairclough também ressalta a importância da reflexão crítica como um catalisador para a transformação social. Sem essa análise crítica, as dinâmicas de poder permanecem invisíveis e inquestionadas. Sua proposta nos convida a integrar a análise textual e a análise do discurso, reconhecendo a interdependência entre oralidade e escrita. Essa abordagem crítica visa desvendar e conscientizar sobre as consequências sociais e ideológicas das práticas discursivas.

A Teoria Social da Análise do Discurso proposta por Fairclough ilumina as relações de poder que permeiam a linguagem e oferece um caminho para a desconstrução de narrativas hegemônicas e a promoção de uma visão de mundo mais inclusiva e plural. A ACD, ao considerar as dimensões sociais e contextuais da linguagem, se torna uma ferramenta indispensável para a compreensão e contestação das estruturas de poder que moldam nossa sociedade. Ao explorar a interseção entre discurso e práticas sociais, podemos promover uma conscientização crítica que contribua para a decolonização das narrativas e a valorização de vozes historicamente marginalizadas.

Ao abordarmos assuntos, principalmente em áreas como política, educação e negócios, não estamos apenas trocando palavras, mas moldando a percepção e a compreensão coletiva sobre um tema. Isso inclui também os contextos histórico, social, cultural e institucional, que influencia tanto a produção quanto a interpretação dos textos.

Muito se discute a manipulação nos discursos, a reprodução ideológica, mas pouco se discute a contrapartida desta situação, sem haver uma contrapartida, sem haver um movimento contraditório, um movimento de reflexão para alterá-lo. Daí a importância da Análise Crítica do Discurso desenvolvida na Teoria Social do Discurso de Fairclough.

O que Fairclough nos traz está centrado na Análise do Discurso e no conceito de discurso, sendo que este conceito pode ser entendido de diversas maneiras,

principalmente porque existem várias definições conflitantes e sobrepostas, formuladas nas várias perspectivas teóricas e disciplinares diferentes. Na linguística, o discurso é usado algumas vezes como uma referência a amostras ampliadas de diálogos falados, em contraste obviamente com os textos escritos.

Então análise textual e análise de discurso compartilham a mesma limitação tradicional da análise linguística, a frases ou unidades gramaticais menores. Nesse sentido MARCUSCHI, L. A (2010) relata à visão tradicional sobre as relações entre oralidade e escrita, que predominou até a década de 1980. Ele argumenta que, em vez de considerar a fala e a escrita como opostas e separadas, é mais adequado entendê-las de forma integrada e interdependente. A ideia de uma dicotomia entre oralidade e escrita, segundo Marcuschi, originou o mito de que a escrita seria uma forma de linguagem superior à oralidade, por ser mais estruturada, lógica e ordenada. Essa visão levou à crença de que as sociedades que valorizam o letramento são mais avançadas ou civilizadas do que aquelas que mantêm tradições orais. Marcuschi, portanto, propõe uma perspectiva mais equilibrada, que reconhece a importância tanto da fala quanto da escrita, desafiando a ideia de hierarquia entre essas formas de comunicação.

A análise textual e a análise do discurso focalizam propriedades organizacionais de nível superior do diálogo, a vez de quem vai falar, as estruturas de aberturas das falas e fechamento das conversas, enfatizando a interação entre falante e receptor, ou leitor e escritor, portanto, entre o processo de produção interpretação da fala e da escrita. Enfim, a abordagem crítica de Fairclough visa desvendar e nos conscientizar das consequências sociais e ideológicas dos discursos, tomados como práticas, para assim podermos agir sobre elas.

Norman Fairclough destaca em sua Teoria Social do Discurso que um de seus objetivos é reunir a Análise do Discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem. Para tanto, ele concebe uma análise tridimensional do discurso. Essa análise é apresentada na forma de um quadro teórico adequado para o uso em pesquisa científica e social, especificamente no estudo da mudança discursiva.

Passamos a seguir a explicar as três dimensões da Análise do Discurso de Fairclough. A primeira dimensão foca no próprio texto, ou seja, no próprio conteúdo gramatical, e nas escolhas linguísticas feitas. Aqui, a análise se concentra na estrutura, no estilo e nos significados que surgem das palavras escolhidas. Essa parte

oferece um exame detalhado das mensagens implicadas, permitindo que se explore o impacto que essas mensagens têm sobre quem as recebe.

A segunda dimensão das práticas discursivas amplia a discussão para a produção e distribuição dos discursos. Ela enfatiza a importância dos contextos sociais e das relações de poder que moldam o discurso. A forma como as informações são veiculadas não apenas afeta a compreensão do público, mas também influencia as dinâmicas sociais e as relações de poder subjacentes. A terceira dimensão conecta as duas primeiras ao panorama mais amplo da sociedade. Nela, analisa-se como normas sociais, ideologias e estruturas de poder se refletem na linguagem usada no dia a dia.

Essa análise revela que cada discurso carrega implicações que vão além das palavras faladas ou escritas, afetando as interações sociais e contribuindo para a formação de realidades sociais.

A proposta de Fairclough, portanto, não só permite uma compreensão mais rica do texto escrito ou falado, mas também incita uma análise crítica das interações sociais e das relações de poder que sustentam esses discursos. Ao utilizar essa abordagem, os estudiosos e ativistas podem desenvolver uma visão mais crítica da realidade social, tornando-se mais conscientes das influências que os discursos exercem nas relações interpessoais e na estrutura social como um todo.

Assim, a análise tridimensional do discurso é uma ferramenta poderosa para desvelar as complexidades da linguagem e suas implicações sociais, promovendo um olhar mais crítico e engajado em relação à comunicação e ao poder.

Como dissemos acima, a terceira dimensão da Teoria de Análise do Discurso de Fairclough tem a função de relacionar os aspectos sociais do discurso às duas primeiras dimensões. Entre os aspectos sociais da terceira dimensão estão a ideologia e poder. Fairclough explora as noções de ideologia e poder a partir das fundamentações teóricas de Althusser (ALTHUSSER, 1971), filósofo francês cujas concepções sobre ideologia impactaram diversos domínios, incluindo a Análise Crítica do Discurso. A perspectiva de Louis Althusser sobre a ideologia sugere que ela vai além da mera distorção da realidade. Para Althusser, a ideologia apresenta uma versão distorcida do que é real e molda a forma como as pessoas compreendem e interpretam o mundo ao seu redor.

Isso implica que a ideologia estrutura nossas percepções, influenciando a maneira como vemos e entendemos fenômenos sociais, políticos e culturais. Em

outras palavras, a ideologia engana, confunde e serve como uma lente através da qual as pessoas fazem sentido de suas experiências e do ambiente que as cerca. Dessa forma, a ideologia se torna um aspecto central da vida social, um obstáculo para a compreensão e uma ferramenta que orienta nossas interpretações da realidade.

Essa abordagem também sugere a ideia de que a ideologia é imersiva e, por isso, muitas vezes é invisível ou aceita sem questionamento, tornando-se uma parte essencial da construção da identidade e da subjetividade dos indivíduos dentro de uma sociedade. Portanto, a análise da ideologia segundo Althusser envolve um exame profundo das crenças, valores e símbolos que moldam as interações sociais e o entendimento do mundo.

Fairclough, em sua *Análise Crítica do Discurso*, incorpora e amplia os conceitos de Althusser ao abordar a forma como a linguagem e o discurso atuam como elementos fundamentais na perpetuação de ideologias. Para Fairclough, a linguagem vai além de simplesmente refletir as estruturas sociais; ela também serve como um instrumento para a produção e a reprodução de ideologias. Ao analisarmos o discurso, é possível desvendar as relações de poder e a função ideológica que o discurso exerce em diferentes aspectos da vida social.

Assim, a contribuição de Althusser para o conceito de ideologia em Fairclough pode ser vista na ênfase e na relação entre subjetividade, representação e condição social, além da visão da ideologia como um mecanismo ativo que não apenas reflete, mas também constrói e mantém relações de poder. Essa perspectiva crítica possibilita uma investigação mais detalhada sobre as formas como a linguagem e o discurso funcionam na sociedade, facilitando a identificação e o questionamento das ideologias subjacentes que influenciam a prática social.

As fundamentações teóricas que Fairclough considera envolvem três ações relevantes relacionadas à ideologia. Primeiramente, na ideologia como prática material, há a afirmação de que a ideologia possui uma existência material nas práticas institucionais, o que permite a análise das práticas discursivas como expressões materiais da ideologia, e para entender como as ideologias operam, é necessário examinar os discursos que emergem em contextos como a educação e a mídia.

Em segundo, na *Formação dos Sujeitos*, Fairclough compartilha com Pêcheux a ideia de que a ideologia "interpela os indivíduos como sujeitos sociais", ou seja, a

percepção que os indivíduos têm de si mesmos e de seu papel na sociedade, levando à noção de que um dos efeitos ideológicos mais importantes, e frequentemente negligenciado pelos linguistas no discurso, é a formação dos sujeitos, conforme mencionado por Althusser (1971, p.161, n.16). E, em terceiro lugar, Fairclough descreve as relações das instituições como a educação e a mídia como "aparelhos ideológicos de estado", conceito caro à teoria de Althusser. Essas instituições não são apenas fontes de informação, mas também locais de conflitos sociais e disputas ideológicas, desempenhando um papel importantíssimo na formação e disseminação de discursos, refletindo tensões e lutas de classe.

A ideia defendida por Fairclough é a de que a Análise do Discurso deve considerar além do texto escrito ou falado, também o contexto social e as dinâmicas ideológicas que influenciam e moldam as trocas comunicativas. Sua abordagem convida a uma reflexão sobre o papel da linguagem como um vetor de construção de identidades e de reprodução de estruturas de poder na sociedade.

Um desafio na Teoria de Análise Social do Discurso de Fairclough é compreender como as ideologias estão embutidas nas práticas sociais. As ideologias, segundo Fairclough, são sistemas de crenças e valores que orientam as práticas sociais e designam a maneira como os indivíduos e grupos percebem o mundo ao seu redor. Elas estão embutidas nas práticas sociais nas crenças que não estão isoladas; elas permeiam as interações cotidianas, as instituições e os discursos que circulam na sociedade. Ao interagir com os outros, estamos constantemente engajados em uma troca que não só comunica informações, mas também reforça ou desafia determinadas visões de mundo. Diferentes ambientes sociais podem espelhar ideologias associadas ao saber, ao poder e à identidade. Por exemplo, na prática pedagógica, a seleção de currículos, os métodos de ensino e as maneiras de avaliar não é uma questão imparcial; cada uma dessas escolhas envolve implicações ideológicas significativas. A forma como um educador se relaciona com seus alunos, as palavras que utiliza e os princípios que defende durante a aula podem afetar a maneira como os estudantes se veem e como entendem o mundo.

Devido à forma como a ideologia está embutida na sociedade, a Análise Crítica do Discurso deve considerar não apenas o texto em si, mas também as condições sociais que permitem ou restringem certas formas de discurso. A naturalização de ideologias é, de fato, um processo pelo qual crenças e valores se tornam tão

enraizados na cultura de uma sociedade que passam a ser vistos como “normais” ou “naturais”, tornando-se uma parte invisível da realidade cotidiana.

O fenômeno de naturalização da ideologia pode ser observado em diversas esferas sociais, desde normas de gênero até preconceitos raciais e econômicos. Quando as ideologias são naturalizadas, a capacidade de questionar e criticar essas crenças é severamente limitada, uma vez que elas são aceitas como parte integrante da realidade. Isso afeta a forma como as pessoas percebem e interagem com o mundo ao seu redor, muitas vezes perpetuando desigualdades e injustiças.

Além disso, a invisibilidade ideológica dificulta a mobilização para a mudança social. Sem a consciência crítica sobre essas normalizações, é complicado construir alternativas ou movimentos que busquem transformar a realidade social. A Análise do Discurso, nesse sentido, se transforma em um recurso valioso, ao trazer à tona as ideologias que permeiam a comunicação e as práticas sociais, a teoria de Fairclough nos convida a questionar o que é considerado "normal" e a buscar uma compreensão mais crítica da realidade, o que pode abrir caminhos para a transformação social.

Diante dos argumentos apresentados por Fairclough, as ideologias emergem como produtos das dinâmicas sociais, culturais e históricas de um grupo, constituindo um conjunto de ideias que orientam comportamentos e práticas. Elas são formadas em um contexto interativo, em que as experiências, aspirações e desafios enfrentados pelas pessoas influenciam a construção e a evolução de suas crenças. Assim, as ideologias não surgem isoladamente; são moldadas pelas interações sociais que ocorrem em diversas esferas da vida cotidiana.

Além disso, a diversidade dos contextos sociais e culturais resulta em variações marcantes nas ideologias, que podem tanto legitimar ações e políticas quanto criticar o *status quo*. A forma como os indivíduos de uma sociedade percebe a realidade e interagem entre si é, em grande parte, influenciada pelas ideologias predominantes. A negociação de significados dentro de uma comunidade é um processo essencial que contribui para a formação de novas ideologias e para a adaptação das existentes ao longo do tempo.

A influência das instituições, dos movimentos sociais e das inovações tecnológicas é crucial para a propagação e evolução das ideologias. A globalização e a interconexão cultural propiciam a apropriação e a reinterpretação de conceitos, resultando em novas sínteses que refletem a diversidade das vivências humanas. A manifestação de ideologias nas práticas sociais frequentemente surge como uma

resposta a crises sociais, movimentos de resistência e transformações econômicas, como foi o caso do surgimento do socialismo em resposta às desigualdades da Revolução Industrial.

No âmbito das interações sociais, as ideologias desempenham um papel fundamental nas relações interpessoais e intergrupais, facilitando o diálogo e incentivando reflexões críticas sobre problemas sociais e políticos. As interações cotidianas não apenas refletem as ideologias contemporâneas, mas também são catalisadoras de sua evolução, permitindo a emergência de novas perspectivas e a modificação das existentes. A identidade e o sentimento de pertencimento são moldados por ideologias que se organizam em torno de identidades coletivas, refletindo a busca de grupos marginalizados por reconhecimento e direitos.

Em suma, Fairclough considera que as ideologias proporcionam um referencial para os indivíduos compreenderem a complexidade do mundo, orientando decisões em campos como política, economia e relações sociais. Elas oferecem sentido e propósito, promovendo laços sociais e solidariedade em torno de objetivos comuns, o que contribui para a coesão da sociedade.

Assim, podemos concluir que as ideologias são elementos essenciais da vida social, orientando comportamentos, moldando identidades e fomentando mudanças significativas. Elas se formam e se transformam continuamente, refletindo as dinâmicas sociais e os contextos históricos, e sua compreensão é fundamental para uma análise crítica das sociedades contemporâneas e dos desafios intrínsecos a elas.

A Análise Crítica do Discurso implica em mostrar como as ideologias se manifestam de várias formas nos textos, impactando não apenas o vocabulário, mas também a estrutura gramatical, o léxico e as opções de linguagem adotadas. Isso se reflete na seleção de palavras, uma vez que termos específicos podem carregar significados e conotações ideológicas, associando-se a questões sociais, políticas ou de gênero e expressando um determinado posicionamento ideológico.

No que diz respeito às estruturas gramaticais, a forma como as frases são elaboradas pode destacar ou suavizar certos aspectos da realidade. O emprego da voz ativa ou passiva, por exemplo, pode influenciar a responsabilidade atribuída aos agentes envolvidos em uma ação, evidenciando ou ocultando quem é o sujeito das ocorrências.

As ideologias também se manifestam nas construções narrativas, que incluem a forma como as histórias são contadas, a perspectiva escolhida e a seleção dos

personagens. Isso pode levar à marginalização ou à valorização de determinados grupos, refletindo uma visão de mundo específica.

Quanto ao uso de pronomes e gênero, as ideologias têm o potencial de refletir e reforçar normas sociais e ideológicas. A adoção de uma linguagem inclusiva ou não pode sinalizar uma postura política em relação à diversidade e à igualdade.

Em relação aos estilos e registros textuais, as ideologias podem se manifestar em um tom mais formal ou mais coloquial, evidenciando posicionamentos sociais e levantando questões sobre classe, educação e autoridade. Por outro lado, recursos retóricos como metáforas, perguntas retóricas e antíteses atuam como ferramentas ideológicas, pois têm o poder de persuadir os leitores e influenciar suas crenças e valores.

Diante disso, ao analisarmos um texto, é fundamental considerar não apenas o conteúdo, mas também as escolhas linguísticas que desvelam as ideologias subjacentes à mensagem. A linguagem não é neutra; ela reflete a realidade e as dinâmicas de poder e ideologia que a atravessam. A seleção de palavras é uma das maneiras mais visíveis pelas quais as ideologias se infiltram nos textos, pois cada termo carrega não apenas um significado denotativo, mas também conotações que podem evocar respostas emocionais e influenciar opiniões.

Os discursos, enquanto práticas de poder ideológicas, têm a capacidade de estabelecer, constituir, manter, neutralizar e transformar os significados relacionados ao poder e às diversas posições sociais. Isso significa que o discurso reflete as relações de poder e desempenha um papel ativo na sua construção e modificação. Fairclough destaca que o poder se manifesta linguisticamente nos textos, e que não é possível reconstruir os processos de produção nem explicar o processo de interpretação apenas com base nos textos. Para isso, é necessária uma reflexão mais profunda sobre eles.

Os textos são produzidos de formas particulares em contextos sociais específicos. Contudo, o contexto em si não é determinante para a compreensão de um texto o que deve ser considerado é como leitor interpreta aquele contexto e é capaz de inferir relação de sentido na ausência de marcadores explícitos baseando-se na intertextualidade.

Fairclough enfatiza a importância da intertextualidade e a interdiscursividade constitutiva, que se apresenta em paráfrases, nas paródias etc. Ele argumenta que os textos são construídos a partir de outros textos e discursos, seja de forma explícita

(clara e evidente) ou implícita (de maneira sutil e indireta). Isso significa que os textos não surgem isoladamente, mas sempre estão em diálogo com outros discursos, refletindo e, ao mesmo tempo, transformando as relações sociais existentes. A ideia é que a construção de um texto está relacionada com as influências e contextos sociais, culturais e históricos que o permeiam, podendo modificar e refletir essas dinâmicas.

Para ele essa prática literária reflete a ideia de que nenhum texto existe isoladamente, mas está, de alguma forma, conectado a outros. Dessa forma, a intertextualidade permite que o leitor reconheça referências, citações, estilos, contradições ou temas que dialogam com obras anteriores, promovendo um enriquecimento da experiência de leitura.

A ideologia presente nas práticas sociais de poder e na forma como os indivíduos percebem o mundo constitui os sujeitos sociais. Nesse sentido, Fairclough distingue entre sujeito efeito ideológico e sujeito agente ativo. Os conceitos de sujeito efeito ideológico e sujeito agente ativo, conforme discutidos na obra de teóricos como Fairclough, proporcionam distintas perspectivas acerca do papel do sujeito na construção do conhecimento e nas práticas sociais, sendo frequentemente explorados tanto em teorias quanto em práticas discursivas.

O sujeito efeito ideológico, conforme articulado por Louis Althusser, é um conceito que destaca como a identidade do sujeito é moldada por ideologias dominantes. Nesse contexto, o sujeito não é percebido como uma entidade autônoma, mas sim como uma construção resultante da influência de compromissos textuais, discursos e práticas sociais que definem sua identidade e suas formas de atuação. Dessa forma, a ação do sujeito é mediada pelas estruturas ideológicas que permeiam seu ambiente, as quais, por sua vez, restringem sua liberdade de escolha e sua capacidade de agir de maneira autônoma.

Linguisticamente, essa condição se manifesta na forma como narrativas dominantes podem controlar percepções e comportamentos, com normas gramaticais e semânticas que privilegiam certas vozes enquanto silenciam outras, refletindo, assim, a dinâmica do sujeito efeito ideológico em atividade.

Em contraste, o sujeito agente ativo, como abordado por Fairclough, ressalta a capacidade do indivíduo de atuar deliberadamente, tomar decisões e provocar mudanças em seu contexto social. Nesta perspectiva, o sujeito é considerado um agente autônomo, capaz de refletir sobre suas condições e influenciar a realidade ao

seu redor. Esta abordagem valoriza não apenas a ação consciente, mas também a responsabilidade que cada indivíduo possui em suas escolhas.

Embora as influências ideológicas e o contexto social desempenhem um papel significativo, o sujeito agente ativo tem a capacidade de criticar, contestar e transformar tais influências. Nesse modelo, a linguagem é percebida não apenas como um reflexo das condições sociais, mas como um instrumental que capacita o sujeito a criticar e resistir a imposições ideológicas. Assim, a linguística se apresenta não apenas como um campo de estudo das estruturas linguísticas, mas como uma área que investiga as dinâmicas de poder e resistência nas interações humanas, refletindo a complexa relação entre linguagem, identidade e transformação social.

A análise da interpelação contraditória também é um mecanismo que atua no sentido de criar condições para a reflexão da ideologia presente nas relações sociais e visões de mundo. Conforme proposta por Norman Fairclough, dentro do escopo da Análise Crítica do Discurso, revela-se em uma abordagem reflexiva para uma compreensão mais profunda das complexas interações sociais que criam identidades e significados. Fairclough sustenta que o discurso transcende a mera representação da realidade, atuando como um mecanismo de constituição e contestação da própria realidade social. Nesse contexto, ele analisa até que ponto os discursos são verdadeiramente capazes de refletir a pluralidade das experiências sociais, sendo eles, em última instância, redutores de significados e identidades.

O conceito de interpelação, especialmente na sua forma contraditória, propõe então uma dinâmica de interação em que os discursos não apenas chamam os ouvintes para a identificação com determinadas ideologias, mas também promovem um espaço de tensão e conflito entre as identificações. Essa dualidade é exemplificada em contextos políticos, onde elementos discursivos simultaneamente solicitam a adesão a uma perspectiva e, contrariamente, apresentam questionamentos que podem desestabilizar essa mesma perspectiva. Questiona como a presença de uma dimensão contraditória no discurso afeta a capacidade dos indivíduos de desenvolverem opiniões críticas e autônomas. Ou seja, Fairclough sugere que, diante da complexidade e das contradições dos discursos que as pessoas consomem, surge a dúvida sobre como isso influencia sua habilidade de refletir de maneira independente e formar juízos próprios, sem ser influenciado por essas contradições. O foco está em entender os efeitos da exposição a discursos conflitantes na autonomia e no pensamento crítico dos indivíduos.

A interpelação contraditória sublinha a natureza complexa das identidades sociais. Aqui, se evidencia a atuação dos indivíduos não como meros receptores passivos de mensagens, mas como agentes ativos de interpretação e renegociação das identidades propostas pelos discursos. No entanto, pode-se perceber em que medida os contextos sociais, culturais e econômicos influenciam a capacidade de resistência e reinterpretção dos indivíduos frente a essas interpelações contraditórias.

Tão importante quanto o conceito de ideologia para a dimensão social do discurso é a luta hegemônica. A luta hegemônica representa a luta das relações de poder e se refere a como diferentes grupos sociais buscam estabelecer suas visões de mundo, valores e interesses como dominantes ou aceitáveis, enquanto contestam e desafiam visões opostas.

Os pontos sobre como a luta hegemônica se relaciona com as relações de poder na Análise do Discurso são apresentados por Fairclough em sua teoria como: Discurso e Poder, em que sustenta que os discursos transcendem a mera representação do que é real, funcionando como instrumentos que influenciam e são influenciados por dinâmicas de poder. A forma como uma ideia é expressa (ou silenciada) pode contribuir para validar ou contestar diversas práticas nas esferas social, política e econômica.

A hegemonia é um ponto que envolve a capacidade de um grupo social (geralmente dominante) de impor sua visão de mundo e fazer com que essa visão seja aceita como a "normalidade". Fairclough explora como a linguagem contribui para a construção da hegemonia e como diferentes grupos usam a linguagem na luta por reconhecimento e poder. Para ele, a luta hegemônica é caracterizada por contradições, os grupos subordinados não aceitam passivamente a dominância de um discurso hegemônico; eles frequentemente resistem e promovem discursos alternativos. Essa resistência pode desafiar a hegemonia estabelecida e criar espaço para novas formas de entendimento e poder.

Diante do que é apresentado por Fairclough a luta hegemônica é identificada como uma representação crucial das dinâmicas de poder em sociedade, onde a linguagem desempenha um papel central na manutenção e contestação de formas de dominação e resistência. A Análise Crítica do Discurso é uma ferramenta útil para entender e intervir nessas relações de poder e para revelar como o discurso pode intervir na mudança social e cultural.

É importante não supor que os indivíduos estejam plenamente conscientes das dimensões ideológicas de suas ações, uma vez que essas ideologias podem estar tão interiorizadas que se tornam automáticas, dificultando a percepção de que suas práticas possuem implicações ideológicas específicas.

O poder das classes sociais, definidas economicamente, se estabelece por meio de alianças com outras forças sociais, mas nunca se concretiza de forma total e duradoura; ao contrário, é um equilíbrio instável. As alianças formadas são o que fundamenta a hegemonia, e parte do discurso se enraíza na luta hegemônica em instituições específicas, como a família, a escola e os tribunais, sendo menos evidente no âmbito da política nacional. Os discursos hegemônicos tendem a ser mais sistematizados e institucionalizados.

No contexto da política nacional, as formas de dominação e poder podem ser mais sutis, sendo disfarçadas por discursos oficiais e normativos que não mostram de maneira explícita as contradições e as disputas que ocorrem em níveis mais micro, como dentro da família ou na escola. Além disso, a política nacional envolve uma diversidade de atores e interesses, tornando as lutas hegemônicas mais complexas e, por vezes, diluídas, o que dificulta a percepção imediata de suas manifestações.

Por fim, em instituições como a família e a escola, as relações de poder são frequentemente mais diretas e evidentes no cotidiano, enquanto no âmbito nacional, as disputas de poder podem estar camufladas sob estruturas mais complexas, como leis, políticas públicas ou grandes narrativas que, muitas vezes, não são facilmente questionadas no discurso popular.

O foco de Fairclough em sua teoria é sinalizar quão grande é a importância em relação a mudança social e cultural. A mudança envolve formas de transgressão, cruzamentos de fronteiras e a Análise de Discurso proposta nesse contexto é vista como um poderoso recurso para que se possa estudar as dimensões discursivas da mudança social e cultural.

Portanto, podemos identificar com base em Fairclough alguns elementos que esclarecem a relação entre sociedade e poder, como a evolução do discurso e as transformações sociais. As alterações nos discursos podem não apenas refletir, mas também promover mudanças sociais; novas narrativas frequentemente surgem em resposta a alterações nas condições sociais, políticas ou econômicas, influenciando, por sua vez, a maneira como as pessoas compreendem e interagem com essas

circunstâncias. Fairclough argumenta que o discurso possui a capacidade de moldar a realidade social, atuando, assim, como um catalisador para transformações sociais.

Outro aspecto significativo abordado na teoria de Fairclough é a relação entre identidade e poder. Nesse contexto, a Análise do Discurso envolve disputas por significados e contestações de narrativas. Grupos sociais distintos podem gerar e difundir discursos que reafirmam suas identidades e reivindicam seus direitos. Essa dinâmica pode resultar em uma reconfiguração das relações de poder dentro da sociedade.

### **3. OS SENTIDOS DO TEXTO: CONHECENDO AS IDENTIDADES DOS INDÍVIDUOS PELA ANÁLISE DA SUA FALA**

#### **3.1 A Contribuição do Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS) para a análise do discurso dos entrevistados em contexto multilíngue**

O Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS) é desenvolvido a partir de diferentes trabalhos por Jacqueline Authier-Revuz, linguista da Análise do Discurso da linha francesa, da década de 1980. Authier-Revuz realizou diferentes pesquisas que permitiram o desenvolvimento de metodologias com abordagens analíticas para explorar e revelar os significados implícitos, os subtextos e os silêncios que permeiam o discurso humano.

Embora suas ideias sejam amplamente empregadas em estudos linguísticos e de linguagem, sua aplicação na psicologia clínica costuma ser feita para entender melhor as dinâmicas de comunicação entre terapeutas e pacientes, bem como para analisar o conteúdo emocional e psicológico subjacente ao discurso.

Assim, o MEDS é uma importante ferramenta de análise para entendermos o sentido do que é dito pelos falantes. Particularmente, a aplicação de sua metodologia analítica pôde nos revelar nas entrevistas realizadas com alunos egressos do Proflind seus interesses, desejos e objetivos futuros que emergem a partir de suas experiências no mestrado.

Nicolaci-da-Costa *et al.* (2004) apresentam as principais características do MEDS. As autoras fazem essa apresentação porque visam abordar uma análise qualitativa sobre as necessidades dos usuários de sistemas computacionais e como esse tema tem despertado o interesse dos profissionais de IHC (Interação Humano-computador) para aplicação de métodos e técnicas subjacentes, que auxiliem na identificação e compreensão dos significados ocultos implícitos nas falas e no perfil desses usuários. Elas exploram as interfaces que se projetam e/ou avaliam as suas percepções, crenças, emoções, expectativas e opiniões em relação a um determinado produto ou serviço, partindo da linha interdisciplinar de IHC com uma contribuição da Psicologia.

O MEDS é um método qualitativo de análise do discurso. Por isso, Nicolaci-da-Costa *et al.* (2004) promovem uma reflexão sobre esses métodos e fazem comparações entre as principais características encontradas nas ciências exatas e nas ciências humanas. As autoras identificam as ciências exatas como aquelas que se pautam em hipóteses mensuráveis de trabalho, coleta de dados a partir de procedimentos rigorosos e pré-estabelecidos, no tratamento estatístico destes dados e na busca de regularidades que permitam a generalização de suas conclusões. Diferentemente, nas ciências humanas e sociais, a abordagem é embasada em fundamentos teóricos multidisciplinares, em que os conceitos da psicologia, sociologia e antropologia propuseram métodos mais adequados às suas investigações.

No contexto das ciências humanas, os fatores que possibilitaram o desenvolvimento do método qualitativo ocorreram em oposição aos métodos quantitativos. Contudo, não se deve julgar um método como melhor do que o outro, cada qual tem suas qualidades intrínsecas de estudo. Nicolaci-da-Costa *et al.* (2004) lembram que somente a partir do século XX, a metodologia qualitativa vem ganhando maior evidência em diversos contextos científicos, devido ao enfraquecimento das teorias universalistas.

A análise qualitativa é uma abordagem metodológica fundamental usada no âmbito dessa pesquisa, nas ciências sociais e humanas, reconhecida por sua capacidade de explorar e compreender fenômenos complexos e subjetivos que muitas vezes não podem ser adequadamente quantificados. A importância dessa análise pode ser atribuída a várias características que a distinguem de métodos quantitativos. Conforme Nicolaci-da-Costa *et al.* (2004), a literatura recente sobre a metodologia qualitativa apresenta algumas características principais dessa modalidade de investigação: a) a postura de abertura e o desconhecimento do objeto de estudo adotada pelos pesquisadores que dela fazem uso – objetivos centrais: identificação, descrição e análise dessas experiências e dos significados atribuídos a elas de forma livre e espontânea, pelos participantes da pesquisa, buscando compreender as percepções e significados de forma holística e contextualizada b) a contextualização desses objetos de estudo – a investigação de experiências humanas reais situadas em seus contextos sociais, econômicos, históricos e culturais específicos de sua ocorrência; c) a investigação em profundidade – privilegia a minúcia do conhecimento contextualizado, diferente das pesquisas quantitativas; d) o tamanho

reduzido das amostras utilizadas – em geral extremamente trabalhosas e de lenta execução, poucos participantes, cada um dos seus passos há a delimitação precisa dos objetivos, o conhecimento do contexto, a coleta minuciosa dos dados, a análise artesanal, aprofundada e iterativa do material coletado, envolvendo frequentes tomadas de decisão e denso trabalho individual; e) a flexibilidade dos procedimentos e técnicas – abrangem diferentes procedimentos e técnicas definidos e adaptados em função dos objetivos de cada estudo destacando-se os seguintes procedimentos e técnicas: a) *observação do participante* - atuação direta do pesquisador no contexto da ocorrência; b) *análise documental* – livros, artigos, internet; c) *a história de vida* – faz uso da biografia para identificar processos sociais e psicológicos representativos de uma época ou de um determinado grupo; d) *a pesquisa em ação* – faz coincidir a análise de um determinado problema com um conjunto de intervenções que visam a sua solução; e) *as entrevistas semiestruturadas* (uma das mais utilizadas nas pesquisas qualitativas) – o entrevistador faz uma série de perguntas abertas ao entrevistado, que pode responder livremente. As características do método qualitativo permitem a identificação, a descrição e a análise de novos comportamentos e mudanças radicais nas experiências humanas no mundo atual, muitas delas desencadeadas pela difusão das novas tecnologias.

A análise qualitativa é a metodologia que melhor se adequa às características gerais do MEDS como sendo um modelo exploratório desenvolvido de forma particular para a pesquisa em psicologia clínica. Possui a investigação aprofundada em contexto real, a abertura, as pequenas amostras e a flexibilidade de procedimentos e técnicas do método MEDS são utilizadas em conformidade entre os demais métodos qualitativos. A principal diferença com a análise quantitativa é possibilitar a captura das nuances e sutilezas do pensamento dos falantes, revelando aspectos que muitas vezes passam por nós despercebidos em outras abordagens. Isso ocorre porque o método incentiva os usuários a refletirem sobre suas próprias experiências, emoções e pensamentos, permitindo uma visão mais completa de suas necessidades e desejos baseada no psicológico. Uma das técnicas utilizadas no MEDS é a análise explícita do discurso, que envolve identificar padrões linguísticos, paralinguísticos, expressões, metáforas, forma, conteúdo, sintaxe, entonação, pausas, hesitações etc., utilizadas pelos falantes. Essa análise permite compreender melhor o significado, o sentido que os falantes atribuem a determinados contextos e situações, bem como as emoções e atitudes relacionadas a eles.

Nicolaci-da-Costa *et al.* (2004) mostram que o MEDS é fortemente interdisciplinar, com grande influência da linguística, da Análise do Discurso e da psicologia. Da linguística, o MEDS aproveita os preceitos de: a) trabalhar com a concepção de linguagem explícita; b) coletar discursos em *setting* naturais e informais; c) considerar as transcrições do discurso coletado como uma forma de seleção dos dados a serem analisados; e d) realizar uma análise sistemática dos dados coletados tendo plena consciência que se trata de material discursivo.

A partir das teorias da construção social do indivíduo, o MEDS se configura como uma análise que se opõe ao universalismo. Segundo Nicolaci-da-Costa *et al.* (2004, p. 49), o pressuposto é que "precisamos perceber o mundo, bem como os modos de pensar, agir e sentir, como algo socialmente construído." Assim, o MEDS utiliza a língua como meio de acesso às características internas dos seres humanos, por meio do discurso.

Ao aprender e adotar uma língua, adquirimos um conjunto de palavras e estruturas gramaticais e internalizamos os conceitos, regras, normas e valores que são característicos de uma sociedade ou grupo social específico. Esses elementos, que estão profundamente enraizados na cultura e na estrutura social, são transmitidos por meio do discurso, ou seja, da forma como as pessoas usam a linguagem para comunicar ideias. Os "vieses do discurso" referem-se às maneiras pelas quais a língua pode refletir ou enfatizar certas perspectivas, crenças e interpretações do mundo, muitas vezes revelando aspectos implícitos da realidade social e cultural. Em resumo, o texto destaca que a língua não é apenas um meio de comunicação, mas também um veículo através do qual valores e visões de mundo são construídos e transmitidos.

Na psicologia, o MEDS tem sido utilizado como uma ferramenta poderosa para conhecer os indivíduos de forma mais profunda e conseguir *insights* valiosos para a melhoria das descobertas de cunho interno resultantes de mudanças sociais geradas por fatores políticos, sociais e econômicos, esclarecem Nicolaci-da-Costa *et al.* (2004). Além disso, também permite identificar possíveis questões e pontos ocultos nas falas dos indivíduos.

Quanto à sua aplicação, o MEDS faz uso de procedimentos flexíveis, que são adaptáveis a diferentes objetos de estudos que preservam as características gerais e rigor do método, não permitindo outras alterações após estabelecidos e explicitados os procedimentos. Um aspecto importante é utilizar perguntas abertas como método

exploratório. Assim, o MEDS não parte de hipóteses ou categorias pré-estabelecidas, muito usados para investigar novos objetos.

Embora várias técnicas possam ser utilizadas para que os indivíduos se expressem de forma espontânea, as entrevistas presenciais ou síncronas, que exigem maior esforço e concentração dos participantes, são os melhores modelos para registrar a conversação natural MARCUSCHI, L.A. (1999). A análise da conversação natural demanda muito planejamento e treinamento do analista, a elaboração de um roteiro de itens abertos e objetivos claros de pesquisa. O delineamento do objetivo de forma nítida e sintética é fundamental para possibilitar a investigação em profundidade da questão ou problema proposto. Disso dependerão as decisões do planejamento e das outras etapas da pesquisa.

A preparação e a coleta de dados é uma das mais importantes etapas da pesquisa. O primeiro passo deve ser selecionar uma amostra representativa do grupo a ser investigado. Essa amostra deve ser diversificada, contemplando diferentes perfis, necessidades e características. Os participantes da amostra devem ser capazes de expressar suas opiniões e pensamentos de forma clara e objetiva. Por isso, o planejamento da entrevista que irá guiar a conversa com os indivíduos é tão importante. O roteiro de entrevista deve conter perguntas abertas e exploratórias, que permitam aos participantes expressarem suas opiniões e discorrerem sobre suas experiências.

Nicolaci-da-Costa *et al.* (2004) aconselham durante as entrevistas ser fundamental criar um ambiente acolhedor e confortável, para que os participantes se sintam à vontade para compartilhar seus pensamentos e experiências. Ouvi-los atentamente e fazer anotações detalhadas durante a conversa, registrando tanto as palavras ditas pelos participantes quanto suas expressões corporais e emocionais fez toda a diferença na pesquisa. A experiência do analista é fundamental para conduzir as entrevistas de forma adequada e a minimizar a possibilidade de um viés do pesquisador na interpretação dos dados coletados.

A análise dos dados é outra etapa da pesquisa, devendo contribuir para o avanço dos conhecimentos do analista. Ao descrever uma técnica comum na análise do discurso, que envolve a verificação do conteúdo semântico, significa que, ao analisar as respostas dos participantes, essas respostas são analisadas em termos de seu significado e depois organizadas em categorias ou temas que agrupam ideias semelhantes. O objetivo dessa técnica é identificar padrões, relações ou significados

subjacentes nas respostas, facilitando a interpretação do discurso de forma mais estruturada. Em resumo, trata-se de um processo de organização das respostas de maneira a destacar os tópicos centrais discutidos pelos participantes. As entrevistas-piloto podem auxiliar muito o método, porque permitem testar a fluidez de uma lógica análoga à de uma conversa informal. A preparação para a análise dos dados coletados implica a sua passagem de um texto oral a um texto escrito. A transformação do texto implica a sua transcrição para outro suporte físico. A transcrição deve registrar aspectos do comportamento verbal do falante expressos na prosódia, ocorrência de hesitação na fala etc., e do comportamento não verbal, como gestos corporais. A interpretação dos dados permite ao pesquisador propor categorias de análise para a compreensão do sentido da fala dos participantes.

A análise dos dados pode ser feita em duas etapas. Em uma primeira etapa, realiza-se a análise intra-sujeitos (a recorrência do discurso de cada entrevistado), em que são analisados possíveis conflitos de opiniões, inconsistências entre respostas, sentimentos contraditórios, conflitos internos entre discurso e prática, e etc. Essa fase leva à identificação daquilo que é importante individualmente. Em uma segunda etapa, depois que as características internas da fala de indivíduo são levantadas pelos depoimentos, elas são analisadas sistematicamente e rigorosamente em grupo.

Diferente de outros métodos com categorias previamente estabelecidas, no MEDS essas categorias emergem do discurso dos entrevistados, pois a visão de mundo de cada um vai variar de acordo com os valores adquiridos recentemente, podendo contradizer os valores tradicionais. Por isso, cabe ao analista propor categorias de análise. As sugerirmos uma análise cuidadosa podemos identificar aspectos ou indicadores que não somos capazes de perceber sobre nós mesmos. Esses aspectos podem ser revelados por meio de novas realidades ou experiências que nos desafiem a ver o mundo de forma diferente.

Além disso, o texto destaca que a investigação dessas questões deve ser preferencialmente feita de maneira interdisciplinar, ou seja, envolvendo diferentes áreas do conhecimento, para oferecer uma compreensão mais completa e enriquecedora sobre esses aspectos ocultos. Dessa forma, a ideia é que uma análise aprofundada, com a colaboração de diversas disciplinas, pode nos ajudar a explorar e entender melhor dimensões de nossa experiência que normalmente seriam difíceis de perceber. O MEDS é uma metodologia de análise do discurso que se apoia em termos epistemológicos em diferentes áreas do conhecimento para além da

psicologia. Permite buscar compreender as aspirações, desejos, conflitos, o que é importante para os indivíduos como membros de grupos sociais. Isso o torna um instrumento de investigação que vai ao encontro dos objetivos de nossa pesquisa.

### **3.2 A Contribuição da Linguística Forense para a análise do discurso dos entrevistados em contexto multilíngue**

A Linguística Forense é uma área da Linguística aplicada voltada para identificação da autoria tanto por meio da fala quanto por meio de textos produzidos pelos indivíduos. Seu objetivo é a apresentação de provas para a solução de crimes e conflitos judiciais. Nesse contexto, Leonardo Vichi apresenta um pouco da metodologia utilizada nessa área, caracterizada por ser uma abordagem interdisciplinar, que combina conhecimentos da linguística, da psicolinguística, da psicologia e da criminologia. Trata-se de uma área que percorre as teorias linguísticas e os métodos empregados para a detecção de autoria, criação de perfis, tratamento de evidências linguísticas, técnicas de análise do discurso, entre outros, para a percepção e utilização do uso da Linguística Forense. Além dos textos produzidos pelos indivíduos, a Linguística Forense analisa diversos gêneros textuais produzidos em contextos forenses, como por exemplo, em interrogatórios, depoimentos, análise de documentos e vários outros, que caracterizam a linguagem da Lei.

No contexto da Linguística Forense são também exploradas as aplicações de técnicas linguísticas para a identificação de autoria, detecção de mentiras, análise de coerência e coesão textual, para a investigação. Os estudos de casos são exemplos práticos que ilustram como a linguística pode contribuir para a resolução de problemas judiciais. A Linguística Forense explora a aplicação da linguística em contextos legais e jurídicos, as técnicas e o campo de trabalho do analista do discurso, passa pela Linguística Aplicada, e adentra no campo da Análise do Discurso e suas diferentes vertentes, além de se aprofundar na relação entre sociedade e linguagem. Daí nosso interesse neste trabalho de explorarmos as técnicas da análise do discurso empregadas pela Linguística Forense.

A Linguística Forense atua na relação legal entre a Linguagem e o Direito. Ela se utiliza dos métodos e conceitos da Linguística Aplicada e de forma específica da Análise do Discurso, em contextos legais, para produzir evidências que auxiliem na investigação criminal (VICHÍ, 2021). Através de uma série de técnicas, pertencentes ao campo da Análise do Discurso, a Linguística Forense irá permitir que se isole o idioleto de um determinado falante.

O idioleto, segundo Vichi (2021), é a língua individual do falante, falada somente pelo próprio com o sotaque, o vocabulário, a cultura de determinada região, os costumes que são passados pelos pais, e vários outros fatores que compõem essa impressão digital linguística, que todos nós, falantes temos. Diferentemente da Linguística que busca estudar o que é comum aos falantes da mesma comunidade de fala, a Linguística Forense trabalha para coletar e analisar evidências linguísticas próprias de um indivíduo, seu idioleto, produzindo provas de “inegável caráter científico e auxiliar na solução de crimes e na ação da justiça” (VICHÍ, 2021, p. 29).

O trabalho da Análise do Discurso da Linguística Forense consiste em identificar a autoria. Por isso, o analista precisa ter em mente as principais perguntas que devem ser respondidas em seu trabalho: a) O que aquele discurso significa? b) Quem é o seu autor? Por isso, Vichi (2021), lembra Leminski, poeta, escritor e jornalista curitibano, quando diz que devemos ter sempre em mente “repara bem no que eu não digo”, porque nem sempre o que está explicitado ou dito é realmente o que o indivíduo quer dizer. Em uma grande quantidade de vezes o significado pode corresponder justamente ao oposto, as informações dadas podem estar contestadas.

A explicitação do sentido do texto, ou seja, do que o indivíduo realmente quis dizer, requer o levantamento de uma série de evidências linguísticas. O levantamento dessas evidências deve ser amparado em processos científico-metodológicos organizados e bem-estruturados, para que depois o analista do discurso possa ampliar o seu escopo de análise ou mesmo compartilhar dados com a comunidade científica.

As etapas que o analista do discurso deve seguir precisam ser planejadas como um roteiro de trabalho segundo as determinações do próprio processo de análise. Descreveremos a seguir as etapas de análise do discurso delineadas por Vichi (2021):

**1ª Etapa:** a) Delimitação do *corpus* a ser analisado – Identificação dos objetos discursivos que serão estudados durante o trabalho de análise. A delimitação do estudo pode ser realizada de diversas formas de acordo com o tipo de caso a ser

resolvido. Exemplo: Para identificar um caso de plágio em autoria textual, é imprescindível que o objeto de análise seja o texto cuja autoria está sendo contestada, em comparação com outros textos do autor em questão. Essa comparação auxiliará o analista a comprovar ou refutar a acusação de plágio.

**2ª Etapa:** b) Classificação de evidências – Na Análise do Discurso irá se identificar o gênero do texto, o suporte textual (cartas, jornal, bilhetes, postagens) usado, e a natureza discursiva do texto num processo que deverá ser utilizado com fins mais teóricos, tornando o *corpus* bruto do texto em um objeto teórico de análise. No contexto do plágio, é necessário investigar, por meio da análise do discurso, se o texto foi reproduzido completamente ou se houve outra forma de apropriação.

A delimitação do objeto e identificação do seu gênero discursivo (confissão, artigo científico, artigo de opinião, receitas) seguem-se a delimitação das evidências a serem analisadas. O analista deve classificar o objeto discursivo e proceder com a metodologia adequada para o tratamento desse objeto, processando-o de forma a facilitar a análise. Muitas vezes os documentos a serem analisados encontram-se disponíveis na internet. Portanto, é necessário reunir todos os elementos que compõem esse *corpus* documental e transformá-lo em um único suporte textual por meio dos métodos que ajudarão ao analista a decodificar a mensagem subjacente.

Dando continuidade ao roteiro do processo de análise proposto por Vichi (2021) temos: c) Transliteração, gravação, transcrição, tradução ou versão; d) Análise e apreensão; e) Interpretação; f) Resultados.

A Transliteração consiste em o analista verificar os textos que estão em alfabeto ou sistemas de escrita diferente, ou seja, transliterados como um registro que não foi escrito em caracteres romanos, mas taquigrafados, codificado com caracteres trocados, ou escritos com recortes de jornais e revistas e adaptá-los para o sistema de escrita adequado ao contexto que ele será utilizado, seja científico, legal, empresarial etc.

A Gravação é o processo mais comum em trabalhos de análise linguística e ocorre quando o analista trabalha com registros sonoros que precisam ser transferidos de um suporte oral para um suporte escrito, permitindo que seja feita a análise linguística do material. Em nosso trabalho, a gravação consiste na transcrição escrita das entrevistas realizadas com alunos egressos do Proflind.

O procedimento de gravação possui aspectos sensíveis que se não forem observados podem comprometer seriamente a qualidade da análise. Por isso, Vichi

(2021), para isto não ocorrer, chama atenção que primeiramente, seja essencial que o analista avalie a qualidade do áudio disponível, a integridade do registro fonográfico e o contexto de onde foi retirado, com isso a cooperação de outros profissionais pode ser requerida, tais como linguistas especializados em fonologia, ou fonoaudiólogos, esses profissionais, embora atuem em áreas distintas, muitas vezes colaboram para oferecer um tratamento mais abrangente para indivíduos com alterações na fala, integrando conhecimentos linguísticos e abordagens terapêuticas. No caso da linguística forense, peritos em áudio podem ser necessários também para filtrar ruídos, isolar frequências e testar a integridade do registro, verificando se existem cortes ou adulterações no áudio por inteligência artificial, recursos da *Deep Fake*, softwares que podem sintetizar a voz de outras pessoas, ou o uso de imitadores que conseguem replicar vozes.

No caso de nossa pesquisa, que envolve entrevistas síncronas gravadas em vídeo de alunos egressos do Proflind, não haveria em princípio necessidade de comprovarmos a autoria e autenticidade das gravações. O que é importante em nosso trabalho é a acuidade do procedimento de degravação em termos de normas técnicas empregadas para a versão das entrevistas do suporte oral para o suporte escrito. Daí o processo de transcrição tornar-se uma parte fundamental para nossa análise.

O processo de transcrição deve refletir exatamente o que foi dito pelo participante. Faz parte do processo de transcrição, o registro da linguística, do léxico próprio dos falantes, estruturas gramaticais empregadas. O registro original do que foi dito é essencial para a análise linguística. A transcrição também deve incluir o modo como as informações são transmitidas oralmente, incluindo aspectos não verbais como entonação, pausas, ênfases e gestos.

Assim, tomando como base o MEDS (Explicitação do Discurso Subjacente) e a Linguística Forense, buscamos utilizar suas metodologias nas etapas desta pesquisa cujo objetivo é mostrarmos o que pensam, como são e como se revelam por meio da sua fala os alunos egressos do Proflind após as suas experiências no curso de Pós-graduação. Uma das primeiras etapas foi o meu contato direto com a diversidade dos povos indígenas brasileiros em sala de aula de modo a perceber, vivenciar e passar a compreender a importância do multilinguismo na Educação Indígena. Essa trajetória narrada na introdução desta dissertação foi realizada pelo método etnográfico – que consistiu na participação de aulas, seminários, conversas informais, trabalhos em grupo, momentos de descontração, nos quais foram feitos muitos amigos na turma.

Graças a essa observação participante, pudemos observar e vivenciar as dificuldades de comunicação dos colegas indígenas das várias etnias encontradas durante o curso.

A partir dessa nossa experiência, a identificação dos problemas e no intuito de traçar metas para encontrar possíveis soluções utilizando os conceitos da linguística, o método adotado para a obtenção dos dados foi a coleta de dados realizado por meio de entrevistas gravadas presencialmente com sete alunos egressos das etnias: Kayapó, Ticuna, Bakairi, Baré e uma aluna não-indígena das turmas iniciais do Proflind, oferecido na sede localizada no Horto Botânico do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Essas entrevistas foram realizadas por meio de um questionário com perguntas semiestruturadas de forma aberta e com base no MEDS (Nicolaci-da-Costa *et al.*, 2004).

Outra etapa da pesquisa envolveu a adoção de técnicas de Análise do Discurso dos participantes das entrevistas. Utilizando a metodologia da Análise do Discurso, procuramos interpretar e entender os significados subjacentes nas falas dos entrevistados. Essa pesquisa tem como objetivo permitir a identificação, análise e compreensão mais profunda das perspectivas e experiências dos entrevistados em relação ao multilinguismo, tema da pesquisa desta dissertação.

Por meio da metodologia adotada, após a coleta de dados realizada com as entrevistas gravadas, iniciamos a transcrição das conversas por meio de uma metodologia já consolidada na literatura que lida com dados da fala. A técnica permite identificar as influências socioculturais e as dinâmicas de poder que a sociedade ainda possui nas interações linguísticas em contextos diversos com os povos indígenas. As abordagens metodológicas permitem proporcionar perspectivas valiosas sobre as barreiras linguísticas enfrentadas pelos nossos povos originários.

As fases seguintes à transcrição escrita dos dados da fala são a análise e depreensão das partes/excertos do texto, a interpretação linguística e do sentido subjacente do texto e a apresentação dos resultados. Passaremos a apresentação dessas etapas a partir de Vichi (2021).

A fase da análise e interpretação dos dados coletados, que incluiu predominantemente as falas dos entrevistados, fundamenta-se na premissa de que é essencial ouvir, compreender e perceber o que não é explicitamente dito durante essas falas. Esse processo é de suma importância para converter dados brutos em informações valiosas, capazes de orientar a tomada de decisões e fomentar melhorias

contínuas na investigação dos dados. Nesse sentido, os comentários feitos pelo analista do discurso e o registro escrito do comportamento verbal e não verbal do indivíduo são cruciais. A análise da fala de alunos egressos do Profflind em situação de entrevistas tem como objetivo capturar as percepções dos alunos egressos sobre o multilinguismo, além de entender suas questões sobre a sua própria língua, e suas aspirações e desejos a partir da conclusão do curso.

A fase da interpretação linguística e do sentido subjacente do texto tem como objetivo a compreensão mais profunda dos padrões linguísticos, das variações dialetais e dos fenômenos sociolinguísticos. Nessa fase é essencial o estudo das características fonéticas e fonológicas, semânticas, pragmáticas do texto. A Linguística Forense tem as áreas da Linguística como ferramentas para a explicitação do sentido do texto. Para compreendermos a função de cada uma dessas áreas passaremos a descrever a sua importância a partir de Vichi (2021).

A Fonética é um campo que está relacionado ao estudo dos sons da fala humana, focando-se nos aspectos físicos e fisiológicos desses sons. A fonética que aborda como os sons são produzidos, suas características acústicas e como são percebidos pelo ouvido humano. A Fonologia se difere da fonética porque estuda os sistemas de sons de uma língua e como esses sons são organizados para distinguir significados.

A Lexicologia é um ramo especializado da linguística, que pode ser considerado uma subdisciplina da etimologia. Embora a lexicologia e a etimologia estejam interligadas, a lexicologia é uma disciplina mais abrangente que fornece compreensões valiosas sobre o funcionamento das palavras e seu papel na comunicação humana. A compreensão da lexicologia é, portanto, essencial para uma análise mais profunda da linguagem e da sua evolução. A etimologia analisa a origem das palavras e a evolução de seus significados ao longo do tempo enquanto a lexicologia foca na história das palavras, a lexicologia também considera aspectos como a formação de novas palavras (neologismos), a sinonímia, a antonímia, a homonímia, entre outros. Sua função primordial é a análise detalhada das palavras, englobando suas diversas interpretações, unidades lexicais, propriedades, origens, significados, estruturas e relações entre si. Este campo abrange aspectos variados do vocabulário, incluindo a formação de palavras, as mudanças semânticas e as variações lexicais em diferentes contextos sociais, regionais e históricos. A importância da lexicologia para o analista do discurso é substancial, pois permite o

estabelecimento de um repertório lexical do falante. Isso incluiu a avaliação da extensão do vocabulário do indivíduo e a capacidade do controle do seu próprio discurso para transmitir conteúdos específicos de forma eficaz. Tal controle sobre o discurso proporciona ao falante a habilidade de adicionar matizes, cores e texturas próprias ao que é dito, ajustando a mensagem ao contexto em questão. Adicionalmente, a lexicologia se tornou ainda mais significativa quando foi associada à semântica, o ramo da linguística que estuda o significado das palavras e das expressões. A interação entre lexicologia e semântica permitiu uma compreensão mais profunda não apenas das palavras isoladamente, mas também de como elas funcionam dentro de frases e textos para construir sentido.

A sintaxe, outra ferramenta empregada na Linguística Forense, é definida como o ramo da linguística que se ocupa do estudo da estrutura das frases e da disposição das palavras dentro dessas frases. Além disso, a sintaxe investiga como as frases são organizadas no discurso para formar uma comunicação coerente. Ela examina as regras e princípios que governam a formação de sentenças em uma língua, incluindo a ordem das palavras, a concordância entre sujeitos e predicados, e a relação entre elementos dentro de uma frase. Na prática, as pessoas nem sempre organizam seus discursos de acordo com a ordem canônica das frases. A ordem canônica, ou ordem padrão é a que caracteriza a maioria das frases de uma língua. Por exemplo, o português tem como ordem frequente Sujeito-Verbo-Objeto (SVO). Muitas línguas naturais também têm essa ordem. Variações na ordem das palavras são comuns e podem ser usadas para enfatizar diferentes partes do discurso, introduzir nuances de significado, ou refletir variações estilísticas e contextuais. Por exemplo, Vichi mostra que, em português, a frase com ordem canônica "Beatriz leu o livro" pode ser reordenada para "O livro, Beatriz leu" para enfatizar "o livro". Esta flexibilidade na ordem das palavras é uma área central de estudo na sintaxe, que busca compreender não apenas as regras gerais de formação de frases, mas também as motivações e os efeitos das variações dessas regras no uso cotidiano da linguagem. Além disso, a ordem das palavras pode alterar significativamente o significado do que é dito, revelando as propriedades e prioridades no conteúdo expresso. Um fato muito relevante é que a escolha do que é mencionado primeiro ou por último pode destacar a importância relativa dos elementos na comunicação. Por exemplo, colocar um complemento no início da frase pode dar-lhe maior ênfase e alterar a percepção do ouvinte sobre a informação que está sendo transmitida.

Já a Pragmática é relacionada ao ramo da linguística que se concentra nos contextos em que a fala ocorre e nos dispositivos utilizados para abreviar sentidos e transmitir significados implícitos. Como informa Vichi (2021), diferentemente de outras áreas da linguística que se ocupam principalmente do significado literal das palavras e estruturas gramaticais, a pragmática lida com os "atalhos" inseridos no discurso que indicam cenários e informações subjacentes além do que está textualmente expresso. Esses elementos incluem o contexto situacional, as intenções do falante, as inferências do ouvinte e o uso de expressões dêiticas, entre outros. A pragmática é fundamental para compreender como os significados são construídos e interpretados nas interações diárias. Ela examina fenômenos como a dêixis, a implicatura conversacional, os atos de fala e a relevância contextual, fornecendo uma visão abrangente de como os interlocutores utilizam a linguagem de maneira eficiente e econômica para se comunicarem de forma eficaz.

Em nossa pesquisa sobre o sentido do discurso dos alunos egressos do Proflind, a fase de interpretação linguística será seguida do processamento das evidências linguísticas. Este processo detalhado e sistemático envolve a análise meticulosa de dados linguísticos para extrair seus significados subjacentes e os contextos socioculturais dos entrevistados.

Cabe à contextualização sociocultural situar os dados linguísticos em seus contextos, permitindo a compreensão das influências externas e internas sobre o discurso dos entrevistados. Essa análise profunda das dinâmicas sociais e culturais molda a linguagem utilizada pelos participantes. A interpretação subjacente permite identificar os significados implícitos e as intenções por trás das palavras dos participantes, considerando os aspectos culturais e contextuais que moldam essas intenções. A contextualização sociocultural da análise é essencial para captar as nuances e sentidos mais profundos do discurso, proporcionando uma visão abrangente e situada dos dados linguísticos coletados.

A fase seguinte é a apresentação dos resultados. Em nossa dissertação, essa fase será feita por meio da interpretação e análise sistemática dos dados extraídos das entrevistas com os alunos egressos do Proflind. O processo envolverá a aplicação de métodos linguísticos para identificar padrões, relações e inferências em corpora textuais e promovendo descobertas sobre o multilinguismo. Incluirá também a análise e observação dos dados linguísticos nas falas dos entrevistados indígenas,

forneendo uma visão aprofundada sobre a diversidade e dinâmica linguística entre eles.

Nosso objetivo primordial, é converter dados brutos em informações significativas, utilizadas para o aprimoramento de teorias linguísticas, desenvolvimento de ferramentas e para uma melhor compreensão dos fenômenos linguísticos em um contexto multilíngue. Assim, estabeleceremos a importância de uma abordagem holística e multidisciplinar para a pesquisa sobre multilinguismo em línguas indígenas, reconhecendo o valor dessas línguas não apenas como meios de comunicação, mas como pilares de identidade cultural, conhecimento e direitos humanos.

A análise destacará a importância do multilinguismo não apenas como uma habilidade prática, mas também como um componente vital da diversidade cultural, cuja promoção poderá contribuir para sociedades mais inclusivas e resilientes, valorizando e preservando as riquezas linguísticas.

A metodologia empregada pela linguística forense a partir principalmente da tradição americana permitirá a nós a análise do suporte e gênero do *corpus* investigativo nesta pesquisa, nossos *corpora* foram construídos com base no critério de gênero textual das entrevistas. O suporte onde aparecem as entrevistas é a gravação de vídeos no contexto de produção, e o público-alvo que são os alunos egressos das turmas iniciais do Proflind. Esse grupo oferece em nossa pesquisa entendimentos valiosos sobre as variações linguísticas e discursivas no contexto das falas subjacentes contidas nos relatos dos entrevistados.

Ao considerarmos cuidadosamente os aspectos envolvidos na descoberta do sentido do discurso dos entrevistados, construímos os *corpora* da pesquisa. Isso nos permitiu a reflexão sobre a complexidade da diversidade da comunicação humana, vindo a contribuir para um entendimento mais profundo do multilinguismo.

Procuramos não nos apoiar em um só objeto discursivo. Nos apropriamos de dados com o máximo possível de documentação textual, para que se possa efetuar um processo de aprendizado a partir dos paradigmas de análise do discurso dos autores apresentados neste trabalho. Assim, para apontar evidências que sustentem as análises dos discursos subjacentes de nossos entrevistados, exploraremos os textos dos participantes da pesquisa. Acreditamos que essa abordagem nos permitirá capturar as nuances da fala dos entrevistados, ou seja, seu idioleto, e compreender de maneira mais profunda como e o que desejam expressar em suas comunicações.

Assim, é muito importante o acesso à maior quantidade possível de dados comparáveis no *corpus* da pesquisa, respeitando as ausências do que não foi falado pelo entrevistado. Temos o cuidado de que a busca por significados e intenções sub-reptícias não nos induza a conclusões errôneas do que foi dito pelo entrevistado, para que não afirmemos existirem elementos e indícios que não apareceram no discurso.

Para isso, é primordial definirmos uma margem de segurança bem clara nas análises, de forma a evitarmos a refutabilidade dos dados coletados. Essa margem é criada por meio de uma política de análise bastante clara que defina até onde poderíamos ir, e que tipo de indícios vamos considerar nos dados coletados. Daí a importância de delinear os aspectos envolvidos na análise do discurso dos participantes das entrevistas que fizemos para a constituição de nossos corpora de pesquisa tanto pelo Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS), quanto pela Linguística Forense. O primeiro revela a importância de conhecermos pela fala os indivíduos entrevistados, enquanto a segunda aponta para o reconhecimento dos perfis e identidades socioculturais desses indivíduos.

#### 4. METODOLOGIA DE OBTENÇÃO DOS DADOS

A metodologia desempenha um papel fundamental na pesquisa científica, especialmente na pesquisa linguística, pois oferece a estrutura necessária para a coleta, análise e interpretação de dados. O reconhecimento de um problema prático, como a necessidade de descrever uma língua, torna a escolha de uma abordagem metodológica adequada imprescindível. Uma metodologia bem delineada orienta o pesquisador em sua investigação e contribui para o avanço rigoroso e replicável do conhecimento linguístico.

Nesta pesquisa, optamos pela Análise do Discurso, em suas diversas correntes teóricas, como a metodologia central para esclarecer o significado das falas dos participantes entrevistados. A análise das falas segue duas vertentes principais:

1. **A Tradição Francesa da Análise do Discurso:** Fortemente influenciada por Michel Pêcheux, essa tradição examina o discurso à luz das condições históricas e ideológicas que o moldam. O discurso é considerado tanto um reflexo quanto um construtor da realidade social, com ênfase na heterogeneidade discursiva e nas influências ideológicas que permeiam as falas dos egressos.

2. **A Tradição Estadunidense da Análise do Discurso:** Representada por Norman Fairclough, essa vertente investiga a relação entre discurso e práticas sociais, destacando o papel do discurso na reprodução ou contestação das estruturas de poder. A abordagem crítica proposta por Fairclough é fundamental para compreender como as falas dos alunos egressos do Proflind refletem tensões e possibilidades de transformação social.

Para acessar os significados subjacentes nas falas dos entrevistados, utilizamos o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS), desenvolvido a partir do trabalho de Jacqueline Authier-Revuz sobre as não-coincidências do dizer. O MEDS é particularmente eficaz para desvendar as influências ideológicas e culturais que permeiam o discurso, permitindo uma compreensão mais profunda das vivências dos estudantes indígenas no Proflind. Essa ferramenta, frequentemente utilizada por psicólogos, nos possibilita examinar as camadas subjacentes das falas, evidenciando as relações intrínsecas entre identidade, língua e poder.

Complementamos nossa análise com métodos da Linguística Forense, conforme o autor brasileiro Leonardo Vichi, que oferece uma aplicação da Análise do Discurso estadunidense, possibilitando uma exploração detalhada das escolhas linguísticas dos entrevistados em contextos multilíngues. Essa abordagem é essencial para captar as variações discursivas que refletem as identidades culturais dos participantes e suas interações com o português e as línguas indígenas no ambiente acadêmico.

Além da análise individual das falas, realizamos uma análise comparativa para identificar padrões comuns e variações discursivas entre os entrevistados das diferentes etnias: Baré, Tucano, Bakairi, Mebêngokré e Ticuna. Essa comparação proporciona uma visão abrangente das experiências coletivas e individuais, ressaltando como as origens culturais e sociais influenciam as trajetórias acadêmicas e as percepções sobre a valorização das línguas indígenas.

A escolha dessa metodologia se justifica pela necessidade de compreender as complexas interações entre discurso, identidade cultural e políticas educacionais em um contexto de exclusão social e marginalização dos povos originários do Brasil, historicamente afetados por um processo colonialista. A combinação das diversas vertentes da Análise do Discurso, aliada ao MEDS e à Linguística Forense, oferece uma abordagem robusta para investigar os significados produzidos nas falas dos egressos do Proffind. Esse modelo metodológico permite revelar as interações sociais, culturais e linguísticas que influenciam as vivências dos alunos indígenas no ambiente acadêmico, evidenciando a relevância de implementar políticas que promovam a inclusão e a valorização das línguas indígenas no Brasil.

Assim, a metodologia adotada nesta dissertação segue uma abordagem qualitativa, fundamentada na Análise do Discurso, buscando articular diversas tradições teóricas. O objetivo primordial desta pesquisa é examinar as percepções e expectativas dos alunos egressos do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas em relação à valorização das línguas e culturas indígenas no contexto acadêmico. Para alcançar esse objetivo, os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com alunos de diferentes etnias matriculados nas turmas de 2016, 2017 e 2018 do curso.

A análise das entrevistas foi fundamentada nos conceitos dos teóricos que abordam a Análise do Discurso, conforme destacado em nossa pesquisa. A proposta de integração dessas teorias nos proporcionou uma compreensão mais aprofundada

das narrativas e dos significados que os participantes atribuem às suas experiências acadêmicas e culturais. Essa metodologia possibilitou a coleta de dados qualitativos ricos e uma interpretação crítica das dinâmicas sociais e educativas que permeiam a formação e valorização das línguas e culturas indígenas no cenário acadêmico contemporâneo.

A escolha por essa metodologia está alinhada ao objetivo de expor tanto o conteúdo semântico explícito das declarações quanto os significados implícitos, além das construções discursivas e das influências culturais que impactam os discursos dos envolvidos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada na análise interpretativa das trajetórias acadêmicas dos alunos egressos do Proflind. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e gravações de vídeo presenciais, permitindo uma exploração flexível das percepções dos participantes.

O quadro apresentado abaixo, que mostra a duração de cada entrevista realizada, insere-se no contexto da pesquisa descrita. As entrevistas semiestruturadas foram uma ferramenta essencial para a coleta de dados qualitativos, permitindo ao pesquisador explorar as percepções e expectativas dos alunos egressos do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas. Cada entrevista, com sua duração específica, reflete o tempo dedicado a capturar as narrativas individuais e coletivas dos participantes, ressaltando a importância da profundidade e flexibilidade na investigação qualitativa.

#### Quadro de duração de cada entrevista

Entrevistados	Duração
PE1	Vídeo 1 – 00:10:52 e Vídeo 2 – 00:13:34
PE2	00:10:33
PE3	00:26:18
PE4	00:20:56
PE5	00:13:51
PE6	00:10:53
PE7	00:23:47

A variação nas durações das entrevistas pôde indicar a riqueza e a complexidade das experiências relatadas pelos entrevistados, mostrando como as diferentes etnias e trajetórias acadêmicas influenciaram suas narrativas. Essas informações são fundamentais para a análise crítica proposta pela pesquisa, que

buscou entender as interações entre discurso, identidade cultural e as dinâmicas sociais que afetam os alunos indígenas no contexto acadêmico. Assim, as respostas dos entrevistados nas questões abaixo auxiliaram a organização dos dados de forma clara e reforçou a relevância metodológica da coleta de dados através de entrevistas contextualizadas.

Essa prática é fundamental na pesquisa qualitativa, que procura valorizar a subjetividade e a singularidade das experiências humanas, propiciando uma compreensão mais profunda dos fenômenos investigados dos participantes sobre suas experiências acadêmicas, línguas maternas e o contato com o português na universidade, além de ser caracterizada pela investigação profunda e interpretativa das experiências humanas, neste caso, as trajetórias acadêmicas dos egressos do Proflind. A gravação de vídeos presenciais possibilitou, ainda, a criação de uma atmosfera de maior proximidade com os entrevistados.

As entrevistas foram o principal instrumento de coleta de dados. Utilizamos um roteiro que orientou o diálogo e permitiu que os entrevistados expressassem suas visões livremente. O Roteiro das entrevistas semiestruturadas foi elaborado com perguntas abertas que abordaram temas como as experiências acadêmicas dos participantes, suas percepções sobre a valorização das línguas e culturas indígenas, e o impacto do contato com o português em suas vidas. Esse formato proporcionou uma coleta de dados rica e diversificada, contemplando os aspectos sociais, culturais e linguísticos que envolvem as vivências dos participantes. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes e posteriormente transcritas para análise.

Para estruturar um plano inicial de entrevistas que permita explorar a trajetória acadêmica e os desafios enfrentados por indígenas no contexto educacional, organizamos as perguntas em categorias gerais e específicas. A seguir, apresentamos um esboço do plano, incluindo os ajustes e modificações após a aplicação das entrevistas.

### **Questões Gerais:**

#### **1. Trajetória Acadêmica**

- Fale um pouco sobre a sua trajetória acadêmica.
- Quando você se interessou por estudar?
- Como era o desenvolvimento dos estudos durante sua época?

## 2. Comunicação e Integração

- Quando você visita comunidades onde não fala fluentemente todas as línguas, como você se comunica?
- Como você se sentiu ao estar em comunidades com muitas pessoas falando línguas diferentes?
- Você encontrou dificuldades de se comunicar com colegas devido à diversidade étnica na turma do Proflind?

## 3. Educação Indígena

- O que você acha que faz mais falta para a aprendizagem dos indígenas?
- Você acha que a educação pode impactar a vida deles?
- Como o uso da língua materna é incentivado na sua aldeia? A educação prioriza o português ou há esforços para preservar a língua?

## 4. Preconceito e Desafios

- Você já vivenciou preconceito linguístico? Poderia compartilhar sua experiência?
- Como você se sentiu em relação ao preconceito que pode ter enfrentado devido à sua identidade indígena?
- Quais os maiores problemas que vocês encontram na escola para lecionar com as famílias indígenas?

## 5. Legislação e Iniciativas

- Você considera pertinente o projeto de lei que tipifica como crime a discriminação em razão de pertencimento ou identidade cultural?
- O que deveria ser feito para assegurar as línguas indígenas nas escolas?

## 6. Contribuições e Futuro

- Como o curso do Programa impactou sua vida pessoal, sua comunidade e seus estudos?
- Você gostaria de fazer mais algum comentário sobre a educação para o seu povo?
- Você irá retornar à sua comunidade quando terminar o doutorado ou

pretende ficar por aqui mesmo?

### **Questões Específicas:**

#### **1. Experiências Pessoais**

- Você poderia compartilhar mais sobre a educação indígena e como as crianças vivenciam o processo de aprendizagem?
- Como você reagia quando não compreendia o que seus colegas do Proflind diziam em sala de aula?

#### **2. Recursos e Apoios Necessários**

- Quais recursos ou apoio vocês acreditam serem essenciais para melhorar a educação nas comunidades indígenas?
- O que você acha que está faltando ainda para complementar a educação indígena?

#### **3. Ações para Preservação Cultural**

- O que pode ser feito de maneira efetiva para preservar e promover a língua e cultura dos Ticunas?
- O material didático na sua aldeia é adaptado para a realidade cultural?

### **Confronto Pós-Aplicação:**

Após a aplicação das entrevistas, foram realizadas as análises e a reflexão sobre as respostas obtidas. Algumas considerações para ajustes:

#### **1. Análise das Respostas**

- Quais questões geraram mais percepções e quais tiveram respostas mais repetitivas ou superficiais?
- Há temas que surgiram de forma inesperada que merecem serem explorados?

## **2. Ajustes nas Perguntas**

- Consideramos deixar por conta de os entrevistados aprofundar questões que revelaram ser mais significativas para eles, como a necessidade de produzir material didático nas escolas indígenas.
- Reformular ou eliminar perguntas que não geraram respostas relevantes.

## **3. Inclusão de Novas Questões**

- Com base nas respostas, novas perguntas podem ser formuladas para explorar tópicos que se mostraram importantes ou relevantes.

## **4. Reflexão Sobre a Dinâmica da Entrevista**

- Como a diversidade étnica e linguística impactou a dinâmica das entrevistas?
- O ambiente das entrevistas influenciou as respostas dos participantes?

Essa estruturação e reflexão contribuiu para relevância da pesquisa garantindo o enfoque nas realidades enfrentadas pelas comunidades indígenas, além de permitir para uma compreensão mais rica e profunda do tema da educação indígena.

### **4.1 Limitações e considerações éticas**

A pesquisa reconhece as limitações inerentes ao método qualitativo, especialmente no que diz respeito à generalização dos resultados. Ademais, o respeito às culturas e identidades dos participantes foi uma prioridade em todas as etapas do estudo, com estrita adesão às normas éticas. Essas normas incluem o consentimento informado e a confidencialidade dos dados.

Todas as etapas da pesquisa foram conduzidas em conformidade com os princípios éticos exigidos em investigações que envolvem seres humanos, assegurando o respeito à privacidade e à dignidade dos participantes. O anonimato foi mantido em todas as transcrições e análises, utilizando pseudônimos para proteger a identidade dos entrevistados.

## 4.2 Justificativa da metodologia

A metodologia adotada fundamenta-se em três pilares principais. Primeiro, a complexidade do objeto de estudo, que envolve as experiências dos alunos indígenas no ambiente universitário. Esse cenário é influenciado por fatores culturais, sociais e históricos interligados, exigindo uma abordagem capaz de lidar com essas múltiplas dimensões no discurso. A Análise do Discurso (AD) proporciona ferramentas para explorar essas complexidades, sendo uma metodologia adequada para investigar as dinâmicas de poder, identidade e resistência que emergem das falas dos alunos. Segundo, a AD permite uma compreensão mais profunda das trajetórias acadêmicas dos egressos, ao examinar como suas experiências são construídas e interpretadas, tanto por eles próprios quanto pelas instituições e pela sociedade. A relevância da metodologia também está atrelada ao compromisso social e político do Proflind, que destina 60% de suas vagas a candidatos indígenas, buscando valorizar suas línguas e culturas.

A utilização da AD revela as estruturas de poder e resistência presentes nos discursos dos participantes, conferindo à pesquisa uma dimensão crítica que desvela as tensões nas interações desses alunos com o ambiente acadêmico. Ao investigar as percepções sobre a valorização das línguas indígenas no contexto universitário, a pesquisa pode contribuir para a preservação e valorização dessas línguas minorizadas e para a revitalização das línguas dos povos reorganizados. Assim, nossa metodologia é justificada pela sua capacidade de fornecer uma análise crítica e detalhada das falas dos egressos do Proflind, elucidando as dinâmicas sociais, culturais e linguísticas que permeiam suas experiências e contribuindo para o debate sobre inclusão e preservação das línguas indígenas nos contextos universitários.

O universo da amostra desta pesquisa é composto por alunos egressos indígenas e uma aluna egressa não indígena do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas. A amostra foi selecionada de modo a incluir indivíduos de diversas etnias indígenas, representando diferentes regiões do Brasil, com o intuito de garantir uma diversidade que reflita a complexidade das experiências acadêmicas e culturais desses povos no contexto do programa. Além dos egressos indígenas, uma aluna não indígena, professora da comunidade Mebêngôkre, também foi incluída na amostra. Sua participação se justifica pela relevância de seu papel como educadora

envolvida na valorização e preservação das línguas e culturas indígenas, oferecendo uma perspectiva diferenciada sobre o processo de ensino e a interação entre culturas indígenas e não indígenas no ambiente acadêmico. A inclusão dessa aluna contribui para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas educacionais e culturais que permeiam o Programa de Mestrado Profissional, enriquecendo a análise das interações entre os diferentes atores sociais.

Os indígenas pertencem às seguintes etnias: Baré, Tucano, Bakairi, Kayapó e Ticuna. Por ser uma amostra qualitativa e imersa em uma análise discursiva, a profundidade das narrativas individuais oferece dados valiosos que extrapolam questões numéricas e estatísticas, revelando nuances nas percepções sobre inclusão, preservação das línguas indígenas e as influências do ambiente acadêmico sobre essas práticas. Nesse contexto, destacamos as características principais dos participantes, enfatizando aspectos relevantes como sua origem étnica, formação acadêmica e proficiência linguística.

**Participante Entrevistado 1 (PE1) - Etnia Mebêngokré**, idade: 57 anos, origem: Comunidade indígena em São Félix no Xingú - Proficiência linguística: Fluente em português. Utiliza a língua indígena em contextos familiares e comunitários, trabalha predominantemente em português no ambiente acadêmico - Trajetória Acadêmica: Possui graduação em Pedagogia, e Licenciatura em Informática. Participou do Proflind com o objetivo de aprimorar seus conhecimentos sobre políticas linguísticas, contribuir para a preservação da língua Kayapó, produzir material didático para o seu povo.

**Participante Entrevistado 2 (PE2) – Etnia Baré**, idade: 55 anos, origem: Comunidade indígena no Amazonas - Proficiência linguística: Fluente em Baré e português. Utiliza a língua indígena em contextos familiares e comunitários, trabalha predominantemente em português no ambiente acadêmico - Trajetória Acadêmica: Possui graduação em Pedagogia. Participou do Proflind com o objetivo de aprimorar seus conhecimentos sobre políticas linguísticas e contribuir para a preservação da língua Baré.

**Participante Entrevistado 3 (PE3) – Não-indígena**, idade: 51 anos, origem: Comunidade indígena no Pará, Proficiência linguística: Fluente em Mebêngokré e português. O Mebêngokré é utilizado em práticas culturais e comunitárias, contudo o português predomina em situações formais. Trajetória Acadêmica: Graduada em

Pedagogia. Sua participação no Proflind foi motivada pelo desejo de criar material didático para o povo Kayapó, participar de políticas de preservação linguística e fortalecer a identidade cultural Kayapó no ambiente acadêmico.

**Participante Entrevistado 4 (PE4) – Etnia Bakairi**, idade: 49 anos, origem: Comunidade no estado de Mato Grosso, Proficiência linguística: Falante do Bakairi e português. A língua indígena é restrita a contextos rituais, enquanto o português é amplamente utilizado em diferentes situações. Trajetória Acadêmica: Graduado em Matemática, o participante focou no uso do Proflind para documentar e revitalizar a língua Bakairi por meio da confecção de gramáticas e dicionários.

**Participante Entrevista 5 (PE5) – Etnia Ticuna**, idade: 50 anos, origem: Comunidade indígena no Amazonas, Proficiência linguística: Fluente em Ticuna e português. O Ticuna é utilizado em rituais e no ambiente familiar. O português é a língua de comunicação no trabalho e na academia, trajetória acadêmica: Graduado em Educação Indígena. O participante cursou o Proflind com o objetivo de desenvolver materiais pedagógicos voltados para a valorização e o ensino da língua Ticuna nas escolas indígenas.

**Participante Entrevistado 6 (PE6) – Etnia Ticuna**, idade: 49 anos, origem: Comunidade indígena no Amazonas, Proficiência linguística: Fluente em Ticuna e português. Trajetória Acadêmica: Graduada em Pedagogia. A participante cursou o Proflind com o objetivo de criar materiais pedagógicos que promovam a valorização e o ensino da língua Ticuna nas escolas indígenas.

**Participante Entrevistado 7 (PE7) – Etnia Tucano**, idade: 65 anos, origem: Comunidade indígena no noroeste do Amazonas, Proficiência linguística: Fluente em Tucano e português. O Tucano é utilizado em cerimônias culturais e em contextos familiares. A língua portuguesa domina nas interações acadêmicas e profissionais, Trajetória Acadêmica: Graduada em História. A participante ingressou no Proflind com a finalidade de elaborar materiais didáticos em língua Tucano e desenvolver projetos educacionais voltados para a revitalização dessa língua entre as gerações mais jovens.

Como dissemos antes, a seleção dos participantes da pesquisa foi realizada com base em critérios específicos que visam garantir a representatividade e a diversidade das experiências investigadas.

Primeiramente, foram incluídos na amostra alunos egressos autodeclarados indígenas, bem como uma aluna professora não indígena da comunidade Kayapó, a fim de explorar as experiências e perspectivas desses grupos no contexto acadêmico do Proflind. A escolha dos egressos foi fundamental para permitir uma análise completa de suas trajetórias acadêmicas ao longo do mestrado.

No que tange à diversidade étnica, buscou-se incluir participantes de diferentes etnias indígenas, a fim de captar variações nas percepções e vivências relacionadas à valorização das línguas indígenas, à interação com o ambiente acadêmico e às dinâmicas socioculturais vivenciadas durante a formação.

O contexto linguístico foi um critério relevante, já que o estudo investiga a interação entre as línguas indígenas e o português no ambiente acadêmico, bem como a importância da preservação das línguas maternas. Portanto, o nível de fluência nessas línguas foi considerado para compreender essa interação.

Quanto ao tamanho da amostra, esta foi composta por sete alunos egressos, de acordo com o princípio da saturação teórica, comum em estudos qualitativos, em que a coleta de novos dados é interrompida quando os temas principais já foram suficientemente explorados. Esse número de participantes permite uma análise detalhada de suas falas, respeitando a profundidade necessária em uma análise discursiva crítica.

Quanto ao uso das línguas, todos os participantes são bilíngues ou multilíngues, alternando entre suas línguas maternas, o português e um participante que fala espanhol. Em suas vivências, as línguas indígenas são predominantemente faladas em contextos culturais e familiares, enquanto o português prevalece nas atividades acadêmicas e profissionais. Essa alternância linguística é um aspecto central na análise das dinâmicas de preservação e uso das línguas maternas no ambiente universitário.

A motivação para ingressar no Proflind foi amplamente relacionada ao desejo de documentar e revitalizar as línguas maternas, além de desenvolver materiais pedagógicos e projetos educacionais voltados para suas comunidades. Muitos dos participantes também demonstraram interesse em contribuir para o desenvolvimento de políticas linguísticas que assegurem a preservação e a transmissão de suas línguas às novas gerações.

Em relação às experiências acadêmicas, todos os participantes relataram vivências enriquecedoras no Programa. O Proflind foi destacado como um espaço

fundamental para o fortalecimento de suas identidades culturais e linguísticas, assim como para a troca de conhecimentos entre as diferentes etnias. A diversidade de perfis étnicos e acadêmicos dentro da amostra permite uma análise abrangente das percepções sobre a preservação e valorização das línguas indígenas no ambiente acadêmico, proporcionando uma compreensão detalhada das dinâmicas sociais e culturais que permeiam o curso e suas implicações para as comunidades indígenas.

Essa composição plural da amostra, incluindo indígenas de variadas etnias e uma professora não-indígena, garante que as nuances e as complexidades das interações entre identidade, língua e poder sejam plenamente abordadas na análise crítica das trajetórias acadêmicas no Proflind.

### **4.3 Procedimentos**

Os procedimentos adotados para a realização da pesquisa foram organizados em três etapas principais: planejamento da coleta de dados, condução das entrevistas e análise do material coletado. Cada uma dessas etapas foi cuidadosamente planejada para assegurar a confiabilidade e a validade dos dados obtidos.

**Planejamento da Coleta de Dados:** A primeira etapa envolveu a criação de um protocolo detalhado, contemplando o desenvolvimento das ferramentas necessárias para a coleta de dados e o consentimento dos participantes.

**Desenvolvimento do roteiro de entrevista:** Foi elaborado um roteiro semiestruturado, com perguntas abertas que permitissem aos participantes compartilharem livremente suas percepções, experiências e expectativas relacionadas ao Proflind. As perguntas foram organizadas em torno dos seguintes temas: A experiência acadêmica no Proflind; A valorização das línguas indígenas no curso e no ambiente acadêmico; Desafios enfrentados no processo de aprendizagem e no uso da língua indígena no contexto universitário; Expectativas quanto ao impacto do curso nas comunidades indígenas.

Seguindo os critérios da pesquisa, que envolviam alunos egressos do Proflind, os participantes foram selecionados por terem cursado as primeiras turmas formadas

pelo Profflind. Os objetivos da pesquisa foram apresentados de forma detalhada aos participantes, destacando o caráter voluntário de sua participação e garantindo o anonimato e a confidencialidade das informações fornecidas. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que especificou as garantias de confidencialidade, assegurando que suas informações pessoais e respostas seriam mantidas em sigilo. Foi também esclarecido que os dados coletados seriam utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, prevenindo qualquer uso indevido.

Essas práticas são fundamentais para garantir que a pesquisa ocorra de forma ética e transparente, protegendo os direitos dos participantes. Ao assegurar o anonimato e esclarecer os propósitos e métodos da investigação, os pesquisadores estabelecem um clima de confiança, o que ajuda a melhorar a qualidade e a integridade dos dados obtidos.

#### **4.4 Condução das entrevistas**

As entrevistas foram realizadas seguindo os protocolos estabelecidos, garantindo um ambiente confortável para que os participantes pudessem se expressar livremente.

Todas as entrevistas ocorreram presencialmente no ambiente do Horto Botânico do Museu Nacional, garantindo um local seguro e acolhedor. Cada entrevista teve duração média de 15 a 30 minutos, com variações dependendo da disponibilidade e do ritmo de resposta dos participantes. Todas as entrevistas foram gravadas, com o consentimento prévio dos entrevistados, utilizando gravadores de áudio de alta qualidade para garantir a clareza dos dados. As gravações foram transcritas na íntegra para posterior análise discursiva.

## 4.5 Análise dos dados

A etapa de análise dos dados foi conduzida em várias fases, utilizando como base as metodologias da Análise do Discurso e do Método de Explicitação do Discurso Subjacente, a Linguística Forense, além da integração com a análise crítica do discurso inspirada na teoria de Norman Fairclough.

As gravações foram transcritas com fidelidade, respeitando as particularidades linguísticas e a essência das falas dos entrevistados como as pausas, entonações e escolhas lexicais, que são fundamentais para a análise discursiva.

A leitura cuidadosa das transcrições permitiu identificar temas recorrentes e padrões discursivos nos relatos dos participantes. Nessa fase, foi possível realizar uma classificação inicial dos dados, separando os discursos em categorias temáticas como:

- Valorização das línguas indígenas no meio acadêmico.
- Desafios no uso da língua indígena no contexto universitário.
- Expectativas sobre o impacto do Proflind nas comunidades indígenas.

**Aplicação da Análise do Discurso:** Com base nas tradições francesa (Michel Pêcheux) e estadunidense (Norman Fairclough) da Análise do Discurso, foram examinados tanto os conteúdos explícitos quanto os sentidos subjacentes dos discursos, explorando as formações discursivas e as condições históricas, culturais e sociais que moldaram as falas dos participantes.

**Método de Explicitação do Discurso Subjacente:** foi empregado para revelar os discursos latentes presentes nas falas dos entrevistados, possibilitando a identificação de influências ideológicas, culturais e linguísticas que permeiam o discurso sobre a preservação das línguas indígenas.

**Análise comparativa:** Na fase final, foi feita uma análise comparativa entre as falas dos participantes, com o objetivo de identificar similaridades e diferenças nas percepções sobre o curso e sobre a valorização das línguas indígenas. Essa etapa forneceu entendimentos sobre as particularidades discursivas de cada etnia e as dinâmicas sociais que influenciam suas experiências acadêmicas.

Para garantir a confiabilidade dos resultados, foi utilizado o método de triangulação. Entende-se a triangulação como um procedimento que combina diferentes métodos de coleta de dados, distintas populações (ou amostras), diferentes perspectivas teóricas e diferentes momentos no tempo, para consolidar suas conclusões a respeito do fenômeno que está sendo investigado. Existem diversos tipos de triangulação, mas, de modo geral, segue-se a classificação de Denzin (2005, p. 1- 32) que distinguiu a triangulação de dados, da teoria, de investigadores e metodológica, posteriormente ampliada e explicada por diferentes autores.

A pesquisa envolveu a comparação entre os dados obtidos nas entrevistas, a literatura relevante sobre o tema e os documentos institucionais do Proflind. Esse processo ajudou a fortalecer as interpretações e a assegurar a coerência da análise.

Esses procedimentos visaram garantir uma coleta de dados precisa e uma análise discursiva robusta, de modo a produzir resultados significativos sobre as percepções e experiências dos egressos do Proflind em relação à preservação e valorização das línguas indígenas no contexto da educação superior.

#### **4.6 Coleta de dados**

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, considerando a natureza qualitativa da pesquisa e o objetivo de captar as percepções dos participantes sobre a experiência acadêmica no Proflind e a valorização das línguas indígenas. Esse método foi escolhido por permitir maior flexibilidade nas respostas e a exploração de temas emergentes durante as conversas.

##### **1. Tipo de Dados Coletados**

Os dados coletados consistiram principalmente em narrativas orais dos participantes, que incluíam:

- Percepções sobre o Proflind: experiências pessoais e acadêmicas, desafios enfrentados, e o impacto do curso na vida profissional e nas suas comunidades indígenas.

- Reflexões sobre a língua indígena: a importância da preservação da língua no contexto universitário e a valorização das línguas indígenas dentro e fora do curso.
- Expectativas e impactos: como os participantes veem o papel do curso na promoção e preservação das línguas e culturas indígenas.

Esses dados são ricos em significados e fornecem uma visão detalhada dos fenômenos investigados, especialmente no que se refere à relação entre a academia e a preservação das línguas indígenas.

#### **4.7 Instrumentos de coleta**

Para a coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos:

- Roteiro de entrevista semiestruturada: O roteiro foi elaborado com base nos objetivos da pesquisa, contendo perguntas abertas que permitiam aos entrevistados discorrerem sobre os temas principais, como suas experiências no Profillind e a preservação da língua indígena. O caráter semiestruturado possibilitou que a pesquisadora fizesse perguntas adicionais conforme necessário, estimulando discussões mais profundas sobre tópicos emergentes.
- Gravadores de áudio: Para garantir a precisão no registro das falas dos entrevistados, foram utilizados gravadores de alta qualidade. As gravações foram transcritas posteriormente para análise.

#### 4.8 Transcrição e codificação das entrevistas

Uma vez transcritos, os dados foram submetidos a um processo de codificação. Nesse estágio, foi realizada uma leitura minuciosa das transcrições, com o objetivo de identificar temas, padrões discursivos, e recorrências nas falas dos participantes, que envolveu: Codificação aberta, na qual foram identificados os principais temas emergentes dos discursos, tais como “valorização da língua indígena”, “desafios no ambiente acadêmico”, “impacto do Proflind nas comunidades”, e “preservação cultural”. A Codificação axial: Posteriormente, as categorias identificadas na codificação aberta foram refinadas, estabelecendo relações entre temas e subtemas, como a relação entre “língua indígena” e “políticas de inclusão no ensino superior”, ou entre “identidade cultural” e “experiências acadêmicas”. A Codificação seletiva: Na fase final, foram destacadas as categorias mais significativas para a pesquisa, que seriam aprofundadas na análise.

A partir da codificação, os dados foram organizados em categorias temáticas, que serviram como base para a análise. As categorias foram agrupadas em torno de três eixos principais:

1. Experiências acadêmicas: Refletindo sobre como os participantes vivenciaram o Proflind, seus desafios e oportunidades.
2. Valorização e preservação das línguas indígenas: Exploração dos discursos sobre a importância de preservar as línguas indígenas e como o curso contribuiu para essa valorização.
3. Impacto social e comunitário: Envolvendo as percepções dos participantes sobre como os conhecimentos adquiridos no Proflind impactam suas comunidades indígenas.

## 5. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

### 5.1 Análise da entrevista do Participante Entrevistado 1 (PE1)

A entrevista consiste de uma interação com um aluno egresso do sexo masculino do grupo Kayapó, com 57 anos, residente na Aldeia Koroti, que concluiu o curso de mestrado em 2019 e defendeu sua dissertação na linha de pesquisa Língua, Cultura e Sociedade.

Os Kaypós são falantes do Mebêngokré, língua Macro-Jê cooficial com o português no município de São Félix do Xingu desde 2019 pela Lei n. 571/2019. Esse aluno egresso passará a ser identificado como PE1 (Participante Entrevistado 1) em nosso trabalho.

Na análise da primeira entrevista com o egresso da turma 1, surgem imersões profundas acerca da experiência educacional do participante e as implicações para a educação indígena. Esses temas são fundamentais para compreender tanto o impacto do Programa de Formação quanto os desafios persistentes enfrentados na educação das comunidades indígenas. A presença desses temas na fala do entrevistado mostra a importância que possuem para si e para a comunidade a qual pertence.

No contexto da Análise do Discurso, a entrevista com o Participante 1, um indígena da etnia Mebêngokré, oferece uma oportunidade única para explorar como suas falas revelam questões profundas e estruturais sobre educação, multilinguismo e identidade cultural. Seu discurso é uma narrativa complexa e significativa, que reflete não apenas sua trajetória educacional, mas também os desafios socioculturais e linguísticos que enfrenta no processo de formação e inserção no mundo acadêmico.

A partir de suas falas vão se desvelando significados profundos através da análise crítica do discurso ao examinar não apenas o conteúdo do que foi dito, mas também a forma como o discurso é estruturado linguisticamente, nos permitindo discernir as temáticas de identidade, resistência, educação e as particularidades culturais que permeiam a sua fala.

A narrativa do PE1 é atravessada pela experiência do multilinguismo, um tema recorrente em suas falas onde o discurso é relatado como reflexo de identidade e

Multilinguismo. O multilinguismo aparece não apenas como uma habilidade, mas como um espaço de interação intercultural entre diferentes etnias, onde o aprendizado vai além da linguagem e abrange práticas culturais. A fala "*Eu ensinava o Mebêngokré e eles me ensinavam o Ticuna*", revela, discursivamente, como o uso da língua se transforma em um ato de fortalecimento identitário e de troca de saberes entre povos indígenas. Essa fala é produzida em um contexto de conversação entre o PE1 e seus colegas da etnia Ticuna, língua isolada em família, falada no Brasil, Colômbia, Peru.

Linguisticamente, as escolhas do PE1 revelam muito sobre o significado subjacente em seu discurso, ele utiliza construções simples e diretas, como: "*eu ensinava*" e "*eles me ensinavam*", ressalta a reciprocidade presente no processo de aprendizagem, em que o sujeito se coloca em uma posição de compartilhamento e recepção. O discurso aqui reflete uma integração dinâmica e fluída entre linguagens e culturas, construindo um espaço de valorização da diversidade. Esse tipo de interação revela o papel que o Proflind tem na promoção de um ambiente onde o multilinguismo é entendido como riqueza e não como barreira.

O uso do vocabulário empregado pelo PE1 é muito significativo, pois reflete a diversidade linguística e cultural em sua fala. O emprego da expressão como "caciques", além de palavras que fazem alusão a rituais e práticas culturais de seu povo, como "rito do marimbondo", destaca a busca de reconhecimento da identidade indígena no contexto contemporâneo.

A análise da transitividade das frases revela em sua narrativa um agente sujeito a mudanças impostas pela vida. A expressão "eu fui apresentado a uma madrinha" mostra como esse sujeito se envolve em sua trajetória, ao mesmo tempo em que reflete sobre as mudanças que ocorreram em sua vida. A passagem de um contexto de aldeia para a cidade é afirmada por meio da transitividade verbal, que indica não apenas movimento físico, mas também deslocamento cultural e identitário. Este percurso é refletido nas estratégias argumentativas que apresenta quando discute sua formação acadêmica e sua experiência no setor educacional, evidenciando não apenas sua trajetória pessoal, mas sua luta por reconhecimento e valorização da cultura indígena.

Apesar da firmeza de suas opiniões, as contradições emergem no relato, em que se pode perceber uma tensão entre a busca por educação e a preservação da cultura. Essa tensão entre a tradição e modernidade está presente na fala do PE1 sobre a perda do sotaque indígena. A discussão sobre a perda do sotaque indígena é

um microcosmo da luta entre tradição e modernidade, onde as comunidades indígenas buscam equilibrar a preservação de sua identidade cultural com as pressões e oportunidades do mundo contemporâneo. Essa tensão não é apenas um desafio, mas também uma oportunidade de reflexão sobre o que significa ser indígena na modernidade e como as culturas podem se transformar e se adaptar sem perder sua essência. No excerto: “Eu perdi um pouco sotaque, porque a minha madrinha quando ela estava comigo, em torno de uns três, quatro anos que a gente morava junto, ela colocou pra mim três professoras português, e que não era pra mim falar com sotaque indígena não ((expressão de tristeza)). E aí acabou o sotaque indígena. E aí foi... a gente vai perdendo devido a convivência com o pessoal a gente vai perdendo um pouquinho”. O resultado das imposições educacionais se contrapõe à valorização da língua materna e da identidade cultural. Além disso, a negação do passado, em momentos que enfatizam o contraste entre tradições e a modernidade: “Hoje a gente já não vê mais. Isso aqui ((aponta para o aparelho celular)) invadiu as aldeias. Acabou-se ((indignação)). Hoje você vê indígena novo que não quer saber de nada, não quer dançar, não quer se pintar não quer escutar, só quer andar de calça apertada, esse negócio todo. É outra figura praticamente”, ressoa a luta interna entre o desejo de progresso. O termo "progresso" aqui vai além da mera adoção de novos estilos de vida; ele implica uma reflexão crítica sobre valores, identidade e a complexa dinâmica entre tradição e inovação.

O progresso, nesse contexto, pode ser compreendido como um movimento que busca a melhoria e o desenvolvimento, mas que também traz à tona questões profundas sobre a erosão das identidades culturais. A busca por progresso pode, em certas situações, resultar na perda de elementos essenciais da cultura indígena, levantando a necessidade urgente de equilibrar a modernização com a preservação das tradições. Essa é uma questão que merece ser explorada com sensibilidade e respeito, dando voz às próprias comunidades indígenas, que possuem experiências únicas e perspectivas valiosas sobre como navegar esse delicado equilíbrio entre o antigo e o novo, entre o que se considera avanço e a manutenção da identidade cultural.

A partir da análise dos dados fornecidos nas falas do PE1, podemos identificar que a coesão textualmente se estabelece por repetições e conexões que reforçam a continuidade do discurso. As interjeições (“eh”, “ih”) expressas em: “Eu me chamo Fulano, ih sou da etnia Kayapó, nascido em uma aldeia chamada Koroti... eh

((interjeição: expressão de pensamento))...subindo o rio Fresco...ih ((interjeição de continuidade)) ao passar dos 13 para 14 anos...” e em: “Então, eh...a gente tem um pouco de di...di...paciência, porque trabaiá com os indígenas não é fácil é uma exigência muito grande...”, esse trecho da fala reflete uma série de nuances que são importantes para entender a complexidade da comunicação sobre questões indígenas. A hesitação presente nas pausas ("eh...", "di...di...") e a escolha das palavras que indicam uma "exigência muito grande" sugerem um desafio pessoal do PE1 em se expressar, mas também um reconhecimento das dificuldades intrínsecas ao trabalho com comunidades indígenas.

Essas pausas podem indicar uma reflexão profunda sobre o tema, sinalizando que o entrevistado está consciente da sensibilidade e da importância do que está sendo discutido. Isso pode ser interpretado como um sinal de respeito pela cultura indígena e pela necessidade de abordar o tema com cuidado, principalmente em um contexto que pode ser hostil ou indiferente.

Além disso, a expressão "não é fácil" comunica uma realidade que muitas vezes é subestimada por aqueles que não têm experiência direta com essas comunidades. A frase sugere que trabalhar com indígenas exige mais do que apenas conhecimentos técnicos; requer empatia, paciência e, possivelmente, um entendimento das dinâmicas históricas e sociais que cercam essas populações.

A dificuldade em articular essas ideias pode espelhar um contexto mais amplo em que as vozes indígenas são frequentemente marginalizadas ou deslegitimadas. O falante, ao hesitar, pode estar também sinalizando a pressão social e cultural que existe ao abordar temas que envolvem identidade, direitos e a própria sobrevivência das culturas indígenas.

Portanto, essa fala não é apenas uma comunicação de um desafio é uma representação de um espaço de diálogo que é necessário, embora muitas vezes carregado de complexidades e tensões. A hesitação pode ser vista como um convite à reflexão e à conscientização sobre a necessidade de um diálogo respeitoso e informado sobre as realidades indígenas.

Adicionalmente, a utilização de formas coloquiais de linguagem, como "*tipo assim*", demonstra a apropriação de uma linguagem popular que se mescla às tradições, sugerindo uma tentativa de dialogar com diferentes públicos.

O PE1 faz uso de quantificadores como “muitos indígenas” e “alguns” sugerindo uma tentativa de generalizar sua experiência enquanto ainda respeita a diversidade

das vivências indígenas. Este movimento intersubjetivo demonstra uma consciência da pluralidade das experiências indígenas, ao mesmo tempo em que busca construir uma narrativa que represente muitos e não apenas o singular. Assim, a subjetividade expressa em sua fala reflete tanto a sua trajetória individual quanto a de seu povo.

Aqui cabe sinalizar o trabalho de Fairclough que utiliza a Teoria Social do Discurso para enfatizar a escolha de certos termos que podem indicar relações de poder e processos sociais subjacentes. No discurso do PE1, o uso do condicional em "se eu puder incentivar os meus colegas", revela uma posição de liderança emergente e o desejo de usar sua experiência educacional como ferramenta de transformação social.

As repetições de ideias, como a importância da língua e a luta contra o preconceito, ecoam em todo o relato principalmente quando o entrevistado conta sobre as interações em sala de aula no Profllind: "E assim, quando a gente estava no dia a dia eles contavam muita coisa deles e eu contava da minha e a gente trocava ideias. Eu acho então que seria...seria, não, tem que ser assim.", reforçando a urgência de sua mensagem. A modalização, tanto epistêmica quanto deôntica, se torna visível através de expressões que implicam certeza e necessidade, como "tem que ser" e "o pessoal tem que fiscalizar", o que evidencia a sua reivindicação de direitos e visibilidade dentro das estruturas sociais e educacionais.

Esse uso demonstra também, a modéstia e cautela diante da complexidade das realidades indígenas, evidenciando o papel central da educação na construção de novas identidades.

O impacto da educação em sua trajetória é outro elemento central no discurso do PE1. Ao destacar a diferença que o diploma de mestrado trouxe para sua vida — "com certeza vai fazer toda a diferença pra mim" —, ele utiliza uma estrutura discursiva que evidencia a transformação de sua identidade social e profissional. A educação, no discurso do PE1, é um agente de empoderamento que possibilita a afirmação de sua identidade como educador indígena e agente de mudança em sua comunidade.

Linguisticamente, o uso de expressões afirmativas como "*vai fazer toda a diferença*" sugere uma projeção otimista e transformadora da educação. A escolha de tempos verbais no futuro reforça a ideia de que a educação não apenas modifica o presente, mas também estrutura o futuro, criando possibilidades para o PE1 e sua comunidade. O discurso, assim, constrói uma relação entre o sujeito e seu papel de liderança na preservação da cultura indígena por meio da educação formal.

Outro aspecto central do discurso do PE1 é a luta pela preservação cultural, especialmente no que diz respeito à inclusão de uma língua indígena no currículo escolar como ocorreu com o Mebêngôkre. O discurso sobre a aprovação da lei que inclui a língua indígena no currículo revela uma postura de resistência ativa e de reivindicação de direitos: "Foi aprovada uma lei aí agora, que é para ir para o currículo da língua... Agora é só passar adiante o Conselho do Estado e inserir no currículo." Essa fala expressa uma expectativa de reconhecimento formal da língua e, ao mesmo tempo, aponta para os desafios burocráticos e institucionais envolvidos nesse processo.

O uso do verbo "inserir" é significativo, pois sugere um movimento de inclusão e pertencimento que está em construção. O discurso aqui reflete uma busca por validação oficial da língua indígena dentro dos espaços de poder, como o sistema educacional, revelando o papel ativo que o PE1 assume como agente de preservação de sua cultura. A utilização de termos que remetem a processos formais, como "lei" e "currículo", posiciona o discurso em um contexto de luta por reconhecimento institucional.

A análise linguística revela que o discurso do PE1 vai além de uma simples narração de sua experiência pessoal. As estruturas e escolhas verbais indicam um posicionamento social e político mais amplo, refletindo as lutas coletivas por reconhecimento e direitos. Ao relatar suas experiências de discriminação, expõe as marcas do preconceito nas experiências que ele enfrenta desde a infância. Nos episódios — "O colega chegava e puxava à cadeira pra lá... eu pensava que o colega não gostava de mim" —, o uso de construções descritivas e do pretérito reforça esses sentimentos de exclusão vivenciados por ele no passado, mas também aponta para uma superação e ressignificação dessas experiências através do processo educacional.

De acordo com as ideias de Leonardo Vichi as escolhas linguísticas podem construir identidades e relações de poder, e, no caso do PE1, o uso de frases simples e descritivas constrói uma narrativa onde ele emerge como um agente de resistência, não apenas denunciando o preconceito, mas também articulando um futuro de maior reconhecimento cultural e social.

A análise linguística mostra que o uso de frases curtas e simples reflete a dificuldade em expressar a complexidade do sentimento de exclusão. No entanto, ao verbalizar essas experiências, o PE1 ressignifica sua trajetória, transformando o

discurso de dor em uma denúncia contra o preconceito enfrentado pelos povos indígenas. Esse processo discursivo contribui para dar visibilidade a uma realidade social de discriminação e marginalização que ainda persiste.

Dessa forma, o discurso do PE1 enfatiza a educação como um caminho de resistência e transformação, tanto pessoal quanto coletiva. Ele conclui sua fala com expressões de esperança e continuidade, mostrando seu desejo de seguir seus estudos e incentivar outros indígenas a fazerem o mesmo: "Se eu puder incentivar os meus colegas pro curso eu vou incentivar." Aqui, o discurso se transforma em uma ação de fortalecimento comunitário, em que a educação é vista como uma ferramenta para autonomia e preservação cultural.

Linguisticamente, o uso do condicional "se eu puder" junto ao verbo "incentivar" revela uma disposição proativa para transformar sua experiência pessoal em um exemplo para outros. O discurso adota uma postura de liderança, em que o PE1 assume o papel de facilitador do acesso ao conhecimento para sua comunidade. A educação, nesse caso, é tanto um direito quanto um dever, configurando-se como uma forma de resistência cultural e promoção da autonomia indígena.

A análise do discurso do PE1 revela uma complexa interação entre temas de educação, multilinguismo, preconceito e preservação cultural. O uso da linguagem constrói uma narrativa de resistência e transformação, onde a educação desempenha um papel central na construção de uma identidade indígena que navega entre o tradicional e o moderno. O discurso não apenas reflete os desafios enfrentados, mas também oferece uma visão de futuro, em que a educação e o reconhecimento cultural são vistos como caminhos para a emancipação e o fortalecimento dos povos indígenas.

A Análise do Discurso do PE1, como vimos os princípios de interpretação temática e linguística de Leonardo Vichi, revela uma narrativa complexa e multifacetada, em que a educação, o multilinguismo e a preservação cultural se entrelaçam com temas de resistência e transformação. As escolhas linguísticas — como o uso de construções simples, tempos verbais no futuro e termos relacionados à inclusão e ao reconhecimento institucional — revelam não apenas a experiência individual do PE1, mas também os desafios e as aspirações coletivas de sua comunidade indígena. A educação, em seu discurso, emerge como um espaço de luta e de possibilidade, em que o presente é reconfigurado e o futuro é projetado como um caminho de emancipação cultural.

## 5.2 Análise da entrevista do Participante Entrevistado 2 (PE2)

A presente entrevista estabelece uma interação com uma aluna egressa do sexo feminino, integrante do grupo indígena Baré encontrado no município de São Gabriel da Cachoeira, localizado no estado do Amazonas. A entrevistada, com 55 anos de idade, concluiu seu mestrado na linha de pesquisa Língua, Cultura e Sociedade, tendo defendido sua dissertação em 2022.

Os indígenas Baré, também conhecidos como Werekena ou (ou Warekena), possuem uma habitação predominante às margens do Rio Xié e na parte superior do Rio Negro. A migração forçada desses grupos para tais regiões é um fenômeno que remonta ao contato com não-indígenas, cuja história é permeada por conflitos, exploração e práticas de trabalho extrativista.

Os Baré pertencem à família linguística Aruak e, atualmente, utilizam o Nheengatu como língua franca, a qual se disseminou ao longo do tempo, especialmente durante o período colonial, com a influência dos Carmelitas. Esse grupo insere-se na área cultural denominada Noroeste Amazônico<sup>1</sup>.

Para fins de análise e identificação na presente pesquisa, a aluna egressa será referida como PE2 (Participante Entrevistado 2). A análise da entrevista da PE2 visa elucidar o sentido do que é dito por ela. Para tanto, utilizamos os pressupostos das diferentes abordagens do discurso apresentadas neste trabalho.

A Análise Crítica do Discurso realizada sobre o relato apresentado pela PE2, revela diversas camadas de significado e construção de sentido, destacando não apenas a temática da educação indígena e o papel da língua e da cultura, mas também a construção identitária e a luta contra preconceitos, refletindo as vivências de uma educadora indígena rica em significados e nuances.

A experiência da PE2 de trabalhar com multilinguismo na prática educativa ressaltando a importância de considerar a língua e a cultura da comunidade indígena no processo de ensino-aprendizagem é demonstrada em sua fala: "Eu me vi numa necessidade de buscar conhecimento, teoricamente eu estava aprendendo, né? Começando uma nova... sendo professora, mas tendo uma nova experiência, né? De

---

1 Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bar%C3%A9>. Acesso em: 11 set. 2024.

trabalhar com professores na formação. A gente como professor tem muito esse compromisso, né? De como trabalhar a aprendizagem indígena em comunidade indígena, né? Principalmente em escolas onde o aluno professor é falante indígena.". O emprego do operador discursivo "né" reflete a preocupação da PE2 de que sua fala seja entendida pelo seu interlocutor que tem sua atenção ao que é dito testada.

Nesses contextos multilíngues o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS), abordado em nossa pesquisa pôde beneficiar significativamente a investigação mais profunda dos significados implícitos nas falas da PE2. Seu benefício pode ser observado especialmente em contextos em que a língua e a cultura são os elementos fundamentais citados para a construção da identidade e da experiência sociocultural.

No trecho mencionado acima sobre a experiência da PE2, utilizamos o MEDS para desvendar as camadas de significado que permeiam suas palavras. A sua afirmação sobre a necessidade de buscar conhecimento reflete não apenas uma busca pessoal por aprimoramento, mas também um reconhecimento do seu papel social e educacional dentro da comunidade indígena.

Revela uma intenção que vai além da simples transmissão de conteúdo; trata-se de uma adaptação às realidades e saberes locais, respeitando e valorizando a cultura indígena. Isso é relatado na experiência do multilinguismo pela PE2, quando reconhece a importância da língua: "percebi a importância desse contato da língua de um povo, dentro da escola, porque os meus alunos eram falantes da língua Ticuna e muitas vezes eles tinham dificuldade de... de dialogar com os professores, né?" Essa barreira linguística não apenas afeta a comunicação, mas também impacta a autoestima dos alunos e a sua conexão com o ambiente escolar. Ao promover a inclusão da língua materna no cotidiano escolar, a PE2 busca fortalecer a identidade cultural dos alunos, criando um espaço onde suas vozes são ouvidas e respeitadas.

Além disso, a valorização das línguas indígenas nas salas de aula proporciona uma oportunidade de intercâmbio cultural, em que os professores também se tornam aprendizes, reconhecendo o rico patrimônio linguístico e cultural que cada aluno traz consigo. Essa troca de saberes permite que a educação seja mais significativa, pois se alicerça na realidade dos estudantes e no reconhecimento de suas vivências.

Assim, trabalhar a aprendizagem indígena em comunidade não é apenas uma questão pedagógica, mas um compromisso ético de respeitar e integrar as particularidades culturais no processo educacional, promovendo uma educação

verdadeiramente inclusiva que valoriza a diversidade e promove o respeito mútuo entre diferentes saberes e linguagens. É nesse espaço de diálogo e troca que se constrói uma educação mais justa e equitativa, favorecendo não apenas o aprendizado de conteúdos, mas o desenvolvimento integral dos alunos enquanto cidadãos plenos e conscientes de sua identidade.

As palavras escolhidas pela PE2, como “preconceito”, “cultura”, “educação” e “linguagem”, carregam uma carga simbólica que demonstra uma luta contra estigmas e a busca por reconhecimento e afirmação de sua identidade. Ao destacar esses termos, a PE2 não apenas descreve o contexto em que atua, mas também mobiliza uma crítica social que está impregnada em suas experiências e vivências. Isso é particularmente relevante em um ensino que se propõe a ser inclusivo e sensível às diferenças culturais.

E, assim, ao aplicar o MEDS à Análise do Discurso da PE2, torna-se possível evidenciar as dimensões mais sutis das suas falas, revelando como a linguagem e a cultura interagem na formação de experiências educacionais multilíngues. Tal análise não apenas enriquece a compreensão do contexto educacional em que a PE2 está inserida, mas também destaca a importância de integrar a cultura e a língua das comunidades indígenas em práticas discursivas e visam à inclusão e à valorização da diversidade cultural.

A aplicação do MEDS nesta análise fomenta um espaço de diálogo e reflexão sobre as práticas educativas que buscam respeitar e celebrar as identidades plurais em diversos contextos.

Linguisticamente, a transitividade e o tema abordado nas frases, em que o foco oscila entre as ações da protagonista e as da comunidade que a PE2 representa, destacam a relação interdependente entre formação pessoal e necessidades coletivas. A coesão textual se dá por meio de referências contínuas à sua realidade e à necessidade de se discutir a presença indígena na educação formal, mostrando não apenas um relato individual, mas um eco de uma voz coletiva.

As repetições temáticas, como as menções ao “preconceito” e à “importância da língua”, revelam uma insistência em estabelecer a urgência da discussão e do respeito às culturas indígenas, enquanto as hesitações na fala e as pausas longas desenham um espaço emocional, que transmite a carga afetiva e subjetiva que tais tópicos carregam.

O uso do pronome “eu” na fala da PE2 como em: “É:: mais aí eu comecei a perceber a importância desse contato da língua de um povo...”; “Essa foi a razão que eu vim pra... pro...pra capital Manaus ((meio confusa))”, pode indicar uma busca por afirmar uma identidade que é intrinsecamente ligada à sua cultura e à sua comunidade, ressaltando o caráter subjetivo e a primeira pessoa da narrativa.

De acordo com Pêcheux, em sua *Análise do Discurso a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas um espaço de construção de sentidos que é ironicamente imposto subjetivamente por relações de poder*. Nesse sentido, a PE2 não descreve e contesta um sistema que marginaliza sua cultura e os saberes indígenas. Sua fala pode ser vista como uma forma de resistência contra as narrativas dominantes que frequentemente inexistem na representação da cultura indígena. Essa narrativa ressalta a importância de dar voz aos próprios indígenas na construção de suas histórias. Isso implica reconhecer e valorizar suas experiências, perspectivas e histórias de vida, criando assim um espaço mais inclusivo e plural na narrativa cultural mais ampla. Essa mudança é fundamental para promover uma compreensão mais rica e diversificada da sociedade como um todo, que abraça a multiplicidade de identidades e experiências que a compõem.

Os adjetivos e substantivos comuns a um determinado campo semântico, como “gerência”, “material didático” e “formação de professores indígenas”, ancoram o discurso na prática educacional, permitindo que o discurso autobiográfico se entrelace com uma análise crítica sobre as políticas de educação e os dois emergem em sua narrativa ao descrever o desafio contínuo do preconceito frente ao crescimento da consciência sobre a necessidade de inclusão dos saberes indígenas.

As modalizações autonímicas encontradas na fala da PE2 como: “eu percebi uma necessidade de eu saber mais para poder ajudar”, destacam a autoconsciência e o desejo de autodesenvolvimento, enquanto a modalização epistêmica se revela nas expressões de incerteza e questionamento sobre a eficácia das políticas públicas em proteger a cultura e identidade indígena. A negação aparece velada, quando menciona a falta de oportunidades de discutir a cultura dentro do ambiente escolar, revelando um espaço de invisibilidade social e educacional.

No contexto linguístico, um aspecto relevante em sua fala é a repetição de expressões como “importância da língua” e “preconceito entre indígenas e não-indígenas” que aponta para a centralidade dessas questões na narrativa, reforçando a urgência do debate sobre a educação dos povos originários.

As hesitações e marcadores como "ih...", "né..." presentes no discurso mostram um fluxo de pensamento que pode refletir a emoção da narradora e a dificuldade de lidar com temas sensíveis, evidenciando a complexidade emocional da sua experiência.

Adjetivos como “excepcional”, “importante” e “fortalecido” associados à educação e à formação docente mostram um valor positivo de sua trajetória e das mudanças que sucedem nela.

O relato da entrevistada é permeado por contradições na medida em que expressa a luta pela valorização da cultura indígena, ao mesmo tempo que menciona o preconceito e a falta de reconhecimento no ambiente escolar, refletindo tensões e desafios.

As expressões como "eu percebi" e "eu sabia" em sua fala: “... eu percebi uma necessidade de eu saber mais para poder ajudar. Eu sabia o necessário, mas não sabia o essencial, né? Como ajudar os professores durante a formação e como ajudar o formador para ir até aquela comunidade né? ((expressão de questionamentos))”, indicam um grau de certeza pessoal nas observações da narradora registrando a modalização epistêmica no contexto.

A modalização deôntica é apresentada no discurso da PE2 como uma exigência implícita por direitos e políticas públicas que respeitem a cultura e a educação indígena, abrindo-se um espaço para que as vozes indígenas sejam ouvidas e consideradas nas decisões políticas. A ênfase na cultura e na educação implica que estas não são apenas questões acessórias, mas fundamentais para a identidade e autonomia dos povos indígenas, exigindo reconhecimento e respeito por parte de todos.

As emoções como "indignação", "satisfação" e "esperança", manifestam a modalização afetiva da PE2 em seu envolvimento emocional com o tema da educação indígena.

Cabe aqui ressaltarmos também a proposta de Norman Fairclough sobre a Análise Crítica que vincula o discurso à prática social, focando nas relações de poder e ideologia. Na narrativa da PE2, as expressões como “importância da língua” e “necessidade de buscar conhecimento” revelam não apenas uma busca individual por aprimoramento, mas um chamado à ação coletiva para a valorização da cultura indígena. Fairclough enfatiza que o discurso é um componente essencial na construção da realidade social. Deste modo, a linguagem usada pela PE2 serve para

afirmar a presença e a dignidade da sua cultura. O reconhecimento do Nheengatu como língua franca, por exemplo, é uma estratégia que permite a inclusão e a valorização das múltiplas vozes dentro do contexto educacional, desafiando a hegemonia das línguas dominantes que frequentemente negligenciam as línguas minorizadas, o que remete à situação linguística das línguas indígenas no Brasil.

Por sua vez, Leonardo Vichi relata a necessidade de considerar o aspecto emocional e subjetivo da linguagem. A metáfora “luz no fim do túnel”, utilizada pela PE2, serve não apenas como uma figura de esperança, mas como um reflexo da luta contínua por reconhecimento e valorização. Vichi argumenta que as emoções expressas no discurso são fundamentais para a construção dos significados compartilhados.

Quando a entrevistada faz uso linguístico de enunciados assertivos como “a língua indígena é importante” e quase-assertivos quando expressa incerteza, como “ih... eu sabia o necessário, mas não sabia o essencial”, denota uma autopercepção crítica sobre sua formação. Assim, os delimitadores estão presentes na expressão: “em cada município e em cada povo”, enfatizando a diversidade e a especificidade das experiências dos diferentes povos indígenas no Amazonas.

Fairclough argumenta que o discurso não é apenas uma representação, mas um conjunto de práticas sociais que refletem e constroem relações de poder (Fairclough, 1992). Nesse sentido, é fundamental observar o contexto em que a fala é proferida e as intenções comunicativas que permeiam os enunciados.

A participação da PE2 no Profillind é um marco significativo em seu desenvolvimento acadêmico e profissional. A formação proporcionada permite que professores como ela adquiram conhecimentos teóricos e práticos que são diretamente aplicáveis às realidades de suas comunidades.

A frase da PE2, “Eu me vi numa necessidade de buscar conhecimento”, reflete um impulso contínuo para o aprimoramento e enfatiza a responsabilidade social que a educação indígena carrega, um compromisso em trabalhar a aprendizagem indígena de forma sensível e contextualizada. Este trecho demonstra as expectativas e a nova postura da entrevistada após sua participação no Programa de Pós-graduação. Ela mostra um compromisso renovado com sua comunidade e a educação escolar indígena, assim como uma valorização do respeito à cultura e língua indígenas na sociedade.

A Análise do Discurso da PE2 revela a interconexão entre sua formação acadêmica e suas práticas pedagógicas. As referências ao "preconceito", à "cultura" e à "educação" evidenciam como sua formação no Proflind a preparou para lidar com os desafios relacionados à discriminação e à marginalização cultural, utilizando não apenas saberes acadêmicos, mas também o empoderamento identitário.

A conscientização sobre a importância da língua e da cultura local em contextos de ensino torna-se um pilar em sua prática educativa, mostrando que a formação acadêmica recebida é intrinsecamente ligada ao desenvolvimento das comunidades. Quando a PE2 menciona que "todos foram bons instrutores", o reconhecimento do corpo docente como mediadores no processo de aprendizagem reflete a relação colaborativa proposta por Fairclough. Ela enfatiza que o discurso é uma prática social que ajuda a moldar e sustentar as relações sociais (Fairclough, 1992). Assim, essa afirmação não somente elogia a qualidade do ensino no Proflind, mas também sugere que a educação no Programa de Pós-graduação é um espaço de troca, onde os papéis de professor e aluno se entrelaçam, potencializando a construção do conhecimento coletivo. O fortalecimento da missão e conhecimentos adquiridos no Proflind são evidenciados em sua fala: "E eu continuo trabalhando na gerência de educação escolar indígena, agora sim, mais fortalecida com esses conhecimentos que adquiri durante o curso."

As perspectivas depois da conclusão do seu processo de formação no Proflind estão contidas no excerto: "Foi uma experiência maravilhosa", porque a gente conhece... conheceu vários povos aqui, fora da nossa realidade né? Amizades, discussões, teoria dos professores, todos foram bons instrutores, né? Conhecedores da causa... então essa foi uma das necessidades porque eu vim fazer, o canudo para me fortalecer profissionalmente e financeiramente.". A PE2 reflete sobre como o Proflind lhe proporcionou crescimento acadêmico e profissional, além de destacar a importância das relações criadas e do conhecimento adquirido no contexto do curso de mestrado, demonstra também um caminho de realização pessoal que, ao mesmo tempo, se entrelaça com a esperança de propagar conhecimentos e práticas inclusivas.

A conexão entre formação teórica e prática educativa se torna um ponto central em seu discurso, expressando que a educação não é uma conquista isolada, mas um passo significativo rumo ao fortalecimento da cultura indígena e à promoção de uma sociedade mais justa e respeitosa. A sua mensagem: "Então não se vence nada com

facilidade, sempre tem obstáculos e aqui estou com o meu diploma ((segura o diploma para a câmera)) de volta para o Amazonas, que eu vim buscar aqui ((expressão de orgulho e satisfação))”, busca incentivar os colegas no processo de aprendizagem. Essa fala, repetida em: “E dizer para os colegas que estão cursando que aprendam ((conselho)). Você está no processo de aprendizagem. Leve essa ideia para quem precisa, né? E a língua indígena é importante para nós povos indígenas falantes e para os que não falam, que tenham respeito por nós que estamos presente na sociedade brasileira ((orgulho)). Obrigada ((expressão de felicidade)).”, ecoa como um chamado à valorização e à preservação das línguas e culturas indígenas, ressaltando a importância do reconhecimento mútuo dentro da sociedade brasileira. Além disso, evidencia um aspecto afetivo que transcende a mera descrição de uma vivência.

Essa conexão emocional está em alinhamento com a perspectiva de Fairclough sobre a importância do contexto social e cultural na Análise do Discurso, pois revela uma construção de sentido que se remete à valorização das experiências coletivas e, portanto, ao fortalecimento da identidade cultural (Fairclough, 2003). A expressão indica que as experiências formativas não são apenas individuais, mas inseridas em um contexto social que busca reconhecimento e respeito pela diversidade cultural.

A PE2 aborda o preconceito entre indígenas e não-indígenas como uma questão complexa que permeia muitos aspectos da vida cotidiana, especialmente nas instituições de ensino, como mostra o excerto: "A gente ainda observa esse preconceito dentro dessas escolas, né?". Dessa forma, muitas vezes, os alunos indígenas enfrentam estigmas e estereótipos que afetam seu desempenho e autoestima. Muitas vezes, eles são vistos como 'diferentes' ou 'outros', o que pode resultar em exclusão social e acadêmica.

Além disso, a entrevista com a PE2 nos leva a pensar sobre a falta de compreensão sobre a cultura indígena por parte de alguns educadores e alunos, o que contribui para a perpetuação do preconceito. Há uma necessidade urgente de promover o diálogo intercultural e de implementar currículos que valorizem e respeitem a diversidade cultural. Atividades interculturais, que envolvem a troca de experiências, história e tradições indígenas, podem ajudar a desmistificar preconceitos e promover um ambiente escolar mais inclusivo.

É fundamental que os educadores tenham formação adequada para lidar com essas questões e que as políticas públicas voltadas para a educação indígena sejam efetivas e respeitadoras das especificidades dessas comunidades. Somente assim

poderemos construir uma sociedade mais justa e igualitária, onde a diversidade seja valorizada e respeitada em todos os espaços, especialmente nas escolas.

A referência à pluralidade cultural e ao reconhecimento de “vários povos” configura uma rede de significados que promove o diálogo intercultural. Fairclough (1995) sugere que, em contextos semelhantes, os discursos podem atuar como práticas de inclusão ou exclusão, e a fala da PE2, ao valorizar a alteridade, pode ser interpretada como uma prática inclusiva que amplia a compreensão de pertencimento e diversidade dentro do espaço acadêmico.

A perspectiva de que a busca pelo "canudo" é um meio de fortalecimento profissional e financeiro, alinhada à ideia de realização pessoal, pode ser vista através da lente de Fairclough, que discute como o discurso pode servir tanto a objetivos individuais quanto coletivos. Essa dualidade ressoa com as noções de empoderamento e a luta por reconhecimento cultural, em que a educação se configura como um vetor de transformação social.

A noção de que a educação é "um passo significativo rumo ao fortalecimento da cultura indígena" é uma afirmação poderosa que, como Fairclough exemplifica, o discurso pode funcionar como um ato político (Fairclough, 2003). A educação se torna não apenas um mecanismo de ascensão individual, mas um compromisso com a revitalização e resistência cultural, fundamental para que as identidades indígenas sejam ressaltadas em um contexto que frequentemente marginaliza essas vozes.

A aplicação do Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS) nesse contexto, nos permitiu, ao analisar a fala da PE2, evidenciar uma trajetória mais do que individual; revela um eco de uma voz coletiva que busca ressignificar a presença indígena na educação formal. As hesitações em sua fala, como indicativo de reflexões profundas sobre sua trajetória, ressaltam a carga emocional e afetiva ligada à sua experiência, um aspecto essencial na formação e prática de educadores que atuam em condições de marginalização social de indivíduos ou grupos.

Sua mensagem de cooperação e incentivo aos colegas, além de reforçar a ideia de comunidade, destaca a necessidade de um esforço conjunto para a valorização das culturas e línguas indígenas. Fairclough afirma que o discurso não é apenas uma representação do mundo, mas também um meio de transformar ações e relações sociais (Fairclough, 1995). Assim, a fala da PE2 se revela como um ato de resistência, promissor no sentido de criar um ambiente mais inclusivo e respeitoso para todos, em especial para imagens de identidades frequentemente silenciadas.

A análise da narrativa da PE2, à luz da Análise Crítica do Discurso, revela uma rica tapeçaria de emoções, experiências e reivindicações identitárias e evidenciam não apenas a experiência multidimensional da entrevistada em relação à educação e à sua formação pessoal e profissional, mas também sua profunda conexão com sua cultura e seus compromissos futuros em promover e respeitar a diversidade linguística e étnica.

Seu testemunho reflete uma trajetória de luta e resiliência, destacando a importância da educação para os povos indígenas, especialmente no que tange à valorização e à preservação das suas línguas e culturas.

Assim o discurso não é apenas um relato da trajetória educacional da entrevistada, mas uma chamada à ação para o reconhecimento e respeito à diversidade cultural indígena, a luta por direitos e a urgência em discutir e valorizar as línguas e culturas dos povos indígenas no contexto educativo brasileiro. É um testemunho da importância da educação como um veículo para a autonomia e o desenvolvimento dos povos indígenas, além de ser um exemplo inspirador de perseverança e compromisso com a cultura e a identidade.

### **5.3 Análise da entrevista do Participante Entrevistado 3 (PE3)**

A presente investigação se fundamenta em uma entrevista realizada com uma aluna egressa, do sexo feminino, não-indígena, com 51 anos de idade. A entrevistada exerceu a função de professora na Aldeia Koroti, localizada no município de São Félix do Xingu, estado do Pará, pertencente ao Grupo Indígena Kayapó. A entrevistada concluiu o curso de Mestrado Profissional em 2019 e defendeu sua dissertação na linha de pesquisa Língua, Cultura e Sociedade.

Como dissemos na seção **5.1 Análise da entrevista do Participante Entrevistado 1 (PE1)**, os indígenas Kaypós são falantes do Mebêngokré língua Macro-Jê cooficial com o português no município de São Félix do Xingu desde 2019 pela Lei n. 571/2019. A referida aluna egressa passará a ser identificada como PE3 (Participante Entrevistado 3) em nosso trabalho.

Dessa forma, ao realizarmos a análise do relato da PE3, que trabalha com a educação indígena dos Kayapó, podemos observar as diversas dimensões da Análise Crítica do Discurso, no contexto apresentado, que nos permitiram a interpretação do conteúdo por meio de diferentes níveis linguísticos e semânticos.

Conforme Pecheux (1988), a linguagem não é um mero veículo de transmissão de informações, mas um espaço de luta e significação. Assim, a análise linguística das falas da entrevistada, por sua vez, apresenta aspectos que enriquecem a compreensão do significado das ideias expressas nas estruturas das frases. A utilização de frases longas e intercaladas revelam a fluência e a familiaridade da educadora com sua linguagem, mas também pode indicar um estilo de comunicação que reflete a oralidade do contexto em que se insere. A repetição de expressões temáticas como "aprendi muito" e "vínculo que não acaba", "aprendizado maravilhoso", "gosto de dar aula", entre outros, pode, segundo Fairclough (2021), servir como estratégias retóricas que intensificam a mensagem e a conectividade emocional entre o falante e o público. As hesitações na fala da PE3 e as pausas longas também revelam um processo reflexivo sobre suas experiências, demonstrando sua emoção ao relembrar vivências significativas.

Ao narrar sua experiência com os Kayapó, inicia um vocabulário que ilustra o seu envolvimento afetivo com a comunidade quando fala: "a vontade de voltar é grande" e a adaptação e aprendizado com a língua indígena: "Quando eu fui, eu não conhecia linguagem indígena nenhuma ... me adaptei tão rápido ... eu fico encabulada como eu me adaptei tão rápido.". Essa sua declaração revela a facilidade de aprendizado da entrevistada, que se adapta rapidamente a novos contextos. O uso do termo "encabulada" indica uma modéstia sobre seu talento para se integrar e aprender línguas. A conversão linguística está presente na estrutura de suas conversas, evocando a interação com outros falantes de diferentes línguas. Vichi (2020) menciona que essa plasticidade da linguagem e a adaptação a novos contextos são fundamentais para o processo de construção identitária em ambientes multiculturais. Isso também destaca as barreiras linguísticas que existem no diálogo entre culturas.

A experiência da PE3 de interagir com os Kayapó abriu espaço para uma nova realidade linguística e cultural para ela, levando-a a valorização da diversidade linguística, social e cultural.

Ela emprega majoritariamente a linguagem coloquial, apresentando uma conexão cultural com o universo indígena, refletindo sua trajetória profissional ao estabelecer um vínculo que vai além da simples relação entre docente e aluno. As escolhas das palavras indicam um envolvimento emocional e social, ressaltado pelo uso de adjetivos e expressões que representam a comunidade em sua fala: "humilde", "pequenas coisas do dia a dia".

A predominância de frases intransitivas confere uma narrativa mais subjetiva. A entrevistada compartilha suas experiências e emoções, focando na sua relação com a educação indígena e na convivência com os Kayapó. Esse enfoque confere um caráter mais pessoal à sua fala, em contraste com uma abordagem formal ou acadêmica.

O Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS) foi utilizado para análise que revelou a espontaneidade do discurso oral da PE3 e constatou muitas interrupções e hesitações em sua fala, como: "porque não é isso que eu quero... Não é isso que eu quero..." ((expressão de nervosismo)); "Que nem a gente trabalhava com crianças... e adolescente que era como se diz..." ((expressão de falta de lembrança da palavra)).

Linguisticamente, os aspectos de modalização autonímica aparecem quando a entrevistada expressa sua vontade e desejo de voltar à aldeia e continuar seu trabalho. Enquanto a modalização epistêmica é evidenciada em afirmações como "eu tenho certeza", que conferem segurança ao seu discurso. A negação, como em "não é isso que eu quero", também aponta para tensões internas em sua jornada profissional e emocional.

Essas marcas na linguagem da PE3 evidenciam o aspecto humano na luta pela linguagem e a tentativa de expressar sentimentos e experiências complexas, denunciando a vulnerabilidade da educadora em um espaço acadêmico e cultural que pode ser percebido como desafiador.

O discurso também é marcado por metáforas que expressam sua vivência e ensinamentos adquiridos nesse contexto. Ao afirmar que "convivendo com eles você deixa de ser orgulhosa e passa a ser humilde", a entrevistada utiliza essa figura de linguagem para encapsular uma transformação interior, sugerindo que a natureza do aprendizado vai além do intelectual; é uma remodelação do eu que ressoa com a ideologia da educação intercultural.

Dessa forma a PE3 acredita que a educação pode transformar vidas e contribuir para o desenvolvimento das comunidades indígenas e menciona a carência de profissionais qualificados, como advogados e médicos, na comunidade Kayapó.

A coesão do relato aparece na forma como a PE3 alterna entre passado e presente, explicitando sua relação contínua com a comunidade e sua paixão pela educação indígena. As repetições temáticas por exemplo, "vínculo", "convívio", "aprendi muito", funcionam não apenas como recursos estilísticos, mas também como sinalizadores da importância do tema para a PE3, mostrando que a experiência educativa é um aprendizado mútuo.

As pausas e hesitações na fala da entrevistada institucionalizam a subjetividade ao falar. Quando diz "no momento eu estou um pouco afastada da aldeia, devido à pandemia", há uma carga emocional implícita, uma saudade que permeia o discurso. Essa emoção é acentuada pelo uso do pronome "eu", que reforça a subjetividade e a personalidade no seu relato. Essa escolha linguística é importante, pois coloca a experiência individual como centro da narrativa, destacando-a como agente do seu processo educativo, ao enfatizar a perspectiva pessoal e emocional da PE3 sobre seu trabalho e os Kayapó.

Os adjetivos utilizados, como "apaixonada", "humilde" e "carente", refletem sua visão positiva sobre os Kayapó e a educação indígena, ao mesmo tempo em que enfatizam a necessidade de recursos e apoio. As contradições surgem quando ela menciona sua vontade de voltar para a aldeia enquanto também expressa sua dificuldade em lidar com a vida fora dela, revelando uma tensão entre seu compromisso e suas circunstâncias pessoais.

Em relação a essa argumentação, a entrevistada também sustenta a necessidade de materiais didáticos adequados para desenvolver o ensino-aprendizagem com os Kayapó, afirmando: "eles são carentes de material didático", sustentando a importância do aprendizado da língua nativa: "Esse é o objetivo que eu sempre foquei ...seria mais fácil se os material viesse voltado para sua etnia com o seu dialeto.". A PE3 enfatiza a importância de materiais didáticos em línguas nativas para viabilizar o aprendizado. Ao afirmar que "eles são carentes de material didático," evidencia a exclusão sociocultural que a comunidade enfrenta. Ela conecta a língua à identidade cultural e propõe que, ao respeitar e incorporar a língua nativa, o ensino se tornaria mais acessível.

Diante desse discurso, nota-se um compromisso com a valorização da cultura indígena uma estratégia crítica que expõe a negligência em relação à educação indígena, refletindo contradições no discurso educacional brasileiro que promulga a inclusão, mas falha em implementar práticas efetivas.

O uso de modalização foi observado quando a PE3 expressa certeza e urgência, como em "precisa do poder público investir mais". Esse uso de modalizadores epistêmicos reforça a convicção em sua argumentação, ao mesmo tempo que sugere uma crítica às instituições que deveriam zelar pela educação indígena, mas falham em cumprir suas promessas.

A PE3 traz o relato de preconceito linguístico e destaca a forma como esse tema é percebido socialmente em diversas situações sendo permeado nas experiências de muitos educadores indígenas. A partir da perspectiva crítica de Norman Fairclough, que destaca a inter-relação entre linguagem, poder e ideologia, é possível compreender melhor as dinâmicas que geram essas experiências.

Ao compartilhar suas vivências que refletem o impacto do preconceito linguístico na trajetória profissional em diversos contextos, a PE3 enfrentou situações que discriminaram sua aparência e seu estilo de vida simples, que foram utilizados como argumentos para questionar a sua competência, a forma como se veste e se comunica, em que varia entre um estilo mais casual e o informal. Esse estilo é muitas vezes interpretado como falta de profissionalismo. Essa avaliação superficial desconsidera a sua formação acadêmica e a experiência acumulada ao longo dos anos.

Esses momentos não são apenas desafios pessoais, mas refletem um preconceito mais amplo enraizado nas normas sociais e linguísticas que muitas vezes determinam quem é considerado "legítimo" no espaço da educação. O discurso que privilegia determinadas formas de comunicação e padrões de aparência não só marginaliza vozes diversas, mas também limita o potencial dos alunos, que ao se sentirem representados por educadores autênticos se tornam mais engajados.

Fairclough nos convida a analisar criticamente essas relações de poder que se manifestam através da linguagem. O preconceito linguístico, portanto, não é apenas uma questão de preferências pessoais, mas sim uma questão de hierarquias sociais que se perpetuam nas interações cotidianas. Questionar essas normas e buscar uma educação inclusiva, que valorize a diversidade de experiências e modos de falar, é fundamental para transformar essa realidade.

A vivência da PE3 com uma população que fala diversas línguas e a sua adaptação rápida à língua Kayapó evidenciaram a complexidade da identidade cultural, refletindo a ideia de que a educação é um processo de troca. A fala "aprendi muito rapidamente" ilustra não só a sua flexibilidade linguística, mas também a absorção e respeito pela cultura local.

A Análise do Discurso nesse contexto foi abordada através de uma narrativa rica e complexa, em que a intersecção entre identidade, cultura e educação é exposta muitas vezes por meio de tensões, e em que as aprendizagens são fundamentais para a compreensão das práticas educativas em contextos indígenas.

Essa análise destaca como a linguagem e as escolhas linguísticas aparecem como instrumentos para expressar uma realidade multifacetada, envolvendo o multilinguismo, a luta pela valorização da cultura indígena, a busca por uma educação verdadeiramente inclusiva e transformadora, e a temática do aprendizado mútuo e do compromisso com as comunidades, refletindo uma perspectiva rica sobre a educação intercultural.

Nesse contexto, enfatizamos a contribuição do Proflind para a sua formação acadêmica e o crescimento profissional, quando manifesta em sua fala: "Com o Mestrado a gente conseguiu ter uma visão ampla de como trabalhar com eles usando só o material didático produzido por nós e por eles dentro da aldeia.". Esta afirmação ilustra como o Proflind, através do Mestrado, possibilitou uma abordagem mais autônoma e contextualizada ao ensino. Assim, a ênfase no trabalho colaborativo apresentada pela PE3 entre o professor e comunidade indígena reflete um modelo educacional que integra as vozes e experiências locais.

A importância da Língua Nativa é apresentada pela PE3 com objetivo da familiarização no contexto educacional, em que ela afirma que: "aprender na língua deles eles têm facilidade.". Essa afirmação propõe a língua como um meio fundamental para o aprendizado e para a construção da identidade, destacando o valor da cultura local na formação educacional.

O seu desenvolvimento e realização pessoais estão presentes na apresentação do seu discurso: "Foi um aprendizado maravilhoso trabalhar com os Kayapó, foi muito, muito bom ... eu sou apaixonada por eles.". A expressividade emocional da PE 3 demonstra o impacto que essa experiência provocou deixando-a realizada e satisfeita. Isso sugere que sua formação acadêmica não foi apenas um meio para uma carreira, mas também uma jornada de crescimento pessoal e emocional.

Suas perspectivas para o futuro aparecem na entrevista: "A vontade de voltar é grande, porque parece que foi um vínculo que criou que não dá mais vontade de sair.". A força desse vínculo com o grupo indígena indica não apenas um desejo de retornar ao trabalho, mas também um reconhecimento do impacto profundo que a convivência com os Kayapó teve em sua vida. Isto sugere que ela vê seu futuro profissional ligado à continuidade desse relacionamento e aprendizado.

No contexto das análises de linguagem e sociedade propostas por Norman Fairclough, podemos interpretar a citação apresentada anteriormente como uma manifestação da interdependência entre identidade, experiência e a construção de significados sociais, revelando uma relação profunda não apenas entre a falante e os Kayapó, mas também refletindo um processo de transformação pessoal que resulta da interação com essa comunidade.

A menção ao "vínculo" sugere um elo que transcende o mero aspecto profissional. Esse laço é construído por meio de experiências compartilhadas, diálogos e trocas culturais que moldam a percepção da pessoa sobre si mesma e seu papel no mundo. Essa forma de interação ressalta a importância da convivência com o próximo, que, neste contexto, não representa apenas os Kayapó como um grupo, mas também um universo simbólico repleto de significados e aprendizados, transformando-se, assim, em uma valiosa experiência de crescimento pessoal. A vontade de retornar indica um desejo de continuidade e uma busca por reconexão com um ambiente que oferece tanto desafios quanto recompensas. Ao efetuar essa escolha, a PE3 não só reafirma o seu compromisso com o trabalho, mas também reconhece que o aprendizado adquirido ao longo dessa convivência é um elemento fundamental na construção de sua identidade profissional futura. Assim, o futuro se apresenta como um espaço de possibilidades que está intrinsecamente ligado ao passado, caracterizando um ciclo de aprendizado contínuo.

Ademais, sob a lente da teoria crítica de Fairclough, essa situação pode ser vista como um reflexo das dinâmicas de poder e saber que permeiam as relações sociais. A prática de voltar e aprender com os Kayapó pode ser entendida como uma contestação às narrativas dominantes que muitas vezes marginalizam as culturas indígenas. A escolha de valorizar essa experiência e a vontade de integrá-la ao seu futuro denota não apenas uma transformação pessoal, mas também uma crítica ao modo como as sociedades ocidentais frequentemente se relaciona com as culturas indígenas.

Dessa forma, a reflexão sobre as perspectivas de futuro e a vontade de retorno não se limitam a aspectos individuais, mas se ampliam para abarcar questões sociais, culturais e de poder, evidenciando a complexidade das interlocuções entre diferentes saberes e a necessidade de uma maior valorização das experiências vividas à luz dessas interações. A construção do futuro, portanto, passa pela valorização do presente e do aprendizado oriundo das relações estabelecidas, fortalecendo laços e promovendo uma visão mais inclusiva e respeitosa do conhecimento.

Assim, ao promovermos uma análise da entrevista-depoimento da PE3 sobre sua vivência com os Kayapó na educação indígena apontamos para uma intersecção entre os desafios individuais enfrentados e os vínculos afetivos que se formam nesse contexto. Linguística e tematicamente, o discurso dela é rico e multifacetado, revelando não apenas as reivindicações por melhorias na educação indígena, mas também a importância de uma abordagem que leve em consideração a cultura e a língua nativa.

O discurso é rico em nuances, refletindo tanto o compromisso da PE3 com a educação indígena quanto suas batalhas pessoais. O uso de recursos linguísticos, como vocabulário coloquial, repetições, e um tom pessoal, cria um espaço de empatia e compreensão, tornando a mensagem poderosa.

Em última análise, a estrutura linguística não apenas transmite informações, mas também evoca emoções e experiências, proporcionando uma visão holística da vida e do trabalho com os povos indígenas. Essa análise ressalta a importância de uma abordagem sensível e culturalmente informada na educação e na documentação das experiências das comunidades indígenas.

#### **5.4 Análise da entrevista do Participante Entrevistado 4 (PE4)**

A presente entrevista tem como fundamento a análise qualitativa do discurso com um aluno egresso do Programa de Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas (Profillind), abordando aspectos relacionados à sua formação acadêmica, à intersecção entre língua, cultura e sociedade e sua experiência com o multilinguismo em sala de aula. O entrevistado, um indígena de 49 anos, pertencente

à etnia Bakairi (família Karibe), originário do Estado de Mato Grosso, concluiu seu mestrado em 2018, defendendo sua dissertação alinhada à Linha de Pesquisa que desenvolve as dinâmicas culturais e linguísticas de sua comunidade. Para fins de análise, doravante ele será referido como PE4.

Durante a entrevista, foram levantados aspectos relevantes sobre a trajetória do entrevistado, bem como sua experiência com o multilinguismo no Proflind e seu crescimento profissional. As perspectivas após a conclusão do curso de Mestrado no Proflind, foram abordadas incluindo suas motivações para a escolha desse mestrado e a relevância de sua pesquisa para a valorização da cultura Bakairi. Seu trabalho acadêmico colaborou para a promoção do reconhecimento e da preservação das práticas linguísticas e culturais do povo indígena Bakairi, além de contribuir para a discussão sobre a identidade e a representação dos povos originários no contexto educacional brasileiro.

A partir dessa perspectiva, a pesquisa busca compreender como a formação acadêmica no Proflind permitiu ao PE4 atuar como um meio de empoderamento e visibilidade para os saberes tradicionais e a cultura indígena na contemporaneidade.

Nesse sentido, é importante observar que os Bakairi são um povo indígena que habita áreas ribeirinhas e florestais, mantendo práticas tradicionais de subsistência e organização social. Os Bakairi, autodenominados Kurâ, têm uma rica herança cultural e uma forte identidade étnica. A palavra Kurâ, que traduzido significa "gente" ou "ser humano", expressa a visão que os Bakairi têm de si mesmos como a verdadeira essência da humanidade. Essa autodefinição indica não apenas um senso de pertencimento, mas um elemento de distinção em relação a outros grupos. A língua falada por esse povo é um elemento central de sua identidade cultural, e as práticas orais, ademais como as narrativas mitológicas, desempenham um papel significativo na transmissão de conhecimentos e valores entre as gerações.

Essa realidade ressalta a importância das interações entre linguistas e povos indígenas, que se têm mostrado fundamentais para a preservação e a valorização das culturas nativas no Brasil.

Entre os estudos significativos nesse campo, destacam-se as pesquisas de Aryon Rodrigues, que se dedicou ao estudo das línguas do Brasil, incluindo a do povo Bakairi. Esta etnia, que habita a região do estado do Mato Grosso, possui uma rica herança cultural que merece ser preservada e compreendida dentro de um contexto acadêmico mais amplo (Rodrigues, 1986). Assim, o diálogo entre a academia e as

comunidades indígenas ganha uma dimensão vital, sendo uma ferramenta para a resistência e a valorização da diversidade cultural no Brasil.

A fala do PE4 apresenta uma trajetória acadêmica rica e significativa e permitiu uma análise profunda, em que revelou não apenas os detalhes biográficos e acadêmicos do entrevistado, mas aspectos sociais, culturais e políticos que envolvem a educação e a formação de identidade indígena no contexto brasileiro.

Seu relato destaca o seu percurso na educação, desde a alfabetização em uma escola indígena até a busca de um mestrado e doutorado. A determinação do PE4 em obter conhecimento é um ponto central em sua trajetória acadêmica, enfatizando a importância da educação na construção de uma identidade forte e autônoma.

A luta para manter viva a língua materna e a cultura é um tema recorrente, em que o entrevistado enfatiza a necessidade de recursos didáticos específicos para a educação indígena. O desejo de produzir materiais educativos que reflitam a cultura e a realidade de sua comunidade é um objetivo claro que perpassa toda a sua narrativa. A referência à importância do relacionamento com anciãos e a transmissão do conhecimento cultural indica um comprometimento com a continuidade da identidade Bakairi.

O papel do entrevistado na formação de uma escola na aldeia e seu desejo de retornar e contribuir com a comunidade destacam seu comprometimento. Ele valoriza a educação como um pilar fundamental para o desenvolvimento da sua etnia, reconhecendo que a falta de professores qualificados é um desafio central para a continuidade do aprendizado na aldeia. Para abordar essa problemática, o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS) reforça que o discurso do PE4 pode ser uma abordagem eficaz, pois integra práticas pedagógicas com a realidade local, promovendo não apenas a educação formal, mas o respeito e a valorização das culturas indígenas.

A Análise Crítica do Discurso, em sua versão da Teoria Social do Discurso, desenvolvida por Fairclough (2003), evidencia como o vocabulário do PE4 é carregado de termos específicos relacionados à sua experiência como indígena e educador. Ele utiliza expressões como "alfabetizado", "escola agrícola", "avicultura", "material didático", que manifesta a sua vivência, mas estabelecem um diálogo entre a educação tradicional e os saberes ancestrais. Essa escolha lexical proporciona um entendimento mais profundo do contexto escolar e cultural em que ele está inserido, mostrando como a educação pode ser um instrumento de empoderamento e

preservação da identidade étnica por meio da aplicação de métodos que respeitam e incorporam as particularidades da comunidade.

O Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS), desenvolvido por analistas do discurso que adota uma perspectiva enunciativa e interacional, considera que a linguagem é um fenômeno social e que o sentido dos enunciados se constitui na interação entre falante e ouvinte, sempre em um contexto histórico e cultural. Passaremos a analisar o seu discurso por meio do MEDS e a análise linguística.

Nesse sentido, o marcador discursivo "né" muito empregado no discurso do PE4, dentro do método citado acima, preenche funções específicas de construção de sentido e de interação discursiva. A análise dessa expressão é feita com base nos seguintes aspectos: o marcador "né" funciona como um marcador discursivo que contribui para a construção de sentidos compartilhados entre o falante e o ouvinte. Isso ocorre, por exemplo, nas frases do PE4: "Bom dia, sou da etnia Bakairi do Estado do Mato Grosso, né?" e "Eu fui alfabetizado na escola indígena, meus professores não eram indígenas, né?". Aqui, a expressão "né" convida o ouvinte a considerar e aceitar a informação como válida, indicando um posicionamento do falante que confirma a importância de manter uma harmonia na construção do sentido.

De acordo com a abordagem enunciativa do MEDS, a fala sempre envolve múltiplas vozes e perspectivas (polifonia); nesse sentido, o marcador discursivo 'né' atua como um mecanismo de controle dessa polifonia, orientando o ouvinte quanto ao posicionamento enunciativo do falante. No excerto: "Naquele tempo... comecei a trabalhar na cidade como um... um repositório num mercado, né.". O marcador "né" sugere que o ouvinte pode ter um entendimento diferente ou uma expectativa em relação à sua experiência. Dessa forma, ele utiliza o marcador "né" para suavizar ou alinhar essas perspectivas, controlando a diversidade de vozes presentes no enunciado.

Em termos de organização do discurso, o elemento discursivo "né" funciona como um marcador que regula o ritmo e a fluidez da fala na gestão discursiva do entrevistado, quando ele relata: "...vai ter que estudar no Rio". Então com isto, a minha vida mudou totalmente, né? Totalmente que eu falo porque passei da aldeia pra cidade ((expressão de preocupação)).". Neste trecho, "né" aparece após uma reflexão importante, solicitada tanto para dar uma pausa quanto para enfatizar a mudança significativa na vida do falante. Esse uso contribui para que o discurso mantenha um ritmo natural no contexto transmitido pelo PE4.

Linguisticamente, a argumentação é vista como uma parte essencial de qualquer discurso, mesmo que o falante não se preocupe estar engajado em um debate formal. O marcador discursivo "né", registrada pelo PE4, pode ser interpretada como um marcador argumentativo sutil e estruturar seu discurso de forma a persuadir o ouvinte a aceitar sua perspectiva. Quando o falante utiliza "né", ele não apenas busca confirmação, mas cria um espaço para o interlocutor se sentir incluído na argumentação, estabelecendo uma relação de cumplicidade. Esse uso demonstra uma estratégia retórica que vai além da mera busca por aprovação; é um convite à participação e ao compartilhamento de ideias.

Além disso, o uso do elemento "né" espelha um contexto sociocultural em que a validação mútua é valorizada. Ao empregar esse marcador, o PE4 pôde suavizar a assertividade de suas declarações, tornando-as mais palatáveis e acessíveis. Isso é particularmente importante em situações em que um tom confrontacional poderia resultar em resistência.

Neste sentido, o MEDS considera a função de "né" como essencial na construção de uma narrativa coesa e interativa. O falante, ao utilizar o marcador discursivo "né", em seu excerto: "...que você chega assim em determinado lugar a pessoa te vê com um olhar diferente, será que essa pessoa, ela vai conseguir? Tem aquele ponto de interrogação na cabeça deles, mas só que eu vejo que a gente é capaz também ((expressão de insatisfação)). Muitas das vezes só a aparência engana as pessoas, né?", consegue equilibrar a apresentação de seus argumentos com a necessidade de estabelecer um diálogo, fazendo com que a comunicação seja mais eficaz e envolvente. A argumentação, portanto, não se restringe a argumentos lógicos, mas também se insere em um espaço mais amplo de interação humana, em que a empatia e o entendimento mútuo desempenham papéis cruciais.

Em suma, o "né" exemplifica como marcadores linguísticos, embora sutis, podem carregar significados profundos e influenciar a dinâmica do discurso, moldando a maneira como as mensagens são recebidas e interpretadas, além de ajudar a construir uma argumentação mais robusta e conectada ao público. A compreensão desses mecanismos é fundamental para uma análise mais aprofundada do discurso e suas implicações sociais.

Ao analisar o sentido do que é dito pelo PE4 por meio da interpretação temática e da análise linguística do entrevistado, foi observado não haver muitas metáforas explícitas, mas há uma forma metafórica implícita quando se refere ao sonho de

"seguir carreira" e "cuidar da língua", em sua fala: "Então, depois desse quatro ano tinha o sonho de seguir carreira, de estudar. Porque... só depois em 2000...Ih... ((percepção da data correta)) 1997 que tive a oportunidade de poder estudar em Cuiabá, fazer o meu Ensino Médio.", sugerindo um desejo de preservar e revitalizar sua cultura, como um "jardim" que precisa ser nutrido. Esta é uma metáfora rica que compara a cultura a um jardim. Fairclough (2003) argumenta que as metáforas são estratégias retóricas poderosas que ajudam a estruturar as experiências e a moldar a compreensão sobre o mundo. Nesse contexto, a metáfora do jardim torna-se um recurso expressivo que captura o desejo profundo do entrevistado de nutrir sua cultura, sugerindo a ideia de que, do mesmo modo como um jardim requer um cuidado constante, a cultura demanda esforços para ser mantida e revitalizada. Nutrir a cultura significa promover o aprendizado, a prática e a valorização das tradições, igualmente como se faz com as plantas em um jardim.

Por meio da Análise Crítica do Discurso de Fairclough, podemos detectar como essas metáforas implícitas simbolizam as experiências individuais e refletem um compromisso coletivo com a identidade cultural. Essa abordagem se alinha com a proposta de Fairclough de que a Análise Crítica do Discurso deve considerar as dimensões sociais e culturais por trás da linguagem, permitindo uma compreensão mais abrangente dos discursos que formam nossas identidades.

Dessa forma, o entrevistado apresenta falas predominantemente ativas, em que ele é o agente de várias ações, como "fui alfabetizado" e "comecei a trabalhar". A escolha de verbos e a organização frasal denotam a importância central de sua experiência pessoal narrada como um "tema" de sua fala.

No que tange à Análise Crítica do Discurso, o PE4 desafia narrativas dominantes que subestimam o potencial indígena em contextos acadêmicos e sociais, usando sua trajetória como um exemplo de resiliência e competência. Sua crítica à escassez de materiais didáticos apropriados para escolas indígenas expõe um descaso com a educação neste contexto e representa uma luta por políticas que respeitem as especificidades culturais e linguísticas, clamando pela valorização da diversidade na educação brasileira.

Conforme a perspectiva de Pêcheux (2004), a Análise Crítica do Discurso permite compreender como as relações de poder e as desigualdades sociais estão impregnadas nas narrativas que circulam na sociedade, destacando a importância de

vozes minoritárias na construção de um discurso que reconheça a pluralidade social e cultural.

Partindo dessa premissa é fundamental fomentar um espaço onde as vozes minoritárias possam emergir e influenciar o discurso coletivo. Isso implica não apenas dar visibilidade a essas vozes, mas reconhecer e valorizar suas experiências únicas. A inclusão de diferentes perspectivas enriquece o debate e desafia as narrativas hegemônicas, promovendo uma maior justiça social e um entendimento mais profundo das complexas dinâmicas culturais existentes.

Ademais, a fala do PE4: "...eu tenho um projeto de questão ainda de trabalhar línguas na minha aldeia, né? Porque eu pretendo fazer um... é:: produzir material didático, porque uma escola indígena tem que produzir o seu próprio material didático, né? Para poder dar suporte para os alunos.", propõe uma reflexão sobre como as práticas comunicativas podem ser transformadoras. Esse trecho revela uma transformação pessoal e comunitária proporcionada pelas práticas educacionais e comunicativas, ao associar a produção de materiais didáticos à preservação e revitalização da língua e cultura indígena. Além disso, ele reforça como a educação e a comunicação, quando adaptadas às necessidades e características culturais específicas, podem gerar um impacto duradouro no desenvolvimento de identidades e práticas comunitárias, tornando-se, assim, agentes transformadores.

Em vez de aceitar passivamente as narrativas dominantes, é possível questionar e reconfigurar os sentidos construídos ao longo do tempo. Esse processo de crítica e reconstrução não se limita ao âmbito acadêmico, mas deve ser incorporado em práticas sociais, educativas e culturais, envolvendo diversas instâncias e sujeitos.

A conscientização sobre o papel da linguagem na construção das realidades sociais é um passo para a transformação das relações de poder. A partir da perspectiva de Pêcheux, é possível entender que a luta por reconhecimento e respeito às diversidades não é apenas uma questão de representação, mas uma batalha por direitos e dignidade, essencial à construção de sociedades mais justas e igualitárias.

Ao usar nominalizações, o entrevistado realça a importância de determinados aspectos culturais e educativos, colocando o foco na essência e no significado que essas ações têm dentro de sua comunidade. O uso de "cultura do canto", em sua fala: "...eles conseguem trabalhar essa parte de línguas mesmo, a cultura do canto, através do movimento que eles faz dentro da aldeia, né? Então, lá por enquanto, a gente tem

essa língua meio aportuguesado ((se atrapalha um pouco na hora de falar a palavra)), mas só que as pessoas fala a língua mesmo, né?”, sugere que o ato de cantar vai além de uma simples atividade; ele é um elemento central da identidade cultural, da transmissão de saberes e da formação comunitária.

Esse tipo de construção pode indicar um modo de pensar que valoriza categorias coletivas e históricas, ao invés de focar apenas em ações individuais. Isso é especialmente relevante em contextos de educação indígena, em que os conhecimentos e práticas são muitas vezes transversais, interligando aspectos sociais, espirituais e naturais. A nominalização, desse modo, passa a ser vista como um recurso que enriquece a comunicação, permitindo uma reflexão profunda sobre o papel da cultura e da educação na vida da comunidade indígena, evidenciando que práticas educativas que valorizam a ancestralidade e a coletividade promovem uma aprendizagem mais significativa.

Ao incorporar esses elementos, os educadores têm a oportunidade de estabelecer um ambiente mais inclusivo e interessante em sala de aula. Nesse sentido, os estudantes se sentem mais ligados às suas raízes culturais, à sua comunidade e a um intercâmbio de conhecimentos que vai além do aprendizado convencional. Essa abordagem não apenas facilita a compreensão dos conteúdos, mas estimula a reflexão crítica e a valorização da diversidade cultural. Ao incorporar a ancestralidade, os educadores podem proporcionar um espaço de dialogicidade, onde as experiências e as histórias de vida dos alunos são reconhecidas e respeitadas, fortalecendo a identidade e o pertencimento.

A predominância da voz ativa no excerto do PE4: "eu dou aula", "eu gostaria de voltar", sugere um forte senso de controle e envolvimento por parte do entrevistado, refletindo uma postura proativa em relação à sua vida e às suas funções sociais. Cada tempo verbal utilizado é uma janela para suas percepções e aspirações, em que ele não só compartilha uma atividade que realiza, mas expressa sua identidade e compromisso com a educação.

Em contrapartida, a utilização ocasional da voz passiva, como em "os professores tinham o Ensino Médio", pode indicar uma reflexão sobre as condições que influenciaram a sua trajetória. Essa mudança de foco para ações passivas pode sugerir um reconhecimento das estruturas sociais e educacionais que influenciam a profissão, permitindo ao entrevistado considerar o impacto da formação e das experiências de seu entorno. A voz passiva utilizada pelo entrevistado no texto é uma

ferramenta que enriquece nossa análise na medida em que permite a reflexão sobre as complexas interações entre indivíduos e estruturas sociais.

Esse contraste entre vozes ativa e passiva pode apontar nuances emocionais na narrativa. A voz ativa carrega uma carga de energia e iniciativa, enquanto a voz passiva pode evocar um senso de nostalgia ou de avaliação crítica sobre o passado. Ao mesclar essas duas formas, o entrevistado apresenta uma visão complexa de sua realidade, em que tanto as ações pessoais quanto as influências externas desempenham papéis significativos em sua história.

A análise crítica proposta por Norman Fairclough enfatiza a importância da linguagem como uma ferramenta que não apenas reproduz, mas constrói realidades sociais. De acordo com Fairclough (1992), as escolhas linguísticas mudam em diferentes contextos e possuem implicações significativas na forma como as identidades e relações sociais são formadas.

Percebemos que a alternância de vozes pode estimular uma reflexão mais profunda sobre como as experiências pessoais estão interligadas a contextos mais amplos, levando o entrevistado a situar sua vivência dentro de um quadro social e histórico mais amplo. Essa dinâmica é fundamental para uma compreensão mais rica da sua narrativa e das múltiplas dimensões que compõem sua trajetória educacional e profissional. Nessa lógica, a abordagem integrativa é fundamental para entender como os indivíduos situam suas experiências dentro de um quadro mais amplo, reconhecendo que tanto suas ações quanto as influências externas são importantes na formação de suas identidades e trajetórias. A análise crítica de Fairclough, portanto, oferece um referencial valioso para desvelar as múltiplas dimensões presentes nesse discurso.

Dessa forma, o PE4, ao compartilhar sua experiência, enfatiza de forma clara e contundente o preconceito que enfrentou ao longo de sua trajetória, especialmente devido à sua identidade indígena. Ao utilizar conectivos, como "Então... em tudo isso, posso dizer que houve preconceito sim, mas acredito que esse preconceito foi de certa forma mitigado", ele estabelece uma narrativa que mescla a realidade do preconceito com uma perspectiva de superação.

O uso do conectivo causal "porque" é especialmente significativo, pois aponta os motivos por trás das situações desafiadoras que viveu e evidencia a conexão entre esses eventos e os estereótipos amplamente disseminados sobre pessoas de sua origem. O PE4 menciona que a discriminação muitas vezes está enraizada na

aparência, uma manifestação de preconceito que, infelizmente, ainda persiste na sociedade.

Entretanto, ao relatar que "não precisei lutar para ser aceito, pois meus colegas reconheceram que eu tinha habilidades", ele destaca um ponto de virada fundamental: a capacidade de desafiar essas visões limitadas sobre seu potencial. Essa afirmação manifesta sua confiança e a sua luta contra o preconceito e a necessidade de reconhecimento das competências individuais, em vez de se basear em estereótipos. O relato do entrevistado, portanto, é um testemunho poderoso das batalhas enfrentadas e da validação conquistada através de suas competências, fazendo ecoar a urgência de questionar e superar preconceitos arraigados.

Para compreender a profundidade dessa experiência, Norman Fairclough (1992) aborda as estruturas de poder e a construção social das identidades com base na Análise Crítica do Discurso que examina como os discursos moldam a sociedade e como, ao mesmo tempo, a sociedade molda os discursos, evidenciando a interconexão entre linguagem e transformação social. O discurso do PE4 se configura como uma forma de resistência frente a narrativas dominantes que frequentemente marginalizam certas vozes e evidencia sua posição em um espaço onde habilidades são reconhecidas independentemente de estigmas. Essa recontextualização do discurso não desafia somente as normas sociais existentes, ela contribui para a construção de um novo significado: o reconhecimento do valor do indivíduo além do estereótipo.

Além disso, é possível identificar estratégias discursivas que apoiam essa luta. O uso de termos como "habilidades" pode ressaltar a importância do desenvolvimento pessoal e profissional, servindo como uma ferramenta para desafiar preconceitos. A referência ao uso de termos como "habilidades" sugere que, embora as competências individuais sejam importantes, elas não devem ser usadas para justificar desigualdades. A meritocracia pode servir para dismantelar preconceitos, mas também pode mascarar as realidades sociais que afetam as oportunidades disponíveis para diferentes grupos. Ao afirmar que não foi necessário "lutar para ser aceito", o falante introduz uma nova narrativa que reinterpreta a experiência de integração, focando em competências em vez de estigmas. Essa abordagem está em consonância com a proposta de Fairclough (2003), que sugere que as práticas discursivas são espaços de contestação e renegociação de significados.

Da mesma maneira, a descrição do PE4 se destaca como uma reflexão pessoal, como uma crítica às estruturas sociais que sustentam o preconceito. Através da Análise do Discurso, é possível observar que o reconhecimento de habilidades individuais e a rejeição de estereótipos podem empoderar o indivíduo e oferecem uma oportunidade de transformação social.

Da mesma forma o uso do conectivo conclusivo, "então" empregado no discurso do PE4: "Então eu acho que a gente conseguiu, apesar que vários fala idioma diferente...", em que sinaliza uma sequência temporal, evidenciando como uma ocorrência se desdobra a partir de outra. Adicionalmente, os conectivos são fundamentais na organização do texto, permitindo a articulação de argumentos e transições entre conceitos. Elementos como "por outro lado" ou "de forma semelhante" ajudam a contrastar ou comparar informações, enriquecendo a análise e promovendo uma compreensão mais profunda.

A escolha apropriada dos conectivos foi a forma que o PE4 encontrou para evitar ambiguidade e assegurar que a mensagem fosse comunicada de forma eficaz. Um texto desprovido desses elementos coesivos pode aparentar ser fragmentado ou confuso, dificultando a compreensão das ideias apresentadas.

Então, a análise dos relatos por meio do MEDS permitiu identificar como a educação formal pode ser transformada para atender às necessidades e realidades específicas dos povos indígenas, contribuindo para uma formação mais inclusiva e plural. Essa abordagem promove a valorização da diversidade cultural e o combate do preconceito, ao fomentar um ambiente de aprendizado onde todos se sintam respeitados e representados.

Por meio dessa perspectiva, fica claro que a educação indígena transcende o simples ato de aprender; ela se configura como um espaço de afirmação de identidade, de fortalecimento comunitário e de luta por direitos. Ademais, a compreensão da importância da educação se entrelaça com a busca por justiça social, respeito mútuo e pelo reconhecimento dos saberes tradicionais, tornando-se uma chave essencial para a construção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

Ao longo da entrevista, o PE4 enfatiza repetidamente temas cruciais que identificam sua identidade e suas aspirações. A educação emerge como um pilar fundamental em suas narrativas. Sua dedicação ao aprendizado não é apenas uma busca pessoal e sim, um clamor por uma formação que respeite e valorize suas raízes culturais. Essa ênfase na educação indica um entendimento profundo de que a

informação e o conhecimento são ferramentas essenciais para a transformação social e para a superação de barreiras.

Por outro lado, o preconceito vivenciado é um tema doloroso, mas que o entrevistado não hesita em trazer à tona. Ele narra suas experiências com discriminação e exclusão, sublinhando como essas vivências impactaram sua autoestima e sua relação com a sociedade. Essa repetição do preconceito não é meramente uma lamentação; é uma chamada à consciência, um convite à reflexão sobre as desigualdades persistentes que ainda precisam ser enfrentadas.

A desejada revitalização da língua e da cultura é um outro aspecto que permeia suas falas. O entrevistado destaca a importância de resgatar e preservar as tradições linguísticas e culturais de seu povo, reafirmando que a linguagem é um veículo de identidade e resistência. Ao mencionar a revitalização, ele não se limita a um desejo abstrato; suas palavras transmitem um anseio profundo por conexão e pertencimento, mostrando como a cultura pode ser um antídoto contra o preconceito e uma porta de entrada para a educação.

Essas repetições temáticas não são apenas retóricas; elas servem como um fundamento que sustenta suas convicções e atuam em sua realidade. O PE4, ao articular sua visão de mundo com tais temas nos convida a refletir sobre a interconexão entre educação, preconceito e cultura. As suas experiências, marcadas por desafios e esperanças, transparece um forte desejo de mudança e de reconhecimento, mostrando que cada um desses temas é intrinsecamente ligado ao seu processo de autodescoberta e afirmação. Portanto, ao enfatizar essas questões, ele compartilha sua história e contribui para uma discussão maior sobre a valorização da diversidade e da busca por um futuro mais inclusivo.

Os elementos de hesitação apresentados no contexto das falas do PE4 como em: "é:", não são meras interrupções na fluência da fala, mas sim componentes significativos que podem designar nuances importantes no comportamento comunicativo dos falantes. Esses sinais, muitas vezes subestimados, podem indicar a presença de conflito interno, dúvida ou a necessidade de ponderação antes de expressar opiniões, especialmente em entrevistas que envolvem temas delicados ou controversos.

Pêcheux (1971/2015) traz à tona a ideia de que o uso de pronomes não é apenas uma questão gramatical, mas uma construção ideológica que anuncia as relações de poder e identidade subjacentes, e o uso do pronome pode ser visto como

uma estratégia de afirmação da própria identidade do falante, ressaltando a importância de sua trajetória pessoal. Esse uso pode ser interpretado como uma forma de resistência e visibilidade, em que o discurso se evidencia pela forma como se apresenta e pela intenção de marcar a presença do sujeito na sociedade.

Essa busca por reconhecimento pela via do pronome é, portanto, um reflexo de um contexto mais amplo em que o sujeito se vê em luta por espaço e validação social. A maneira como o pronome é utilizado sugere uma construção identitária em movimento, evidenciando a complexidade de nossas relações interpessoais e sociais.

Em virtude disso, a análise crítica deve levar em conta o contexto cultural e histórico que molda essas escolhas, permitindo entender como o pronome se torna um veículo de resistência e autoafirmação em uma sociedade que frequentemente marginaliza vozes minoritárias.

Em suma, a análise do uso do pronome através da perspectiva de Pêcheux mostra as nuances das relações de poder, identidade e resistência, mostrando como o discurso é um reflexo tanto das experiências individuais quanto das estruturas sociais em que estão imersas.

A Análise do Discurso nos permite compreender como os elementos linguísticos e os adjetivos, desempenham um papel fundamental na construção de significados e na mobilização de emoções. No caso dos adjetivos "indígena", "qualificado", "técnico" e "importante" presentes no discurso do PE4, cada um deles carrega uma carga semântica que vai além do seu sentido literal.

O adjetivo "indígena" não apenas categoriza um grupo e evoca questões de identidade, cultura e história, trazendo à tona as experiências únicas desse grupo social e as lutas que enfrentam. Já "qualificado" e "técnico" elevam a importância do sujeito, sugerindo que esse indivíduo possui habilidades e conhecimentos que são valorizados em contextos específicos, como o profissional ou o acadêmico. Isso pode ser interpretado como uma forma de legitimação da voz do PE4, mostrando que suas experiências são respaldadas por uma competência reconhecida. Quanto ao adjetivo 'importante', ele é revelador, pois indica que as experiências do PE4 não são apenas pessoais, mas ressoam uma relevância coletiva. Este termo pode sugerir que o que está sendo compartilhado é digno de atenção e consideração, e evidenciando a necessidade de se refletir profundamente sobre as implicações maiores dessas vivências.

A escolha desses adjetivos no discurso do PE4 não é aleatória, mas sim um recurso retórico que enriquece a narrativa, conferindo profundidade e um sentido de urgência à experiência compartilhada. A Análise do Discurso, portanto, nos permitiu perceber como a linguagem é utilizada para construir identidades, validar experiências e transmitir emoções, ao expor o poder da palavra na formação de significados sociais.

Diante das reflexões acima, a proposta de Norman Fairclough, em relação à linguagem, ao poder e à sociedade, destaca como o discurso reflete e constrói realidades sociais. No contexto da modalização autonímica, observada na frase do PE4: "eu vejo que a gente é capaz", podemos identificar como o falante expressa uma crença afirmativa sobre a capacidade do grupo em questão. Através de suas narrativas e experiências, o PE4 contribui para a construção de um senso de pertencimento e de uma identidade compartilhada. Essa expressão de crença reflete a perspectiva do entrevistado, evidenciando como a formação de uma identidade coletiva pode facilitar a expressão de uma participação social mais ampla.

Os modalizadores, como "muitas das vezes", "às vezes" e "penso que", são recursos linguísticos que indicam diferentes níveis de certeza e incerteza, permitindo ao falante posicionar suas crenças em relação à realidade. De acordo com Fairclough (1995), essa modulação da certeza não é apenas uma questão de estilo linguístico, mas a maneira como as pessoas negociam significados e constroem suas identidades e as relações sociais em contextos discursivos.

A princípio, a escolha desses modalizadores pode ser vista como uma estratégia de mitigação, em que o falante se resguarda de críticas ao expressar suas opiniões de forma mais cautelosa, refletindo uma dinâmica de poder e resistência nas interações sociais. Nessa lógica, a análise dos modalizadores no discurso do PE4 permitiu uma compreensão mais profunda das crenças e das relações de poder em jogo.

O entrevistado utiliza diferentes formas de modalização em seu discurso para níveis variados de certeza e incerteza. Pêcheux (1983) destaca que o enunciado não é uma simples transmissão de informações, mas sim o resultado de um processo em que o sujeito se posiciona frente ao que diz, quando denota o seu discurso de acordo com suas vivências.

No caso do PE4, seu posicionamento enquanto membro de uma comunidade indígena, e sua trajetória educacional e profissional, perpassam diferentes formações discursivas. Quando ele fala sobre sua experiência de vida na aldeia e a transição

para o ambiente urbano, essas formações discursivas entram no jogo e influenciam tanto as certezas quanto as incertezas expressas. O PE4, ao afirmar com certeza: "Eu fui alfabetizado na escola indígena", se inscreve em uma formação discursiva que valoriza a educação indígena, ainda que, em seguida, reconheça a cooperação entre professores indígenas e não-indígenas.

Entretanto, nos momentos em que emprega expressões como "eu acho que" ou "eu não me lembro", como no exemplo: "Eu acho que terminei o Ensino Médio em 1999", essas modalizações indicam uma hesitação factual, mas discursiva. A dúvida não representa uma ausência de memória em relação a um fato específico, ela apresenta uma instabilidade na forma como o entrevistado se posiciona em uma formação discursiva híbrida, ao transitar entre a aldeia e a cidade, como entre identidades indígenas e não indígenas. O contrário também é verdadeiro: palavras, expressões e proposições que parecem distintas podem, em uma determinada formação discursiva, carregar o mesmo significado. O sentido está nas relações estabelecidas, e não na singularidade dos significantes (PÊCHEUX, 1995, p. 161). Neste contexto, o PE4 exemplifica essa complexidade nas várias declarações assertivas ao descrever suas experiências pessoais, empregando construções que repetem uma postura de segurança referente ao que é anunciado em trechos como: "Eu fui alfabetizado na escola indígena, meus professores não eram indígenas e indígenas também" e "Eu consegui passar no curso de Ciências da Matemática e da Natureza". O uso do tempo verbal no passado, de modo afirmativo, indica que o falante está certo sobre os eventos descritos, reforçando seu posicionamento de autoridade sobre suas próprias experiências.

Por outro lado, quando o PE4 deseja expressar incerteza ou reflexão sobre algo que não tem plena verdade, ele recorre a quase assertivos, como "eu acho que" ou "eu não me lembro exatamente". Esses enunciados introduzem uma modalização epistêmica que suaviza a força da afirmação, demonstrando que o falante não está completamente seguro sobre o que está dizendo. Isso pode ser apresentado na frase: "Em 1999, eu não me lembro... eu acho que terminei o meu Ensino Médio". Aqui, o "eu acho que" cumpre a função de indicar uma dúvida quanto à exatidão do fato relatado, criando um distanciamento entre o falante e a afirmação. Conforme descrito por Pêcheux (1983), as relações das escolhas linguísticas não são meramente individuais, mas espelham as formações discursivas que interpelam o sujeito.

No caso do PE4, a interação entre a formação discursiva indígena e a não indígena molda seu discurso, gerando momentos de segurança e incerteza. Dessa forma, o que parece uma simples hesitação no nível pessoal é, na verdade, o reflexo de um movimento discursivo mais amplo, que dialoga com as condições históricas e sociais de sua vida.

Linguisticamente, os delimitadores no discurso, apresentados pelo PE4 como "em relação à" e "para poder", desempenham um papel importante na organização e na clareza das falas do entrevistado, ajudando a especificar o contexto e o foco de sua comunicação. Esses marcadores são fundamentais para orientar o interlocutor e fornecer estrutura ao discurso, tornando mais claro o que está sendo enunciado e estabelecendo as conexões entre diferentes ideias e argumentos. Ao utilizar esses delimitadores, o falante pode sinalizar intenções, como explicitar motivos, apresentar justificativas ou estabelecer relações de causa e efeito.

Esses elementos linguísticos também atuam como guias para o ouvinte, permitindo que ele siga o raciocínio do interlocutor de maneira mais fluída. Por exemplo, a expressão "em relação a" pode introduzir um tópico específico, criando uma referência clara que direciona a atenção do ouvinte. Já "para poder" pode anteceder uma proposta ou uma ação, destacando a finalidade ou a necessidade de certos passos a serem dados.

Esses marcadores ainda contribuem para a coesão do texto, uma vez que estabelecem ligações que vão além da mera sequência temporal, conectando ideias de maneira lógica e convincente. Quando utilizados adequadamente, eles evitam ambiguidades e mal-entendidos, facilitando a compreensão do discurso.

Portanto, a escolha e o uso desses delimitadores são vitais para a eficácia da comunicação. Ao aprimorar a clareza e a organização do discurso, eles elevam a qualidade da interação entre entrevistador e entrevistado, refletindo o domínio da língua, a habilidade do falante em articular pensamentos de maneira coerente e persuasiva. Em situações de entrevista, em que a transmissão de informações precisas e significativas é crucial, o papel desses marcadores se torna ainda mais evidente, contribuindo para a construção de um diálogo produtivo e informativo.

Incorporando a metodologia de Leonardo Vichi (2021) na Análise do Discurso, podemos observar como as mudanças no tópico da conversa são feitas de forma fluída pelo entrevistado. Segundo Vichi, a Análise do Discurso não examina somente o conteúdo das falas, ela foca também nas estratégias linguísticas que os falantes

utilizam para organizar e manter a coesão em seus enunciados. Os coesivos, ou conectivos, desempenham um papel fundamental nesse processo, pois ajudam a estabelecer relações lógicas entre os diferentes segmentos do discurso. Palavras e expressões utilizadas pelo PE4 como: "além disso", "por outro lado" e "em relação a", atuam como pontes que conectam ideias, garantindo que a passagem de um tópico a outro não pareça abrupta, mas sim parte de um fluxo contínuo e organizado, especialmente em contextos narrativos complexos como no caso do PE4 ao mudar de suas experiências educacionais para o preconceito e as necessidades da sua comunidade.

Nesse sentido, Vichi (2021) enfatiza que essas transições fluídas são indicativas de uma narrativa bem estruturada, em que o falante demonstra habilidade em organizar suas ideias de forma lógica e cronológica. A fluência nas mudanças de tópico ajuda a evitar mal-entendidos, principalmente em situações em que o sujeito precisa lidar com temas sensíveis, como a discriminação e as dificuldades.

Ao observar o uso desses recursos coesivos, percebe-se que o entrevistado consegue manter a continuidade do seu discurso, ao mesmo tempo em que aborda múltiplas camadas de sua vivência, desde sua formação escolar até os desafios sociais que enfrenta. Essa fluidez contribui para a construção de uma narrativa sólida, em que as diferentes experiências e reflexões se integram de maneira consistente, garantindo que o discurso tenha impacto e clareza.

Da mesma forma, ao incorporar a metodologia de Vichi, é possível observar que a habilidade de articular diferentes tópicos e como a fluência enriquece a comunicação, e contribui para uma compreensão mais profunda das experiências e desafios enfrentados pela comunidade, refletindo a interconexão entre educação, preconceito e necessidades sociais. Essa abordagem cria um espaço de diálogo mais inclusivo e significativo.

O uso de expressões emocionais ao longo do discurso, como "feliz" e "tristeza", revela a profundidade do impacto que suas experiências e que o contexto educacional tivera, não só na sua vida, mas na sua comunidade e nas relações interpessoais que se formaram ao seu redor. Essas emoções, manifestadas através de palavras e gestos, servem como um elo que conecta o falante e os ouvintes, permitindo que todos compartilhem de alguma forma a carga emocional daquele momento.

A felicidade, por exemplo, pode ser vista como uma luz que ilumina os caminhos, incentivando outros a buscá-la e a valorizarem suas próprias jornadas.

Quando alguém expressa alegria em suas conquistas acadêmicas ou profissionais, essa emoção contagia os que estão ao seu redor, criando um ambiente de apoio e inspiração. A celebração de sucessos, grandes ou pequenos, fortalece a coesão social e motiva a comunidade a prosperar junto.

Por outro lado, a tristeza não deve ser subestimada. Ela desempenha um papel igualmente crucial na comunicação emocional. Através da expressão da dor e da vulnerabilidade, cria-se um espaço para a empatia e a solidariedade. Compartilhar histórias de dificuldades e de desafios enfrentados nos ambientes de aprendizagem permite que outros se reconheçam nessas experiências, gerando um ambiente onde a escuta e o apoio mútuo se tornam essenciais.

Essas expressões emocionais tornam-se, portanto, uma língua comum entre indivíduos e grupos, propiciando um entendimento mais profundo das lutas e conquistas coletivas. Por meio delas, os membros da comunidade se sentem menos isolados em suas vivências, percebendo que suas emoções são válidas e que o vínculo que os une transcende as dificuldades enfrentadas.

A forma como expressamos nossas emoções molda tanto o nosso próprio caminho, quanto deixa uma marca indelével na comunidade. Essa interdependência demonstra a importância da inteligência emocional no contexto educacional, em que o aprendizado vai além do conteúdo curricular e se fundamenta nas experiências humanas compartilhadas. É nessa dinâmica que se semeiam as bases para um futuro mais solidário e empático, em que todos possam florescer em suas próprias jornadas.

Ao concluirmos a análise realizada sobre a experiência do entrevistado e o multilinguismo no Proflind, percebemos como o PE4 ilustra de forma clara como a interação entre diferentes línguas foi enriquecedor no ambiente de ensino no Mestrado. Ele destacou a coexistência de vários idiomas, mencionando que o seu era completamente diferente dos seus colegas, mas, do mesmo modo essa diversidade não se transformou em uma barreira. Pelo contrário, trouxe à tona momentos valiosos de troca de ideias e conhecimentos. A afirmação “Eu acho que a gente conseguiu, apesar que vários fala idioma diferente” enfatiza a capacidade humana de superar desafios comunicativos, indica que, por meio da escuta ativa e da colaboração, é possível construir um espaço inclusivo e enriquecedor. Essa troca cultural amplia horizontes e fortalece laços, criando um ambiente de aprendizado mútuo que valoriza as diferentes perspectivas. Por consequência, o multilinguismo se torna uma fonte de inovação e criatividade, essencial em um mundo cada vez mais globalizado, permitido

que uma habilidade prática; passe a ser uma força motriz para a inovação e a criatividade em um mundo interconectado, transcendendo barreiras culturais e linguísticas, promovendo um ambiente propício para a troca de ideias e a colaboração, essenciais para enfrentar os desafios contemporâneos e criar soluções inovadoras. Essa realidade é um exemplo claro de como o multilinguismo enriquece as interações humanas, promovendo uma aprendizagem colaborativa que é vital em um mundo interconectado. A troca de experiências e a escuta ativa, mencionadas anteriormente, ganham importância ao permitir que os colaboradores aprendam uns com os outros, tanto em termos de ensino, quanto nas habilidades profissionais, nas perspectivas culturais e sociais.

Depois disso, a experiência no Proflind mostra que a inclusão não é apenas um conceito; ela se manifesta na prática através do uso consciente de várias línguas em conjunto que, ao mesmo tempo, respeita e valoriza a pluralidade de vozes. O resultado é um ambiente que promove a produtividade e alimenta a criatividade e a inovação, fundamentais para enfrentar os desafios contemporâneos. A experiência no Proflind ilustra de maneira clara que a inclusão vai muito além de um conceito teórico; ela se traduz em práticas concretas que respeitam e valorizam a diversidade linguística e cultural. A utilização consciente de várias línguas em um ambiente colaborativo enriquece as interações e cria um espaço onde diferentes perspectivas são ouvidas e valorizadas.

Essa pluralidade de vozes é essencial, pois cada língua carrega consigo uma forma única de ver o mundo, experiências e conhecimentos que podem contribuir para soluções mais inovadoras e criativas. Em um cenário de constantes mudanças e desafios contemporâneos, a capacidade de pensar de maneira diversa e inclusiva se torna um diferencial competitivo.

Além disso, ambientes que promovem a inclusão linguística tendem a ser mais acolhedores, o que pode levar a um aumento na satisfação e no engajamento dos colaboradores. Quando as pessoas se sentem respeitadas e reconhecidas, elas são mais propensas a contribuir com suas ideias e a colaborar de maneira eficaz, resultando em uma cultura organizacional mais forte e coesa.

Por outro lado, é importante considerar que a inclusão linguística requer esforços deliberados. É preciso criar políticas e práticas que incentivem o uso de várias línguas, oferecer treinamentos e recursos para que todos se sintam

confortáveis em se comunicar, e garantir que não haja barreiras que excluam certos grupos.

Nesse sentido, o que o entrevistado menciona sobre a superação de barreiras linguísticas por meio da escuta ativa e da colaboração é uma lição valiosa. Ela nos ensina que, ao focarmos nas semelhanças e na capacidade de nos entendermos, podemos criar uma cultura organizacional que celebra a diversidade e transforma desafios em oportunidades. Em virtude disso, o Profillind demonstra ser não apenas como um espaço de ensino-aprendizagem, mas como um verdadeiro laboratório de comunicação e criatividade, onde o multilinguismo se torna um ativo estratégico para o sucesso e a sustentabilidade organizacional.

Nesse sentido, o PE4 mostra um profundo impacto da experiência vivida na transição da aldeia para a cidade, sinalizando uma ruptura significativa em sua trajetória. Essa transição não somente representa uma mudança geográfica, ela é um marco no seu desenvolvimento acadêmico e na sua formação profissional. O uso da expressão "minha vida mudou totalmente" evidencia a magnitude dessa transformação, sugerindo que ele passou por um processo de amadurecimento e redescoberta de suas potencialidades.

O foco mencionado pelo entrevistado em "investir em material didático para o meu povo" ressalta uma consciência social e um compromisso com a educação. Essa iniciativa demonstra a importância que ele atribui à formação acadêmica, e aponta uma visão altruísta de querer elevar o seu povo, promovendo acesso a recursos que podem melhorar a qualidade do aprendizado. Essa abordagem é fundamental, pois a educação é um pilar que sustenta o desenvolvimento pessoal, o crescimento e a evolução da comunidade em que ele está inserido.

A contribuição do Profillind torna-se então um elo crucial nesse processo. Por meio da formação e capacitação, o Profillind possibilita que os indivíduos como o nosso entrevistado possam adquirir conhecimentos e habilidades necessárias para trilhar novos caminhos. O investimento em material didático é uma extensão desse apoio, permitindo que esses conhecimentos sejam disseminados e aplicados. Dessa forma, a formação acadêmica se alia ao compromisso social, resultando em um ciclo virtuoso que beneficia tanto o indivíduo quanto a coletividade.

Em suma, a trajetória do PE4 ilustra como a formação acadêmica, quando conectada a ações efetivas de inclusão e desenvolvimento comunitário, pode gerar um impacto significativo na vida das pessoas e de seus grupos sociais. A transição da

aldeia para a cidade, acompanhada por uma nova visão sobre educação, se configura como um crescimento pessoal e como uma oportunidade de transformar realidades, formando cidadãos mais preparados e conscientes de seu papel na sociedade.

Após a experiência transformadora no Proflind, o entrevistado expressa suas perspectivas otimistas sobre o futuro. Ele destaca a importância de retornar à sua comunidade, em que vê duas possibilidades concretas de contribuição: empregando os conhecimentos adquiridos e ajudando a fomentar mudanças significativas. Sua reflexão sobre a valorização dos anciãos evidencia uma consciência crítica sobre a cultura local e a necessidade de preservar saberes que, muitas vezes, são negligenciados. Como resultado, sua visão é não apenas de retorno, mas de um compromisso em fortalecer os laços comunitários e promover um ambiente de aprendizado contínuo. Esse desejo de aprender com o passado, ao mesmo tempo em que se busca um futuro melhor, sinaliza um profundo respeito por suas raízes e um empenho em construir um legado mais forte para as gerações futuras.

### **5.5 Análise da entrevista do Participante Entrevistado 5 (PE5)**

Na análise da entrevista realizada com aluno egresso da primeira turma do Programa de Pós-graduação Proflind, emergem reflexões profundas sobre sua experiência educacional, destacando as implicações dessa trajetória para a educação indígena. O relato do entrevistado ilumina temas cruciais para compreender tanto o impacto transformador do Programa de Pós-graduação no Mestrado e a Formação Profissional em Linguística e Línguas Indígenas, quanto os desafios persistentes que permeiam o ensino nas comunidades indígenas. A intersecção entre sua formação acadêmica e as dinâmicas culturais e linguísticas de seu povo torna-se evidente ao longo da entrevista, oferecendo descobertas valiosas para o campo da educação intercultural.

A entrevista está fundamentada em uma análise qualitativa do discurso, que foi conduzida com o objetivo de examinar diferentes aspectos da formação desse aluno egresso, pertencente à etnia Ticuna, residente no Alto Solimões, no Estado do Amazonas. Aos 50 anos, o entrevistado concluiu seu mestrado no ano de 2019,

apresentando sua dissertação, que está em conformidade com a Linha de Pesquisa voltada para as dinâmicas culturais e linguísticas de sua comunidade. A fim de proteger sua identidade, o entrevistado será identificado como PE5 durante toda esta análise.

O povo Ticuna constitui o grupo indígena mais numeroso da Amazônia brasileira, com uma história intrinsecamente marcada pela invasão violenta de seringueiros, pescadores e madeireiros na região do rio Solimões. O reconhecimento oficial da maioria de suas terras ocorreu apenas na década de 1990, ocasião em que os Ticuna começaram a enfrentar os desafios contemporâneos relacionados à sustentabilidade econômica e ambiental, bem como à qualificação de suas relações com a sociedade circundante, ao mesmo tempo em que buscam preservar sua rica e diversificada cultura (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística - IPOL).

Historicamente, o povo Ticuna estabeleceu-se nas cabeceiras dos igarapés que desaguam na margem esquerda do rio Solimões, em um trecho que se estende desde sua entrada no território brasileiro até o rio Içá/Putumayo. Contudo, ao longo do tempo, observaram-se intensos processos de deslocamento em direção ao Solimões.

A língua Ticuna, classificada como isolada, é amplamente falada em diversas comunidades que se distribuem por três países: Brasil, Peru e Colômbia. No Brasil, o povo Ticuna habita aldeias localizadas em múltiplos municípios do estado do Amazonas, incluindo Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Jutaí, Fonte Boa, Tonantins e Beruri, sendo que a maioria dessas aldeias se concentra ao longo ou nas imediações do rio Solimões.

O etnólogo alemão Curt Nimuendajú, em sua primeira expedição ao alto Solimões em 1929, fez referência aos Ticuna como historicamente descritos como antagonistas dos Omágua, um grupo que habitava a margem esquerda do rio Solimões. Esta observação de Nimuendajú constitui uma das primeiras referências etnográficas aos Ticuna, sublinhando a importância deste povo no contexto histórico e antropológico da região amazônica.

Nas aldeias situadas no território brasileiro, o uso da língua Ticuna resiste fortemente, não sendo ameaçado pela proximidade de centros urbanos ou pela convivência com falantes de outras línguas. Quando presente, esses falantes minoritários tendem a se adaptar à realidade linguística Ticuna, mitigando possíveis

ameaças sob uma perspectiva linguística. Exemplos dessa configuração incluem os grupos Kaixana (ou Caixana), Kokama (ou Cocama) e Kanamari, sendo que os dois primeiros têm presença em diversas aldeias Ticuna, enquanto o último é corroborado em um número reduzido nessas comunidades.

A língua Ticuna é caracterizada como tonal, o que implica que variações na altura da sílaba podem alterar o significado das palavras, um fenômeno relativamente raro entre as línguas indígenas da América do Sul. Tal característica confere à língua uma sofisticação fonológica, refletindo a importância da entonação para a comunicação eficaz dentro da comunidade.

Como uma língua geneticamente isolada, o Ticuna desafia os estudos comparativos, reforçando seu valor singular no contexto linguístico. A única língua à qual pesquisadores relacionam o Ticuna é à língua extinta Yuri. A fonologia da língua é caracterizada pela presença de tons que distinguem significados de maneira sutil, além de um inventário consonantal e vocálico diversificado. Essa diversidade fonética exige um aprendizado cuidadoso até por parte dos educadores que são falantes nativos, isso implica que mesmo os falantes que cresceram ouvindo e usando a língua precisam prestar atenção aos detalhes fonéticos. Isso ocorre porque pequenos contrastes tonais como a diferença na altura ou na qualidade da voz ao pronunciar uma sílaba podem mudar o significado de uma palavra. Por exemplo, em uma língua tonal, uma mesma sequência de sons pode se referir a conceitos completamente diferentes dependendo do tom utilizado, uma vez que pequenos contrastes tonais podem provocar significativas alterações semânticas.

Em termos sintáticos, a língua Ticuna apresenta estruturas complexas que, em vários aspectos, divergentes das características comumente observadas nas línguas das famílias Tupi e Aruák predominantes na região amazônica. Geralmente a ordem básica das palavras frequentemente segue o padrão Sujeito-Objeto-Verbo (SOV), típico entre as línguas indígenas da América, contudo, sua sintaxe permite flexibilidade dependendo do contexto pragmático e discursivo. A morfologia verbal é rica, abrangendo múltiplos sufixos e prefixos que expressam noções de tempo, aspecto, modo e relações interpessoais. As línguas indígenas variam amplamente em suas estruturas sintáticas, mas muitos dos grupos linguísticos, especialmente aqueles do tronco Tupi ou da família Aruák, podem apresentar preferências por ordens diferentes da sequência Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), que é mais comum em línguas como o português ou o espanhol. A menção à ordem SOV no Ticuna destaca uma

diferença que torna essa língua particular, ao mesmo tempo que coloca o Ticuna dentro de um contexto mais amplo das línguas indígenas que, em muitos casos, compartilham essa estrutura.

Além disso, a variação sintática mencionada na entrevista reflete como as línguas indígenas, incluindo o Ticuna, podem variar sua estrutura frasal de acordo com pressões do contexto comunicativo, um aspecto que é frequentemente encontrado em línguas que não seguem rigidamente uma única ordem de palavras.

Portanto, a afirmativa acima sobre a ordem de palavras nas sentenças de línguas indígenas aponta para uma característica que, embora não seja exclusiva das línguas indígenas, é uma observação relevante ao considerar a diversidade e a complexidade das línguas dos povos originários da América.

A língua Ticuna apresenta processos de aglutinação morfológica, em que diferentes elementos gramaticais são combinados para formar palavras mais complexas. Esta característica resulta em uma estrutura gramatical densa, porém altamente expressiva, capacitando os falantes a comunicarem sutilezas de significado de maneira precisa. A aglutinação, aliada ao sistema tonal e à sintaxe flexível, reforça o caráter singular e intrincado da língua Ticuna, estabelecendo-a como um objeto de estudo relevante para linguistas interessados em investigar a diversidade linguística e as específicas formas de organização das línguas indígenas sul-americanas.

A preservação e o contínuo estudo da língua Ticuna são fundamentais não apenas para a manutenção da identidade cultural desse povo e para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas linguísticas e culturais da Amazônia. O reconhecimento e a valorização da língua são essenciais para assegurar que as futuras gerações continuem a transmitir o vasto patrimônio oral e cultural do povo Ticuna, garantindo a perpetuação de suas tradições em um mundo em constante transformação.

A dissertação defendida pelo PE5 reproduz, de forma substancial, a interseção entre língua, cultura e sociedade, revelando a importância de programas de formação que promovam uma educação crítica e contextualizada, capaz de responder às necessidades das comunidades indígenas e fortalecer suas tradições frente aos desafios contemporâneos.

A partir desse contexto, o entrevistado destaca o impacto transformador em sua vida acadêmica e profissional com a sua inserção no Programa de Mestrado e Formação Profissional Proflind. A experiência foi descrita como um divisor de águas:

“Então, o Programa, ele me transformou, ele que me abre minha mente, abre minha visão de como eu vou fazer o meu projeto, como fazer...ensinar. Antes eu falar em Ticuna, mas não sei escrever em Ticuna, agora quero devolver o que as professoras quer ensinar e eu aprender...”. Essa fala do PE5 demonstra o que o curso proporcionou a ele, os novos conhecimentos em harmonia com uma mudança expressiva na forma como o participante vê e pratica a educação.

A modelização afetiva subjetiva na fala do PE5 se refere às emoções e sentimentos expressos pelo falante, quando manifesta alegria e gratidão, enfatizando seu afeto relacionado ao trabalho da educadora e ao coletivo Ticuna, “eu chorei em casa”, “a gente ama a professora.”, enquanto a dimensão intersubjetiva aparece quando ele fala da relação de amor entre a professora e o povo Ticuna, estabelecendo um laço emocional e social.

A valorização do Programa fica evidente nas expressões de gratidão e no reconhecimento das contribuições das professoras nas falas do PE5: “Eu admirei as professoras e aprendi com eles, muito. Depois eu mesmo que envolvi meu conhecimento e ela me ensinou como fazer e eu consegui passar, né?”. Essas passagens foram fundamentais para o aprendizado e desenvolvimento do participante.

Os modalizadores epistêmicos apresentados pelo PE5 representam as formas de organizar o saber de maneira a conferir autoridade a certas informações. No relato, o entrevistado menciona sua graduação em pedagogia e o aprendizado da língua portuguesa. O uso de expressões como "aprendi pouco a falar português" e "estudei muito" em seu excerto: “Aprendi pouco a falar português, né? Mas, eu não nasce no meio do branco não...eu apenas fala pouco português, mas eu estudei muito, li muito para poder aprender a palavra técnico, né?.”, revela uma construção de conhecimento que legitima sua atuação e a busca de valorização de sua cultura.

Este tema é central para a pesquisa, pois demonstra a eficácia do Programa em capacitar os egressos a aplicarem seus conhecimentos em contextos práticos e em benefício do grupo, especialmente em relação à promoção e preservação da cultura indígena.

O PE5 expressa preocupações com a falta de valorização da língua e da cultura Ticuna no sistema educacional. Ele relata que, apesar de sua formação, ainda enfrenta dificuldades na implementação de práticas que preservem e promovam a cultura indígena dentro das escolas. Essa preocupação é acentuada pela observação

de que o ensino é muitas vezes centrado em práticas não indígenas, o que pode marginalizar as tradições e línguas locais.

Os enunciados assertivos encontrados no discurso do PE5 são essenciais para afirmar realidades e conquistas. Ao declarar “eu passei”, “nós conseguimos defender” e “o povo Ticuna ama a professora”, ele reafirma a sua vivência e enfatiza a importância do trabalho coletivo e do apoio mútuo na educação indígena. Essas afirmações firmam a realidade vivida e o envolvimento emocional com o processo educativo.

Em contrapartida, os enunciados quase assertivos revelaram uma outra camada de comunicação. Quando o PE5 diz em seu discurso: “não tá nem aí se passei”, ele expressa uma leve desconsideração pela validação de seu esforço, sinalizando uma autocrítica ou um ideal mais amplo que valoriza as conquistas coletivas em detrimento das individuais. Essa posição pode ser analisada sob a ótica da abordagem crítica de Fairclough (2019), que enfatiza como a linguagem se manifesta, constrói e transforma relações sociais. Assim, a escolha de palavras do PE5 pode ser vista como uma forma de contestar a lógica competitiva presente na educação formal, sugerindo que o verdadeiro valor reside na experiência compartilhada e na solidariedade entre os indivíduos.

Essa dualidade entre assertividade e hesitação enriquece a compreensão do diálogo e da dinâmica envolvida nas conquistas na educação indígena, ressaltando como as expressões verbais podem servir como um meio de resistência e reinterpretação das normas sociais dominantes.

Os delimitadores expressos na linguagem, como nas falas “a maioria é professor formado pelo OGTPB” e “eu estudei só no município”, não apenas definem ou restringem significados, mas também permitem que o entrevistado situe sua experiência e formação em comparação com outros. Essas escolhas de palavras implicam um reconhecimento da própria identidade e provocam uma reflexão sobre como as experiências educacionais e as decisões pessoais moldam essa identidade. O entrevistado PE5, ao utilizar esses delimitadores, destaca aspectos que considera essenciais para sua formação, como a qualificação acadêmica e o local de seus estudos.

Por outro lado, a modalização deôntica no discurso do PE5, desempenha um papel significativo, evidencia a necessidade de seguir as diretrizes do edital do Profillind para promover a educação indígena: “nós temos que fazer.”. Essa expressão

indica uma obrigação coletiva, ressaltando a responsabilidade compartilhada em promover a cultura e a educação dentro da comunidade. Da mesma maneira, tanto os delimitadores na construção da identidade quanto a ética de ação coletiva se entrelaçam, evidenciando a importância das escolhas e responsabilidades no contexto educativo.

A escolha das palavras e a forma como o entrevistado se expressa podem revelar muito sobre as dinâmicas sociais e as hierarquias existentes no grupo a que pertence de acordo com o método MEDS. O uso de delimitadores pode tanto reforçar laços com a comunidade quanto destacar uma possível exclusão. O MEDS permite uma análise mais aprofundada dessas nuances, ajudando a identificar como os discursos são construídos e desconstruídos em diferentes contextos, realçando a importância da linguagem como um reflexo das relações sociais e identitárias dependendo de como esses elementos são percebidos por outros membros do grupo.

A questão do preconceito e da discriminação, enfrentados pelos alunos indígenas em ambientes educacionais predominantemente não-indígenas foi abordada pelo PE5. Os relatos de discriminação velada e a percepção de falta de compreensão por parte de professores e gestores em sua fala: "às vezes professores e próprios gestores tem sim preconceito, às vez diz que não entende, né? Não entende...tem sim, né? Algum professor que discrimina, mas não mostra que discrimina.", destacam barreiras adicionais que os estudantes indígenas enfrentam. Esses desafios reforçam a necessidade de uma maior sensibilização e formação para educadores e gestores sobre a diversidade cultural e as necessidades específicas dos alunos indígenas. Este tema se relaciona com a pesquisa ao sublinhar a importância de políticas educacionais que abordem e combatam atitudes discriminatórias, promovendo um ambiente inclusivo para todos os estudantes. Essa perspectiva é corroborada por Pêcheux (1988), que discute as relações de poder e a construção de saberes no espaço educativo, enfatizando como a educação pode ser um espaço de inclusão ou exclusão, dependendo das práticas e posturas institucionais.

O PE5 enfatiza a carência de recursos e suporte adequados para a implementação eficaz da educação indígena. A demanda por mais polos educacionais e a necessidade de apoio contínuo de especialistas na educação indígena, sugerindo a inclusão de anciãos e especialistas culturais nas escolas para reforçar o ensino das tradições e práticas dos povos originais.

Ao abordar essa questão, podemos utilizar os princípios da Análise do Discurso de Georges (2008), filósofo, linguista, poeta e psicanalista existencialista, autor de obras escritas nos domínios da ética, pensamento judaico, crítica social e Análise do Discurso, que enfatiza a relação entre linguagem, poder e a construção de significados sociais. A Análise do Discurso permite compreender como as representações sociais são construídas e como essas representações podem influenciar práticas educacionais e políticas públicas. Dessa forma, a inclusão de anciãos e especialistas culturais pode ser vista como uma estratégia para reverter as narrativas históricas que marginalizam a sabedoria indígena e promover uma educação mais inclusiva e representativa.

A transformação proporcionada pelo Programa de Pós-graduação Profissional, combinada com os desafios enfrentados na valorização cultural, preconceito e carência de recursos, proporciona uma base complexa para a discussão sobre a necessidade de melhorias na educação indígena. Essas abordagens são essenciais para a pesquisa, pois permitem a formulação de recomendações que visem a integração mais efetiva da cultura indígena no currículo educacional, o combate ao preconceito e a melhoria do ensino nas comunidades indígenas.

A preocupação com a falta de reconhecimento da língua e cultura Ticuna no sistema educacional a situa como basilar. A preocupação com a falta de valorização da língua e cultura étnicas pode ser destacada neste fragmento da entrevista: "Muitos Ticuna está formando em pedagogia, né? Mas na visão que nós já... já... já... fazer reunião com os professores, nós adultos que formamos na cidade e não valorizam língua Ticuna, alguns valoriza a cultura.". Este trecho revela a preocupação com a falta de valorização da língua e cultura Ticuna dentro do sistema educacional. A frase: "não valorizam língua Ticuna" demonstra uma frustração com a integração inadequada das tradições culturais no currículo. Este exemplo destaca um dos principais desafios enfrentados pelo entrevistado, que é a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e respeitosa para a educação indígena.

O entrevistado relata, com certa frustração, a percepção de que a educação indígena muitas vezes não integra adequadamente as tradições culturais e linguísticas, quando fala em seu discurso: "Parte da educação, algum já trabalhou com artesanato, né? Cultura, até o momento muita jovem, adolescência, não sabia o que é cultura, não sabe o significado da moça nova, né? Porque há professores que não ensina, sobre esse ensino. Ele valoriza mais o não-indígena. Eu fui na escola e na

parede eu não vi nada. Basicamente não é igual aqui, mas agora não.". Ele menciona a necessidade de fortalecer o ensino da língua Ticuna e a cultura indígena dentro das escolas, destacando que o currículo escolar frequentemente prioriza práticas e conhecimentos não-indígenas. Esse padrão de discurso sugere uma tensão entre a preservação cultural e a influência de sistemas educacionais predominantemente não-indígenas.

A ênfase repetida na necessidade de recursos e suporte adicional na fala do PE5: "A gente precisa de mais polo... precisa mais... alguém para orientar a gente, né? Alguém que tem mais conhecimento parte da educação indígena na escola, né? Na comunidade. Manter um ancião que mora na comunidade que pudesse explicar como funciona a cultura indígena, como funciona a educação diferenciada, né? Para que a escola melhore daqui para frente, né?", reflete uma lacuna na infraestrutura educacional que pode comprometer a eficácia do ensino culturalmente relevante. Esses padrões de discurso indicam uma necessidade de ajustes no sistema educacional para melhor atender às necessidades dos estudantes indígenas e promover um ambiente inclusivo e respeitoso.

No decorrer da análise da entrevista com o egresso da primeira turma do Proflind, vários trechos e excertos significativos emergem como representativos da experiência do participante e de suas percepções sobre a educação indígena. Esses trechos estabelecem uma visão detalhada das principais questões discutidas durante a entrevista e fornecem uma base para a interpretação dos padrões de discurso observados.

Linguisticamente os trechos representativos da entrevista revelam *insights* importantes sobre a trajetória do entrevistado. Um exemplo é: "Eu atualmente... eu como coordenador de escola indígena do município de São Paulo de Olivença, né? Eu trabalhei quase sete escolas... sempre frente à escola indígena, né?". Este trecho elucida a experiência do participante como coordenador de escolas indígenas.

A repetição do marcador "né", no discurso do PE5, tem um papel significativo na construção da comunicação. Ele facilita a interação entre falante e ouvinte, que contribui para o caráter informal e acessível do discurso, refletindo a realidade da oralidade na língua portuguesa. Este tipo de análise linguística ajuda a entender as dinâmicas sociais e comunicativas presentes na fala cotidiana, e a construção das frases realça uma forma de falar que pode indicar uma tentativa de enfatizar seu envolvimento profundo e contínuo com a educação indígena. A experiência de

trabalho em várias escolas sugere um conhecimento abrangente do sistema educacional indígena e uma dedicação à sua gestão e desenvolvimento.

Quanto ao fragmento "Eu chorei e falei pra minha esposa: 'Esposa, eu passei pro Programa'. E fui viajar tal dia. E quando eu cheguei na verdade... eu não sei de nada.". Aqui, o entrevistado expressa uma profunda emoção ao receber a notícia de que havia sido aprovado no Proflind. O uso de expressões emocionais, como "chorei", enfatiza a importância pessoal e o impacto transformador do curso de Pós-graduação na vida do participante.

A sensação de incerteza e descoberta ao iniciar o curso revela um processo de adaptação e aprendizado que foi significativo para sua trajetória acadêmica e profissional.

O discurso do PE5 apresenta uma rica narrativa que destaca a vida acadêmica e profissional do falante indígena, revelando suas conquistas individuais e a importância de sua atuação na educação de seu povo. Como coordenador de uma escola indígena, o PE5 se posiciona como um agente de transformação e destaca os desafios e as oportunidades que surgem ao longo de sua jornada.

Sua formação em pedagogia não é meramente um título, mas sim um instrumento que ele utiliza para fortalecer a identidade cultural e promover o conhecimento tradicional entre os alunos. Em seu discurso, o PE5 menciona como a formação acadêmica se entrelaça com os saberes ancestrais, criando um ambiente educativo que valoriza tanto as práticas pedagógicas contemporâneas quanto as tradições indígenas.

Além disso, a experiência do PE5 como coordenador revela um compromisso com a inclusão e a diversidade no sistema educacional. Ele narra episódios em que enfrentou obstáculos, como a falta de recursos e o preconceito institucional como em: "Porque há professores que não ensina, sobre esse ensino. Ele valoriza mais o não-indígena. Eu fui na escola e na parede eu não vi nada.", mas sempre com a determinação de garantir que as vozes indígenas fossem ouvidas e respeitadas. Sua liderança é marcada pela colaboração e pelo diálogo, promovendo um espaço onde educadores e alunos possam expressar sua cultura de forma autêntica.

Linguisticamente, podemos analisar o sentido do que é dito por meio da interpretação temática do conteúdo da fala do PE5, por abordar em seu discurso a interação entre o passado e o presente, destacando como a cultura se transforma ao longo do tempo, principalmente com a introdução de materiais e influências externas.

Ele se preocupa como as tradições e os objetos tradicionais, como os colares e os cocares, estão se perdendo ou sendo substituídos por itens comprados na cidade. Em sua fala: “Hoje em dia Ticuna não usa mais aquele colar não. Já... usa aquele que compra na cidade, parece sem sentido, né? O colar Tucumã é proteção pro indígena, né? ((expressão de fé)). E nunca acontecer se for na mata, não acontecer nada, porque colar é proteção, né? Cocar, significado pro Ticuna quando o Ticuna faz um guerra com tribo, ele usa só com um pena do arara ((faz gesto com a mão uma pena só)).”, o PE5 menciona a importância dos itens como o colar de tucumã, que simboliza proteção, e o cocar, que tem um significado especial em contextos de guerra. Como eles, em algum momento, imitaram as práticas de outras etnias, indicando uma cultura em constante evolução, mas com uma preocupação em preservar a autenticidade e o significado de suas tradições. Isso aponta para a importância de se refletir sobre as tradições a fim de promovê-las de maneira adequada na sociedade contemporânea. Também demonstra que esses objetos não são apenas adornos corporais, mas carregam significados profundos relacionados à identidade, à proteção e à história do povo Ticuna. As expressões de fé e as gesticulações durante o discurso enfatizam a conexão emocional e espiritual que o orador sente a respeito de seus costumes.

Essa paixão é um indicativo da importância que essas tradições têm na formação da identidade pessoal e coletiva do povo Ticuna. Ele enfatiza que, ao formar novos líderes indígenas, está contribuindo para a continuidade de sua cultura e para a luta por direitos e reconhecimento social. Seu discurso é, portanto, uma inspiração não apenas para seus colegas e alunos, mas para toda a comunidade indígena, mostrando que é possível construir um futuro melhor através da educação.

Como resultado, o discurso do PE5 não só narra sua trajetória acadêmica e profissional, mas também serve como um poderoso testemunho da relevância da educação na preservação cultural e na luta por dignidade. Com sua experiência e comprometimento, ele se torna uma voz fundamental na construção de um sistema educacional que respeite e celebre a diversidade cultural, pavimentando o caminho para gerações futuras.

O uso de um vocabulário específico se destaca quando o PE5 menciona termos como "Kokama" e "Kambeba", referindo-se a diferentes grupos indígenas. Essas expressões não apenas reconhecem a diversidade cultural, mas evidenciam o multilinguismo presente nas comunidades indígenas. Além disso, há a utilização de expressões que refletem o contexto cultural da educação indígena, mostrando a

riqueza das línguas tradicionais. A falta de um vocabulário técnico em português é um elemento que demonstra a dificuldade enfrentada pelo PE5 na convivência entre culturas, ressaltando a necessidade de uma abordagem bilíngue que valorize e integre as línguas indígenas no diálogo educacional.

A Análise Crítica do Discurso segundo Norman Fairclough pode ser aplicada ao discurso do entrevistado, permitindo uma compreensão mais profunda das relações sociais, ideológicas e culturais presentes nas suas palavras. Fairclough propõe que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas um campo de construção de significados sociais e de práticas sociais e no contexto apresentado pelo entrevistado, ao falar sobre "colar" e "cocar" como símbolos de proteção e identidade, as metáforas utilizadas retratam a riqueza cultural da tradição indígena e evidenciam a luta pela preservação e valorização dessa identidade em um espaço educacional muitas vezes dominado por paradigmas ocidentais.

Nesse contexto a ancoragem é apresentada e indica o vínculo que o narrador estabelece com sua cultura e identidade. Quando fala sobre a necessidade de ensinar a língua Ticuna e o desejo de os indígenas formarem gramáticas, ele ancora sua identidade no desejo de preservar e valorizar sua cultura. A referência ao "colar" e ao "cocar" e suas significações culturais vai além do aspecto material, ligando-se a uma construção de resistência e identidade do povo.

A transitividade dos verbos utilizados pelo PE5, como "ajudei" e "trabalhar", ressalta as referências do falante e o papel ativo que este desempenha na busca por uma educação que respeite e promova as particularidades culturais do povo Ticuna. Ao empregar verbos que evidenciam ações diretas e intencionais, o discurso enfatiza a participação efetiva do sujeito e reforça a importância de uma abordagem educativa que valorize e integre as especificidades culturais, contribuindo nessa mesma lógica para o empoderamento da comunidade ticuna na construção de seu próprio conhecimento e identidade cultural. Essa escolha lexical agrupa os participantes em um contexto de colaboração, enfatizando a importância de um esforço coletivo em ambientes em que a cultura indígena pode ser marginalizada.

A coesão textual, assegurada pela repetição do entrevistado nos temas como "educação indígena" e "cultura Ticuna": "Está um pouco diferente da educação indígena. Mas a gente vai trabalhar em cima disso e vai conseguir, né?"., indica uma estratégia discursiva para construir um argumento robusto que critica a formação acadêmica tradicional. Essa crítica aponta para uma fala exclusivicionista que, apesar

de sua pretensa universalidade, falha em reconhecer e integrar as raízes culturais dos povos indígenas em sua pedagogia. O próprio funcionamento da linguagem aqui atua como um meio de resistência e afirmação identitária.

As expressões que repetem a luta pelo reconhecimento da educação indígena carregam um sentido de urgência, refletindo uma realidade vivida e uma demanda social por equidade. Nesse sentido, as referências a figuras educacionais e à identidade Ticuna não são meras menções, mas fervorosos apelos à visibilidade e valorização das práticas e saberes indígenas dentro do sistema educacional.

A análise das hesitações e das pausas no discurso do PE5 sugere que as emoções e experiências do falante estão entrelaçadas com suas dificuldades na articulação dessas questões, algo que Fairclough aborda ao mencionar a importância das condições sociais que moldam a fala. Tal aspecto apresenta-se como uma camada adicional ao discurso, que contextualiza a luta, o sofrimento e as resistências que permeiam a narrativa do entrevistado.

Os pronomes pessoais utilizados pelo entrevistado, como "eu", "nós" e "eles", revelam a construção de identidade coletiva e um reconhecimento das experiências compartilhadas, o que é fundamental para a formação de uma comunidade discursiva que luta pelo reconhecimento de suas histórias e direitos. Este uso pronominal indica uma possível crítica à dissociação que pode existir entre a cultura indígena e a sociedade maior, destacando um desejo de reconexão e inclusão.

Os adjetivos empregados no discurso do PE5 descrevem a cultura Ticuna, como "muita", "antigo" e "diferente", retratam a diversidade cultural, sinalizam um valor intrínseco das tradições que necessitam ser preservadas na face de rápidas mudanças sociais. Esta intersecção entre passado e presente é um fator importante na construção de uma narrativa que valoriza a ancestralidade.

Observamos que existem contradições presentes no discurso do PE5, em que o falante não se sente ainda totalmente preparado para lidar com todas as demandas de seu povo e sua cultura, apesar de suas conquistas, revela tensões que coexistem dentro do processo de busca por reconhecimento e legitimidade. Essa interiorização de conflitos pode servir como uma crítica ao modo como as instituições educacionais e sociais tratam as identidades indígenas, sugerindo que, mesmo ao alcançar marcos significativos, a fragilidade na autoafirmação continua.

Diante desse conflito do PE5, a presença da modalização em seu discurso é expressa em frases como "precisa melhorar" e "é importante" como em: "É através

das leis né? Precisa melhorar. “, em que denota a assertividade do discurso ao determinar as exigências para a mudança. As expressões de crença e certeza revelam uma esperança persistente na transformação social, enquanto os enunciados de negação expressam a frustração e a insatisfação com a invisibilidade das questões discutidas.

A Análise Crítica do Discurso de Fairclough nos fornece ferramentas valiosas para compreender o conteúdo das falas e as intrincadas práticas sociais, ideológicas e culturais que as sustentam. Isso é particularmente relevante quando refletimos sobre as lutas e reivindicações dos povos indígenas, especialmente no contexto educacional e social. A Análise do Discurso nos ajuda a revelar a trajetória e as dificuldades enfrentadas pelos falantes dentro da educação indígena, permitindo a identificação das interações socioculturais que permeiam suas expressões.

A identidade Ticuna se manifesta através da linguagem como um poderoso instrumento de resistência e afirmação, desafiando a desvalorização que a educação indígena frequentemente enfrenta. As expressões de gratidão e admiração nas falas do entrevistado evidenciam uma conexão afetiva com suas raízes, refletindo uma profunda esperança em um futuro educativo que valorize verdadeiramente suas especificidades culturais. A Análise Crítica do Discurso, especialmente a partir da descrição do PE5 sob a ótica de Pêcheux, revela a complexidade das relações de poder, identidade e subjetividade nesse contexto.

A narrativa do entrevistado destaca as experiências e os desafios enfrentados pelos Ticuna e constrói um panorama de luta e valorização da cultura indígena. Desta forma, o conhecimento e a educação são apresentados como formas de resistência e transformação social.

Nesse sentido, a necessidade de um reconhecimento mais amplo das vozes indígenas na construção de uma educação que respeite e integre suas identidades torna-se evidente, ressaltando a importância de uma abordagem que promova a inclusão e a valorização da diversidade cultural no âmbito educacional.

Portanto, a proposta de uma educação que respeite e integre as identidades indígenas se alinha à crítica de Pêcheux sobre a importância de desconstruir discursos hegemônicos que tendem a apagar a singularidade de sujeitos e culturas. Em última análise, abrir espaço para vozes indígenas é fundamental não apenas para a formação de uma sociedade plural, mas também para a reivindicação de uma educação verdadeiramente transformadora, que reconheça a multiplicidade de

saberes e experiências que compõem a realidade social. Assim, a luta pela valorização da cultura indígena e a promoção de uma educação inclusiva se entrelaçam em um mesmo movimento de resistência e transformação da sociedade.

## **5.6 Análise da entrevista do Participante Entrevistado 6 (PE6)**

A análise do discurso é uma ferramenta poderosa para investigar as confluências entre a identidade étnica, a educação e a cultura, especialmente em contextos marcados por desigualdades históricas. Dessa forma, a entrevista realizada com uma aluna egressa do Programa de Pós-graduação *stricto sensu* do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas - Proflind – da etnia Ticuna do Alto do Solimões com 49 anos de idade, apresenta suas narrativas, experiências e as complexas dinâmicas realizadas em sua trajetória acadêmica e pessoal. Tendo defendido sua dissertação em 2018, a aluna fez parte de uma das primeiras turmas do Proflind. O enfoque recai sobre a maneira como a entrevistada articula sua identidade étnica com sua formação educacional e as estratégias que emprega para a preservação cultural de seu povo. Assim, doravante a entrevistada passará a ser identificada pela PE6 no contexto da análise.

O povo Ticuna, reconhecido como o maior grupo indígena em termos populacionais no Brasil, ocupa territorialidades situadas na região da tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, em que compartilham traços culturais e linguísticos semelhantes.

A maior concentração de sua população, que é estimada em cerca de 30.000 indivíduos (IPOL) encontra-se no estado do Amazonas, especialmente ao longo das margens do rio Solimões, área de significativa importância para a organização espacial e cultural desse grupo. A língua Ticuna é considerada uma língua isolada, o que implica a ausência de relações diretas com qualquer outro idioma conhecido na região. Estudos linguísticos apontam que ela possui peculiaridades notáveis, como a distinção de significados por meio de variações tonais, uma característica incomum entre as línguas indígenas das Américas. Além disso, a língua é rica em expressões que manifestam a relação do povo com a natureza e sua cosmologia. Apesar das

transformações sociais e da crescente influência do português, o Ticuna continua amplamente utilizado nas aldeias, e políticas de educação bilíngue têm sido implementadas com o objetivo de assegurar sua continuidade e preservação.

Os Ticuna estruturam sua organização social em clãs, seguindo uma linha de descendência matrilinear. Esse sistema matrilinear é fundamental para a definição das relações familiares e de propriedade dentro da comunidade. Sua cosmologia é profundamente enraizada em mitos e crenças associadas à natureza, sendo a floresta um elemento essencial em sua concepção do mundo. Dentre os rituais mais significativos, destaca-se a Festa da Moça Nova, que simboliza a transição das jovens para a fase adulta. Este ritual coletivo envolve a participação de toda a comunidade, com apresentações de músicas, danças e o uso de máscaras de madeira, refletindo a estreita relação entre suas práticas cerimoniais, a cosmologia e a estrutura social ticuna. A festa também serve como um momento de reafirmação de identidade cultural e coesão social.

Desde a era colonial, os Ticuna vêm enfrentando pressões externas sobre suas terras e formas de subsistência. Ao longo do século XX, a missão e os projetos de desenvolvimento promovidos pelo Estado, incluindo a construção de estradas e a exploração de recursos naturais, provocaram mudanças significativas em suas comunidades. Contudo, os Ticuna resistiram a essas influências externas através da manutenção de suas tradições culturais e do fortalecimento de sua organização política. Nas últimas décadas, o movimento indígena Ticuna ganhou força, alcançando conquistas importantes, como a demarcação de territórios e o reconhecimento de seus direitos indígenas.

A luta pela demarcação de terras constitui um dos pilares da resistência Ticuna. A partir dos anos 1980, o governo brasileiro passou a reconhecer suas reivindicações territoriais, delimitando áreas historicamente ocupadas pelos Ticuna, com destaque para a demarcação da Terra Indígena Ticuna, que abrange uma vasta extensão de terra e é vital para a preservação de seus modos de vida. Essa batalha não é só por território, integra a luta pela autonomia e pela implementação de um modelo de sustentabilidade que valoriza o uso tradicional e responsável dos recursos naturais, promovendo a coexistência harmônica entre as práticas culturais e a conservação ambiental Wright, Robin M. (1992).

Os Ticuna representam um exemplo notável de resistência cultural e política, enfrentando séculos de colonização e pressões externas, mas conseguindo preservar

suas tradições e cosmologia. Seus contínuos esforços para salvaguardar a língua, os rituais e seus territórios têm sido extensivamente estudados por pesquisadores e reconhecidos em políticas públicas direcionadas aos povos indígenas. Além disso, a participação ativa dos Ticuna em fóruns e conferências internacionais tem contribuído para o fortalecimento de sua voz no cenário global, ressaltando a importância de suas experiências e conhecimentos ancestrais na luta pela justiça social e ambiental.

A análise temática do discurso da PE6 se dá com referência a Identidade Étnica, a entrevistada inicia sua fala destacando sua origem étnica, a etnia Ticuna, e a relação com sua comunidade. Ao mencionar a sua vivência na aldeia e a educação que recebeu em sua língua nativa, ela ressalta a importância da sua herança cultural e linguística. A expressão "nossa língua" em sua fala: "... e é muito importante por que é cada tom na nossa língua mesmo, né? A gente aprende como é a nossa língua mesmo, né? Cada som que a gente faz, cada tom, né? Porque a nossa língua é dificuldade da pessoa aprender, né?", demonstra um forte vínculo com a identidade coletiva e um desejo de preservação cultural.

Nesse contexto um exemplo marcante é a declaração da PE6 sobre sua motivação para realizar o mestrado: "Eu me inscrevi para aprender como escrever o tom baixo, fino, grosso... Quando a voz canta, faz aquele som, a voz faz quando ela canta, fica bem bonito." Este trecho evidencia a profunda conexão entre sua formação acadêmica e o desejo de preservar e revitalizar a música tradicional Ticuna, além de refletir uma intersecção rica entre a pedagogia, a linguística e as teorias de discurso de Norman Fairclough.

Ao expressar seu interesse em aprender sobre as nuances do som vocal, a PE6 se refere a uma técnica musical, a um processo de ensino-aprendizagem que envolve a compreensão da cultura e da identidade ticuna, que transcende as práticas tradicionais de ensino e se torna um veículo para a transmissão de saberes culturais e emocionais.

Esse segmento traz a intersecção entre língua e cultura, em que a PE6 utiliza terminologias do português para descrever elementos sonoros que são característicos das performances tradicionais Ticuna. A escolha dos termos "baixo, fino, grosso" ilustra um esforço de traduzir nuances culturais que vão além da gramática normativa, expressando um sentido estético e identitário.

A abordagem linguística de Fairclough (2003), que se concentra nas relações entre linguagem, poder e sociedade, pode ser aplicada na fala da PE6 para entender

como ela concebe o ato de cantar sendo uma forma de resistência e afirmação cultural. Ao falar de diferentes modos de tonalidade, ela não se limita ao aspecto técnico, mas foca na importância da expressão cultural e na forma como a sonoridade da música tradicional carrega significados e valores coletivos. A maneira como a língua, a música e a cultura estão entrelaçadas evidencia a necessidade de um espaço pedagógico que não apenas ensine, mas também amplifique vozes marginalizadas e preserve tradições que podem estar ameaçadas pela globalização.

A música não é apenas arte, ela é um meio de comunicação que expressa ideias, visa a autenticidade, a identidade, se conecta com as raízes culturais, promove uma educação que valoriza a diversidade e a ancestralidade, além de ser um elemento importante tanto no campo da linguística quanto na pedagogia. Portanto, ao aprender a cantar, a PE6 se inscreve em um processo o qual a voz se torna um instrumento pedagógico que ensina tanto a si mesmo quanto à comunidade sobre quem eles são e quais histórias desejam contar.

Esse diálogo entre a música, a pedagogia e a linguística, filtrado pela lente crítica de Fairclough, nos permite ver como a busca da PE6 vai além do mero aprendizado técnico. Ela se propõe a ser um agente de transformação cultural, utilizando a educação como um meio para reivindicar e reimaginar sua cultura.

Durante o discurso da PE6, destacam-se várias passagens como: "... Eu entrei, nós fizemos com as nossas colegas e consegui entrar, porque era tão importante pra nós pra poder aprofundar mais na nossa língua mesmo, porque depois pode ajudar meus alunos e os outros professores para dar aula, porque ele não sabe e ele aprender bem ainda a nossa língua, porque a gente fala o nossa língua, todo mundo fala a nossa língua...", em que a entrevistada transmite a importância do idioma como marcador de identidade étnica no Profllind. Além disso, a PE6 relata os dilemas educacionais de um ensino bilingue que geram muitas vezes desigualdades escolares e sociais que os membros da comunidade Ticuna enfrentam no acesso à educação não indígena, em sua fala: "A maioria fala a língua nativa mesmo, não fala o português não, até porque tem muita dificuldade," e em: "o professor lá fala a língua nativa e tem dificuldade de falar o português.". A falta de professores contratados pela prefeitura e a dependência de remuneração em produtos agrícolas mostram uma estrutura educacional fragilizada. A entrevistada também se sobrepõe às limitações do ensino nas grandes cidades, em que ela percebe uma desconexão com a cultura local, quando fala: "Aí eu queria aprender, aí eu me escrevi e isso eu aprendi aqui e a minha

dissertação é sobre a música. A música antiga dos avós que cantavam na festa da moça nova ... Eu vi que tava fraquecendo ... porque aquela música festa da moça nova é sagrado e nem encontrava mais isso não."

O foco na música e nas tradições associadas à festa da moça são lembradas pela PE6 em sua narrativa: "É fundamental que continuemos valorizando nossa música e as tradições que cercam essa festa, pois cada canção e cada ritual são parte da nossa identidade. Sinto que, se não preservarmos essas práticas culturais, corremos o risco de perder o que somos.", sinaliza uma preocupação com a perda das práticas culturais, que são fundamentais para a preservação da identidade de uma comunidade, especialmente em um mundo onde a globalização e a modernização podem ameaçar tradições locais. A PE6 expressa tristeza ao perceber que as tradições estão se esvaindo e que a música e a dança, que são sagradas para sua cultura, não são mais praticadas. Seu objetivo de resgatar essas tradições destaca a urgência de um movimento de preservação cultural diante de uma ameaça intensificada por fatores externos, como a predominância de linguagens hegemônicas que marginalizam suas vozes. Por esse motivo a PE6 volta-se para seu trabalho de conclusão de curso, quando relata: "Aí eu queria aprender, aí eu me escrevi e isso eu aprendi aqui e a minha dissertação é sobre a música. A música antiga dos avós que cantavam na festa da moça nova."

Ao relatar em seu discurso: "Aí depois disso eu conclui toda Ensino Médio lá na cidade no magistério. Aí chegou também o dia do curso da pedagogia, chegou também o...o dia do curso do OGPTB. Eu fiz também, eu fiz.. pa...passei, mas só que eu desisti de estudar lá. Eu preferi estudar aqui na cidade, né?", algumas pausas, indicadas pela PE6 pelos "...", sugere um fluxo de pensamento natural, como se a entrevistada estivesse se lembrando ou narrando suas experiências de forma espontânea. A repetição da palavra conectiva "aí" pode indicar uma transição entre os eventos narrados, criando uma sensação de continuidade. A fala menciona a conclusão do Ensino Médio no "magistério" e a passagem para o "curso da pedagogia" e o "curso da OGPTB", que é um projeto de curso superior elaborado pela equipe pedagógica da Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngues e selecionado pelo Programa de Apoio à Implantação e Desenvolvimento de Cursos de Licenciatura para Formação de Professores Indígenas (Proflind). Esses relatos da PE6 fornece uma visão sobre suas escolhas educacionais, experiências e reflexões sobre o

processo de aprendizagem. Cada etapa mencionada oferece insumos para entender sua trajetória e as motivações que estão por trás de suas decisões.

Dessa forma, a Análise do Discurso demonstra não só as contradições internas dos indivíduos que buscam se conectar com suas raízes linguísticas, mas amplificam o entendimento de como as dinâmicas de poder determinam o acesso das comunidades e sua relação com a língua. Essa abordagem crítica contribui para um entendimento profundo das motivações e desafios enfrentados por aqueles que se encontram na interseção entre a língua nativa e a língua do entorno hegemônico.

Ao abordar os desafios na educação indígena, a PE6 menciona a discriminação de professores não-indígenas e a necessidade de uma universidade própria para indígenas em seu excerto: “...E tem também os professores não-indígenas deve respeitar bem a educação diferenciada. Porque muitas vezes não está respeitando mais não. Ele leva a cultura dele lá pra aldeia, ((demonstrou-se irritada com essa situação)).”. Ela também relata a necessidade de uma universidade própria para indígenas: “...se tivesse universidade própria indígena, deve ter aí bem perto, né? Porque com isso muitos alunos não estão chegando as universidades não. Tem muita dificuldade de vir pra cá, cidade grande, né? Porque não tem recursos para se manter aqui não.”. A crítica à forma como a cultura indígena é tratada na educação formal, descortina uma luta por reconhecimento e respeito às particularidades das culturas indígenas.

A educação bilíngue é retratada pela PE6, em sua fala sobre a necessidade de ensinar tanto a língua nativa quanto o português: “Porque muitas vezes os alunos não lê... não lê na nossa língua mesmo. Eles têm dificuldade de ler na nossa língua escrita mesmo no livro, não leem não. A gente incentiva ele pra ler, a gente fala como se diz, né? Mas não adianta. Eles têm dificuldade de ler a própria língua. A gente tem que fazer os dois, a nossa língua e o português, que aí facilita mais para eles.”. Esse relato da entrevistada retrata um dilema comum enfrentado por comunidades indígenas. A dificuldade dos alunos em ler e escrever na língua nativa indica um desafio educacional que impacta a preservação cultural.

A análise linguística da fala da PE6 mostra várias dimensões importantes da comunicação e o significado por traz do que é dito como por exemplo na estrutura frasal. A PE6 utiliza-se de orações que, embora muitas vezes fragmentadas, transmite uma narrativa coesa. O uso de conjunções como "porque" e "e" no excerto: “...porque era tão importante pra nós pra pode aprofundar mais na nossa língua mesmo, porque

depois pode ajudar meus alunos e os outros professores para dar aula, porque ele não sabe e ele aprender bem ainda a nossa língua...e ir também visitar a família que está longe, né? E tem também os professores não-indígenas deve respeitar bem a educação diferenciada.”, ajuda a conectar suas ideias, promovendo um raciocínio organizado sobre suas experiências e reflexões.

A repetição e a ênfase que a entrevistada apresenta em: "Se a gente puder ir trabalhar lá nessa universidade para fortalecer nossa cultura, nossa língua. Porque os outros municípios não estão falando mais a língua com vergonha, né? Porque diz que tem discriminação.", nas expressões como: "nossa língua" e a ênfase em "cultura" enfatizam a centralidade desses temas em seu discurso. Essa estratégia retórica destaca sua relevância e cria um convite à empatia e à reflexão do ouvinte sobre o peso que a língua e a cultura têm na formação da identidade individual e coletiva. Ao utilizar essas expressões, a PE6 constrói uma narrativa que visa valorizar suas raízes e conscientizar os ouvintes sobre os desafios enfrentados por comunidades que lutam para preservar suas tradições e formas de expressão.

Esse chamado à empatia é particularmente eficaz, pois permite que o público se conecte emocionalmente com a causa defendida. A hipótese subjacente é que, ao reconhecer a importância da língua e da cultura, os ouvintes se tornam mais propensos a considerar suas próprias experiências e a refletir sobre como suas identidades sofrem influência de fatores externos ao seu cotidiano. Essa abordagem da PE6 procura mobilizar para uma ação social ou conscientização, reforçando a necessidade de valorizar a diversidade cultural.

Além disso, a repetição de algumas palavras como as citadas acima, servem para consolidar a mensagem central, tornando-a mais memorável. O uso de um tom apaixonado e engajado dá vida ao discurso, deixando claro que a preservação da língua e da cultura não é apenas uma questão acadêmica, ela passa por uma luta cotidiana de um povo que busca garantir seu lugar no mundo.

Dessa forma, através da eloquência e da paixão, a entrevistada não somente informa, mas visa chamar a atenção para a questão indígena, cultivando um espaço de diálogo onde a valorização da pluralidade cultural se torna uma prioridade.

A análise linguística do pronome "eu" utilizado pela PE6 em sua entrevista, apresenta revelações importantes de identidade, agência e posicionamento discursivo. O uso repetido e enfático do pronome pessoal no singular de primeira pessoa não se limita a uma marcação gramatical de sujeito, mas desempenha um

papel significativo na construção do *ethos* discursivo da entrevistada e na articulação de suas experiências, trajetórias. Desde o início da entrevista, o pronome "eu" é utilizado para marcar o pertencimento étnico e a localização geográfica da participante: "Eu sou da etnia Ticuna". Essa construção inicial não identifica apenas uma falante, mas situa seu ponto de vista a partir de uma perspectiva indígena. Essa afirmação de identidade é relatada pela nomeação em sua língua materna: "meu nome é Nupawe`ena na minha língua", reforçando a importância de sua origem linguística e cultural para a construção de sua identidade discursiva.

O uso de gestos e expressões faciais pela PE6 em sua fala: "mas a gente não saber escrever qual que é sílaba, qual que é plural, onde fica plural? Onde que fica objeto? ((gesticula a pontuação)). Porque nosso é contrário, ((gesticula troca de lados)) não é igual a vocês ((expressa muita confiança em sua fala)).", aponta o seu engajamento e paixão pela cultura Ticuna. A dificuldade com a linguagem escrita, evidenciada pela incapacidade de entender conceitos gramaticais como sílaba e plural, revela uma desconexão entre a língua falada por comunidades indígenas e a forma como a língua portuguesa é ensinada. Essa situação indica a presença de uma barreira linguística e cultural, na qual as estruturas gramaticais e as formas de expressão da língua indígena não se alinham diretamente com as regras do português. Ao mesmo tempo, a afirmação "nosso é contrário" evidencia que a maneira de compreender e organizar o mundo na cultura indígena é distinta da cultura dominante. Isso sugere que as categorias gramaticais e a lógica de construção de frases não são universais, sendo cada cultura portadora de sua própria forma de expressar ideias e conceitos.

A expressão de confiança na língua falada, manifestada através da gesticulação e da afirmação da validade de sua língua, ressalta a importância da identidade cultural e a resistência à imposição de normas culturais e linguísticas externas. Essa postura afirma a legitimidade da língua indígena, reforçando a autoconfiança no modo de pensar e se expressar. Além disso, essa situação aponta para a necessidade de abordagens educacionais que respeitem e integrem as línguas indígenas, valorizando suas particularidades e reconhecendo o conhecimento que elas trazem consigo. A educação linguística deve, portanto, ser sensível às diferenças e buscar um diálogo construtivo entre as culturas.

Essa fala se transforma em um convite à valorização das línguas indígenas, enfatizando que cada uma possui sua própria lógica e estrutura, as quais merecem respeito e reconhecimento.

A expressão “nosso é contrário”, refere-se às comparações linguísticas entre as de palavras em frases do português brasileiro e da língua Ticuna, apresentadas no discurso da PE6. Essa expressão destaca uma característica tipológica da língua Ticuna, que difere do português em sua estrutura e uso. Por exemplo, a ordem gramatical na frase em Português Brasileiro (SVO): "O menino (sujeito) come (verbo) a maçã (objeto).", em que o verbo precede o objeto, não ocorre como ordem básica do Ticuna. Na língua Ticuna, a estrutura de frases costuma ser SOV, em que o verbo ocorre em posição final. Ao analisarmos essas diferenças, podemos compreender melhor como as particularidades da língua Ticuna influenciam a forma como seus falantes se expressam em comparação com o português.

Assim, sobre o tema encontramos em, Soares (2000, p.19 ) que assinala:

[...] Tipologicamente, o Ticuna é uma língua nominativo acusativa. Apresenta flexibilidade na ordem dos constituintes maiores de uma sentença, sendo que a chamada ordem Sujeito Objeto Verbo (SOV) – analisada como derivada ou não – é, em si, suficiente para a explicitação de funções sintáticas. A língua apresenta tópico sentencial morfologicamente marcado e ocupante direto da periferia esquerda da sentença. Enquanto na Língua Portuguesa é utilizada a sequência sujeito-verbo-objeto (SVO). Esse fato demonstra como os Ticunas convivem com uma assimetria entre sujeito e objeto, na qual é o objeto que sobressai, já que sua situação sintática se apresenta como muito mais elaborada do que aquela do sujeito: uma lacuna estrutural é admitida para sujeitos, mas não para objetos...

Nesse contexto podemos ressaltar uma percepção crítica na fala da PE6 sobre as estruturas educacionais convencionais, as formas linguísticas, o uso das palavras, as colocações verbais no contexto das frases que muitas vezes não reconhecem ou valorizam as particularidades linguísticas e culturais das populações indígenas.

Além disso, o uso de gestos expressivos, como a imitação de sons e a representação de ações cotidianas, não só traz vida ao relato, mas serve como uma ponte para conectar sua experiência pessoal à identidade coletiva do povo Ticuna. Este recurso não verbal funciona como uma ferramenta de afirmação, em que cada

movimento enfático se alinha à sua mensagem, reforçando a importância da transmissão de conhecimento e da manutenção das tradições.

A confiança que ela expressa em seu discurso se entrelaça com a sua comunicação não verbal, criando um ambiente de imersão, autenticidade, pois articula suas ideias, mesclando verbalizações com gestos e transforma a entrevista em um espaço de aprendizado mútuo, em que a cultura Ticuna é não apenas compartilhada, mas celebrada.

De acordo com Aryon Rodrigues, em sua fala:

"As línguas indígenas constituem (...) um dos pontos para os quais os linguistas brasileiros deverão voltar a sua atenção. Tem-se aí, sem dúvida, a maior tarefa da linguística no Brasil". Por um lado, "cada nova língua que se investiga traz novas contribuições à linguística; cada nova língua é uma outra manifestação de como se realiza a linguagem humana." (Rodrigues, 1986, p.5).

A afirmação de Aryon Rodrigues ressalta a importância das línguas indígenas para a linguística e destaca o papel fundamental que esses idiomas desempenham na compreensão da diversidade linguística e cultural da humanidade. Ao afirmar que "cada nova língua que se investiga traz novas contribuições à linguística", Rodrigues sugere que as línguas indígenas não são apenas sistemas de comunicação, mas também repositórios de conhecimentos, modos de pensar e percepções de mundo que são únicos e valiosos, muitas vezes marginalizadas ou subestimadas, oferecem uma riqueza de estruturas gramaticais, pragmáticas e vocabulários que desafiam as concepções tradicionais da linguística. Algumas línguas indígenas podem apresentar formas de expressão que não possuem equivalentes diretos nas línguas de origem europeia, revelando maneiras distintas de categorizar o espaço, o tempo e as relações sociais. Essa diversidade linguística nos ensina que a linguagem é um fenômeno adaptável e reflexivo, moldado pelas experiências e realidades das comunidades que a falam.

Além disso, o trabalho de documentação e revitalização das línguas indígenas é crucial, não apenas para preservar essas culturas em risco de extinção, mas também para enriquecer o conhecimento linguístico global. Cada língua é uma janela para a compreensão de diferentes formas de organizar o pensamento e a comunicação, e, portanto, é uma oportunidade para ampliar o horizonte cognitivo dos

estudiosos da linguística. Portanto, ao analisar o papel dos gestos e expressões faciais da PE6 nessa comunicação, é evidente que eles são ferramentas essenciais para a expressividade, como para a afirmação da identidade e resistência cultural. Tais elementos dão visibilidade à luta por reconhecimento e valorização das tradições indígenas, mostrando que a linguagem vai além das palavras e que a cultura é comunicada em um entrelaçamento de sons, movimentos e emoções.

Neste contexto, o método de Leonardo Vichi (2021) nos orienta a observar como a estrutura e a escolha lexical das falas contribuem para a construção da identidade do sujeito que fala. No caso da PE6, a assertividade em seu discurso deixa transparecer a sua segurança quanto ao tema abordado. — a formação acadêmica e o valor da cultura — e sugere um grau elevado de comprometimento e identificação com esses conteúdos.

A maneira como ela articular suas ideias, utilizando uma linguagem clara e decidida, reforça a ideia de que sua trajetória acadêmica a empoderou, possibilitando-lhe uma posição de fala que é, ao mesmo tempo, reflexiva e crítica. Isso indica um domínio do conhecimento teórico e uma vivência que parece moldar sua visão de mundo.

Ademais, a redução do uso de quase-assertivos, como “eu acho que” ou “pode ser que”, sugere uma construção de certeza em suas colocações. Esse fenômeno pode ser analisado sob a perspectiva dos valores que a entrevistada atribui à sua formação e à cultura em geral. A confiança em suas falas pode ser vista como um reflexo de um processo de validação interno e social, ou seja, ela não acredita apenas no que diz, mas sente que sua experiência é valorizada em um contexto mais amplo.

Além disso, o discurso da PE6 pode ser interpretado como uma forma de resistência e valorização cultural. Ao afirmar a importância de resgatar a cultura, ela não apenas reivindica um espaço para a memória e identidade coletiva, mas visa conscientizar os outros sobre a relevância dessas questões em um mundo globalizado e muitas vezes indiferente às singularidades locais. Esse posicionamento faz parte de um processo discursivo que busca a afirmação da individualidade e contribui para o fortalecimento de uma comunidade cultural.

Portanto, a Análise do Discurso evidencia as matizes da fala da entrevistada e a construção de um *ethos* que se propõe como agente de transformação social. A força de seu discurso, embasado em uma formação acadêmica sólida e no desejo de

resgatar e valorizar a cultura, representa uma articulação significativa entre conhecimento e prática social, que se alinha a trajetória individual e comunitária.

As variações linguísticas na fala da entrevistada mostram uma forma do português que pode incluir influências da língua Ticuna, evidenciando o processo de bilinguismo. O uso de estruturas linguísticas que não seguem as regras do português formal indica a naturalidade e autenticidade de sua voz, além de apresentar a complexidade do bilinguismo e das realidades culturais. Essas variações enriquecem o diálogo e trazem à tona a identidade cultural da entrevistada e de sua comunidade.

A presença de elementos da língua Ticuna em sua fala pode ser percebida em construções morfossintáticas, escolhas lexicais e até na prosódia, criando uma intersecção dinâmica entre as duas línguas. Ilustram a interferência da língua materna Ticuna no português, língua estrangeira os seguintes excertos: e “...eu fiz o meu tudo nesse patrimônio imaterial da moça nova, da tambor, da fruta e da tracajá, eu fiz um livro meu que fala tudo isso daí, ele fala tudo a história dos instrumentos que a gente usa na moça nova, aí.”. Esse fenômeno linguístico ilustra como o bilinguismo vai além da mera troca de palavras entre idiomas; ele é um reflexo de vivências compartilhadas, práticas culturais e uma história coletiva que molda a maneira como os indivíduos se expressam, visto que o entrelaçamento das línguas pode ser observado como uma resistência cultural, mas um meio de comunicação e preservação e valorização da identidade cultural.

A transitividade é predominante na construção das frases da PE6, que compartilha suas experiências e desejos de forma ativa, utilizando verbos que exprimem ação e engajamento, como "aprender", "resgatar", "manter" e "ajudar". O tema central gira em torno da valorização da língua e cultura Ticuna e a luta contra a discriminação, o que se reproduz quando ela narra suas experiências educacionais e os desafios enfrentados.

Dessa forma, a linguagem empregada pela PE6 não se limita a ser um reflexo de seu contexto sociocultural, passando a ser um componente essencial na formação de suas narrativas individuais e coletivas. Essa realização reforça a importância de se valorizar as diversas formas de expressão linguística e cada uma delas carrega consigo histórias, saberes e modos de vida que merecem ser respeitados e preservados.

Assim, a análise das variações linguísticas na fala da PE6 nos oferece uma janela para compreender a riqueza do bilinguismo, mas principalmente a indefinível conexão entre linguagem, cultura e identidade.

A estrutura da narrativa da PE6 se desenvolve a partir de memórias pessoais e experiências, criando um relato íntimo e ao mesmo tempo, ela expressa uma forte modalização afetiva, evidenciada em seu tom de tristeza e preocupação ao discutir a perda da tradição e da cultura. Suas palavras transmitem um lamento e um desejo profundo de preservação das raízes culturais que estão se dissipando ao longo do tempo.

O uso de tempos verbais, como o pretérito e o presente como em: "... e quando eu soube desse curso eu me interessei, porque a nossa cultura tava fraquecendo já. Eu vi que tava fraquecendo... aí quando eu soube desse curso eu fiz, né? Eu entrei, nós fizemos com as nossas colegas e consegui entrar, porque era tão importante pra nós pra pode aprofundar mais na nossa língua mesmo...". revelam que PE6 está em um processo de reflexão sobre suas experiências e a importância delas para a sua identidade cultural. A alternância entre passado e presente contribui para um tom de urgência e relevância, reforçando que as questões culturais e linguísticas continuam a ser significativas. O uso da metáfora também aparece, quando ela menciona que "a cultura estava fraquecendo". Esse uso metafórico exprime a preocupação com a perda cultural e ilustra uma fragilidade que pode ser sentida e visualizada, evocando imagens de luta e resistência. Indica também o passado e continuidade, sugerindo uma luta constante pela educação e pela preservação cultural, reforçando a narrativa de resistência. Essa resistência se manifesta na busca por conhecimento e na valorização das identidades culturais que estão ameaçadas. As memórias compartilhadas anunciam um profundo vínculo com a tradição e a ancestralidade, em que cada conquista, por menor que seja, é celebrada como um passo em direção à resistência coletiva. Ao narrar suas experiências, a PE6 estabelece um diálogo com suas raízes e um compromisso com as gerações futuras.

Além disso, a linguagem utilizada é carregada de emoção e autenticidade, refletindo a urgência com que essas questões são tratadas. As interrupções e as hesitações na fala são elementos que humanizam a narrativa, tornando-a mais acessível e identificável. Essas marcas de oralidade enriquecem o relato e reforçam a ideia de que a luta pela preservação da cultura é uma questão viva e pulsante, intrinsecamente ligada à própria identidade.

A intersecção entre o passado e o presente serve como um insumo poderoso para compreender a relevância da educação nas comunidades que enfrentam o desafio de manter suas tradições vivas em um mundo em constante transformação.

A experiência do curso mencionado se torna um símbolo de esperança, uma oportunidade de reviver práticas antigas e reinterpretar saberes de forma contemporânea. Assim, a narrativa da PE6 transcende o relato individual, aproximando-se de uma narrativa coletiva que ecoa as vozes de muitos que se encontram na mesma jornada de resgate cultural e reafirmação identitária.

A Análise do Discurso da entrevistada denota uma rica relação intrínseca entre sua língua e sua identidade que é expressa nas palavras que escolhe e na forma como se coloca como representante de sua comunidade. A análise linguística dessa apresentação destaca a força e a resiliência de um povo que busca, acima de tudo, preservar sua cultura e linguagem em um mundo que muitas vezes ignora suas vozes e realidades.

O discurso da PE6 evidencia uma crítica ao sistema educacional na afirmação: "Se tivesse universidade própria indígena, deve ter aí bem perto, né? Porque com isso muitos alunos não estão chegando as universidades não.". Linguisticamente, esse comentário da entrevistada ressalta a modalização deôntica ao enfatizar a urgência de se ter universidades indígenas, para que se possa superar as dificuldades enfrentadas pelos estudantes indígenas ao acessar instituições de ensino superior devido à distância e aos desafios financeiros. É uma necessidade fundamental que se traduz na obrigação de respeitar a educação diferenciada. Ela menciona que é imprescindível "ter" essas instituições, sugerindo estruturas educacionais que sejam acessíveis e adaptadas às realidades das comunidades remotas uma responsabilidade que deve ser assumida por todos e pode ser um passo crucial para melhorar a inclusão e a representação indígena na educação superior.

A ênfase que a PE6 dá ao estudo detalhado da fonologia e da gramática da língua Ticuna reflete a importância que a participante atribui à documentação e ao ensino das tradições culturais. De modo adicional, a entrevistada destaca a importância da cooperação intercultural, quando fala: "Não...não, não encontrei dificuldade muita não. Porque graças a Deus meus colegas...quem passa dificuldade, eles ajuda... Tem aquela união aí... Aí não encontra muito dificuldade aí, nesse curso aí ((expressou confiança em sua fala)).". A negação é utilizada pela entrevistada de maneira forte, especialmente quando a ela diz "não" em relação à ideia de que seus

colegas enfrentaram discriminação entre outros colegas de etnias diferentes durante o curso de Mestrado no Profllind.

Essa negação da PE6 pode indicar um desejo de destacar a união dentro do grupo e o apoio mútuo entre eles, mesmo não falando o mesmo idioma. Esse comentário sublinha que a solidariedade e cooperação entre os alunos de diferentes etnias é destacado como um aspecto positivo no ambiente de experiência acadêmica da participante durante o curso no Profllind. Tais exemplos singulares da entrevista fornecem uma visão detalhada das experiências e desafios do participante, destacando a interseção entre a educação e a preservação cultural. A análise desses trechos mostra como a educação pode ser tanto uma ferramenta para a revitalização cultural quanto um campo de barreiras estruturais e desafios de bilinguismo que devem ser abordados para promover uma inclusão efetiva dos estudantes indígenas.

A dualidade entre a luta para dominar a língua nativa e o anseio por mantê-la viva pode ser vista como um reflexo das pressões sociais e culturais que muitas comunidades enfrentam na era da globalização. Em muitos contextos, a língua nativa é percebida como um símbolo de identidade e resistência, ao mesmo tempo, as dificuldades de aprendizado podem ser intensificadas por fatores externos, como a predominância de linguagens hegemônicas que marginalizam essas vozes.

A Análise Crítica Linguística do Discurso nessa entrevista permite explorar diversos aspectos que revelam a complexidade e a profundidade da narrativa da representante da etnia Ticuna, bem como os desafios que enfrenta para a valorização de sua cultura e língua. Destacar os elementos linguísticos podem contribuir para o sentido e compreensão do discurso.

O vocabulário usado pela entrevistada é marcadamente contextual, refletindo sua experiência e realidade como indígena Ticuna. Palavras e expressões que se referem a elementos culturais específicos, como "moça nova", "OGPTB", e "CEMEG", possuem ressonância na cultura da comunidade, contextualizando a educação indígena e suas particularidades. Através desse discurso, é possível perceber como a vivência e os costumes locais moldam a linguagem e facilitam a compreensão dos desafios e das conquistas da educação no contexto indígena.

Essa riqueza linguística pode ser mais bem compreendida por meio do método MEDS, que se concentra na análise das interações sociais e culturais que influenciam o aprendizado. O MEDS propõe uma abordagem em que as experiências pessoais dos participantes são valorizadas e integradas ao processo educativo. Por meio dele,

é possível identificar como as práticas e saberes tradicionais se entrelaçam com o conhecimento formal, promovendo uma educação que não apenas reconhece, mas valoriza a identidade cultural dos estudantes.

No âmbito do MEDS, a manifestação de termos como "moça nova" se torna um ponto crucial de discussão. Ela é rica em significados e reverbera a transição da infância para a adolescência, em uma série de rituais e tradições que assinalam essa passagem. O termo carrega consigo a ideia de que essas jovens não são apenas vistas como indivíduos em formação, mas como portadoras de um legado cultural que deve ser preservado e transmitido.

Na comunidade Ticuna, ser uma "moça nova" implica uma série de obrigações sociais, educativas e espirituais. Essas jovens são frequentemente envolvidas em atividades que as preparam para assumir papéis de liderança, tanto na família quanto na sociedade em geral. A expectativa de seguir os ensinamentos de seus antepassados e contribuir para o fortalecimento da cultura comunitária é um aspecto vital dessa etapa da vida delas.

Além disso, a vivência de ser uma "moça nova" também traz à tona questões relacionadas à autonomia e à sexualidade. As jovens são frequentemente encarregadas de compreender seu lugar no mundo, equilibrando tradições com a busca por individualidade. Este processo pode ser desafiador, uma vez que as expectativas sociais e pessoais podem colidir, exigindo delas habilidades de negociação e adaptação.

Nos encontros e celebrações que marcam a passagem para essa fase, as moças novas têm a oportunidade de se conectarem com as mais velhas, recebendo ensinamentos que fortalecem tanto a identidade feminina quanto o vínculo com a cultura Ticuna. Esses momentos são decisivos, pois promovem um senso de pertencimento e continuidade, além de reforçarem a importância da sororidade entre as mulheres da comunidade.

Dessa forma, a expressão "moça nova" se transforma em um símbolo de transformação e de resiliência, em que cada jovem mulher, ao aceitar e refletir sobre esse título, contribui para a perpetuação de uma rica herança cultural, ao mesmo tempo que luta por seu próprio espaço e voz dentro da sociedade. Assim, o conceito se entrelaça com as dinâmicas contemporâneas, desafiando e revitalizando práticas e valores da cultura Ticuna frente às influências externas.

Ademais, o MEDS permite a construção de um espaço seguro para que as vozes indígenas sejam ouvidas e respeitadas. Isso é especialmente importante em um contexto em que frequentemente as narrativas da população indígena são marginalizadas.

A respectiva referência a bens culturais imateriais no discurso da entrevistada, como "...porque aquela música festa da moça nova é sagrado e nem encontrava mais isso não. Eles tinham a festa, mas não tinha mais aqueles avós cantando lá...", serve como um chamado à valorização do conhecimento ancestral, propondo uma forma de ensino que propicie o diálogo entre as gerações e promova uma educação mais inclusiva.

Adicionalmente, as hesitações e pausas no discurso da PE6, como: "né?", "aí", e "hum-hum", corroboram uma fala mais natural e informal, que indica uma reflexão contínua e o esforço para expressar suas ideias de forma clara. Essa maneira de falar proporciona uma conexão mais íntima com o ouvinte, ao humanizar e tornar a narrativa mais autêntica. Segundo Pêcheux (1988), a Análise do Discurso deve considerar não apenas o conteúdo semântico, mas as formas de enunciação que denotam a subjetividade do falante. As marcas de hesitação e as expressões coloquiais atuam como indicativos da identificação entre o emissor e o receptor, estabelecendo um espaço de interação onde a comunicação é moldada por nuances emocionais e sociais.

A linguagem, portanto, não é apenas um instrumento de transmissão de informações, mas um veículo de construção de sentidos que traduz as dinâmicas sociais e as identidades dos falantes. Essa perspectiva é fundamental para entendermos que os elementos paralinguísticos e as pausas não são meros "interlúdios" na fala, mas sim componentes essenciais que proporcionam profundidade e complexidade à comunicação.

A análise linguística, dessa forma, não apenas revela o que é dito, mas também ilumina as experiências e vozes que buscam ser reconhecidas e valorizadas em um mundo muitas vezes indiferente.

Ao aprofundar a Análise do Discurso, vale considerar como as escolhas lexicais e as estruturas sintáticas exprimem as relações de poder e as dinâmicas sociais que permeiam a experiência do povo Ticuna. Seguindo nesse sentido a PE6 emprega uma linguagem que, ao mesmo tempo em que afirma suas raízes culturais, expõe as agressões históricas e contemporâneas enfrentadas pela comunidade indígena. O

uso de expressões que evocam a resistência e a luta pela valorização da identidade Ticuna tende a criar um forte apelo emocional para sua audiência imediata a um público mais amplo que pode não estar familiarizado com as nuances da cultura indígena.

Por consequência, o discurso da PE6 não é apenas uma simples narrativa; ele se insere em um contexto mais vasto de opressão e marginalização, em que a língua e a cultura dos Ticuna se encontram ameaçadas pela globalização e pela homogeneização cultural. É a construção de um eu discursivo que se posiciona sobre o colonialismo estrutural que evidencia as tensões entre os padrões de normalidade impostos e as práticas culturais locais.

A entrevistada, ao afirmar seu direito à educação bilíngue, não se limita a relatar dificuldades pessoais, mas coloca em evidência uma crítica às políticas educacionais que falham em contemplar a diversidade étnica e linguística do Brasil. O Profllind como apresentado nas falas da PE6, desempenha um papel fundamental na formação acadêmica e no crescimento profissional dos participantes, especialmente para educadores indígenas como ela. A partir das sequências discursivas identificadas, o Profllind surge como um meio que possibilita a articulação entre a educação formal e o conhecimento tradicional. Ao oferecer um espaço onde as línguas e culturas indígenas são valorizadas, o programa contribui para que a PE6 reafirme sua identidade e encontre suporte acadêmico para desenvolver estratégias de preservação e transmissão de sua cultura. A formação no Profllind, portanto, fortalece seu papel como mediadora cultural, capaz de promover o diálogo entre o conhecimento acadêmico e os saberes ancestrais de seu povo. O Programa fornece uma base teórica e prática para que educadores indígenas como a PE6 se apropriem de metodologias adequadas para ensinar suas próprias línguas e culturas. A entrevistada menciona especificamente o desejo de entender melhor a fonologia de sua língua e de encontrar maneiras eficazes de transmitir esse conhecimento para as novas gerações: “Eu queria entender melhor a nossa fonologia e aprender mais sobre como ensinar a nossa língua, né? Porque muitas das crianças já não falam mais o Ticuna direito, eles têm vergonha.”. Isso demonstra que o curso vai além de um simples processo de formação de pós-graduando; ele promove uma formação específica e contextualizada, que busca capacitar seus alunos a lidarem com as complexidades do ensino bilíngue e a trabalhar aspectos que transcendem a língua, como a identidade e o pertencimento cultural, contribuiu diretamente para a

capacitação de profissionais que atuem com as línguas dos povos originários. No caso da PE6, suas perspectivas no campo educacional foram ampliadas e habilitada para atuar como líder em sua comunidade.

A inserção em um programa de formação formal também oferece um espaço de interação com outras realidades indígenas e com metodologias de ensino adaptadas para contextos interculturais. Essa experiência ampliou o seu repertório pedagógico e reforçou o seu papel como uma profissional que pode atuar tanto em contextos comunitários quanto em ambientes mais institucionalizados, como escolas e universidades.

O Profillind, assim, não apenas contribui para a formação acadêmica, mas fortalece o protagonismo na luta por uma educação diferenciada e inclusiva.

Dessa forma, a Análise Crítica do Discurso utilizada para a construção do sentido da fala da entrevistada ilumina a luta por reconhecimento e valorização cultural, sugerindo que a prática do discurso é, em si, uma forma de resistência. As vozes dos Ticuna, muitas vezes silenciadas ou distorcidas, emergem com força, exigindo um espaço legítimo na sociedade e uma atenção necessária às suas demandas e realidades. A educação, nesse cenário, assume um papel central como um espaço de aprendizado e como um terreno de contestação e afirmação da identidade.

Após a formação no Profillind, a PE6 manifesta expectativas que vão além do desenvolvimento pessoal e profissional. Suas perspectivas futuras estão ancoradas em um profundo compromisso com a preservação e revitalização da cultura Ticuna, assim como no desejo de ampliar o impacto de sua atuação na comunidade e em contextos educacionais mais amplos.

O discurso da PE6 destaca alguns pontos fundamentais em suas metas e aspirações: "Desejo retornar e me dedicar mais à comunidade, reavivar as músicas e as celebrações que nossos avós realizavam. Quero ensinar às crianças que isso faz parte da nossa história." "Eu quero voltar e trabalhar mais na comunidade, resgatar essas músicas e essas festas que os avós faziam. Ensinar as crianças que isso é nossa história." Esse trecho revela que, para a PE6, a educação vai além das salas de aula. Ela busca criar projetos e espaços que resgatem as práticas culturais Ticuna e transmitam esse conhecimento para as novas gerações. Seu objetivo não é apenas educacional, mas um esforço de resistência cultural frente às pressões de assimilação. Com a conclusão de sua formação no curso de mestrado, a PE6 espera

poder implementar programas educacionais que contemplem a língua e a cultura Ticuna de maneira integrada.

O Profllind a preparou para compreender melhor como as políticas educacionais podem ser adaptadas para respeitar e valorizar a diversidade cultural, e agora ela deseja levar essa perspectiva para a prática: “Quero ajudar a criar um currículo que tenha o Ticuna e o português, que os nossos filhos aprendam os dois, mas sem perder quem são.”. Aqui, a entrevistada destaca uma expectativa de mudança estrutural na educação indígena, na qual o bilinguismo deixe de ser uma formalidade e se torne uma prática efetiva que promova a valorização da identidade indígena.

Outro ponto que emerge em suas expectativas é o desenvolvimento de material didático específico para o ensino da língua e cultura Ticuna. A PE6 percebe que, embora existam iniciativas de ensino de línguas indígenas, há uma carência de recursos que refletem a realidade de sua comunidade: “Quero escrever livros e fazer cartilhas com as histórias que minha avó contava, pra gente usar nas escolas.”. Esse desejo demonstra um entendimento de que o processo educativo precisa estar ancorado nas experiências e saberes locais, e que cabe aos próprios indígenas produzirem e disseminarem esses materiais didáticos. Seguindo esse caminho, a PE6 vê em sua formação uma oportunidade para iniciar esse trabalho, contribuindo para a construção de um repertório pedagógico que valorize a oralidade e a memória coletiva.

Suas expectativas apontam para uma trajetória que combina fortalecimento cultural, engajamento político e inovação pedagógica, reafirmando seu papel como uma protagonista na luta pela valorização da educação indígena no Brasil.

Essa perspectiva da PE6 ressoa com os princípios defendidos por Norman Fairclough, que destaca a importância da linguagem como um recurso não apenas de comunicação, mas também de construção de identidades e de relações de poder. Fairclough argumenta que as práticas discursivas estão intimamente ligadas à evolução social e à mudança cultural, e que a produção de materiais didáticos que reflitam a realidade sociocultural de comunidades indígenas é uma forma de resistência e de afirmação identitária. Assim, o desejo da PE6 de criar livros e cartilhas com histórias que perpassam a tradição oral de sua comunidade contribui para a educação linguística, e também promove um espaço de reconhecimento e valorização da cultura Ticuna.

Ao envolver-se na produção desses materiais, a PE6 não apenas se capacita como educador, mas se torna um agente ativo na reformulação das narrativas que circunscrevem as comunidades indígenas. Isso reafirma a importância da formação crítica e reflexiva no campo educacional, sendo um exemplo claro de como a educação pode ser uma ferramenta para a emancipação e a valorização cultural. Portanto, as expectativas da PE6 trazem à tona uma visão de educação que é ao mesmo tempo integrada e transformadora, alinhando-se assim ao que Fairclough propõe como necessário para qualquer processo de mudanças significativas na sociedade.

### **5.7 Análise da entrevista do Participante Entrevistado 7 (PE7)**

O estudo do discurso se revela uma ferramenta crucial para explorar as interseções entre identidade étnica, educação e cultura, particularmente em cenários onde persistem desigualdades históricas. Com isso em mente, a entrevista com uma egressa do Programa de Pós-graduação *stricto sensu* do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Proflind – pertencente à etnia Tukano com 65 anos de idade, nos oferece uma oportunidade única de compreender como esses fatores se entrelaçam em sua trajetória.

A aluna defendeu sua dissertação em 2022 e para preservar seu anonimato passará a ser identificada como PE7 nessa entrevista.

Os povos Tukano são grupos indígenas localizados na região do noroeste amazônico do Brasil e da Colômbia, às margens do Rio Tiquié, afluente do Rio Uaupés, falam línguas pertencentes à família Tukano Oriental e estão inseridos em uma vasta rede de intercâmbios culturais, que envolve casamentos, rituais e comércio, configurando um sistema social conhecido como “sistema social do Uaupés/Pira-Paraná”. Este grupo linguístico abrange pelo menos 16 línguas, com o Tukano sendo a mais predominante, funcionando como língua franca entre diversas comunidades da região. Estima-se que cerca de 20 mil pessoas utilizem o Tukano, enquanto as demais línguas da família são faladas por grupos menores em áreas específicas (<https://pib.socioambiental.org>).

Os Tukano se autodenominam Ye'pâ-masa ou Daséa e são a etnia mais numerosa da região, predominando nas bacias dos rios Tiquié, Papuri e Uaupés, além de estarem presentes na porção do Rio Negro, próximo à foz do Uaupés, incluindo a cidade de São Gabriel. Com uma estrutura social complexa, os Tukano estão organizados em cerca de 17 grupos exogâmicos, cada um vinculado a um território específico e possuindo sua própria língua, rituais, mitos e artesanato que refletem a identidade do grupo.

A organização social dos Tukano é patrilinear e exogâmica, implicando que os indivíduos pertencem ao grupo do pai e devem contrair núpcias com membros de outros grupos. Essa estrutura social é manifestada por uma hierarquia de clãs, em que a posição de cada clã influencia sua função em rituais e interações sociais. Os rituais coletivos ressaltam as genealogias e hierarquias entre os grupos, interligados por líderes carismáticos que organizam cerimônias e preservam os bens sagrados da comunidade.

A vida ritual e religiosa dos Tukano está centrada em objetos sagrados e substâncias, como ornamentos e flautas Yurupari, que simbolizam a identidade do grupo e suas relações políticas. As dinâmicas de produção e troca nessas práticas ritualísticas simplesmente reforçam a interdependência entre os grupos e evidenciam suas particularidades dentro do sistema social mais amplo.

Esses grupos indígenas falam línguas da família Tukano Oriental — sendo que apenas 7 tem origem Aruak — e participam de uma vasta rede de troca cultural, abrangendo casamentos, rituais e comércio, que compõem um conjunto sociocultural conhecido como “sistema social do Uaupés/Pira-Paraná”. Este sistema está inserido em uma área cultural mais ampla que inclui populações de línguas Aruak e Maku.

A família linguística Tukano Oriental inclui no mínimo 16 línguas, das quais o Tukano é a mais falada. Esta língua é utilizada não somente pelos Tukano, mas por outros grupos na bacia do Uaupés e em seus afluentes Tiquié e Papuri. Nesse contexto, o Tukano tem se tornado a língua franca da região, facilitando a comunicação entre povos de línguas maternas bastante diferentes e, frequentemente, incompreensíveis entre si.

Em certos contextos, o Tukano é mais amplamente utilizado do que as próprias línguas locais. Os Maku também adotam o Tukano devido à necessidade de interagir com pessoas desse grupo. Por outro lado, as línguas classificadas como tukano

ocidentais são faladas por povos que habitam a região de fronteira entre Colômbia e Equador, como os Siona e Secoya.

Com a crescente população da bacia do Uaupés que reside no Rio Negro e nas cidades de São Gabriel e Santa Isabel, estima-se que aproximadamente 20 mil pessoas falem o Tukano (<https://pib.socioambiental.org>). As demais línguas dessa família são faladas por comunidades menores, frequentemente localizadas em áreas mais restritas, como os Kotiria e Kubeo no Alto Uaupés, o Pira-tapuya no Médio Papuri, o Tuyuka e Bará no Alto Tiquié, e o Desana em comunidades localizadas nos rios Tiquié, Papuri e seus afluentes.

Estima-se que existam mais de 30 subdivisões entre os Tukano, cada uma com um nome particular e, teoricamente, formando um sistema hierárquico. Contudo, as dispersões ocorridas ao longo dos últimos séculos tornaram as hierarquias um tema de debate e interpretações diversas. Tradicionalmente, os Tukano são conhecidos pela fabricação do banco ritual, confeccionado em madeira (sorva) e decorado com padrões geométricos típicos dos trançados, um item altamente valorizado que é essencial em cerimônias e rituais, em que se sentam os líderes, kumua (benzedores) e bayá (chefes de cerimônia).

Os Tukano, em colaboração com seus vizinhos Aruak, formam um sistema sócio-político flexível, caracterizado por intercâmbios recíprocos que incluem visitas, trocas, casamentos e rituais. Essa dinâmica regional corresponde a uma articulação entre semelhanças e diferenças, permitindo que os grupos envolvam um repertório comum que estabelece uma certa identidade, ao mesmo tempo que preservam suas distinções, favorecendo a interdependência.

A compreensão da estrutura social dos grupos Tukano passa pela sua organização clânica, patrilinear e exogâmica. Como dissemos acima, os grupos Tukano são organizados de maneira patrilinear e exogâmica, em que os indivíduos pertencem ao grupo de seu pai e falam sua língua, mas devem se casar com membros de outros grupos, preferencialmente falantes de outras línguas. Cada grupo, externamente, é equivalente, mas internamente é composto por vários clãs dispostos de forma hierárquica.

As convenções relativas ao modo de vida, organização espacial, língua, fala, adornos, música e dança integram o sistema comum de comunicação verbal e não-verbal dos povos do Uaupés, que se expressa mais plenamente nos rituais

intercomunitários. Cada grupo tem as suas próprias histórias, mas também compartilham um *corpus* mitológico comum.

Os mitos explicam as origens do cosmos, descrevendo um mundo perigoso e indiferenciado, sem limites precisos de tempo e espaço, sem diferença entre gente e animal. As narrativas míticas explicam como os feitos dos primeiros seres geraram as feições da paisagem e como o mundo se tornou paulatinamente seguro para a emergência dos verdadeiros seres humanos. Há um mito de origem chave nesse repertório que explica como uma Anaconda-ancestral penetrou o universo/casa através da "porta da água" no Leste e subiu os rios Negro e Uaupés com os ancestrais de toda humanidade dentro de seu corpo. Inicialmente, esses ancestrais-espíritos tiveram a forma de ornamentos de pena, mas foram transformados em seres humanos no curso da sua viagem. Quando alcançaram a cachoeira de Ipanoré, o centro do universo, eles emergiram de um buraco nas rochas e se deslocaram para os seus respectivos territórios. Essas narrativas compartilhadas entre os povos do Uaupés expressam uma compreensão comum do cosmos, do lugar dos seres humanos nele e das relações que deveriam existir entre diferentes povos, bem como entre eles e outros seres. Os filhos do primeiro ancestral Anaconda, e a ordem de nascimento determina a classificação, com clãs de posição mais alta sendo considerados "irmãos maiores".

Essa hierarquia influencia tanto os papéis sociais quanto a residência, em que os clãs de maior prestígio tendem a habitar áreas mais favorecidas nas partes baixas dos rios, enquanto aqueles de menor status frequentemente residem nas cabeceiras. As hierarquias de clã também se refletem em rituais, com os clãs de maior posição desempenhando funções de "chefes" que guiam os rituais principais e controlam os ornamentos de dança, enquanto os clãs de posição intermediária se especializam em danças e cânticos, e os xamãs ocupam um nível inferior, com os clãs servos à "cauda da Anaconda" ligando-se aos Maku seminômades.

Essa estrutura hierárquica de papéis e privilégios ritualísticos se torna evidente durante os rituais coletivos em que são recitadas genealogias e acentuadas as relações de respeito. De forma mais sutil, essa hierarquia também se manifesta na vida do dia a dia. Os habitantes de uma maloca frequentemente correspondem a um grupo de homens de estreita relação de parentesco, como filhos de um mesmo pai ou irmãos, vivendo juntos com suas esposas e filhos. Quando uma mulher se casa, ela deixa seu lar natal para viver com seu marido.

Simbolicamente, a maloca representa uma miniatura do universo, e seus habitantes tanto replicam quanto antecipam o ideal de organização clânica já descrito. Dessa forma, o pai da maloca é visto como o ancestral Anaconda do grupo, e seus filhos são considerados ancestrais dos clãs dela originários. De acordo com essa lógica, o filho mais velho é muitas vezes o chefe da maloca, enquanto os irmãos mais novos costumam desenvolver papéis de dançarinos, cantores ou xamãs, de acordo com a ordem de nascimento. Contudo, o poder e a posição social dependem de energia e iniciativas pessoais, não se restringindo somente a organizações formais, laços de parentesco ou a hierarquia de nascimento.

A maior parte dos rituais e a vida religiosa Tukano orbitam em torno de objetos (como adornos, plumários e flautas Yurupari) e substâncias sagradas — incluindo tinturas como a carayuru, cera de abelha, resina vegetativa, epadu (derivado de variedades de coca), tabaco e ayahuasca — além de outros bens intangíveis, como nomes, cerimônias, encantos e canções. Tais elementos pertencem ao grupo e expressam seus poderes espirituais. Em um nível organizacional e estrutural, rituais que envolvem esses itens funcionam como manifestações formais da identidade do grupo e suas relações intergrupais, constituindo também expressões das relações políticas vigentes. Destarte, malocas vizinhas se conectam por meio de líderes carismáticos, que organizam festividades e coordenam esforços coletivos para construir casas maiores, que servem como centros cerimoniais. Esses líderes são dotados de conhecimento esotérico e se dedicam a preservar e ampliar os bens sagrados de sua maloca, podendo mobilizar recursos para patrocinar rituais, e esse poder ritual contribui para solidificar sua posição política.

A contextualização acima dos principais aspectos da sociedade e cultura dos grupos Tukano é importante para compreendermos o sentido da fala da nossa entrevistada PE7.

Durante a conversa, a PE7 compartilhou suas experiências acadêmicas e a importância de sua formação para a preservação de sua língua e cultura. Ela destacou como a educação bilíngue não somente enriqueceu sua vida pessoal e a capacitou a atuar como agente de mudança em sua comunidade. As interações com seus contemporâneos, muitos dos quais também pertencem a grupos marginalizados, revelaram as tensões entre as tradições ancestrais e as demandas da sociedade contemporânea.

Além disso, a PE7 abordou as estratégias que desenvolveu para enfrentar os desafios impostos por um sistema educacional predominantemente eurocêntrico. Sua narrativa ilustra a luta contínua para legitimar e valorizar as línguas e culturas indígenas dentro do contexto acadêmico, uma reflexão fundamental para a formação de políticas educacionais mais inclusivas e representativas. A partir do seu relato, podemos aprofundar a discussão sobre a importância da educação como um espaço de resistência e afirmação da identidade cultural.

A análise linguística do discurso da entrevista relata a repetição de frases como “meu povo” no relato da entrevistada: “...quando eu saí da minha aldeia eu falei para o meu povo que eu estava saindo para estudar ((ênfase na fala))”, que evidenciam uma conexão profunda com sua identidade indígena, mas também expressa um intenso sentimento de pertencimento que permeia sua vida e suas ações. A citação da fala da PE7 destaca que a identidade de um indivíduo não é apenas uma construção pessoal, mas está enraizada em um contexto comunitário mais amplo. Isso inclui a história, tradições e desafios enfrentados pela comunidade, reforçando a ideia de que a luta individual também é uma luta coletiva.

Ela revela a complexidade da relação entre identidade, experiência educacional e o papel fundamental do multilinguismo na construção de sua trajetória. Ao afirmar seu nome e a origem de seu povo, a entrevistada faz mais do que uma apresentação; ela reivindica um lugar de fala que reafirma sua identidade étnica e cultural. Essa autoidentificação é poderosa e ressoa com o entendimento de que a linguagem é uma das expressões mais fundamentais da cultura. O reconhecimento de seu povo como “Povo Tukano” e “Epamassá” mostra um desejo de resgatar e valorizar suas raízes.

O uso contínuo dessas frases é um indicativo notável de orgulho étnico. Ao afirmar “meu povo”, a entrevistada não só se reconhece como integrante de uma nação indígena, mas também celebra a riqueza cultural e a sabedoria coletiva que acompanham essa identidade. Essa repetição se transforma em um manifesto de resistência, funcionando como um constante lembrete do valor de sua herança em um mundo que frequentemente marginaliza as vozes indígenas. Ao destacar “nosso território” em seu excerto: “É... aí eu percebo que nós indígenas, quando a gente vem do nosso território muitas vezes é... nós...”, ela valoriza a terra como um espaço físico, como um lugar sagrado, repleto de significados, em que se entrelaçam histórias, rituais e os modos de vida de seu povo.

Esse pertencimento por parte da PE7 fundamenta o compromisso da entrevistada em buscar melhorias para sua comunidade. Ao expressar suas aspirações e desafios em relação a “meu povo” e ao “nosso território”, ela evidencia uma responsabilidade partilhada, manifestando a vontade de trabalhar conjuntamente por um futuro melhor. Essa relação próxima entre identidade e ação social reflete um sentido de liderança e um chamado à mobilização, na qual cada palavra pronunciada ressoa a urgência de reivindicar direitos, respeito e dignidade.

Dessa forma, as repetições temáticas se transformam em um poderoso recurso retórico e expressa enormemente o orgulho da entrevistada por sua etnia e atua como um catalisador para a transformação social. Elas reafirmam a relevância da comunidade, a necessidade de conservar suas tradições e o comprometimento com a luta por justiça e equidade. Através de suas palavras, a entrevistada nos convida a reconhecer a força que emerge da união e do orgulho de ser parte de um “povo” e de um “território” que, juntos, têm o potencial de promover um futuro mais justo.

A análise das hesitações na fala da PE7, como em “é...”, “hã...” e “é::”, em seu discurso: “passei uma temporada estudando com os colegas indígenas de vários povos, hã... e correu tudo bem, nós estudamos muitas coisas, muita coisa boa, muita coisa difícil...” e em: “Eu faço parte de uma vida de superação, de dificuldades, de obstáculos, é:: toda vez que eu penso nos desafios da vida, nos obstáculos da vida...”, pode ser aprofundada a partir da obra de Norman Fairclough (2003), que propõe uma abordagem crítica da linguagem relacionada ao discurso e suas implicações sociais. Fairclough argumenta que a linguagem não é meramente um meio de comunicação, ela é uma prática social que reflete e constrói relações de poder e identidade. Nesse sentido, o uso de hesitações pode ser interpretado como um elemento dialógico que serve a múltiplas funções dentro do discurso.

Essas pausas ou hesitações não são meramente indicativas de falta de confiança ou insegurança. Ao contrário, elas podem ser vistas como uma estratégia consciente do falante para articular suas ideias de maneira mais precisa. A hesitação pode sinalizar a complexidade do pensamento em processo, em que o falante está navegando entre diferentes significados e interpretações. Essa busca por uma expressão mais adequada evidencia uma reflexão crítica sobre as palavras que escolhemos, destacando a responsabilidade que temos ao comunicá-las.

A hesitação pode funcionar como um convite à interação. Ao pausar, o falante cria espaço para que o ouvinte participe do processo comunicativo, estimulando um

diálogo mais rico e colaborativo. Essa dinâmica é essencial para a construção de significados compartilhados, uma vez que permite que diferentes perspectivas sejam consideradas. Nesse contexto, a hesitação na fala da PE7 se torna um aspecto fundamental da interação, revelando não só o conteúdo do discurso, mas como as relações sociais permeiam a comunicação.

De acordo com Fairclough, a Análise do Discurso deve levar em conta as estruturas linguísticas e o contexto social em que o discurso é produzido e recebido. Portanto, o uso de hesitações pode ser visto como um reflexo das normas sociais e das expectativas que cercam a comunicação em diferentes contextos. Ao hesitar, a falante pode estar ciente das normas de interação que valorizam a clareza e a precisão, ao mesmo tempo em que busca estabelecer conexão e engajamento com o interlocutor, longe de ser um simples marcador de incerteza, é uma estratégia complexa que envolve reflexão, responsabilidade e interação. A partir da perspectiva crítica de Fairclough, podemos entender essas pausas como uma manifestação da dinâmica entre linguagem, poder e identidade, revelando as sutilezas do discurso humano na fala da entrevistada.

O uso excessivo do pronome "eu" como no discurso da PE7 pode ser analisado sob a perspectiva da linguística de Vichi (2021), sendo possível observar que a primeira pessoa do singular no contexto revela a subjetividade do falante e enfatiza a construção da identidade e a individualização do discurso.

Quando um falante utiliza frases como "eu sou do Povo Tukano" ou "eu sempre digo que", ele não só se apresenta, mas estabelece um vínculo íntimo com a sua cultura e suas experiências. Essa repetição do pronome 'eu' serve como uma ferramenta retórica que torna o discurso mais pessoal e engajado, permitindo que o ouvinte compreenda melhor a perspectiva do falante. Ao afirmar sua identidade cultural e suas convicções, a PE7 se posiciona sobre o tema em questão e convida os ouvintes a considerar sua trajetória pessoal e acadêmica. A análise do uso do pronome "eu" pela entrevistada em sua fala: "É eu disse para eles que um dia eu voltaria, né... pra... pra ajudar o povo da minha aldeia, então quando eu penso que eu estou fazendo a escrita, o estudo da nossa língua, do povo indígena Tukano, eu tenho uma obrigação enorme de fazer o certo pelo correto...", pode indicar uma necessidade de afirmação ou de validação social, como observado por Vichi. Essa escolha lexical pode ser interpretada como um reflexo da busca por reconhecimento e respeito dentro de um contexto mais amplo, em que a voz do falante é frequentemente marginalizada.

Portanto, o uso do pronome "eu" não é meramente uma questão de estilo pessoal; é uma estratégia discursiva que carrega implicações sociais e identitárias significativas. Compreender essa dinâmica é essencial para aqueles que estudam a linguística, pois revela as camadas complexas que envolvem a interação entre linguagem, identidade e contexto social.

Ao realizar uma análise linguística sobre os adjetivos comuns a um determinado campo, revelamos como esses termos não funcionam só como preventivos, mas como elementos constitutivos que estruturam e organizam a percepção do leitor em relação a um discurso específico. No contexto da fala de PE<sup>7</sup>: “E... eu sempre digo que os meus estudos foram tardios.; “Éramos alunas internas de diversos povos, era uma diversidade de meninas...”; “É:: penso que é muito importante os indígenas de todas as regiões que não tiveram a oportunidade de entrar no mestrado nas suas áreas nos seus Estados, vim para o Rio de Janeiro...”, os adjetivos como “tardio”, “diversidade”, “dificuldades” e “oportunidades” são carregados de nuances semânticas que trazem para elocução significados que vão além do campo educacional, penetrando esferas identitárias e culturais. Esses adjetivos não são meramente adornos linguísticos; eles desempenham papéis importantes na formação de narrativas que expressam as experiências e as vivências dos povos indígenas, revelando uma realidade complexa e multifacetada nas comunidades.

A experiência educacional da entrevistada, que começou tardiamente no sistema escolar, é reveladora das barreiras que os povos indígenas enfrentam ao serem inseridos em um contexto que não reconhece suas especificidades linguísticas e culturais. Sua reflexão sobre como a alfabetização ocorreu em uma língua que não é a sua materna destaca uma crítica ao sistema educacional que, historicamente, tem marginalizado as vozes indígenas e imposto linguagens predominantes como o português. Essa imposição provoca um distanciamento cultural e uma luta por um espaço em que a língua materna possa ser valorizada e utilizada como uma ferramenta de aprendizagem.

A educação, nesse contexto, não é só um meio de aquisição de conhecimentos técnicos, mas uma jornada de superação, em que o "tardio" se transforma em um novo começo. Para muitos indígenas, a educação formal chegou tardiamente, e isso trouxe consigo desafios significativos. A dificuldade em acessar um sistema educacional que muitas vezes não respeita suas tradições e línguas pode ser desmotivadora. Entretanto, essas dificuldades também se configuram como

oportunidades para reafirmar a importância de um currículo que valorize a cultura e a história indígena.

O adjetivo “tardio”, por exemplo, sugere uma história de marginalização e exclusão, evocando a ideia de que o acesso à educação formal ocorreu em um momento de descompasso em relação a outros grupos da sociedade. Essa construção semântica implica uma crítica ao sistema educacional dominante, e uma reflexão sobre as consequências dessa exclusão, que se estendem ao nível da identidade cultural. O uso de “tardio” indica uma necessidade de recuperação de narrativa que é fundamental para que as comunidades indígenas reescrevam sua história, reafirmando sua identidade e resgatando saberes e práticas que foram extintas.

Por sua vez, “diversidade” representa um valor essencial no contexto educacional, reforçando a ideia de que as experiências e as perspectivas dos povos indígenas são tão válidas quanto dos demais grupos sociais. Esse adjetivo atua como um chamado à ação para a promoção de uma educação que respeite e valorize as particularidades de cada etnia. A PE7, ao enfatizar a diversidade, permite que a linguagem se torne um instrumento de resistência e que as vozes indígenas sejam ouvidas e reconhecidas como parte integrante do tecido social. Contudo, a diversidade não é meramente um elemento descritivo; ela se transforma em um princípio orientador que pode contribuir para a construção de um currículo mais inclusivo e representativo.

A escolha do adjetivo “oportunidades” pela PE7 denota um marcador linguístico que está intrinsecamente relacionado a um processo de resignificação e resistência, uma vez que contrasta com termos como “dificuldades” e “tardio”. Linguisticamente, a palavra atua como um pivô lexical que desloca o foco do déficit e das limitações para um cenário de construção e fortalecimento cultural. Ao enfatizar as oportunidades, o discurso da PE7 abre espaço para que a educação seja vista como um meio de revitalização de línguas indígenas, promoção de saberes tradicionais e fortalecimento das identidades coletivas, sublinhando que, mesmo diante de desafios, há uma capacidade latente para o protagonismo e o desenvolvimento das comunidades indígenas.

Ao posicionar a educação nesse sentido, a PE7 também realça a importância de práticas pedagógicas que transcendem a mera transmissão de conteúdos acadêmicos e que consideram o contexto cultural dos povos indígenas. A revitalização

de línguas e a promoção dos saberes tradicionais sugerem uma abordagem holística, em que as dimensões linguísticas e culturais se integram ao processo educacional, criando um ambiente de aprendizagem que é, ao mesmo tempo, intelectual e espiritual. Desta forma, o conceito de “oportunidades” não se limita à inclusão no sistema de ensino ocidental, mas abrange a criação de um espaço educativo que dialoga com as cosmologias e epistemologias de cada povo indígena.

Além disso, a menção às “oportunidades” implica uma mudança de perspectiva quanto ao papel dos povos indígenas no sistema educacional. Eles não são mais vistos como receptores passivos de políticas educacionais, mas como agentes ativos na construção de um currículo que respeita e valoriza suas identidades. Esse reposicionamento discursivo é imperativo para o reconhecimento do protagonismo indígena, uma vez que permite a participação efetiva das comunidades na formulação de estratégias educativas que atendam às suas necessidades específicas. Através dessa abordagem, as oportunidades se multiplicam: são oportunidades para se apropriar do espaço escolar e redefini-lo; para inserir narrativas que antes eram silenciadas; e para construir pontes entre os saberes tradicionais e os novos conhecimentos.

Por fim, o uso reiterado de “oportunidades” sugere uma visão crítica do próprio conceito de sucesso educacional. Para a PE7, o sucesso não é definido unicamente pelas restrições do sistema formal, como diplomas e certificações, mas pelo impacto positivo que a educação pode ter no fortalecimento das comunidades e na preservação de suas culturas. Nesse sentido, as “oportunidades” assumem um carácter multifacetado, apontando para um modelo educacional que seja capaz de se adaptar e evoluir de acordo com as realidades locais, garantindo que o processo de ensino-aprendizagem reflita as aspirações e os valores dos povos originários.

Assim, ao explorar as “oportunidades” dentro do discurso da PE7, percebemos que o termo atua como uma ocorrência semântica que reformula a compreensão da educação indígena. Ele transforma a ideia de aprendizado de uma experiência linear e unidimensional para uma dinâmica de múltiplas possibilidades, em que o passado, o presente e o futuro convergem em um processo contínuo de construção identitária. Portanto, a ênfase nas oportunidades amplia a visão de educação e redefine o próprio sentido de pertencimento e de protagonismo no cenário educacional, promovendo um diálogo intercultural que valorize a diversidade e reforce o papel ativo das comunidades indígenas na construção de seu próprio destino na educação formal.

A aparente contradição no discurso da PE7, entre a afirmação de uma aprendizagem tardia do português e a alfabetização aos 10 anos, pode ser interpretada à luz da teoria de Pêcheux como um reflexo das diferentes posições enunciativas assumidas pela entrevistada. Segundo Pêcheux (1988), o discurso é sempre marcado por um jogo de memória e esquecimento, no qual o sujeito é constituído por um "lugar" dentro das formações discursivas que se cruzam. Dessa forma a contradição não deve ser vista como um erro ou incoerência, mas como uma expressão das condições de produção discursiva e do lugar que a entrevistada ocupa no complexo campo de significações sociais e ideológicas. Pêcheux desenvolveu conceitos que auxiliam a compreensão de como as contradições discursivas refletem os processos de formação identitária e os conflitos de posicionamento dos sujeitos em seus discursos.

Essa perspectiva revela que a aprendizagem da língua não é um processo linear e homogêneo, mas envolve a articulação de diferentes temporalidades e contextos. A alfabetização formal aos 10 anos, explicitada no excerto: "" indica um marco específico de aquisição de habilidades escritas, mas isso não implica que a entrevistada tenha, de fato, se apropriado do português como língua de interação cotidiana, o que justifica a referência à aprendizagem "tardia". Pêcheux argumenta que os sujeitos falantes estão atravessados por múltiplas determinações (históricas, sociais, culturais), que moldam suas práticas linguísticas e as representações que constroem sobre si mesmos e os outros.

Nesse sentido, ao afirmar que teve uma aprendizagem tardia, a entrevistada provavelmente se refere à incorporação plena do português como língua de uso habitual, diferentemente de um processo de alfabetização mais técnico, que envolve exclusivamente a decodificação de signos. Aqui, é pertinente mencionar a ideia de *interdiscurso* em Pêcheux, que sugere que todo discurso é atravessado por outros discursos, produzindo efeitos de sentido que nem sempre são transparentes ao sujeito. Ou seja, a contradição expressa no relato não se deve a uma falha cognitiva, mas sim à complexidade das relações identitárias e sociais que estruturam a relação com a língua.

Ademais, o fenômeno aqui descrito pode ser vinculado ao conceito de formações ideológicas (Pêcheux, 1975), que sustentam e delimitam as práticas discursivas de acordo com as posições de classe, etnia, gênero, entre outros

marcadores sociais. Dessa forma, a aprendizagem da língua não pode ser desvinculada do contexto sociocultural no qual ocorre.

Portanto, de acordo com as concepções de Pêcheux, as contradições discursivas, apontadas no relato da PE7, são indicativas da tensão entre diferentes regimes de verdade e de subjetivação que perpassam o processo de aquisição da língua. A entrevistada afirma que a aprendizagem foi "tardia", ao mesmo tempo em que menciona uma alfabetização formal precoce (aos 10 anos), a participante está, na verdade, evidenciando o descompasso entre a inclusão no sistema formal de ensino e o verdadeiro acesso à língua como prática viva e constitutiva de identidade. Nesse ponto, o MEDS permite enxergar que o descompasso mencionado pela PE7 não é meramente uma questão de cronologia, mas de pertencimento e de inserção em espaços onde a língua faz sentido como prática viva. A Análise Discursiva, com o auxílio do MEDS, revela que a participante está, de forma implícita, contestando o lugar tradicional da escola como único espaço legítimo de aquisição de saberes linguísticos e, ao mesmo tempo, expressando uma busca por legitimação de sua identidade linguística em outros espaços de socialização.

Na fala da PE7 em: "...fiz processo seletivo para a graduação", a modalização autonímica é um aspecto central para a compreensão de como os sujeitos assumem controle sobre suas narrativas, apresentando-se como agentes ativos de suas trajetórias, em que se posicionam como autor de suas ações, destacando escolhas e decisões pessoais. A PE7 ao utilizar a primeira pessoa do singular e um verbo de ação (fiz), enfatiza seu papel ativo e consciente na tomada de decisões que marcaram sua trajetória acadêmica. Nesse sentido, o verbo selecionado carrega um valor modal que transcende o simples relato de um fato e demonstra uma atitude subjetiva de controle e protagonismo sobre os eventos narrados.

A modalização autonímica é um modo de constituição identitária, pois permite ao sujeito apresentar-se como aquele que é determinado tanto pelas vivências e quanto pelas experiências. Deste modo, a PE7, ao se referir ao processo seletivo que realizou para ser aprovada no Proflind, descreve uma sequência de eventos e constrói um posicionamento discursivo que a identifica como responsável por sua própria formação educacional. Essa escolha discursiva evidencia uma autopercepção de autonomia e agência, aspectos centrais para entender como o sujeito se inscreve no discurso.

Dessa forma, a análise da modalização autonímica permite compreender como, em um discurso aparentemente simples, estão presentes camadas de significação que revelam modos de subjetivação e formas de resistência. Ao se colocar como agente de sua própria história, a entrevistada constrói um discurso que, mesmo de maneira implícita, responde a outras possíveis formas de identificação, talvez mais passivas ou dependentes, que poderiam ser associadas a mulheres em contextos de vulnerabilidade social ou educacional.

Por fim, a modalização autonímica destaca a capacidade do sujeito de se posicionar e se significar em um campo discursivo que, muitas vezes, tenta determinar seus limites e possibilidades. Ao modalizar sua narrativa de maneira autonímica, a entrevistada reivindica para si um lugar de fala em que ela é a protagonista de suas escolhas, transformando um relato pessoal em um ato político de afirmação identitária e discursiva.

A negação no discurso da PE7 é um recurso relevante para a análise das relações de poder, posicionamento identitário e construção de sentidos. No contexto da sua fala, a negação se torna uma ferramenta para contestar percepções externas que desvalorizam o programa "Proflind" e, por extensão, a capacidade dos povos indígenas. De acordo com a Análise do Discurso, a negação não é meramente uma oposição a uma ideia, mas uma forma de reelaborar os sentidos e posicionar-se frente ao discurso dominante. Ao afirmar que críticas ao programa são "falácias de pessoas que... não sabem exatamente", a entrevistada se utiliza da negação para refutar diretamente os comentários negativos sobre o "Proflind". Aqui, a negação cumpre um duplo papel. Primeiro, ela desacredita a autoridade e o conhecimento daqueles que emitem as críticas. A expressão utilizada pela PE7: "...pessoas que não sabem exatamente..." posiciona os críticos como indivíduos desinformados ou mal-informados, sugerindo que sua opinião carece de legitimidade. Isso reflete um movimento de delimitação discursiva em que o sujeito falante se coloca em uma posição de superioridade epistêmica, ou seja, como alguém que detém um saber mais preciso ou autêntico sobre o Programa.

O impacto do Programa Proflind em sua formação pessoal e acadêmica é um ponto de destaque, pois coloca em evidência a relevância de iniciativas que promovem a inclusão e valorização das línguas indígenas. Ao se referir a isso como uma experiência "muito importante", a entrevistada enfatiza um espaço que lhe permitiu reapropriar-se de sua cultura e investigar suas potencialidades, criando uma

conexão com sua identidade que antes havia sido subestimada. Tal experiência reflete uma nova perspectiva educacional que respeita e celebra a diversidade linguística.

Michel Pêcheux (1995) observa que a negação, em termos discursivos, não deve ser entendida de maneira puramente lógica, mas como uma operação de construção de sentido que estabelece fronteiras entre o que é considerado verdadeiro ou aceitável dentro de uma formação discursiva. Ao negar as críticas, a entrevistada participa de um processo de contra identificação, isto é, ela se opõe aos discursos que pretendem minar a legitimidade do programa e, conseqüentemente, as capacidades intelectuais e acadêmicas das populações indígenas que dele fazem parte. Essa oposição é fundamental para compreender como o sujeito se afirma discursivamente, pois a negação tem aqui uma função afirmativa: ao refutar a crítica, a entrevistada reforça a relevância do “Proflind” e o valor que ele teve em sua trajetória formativa.

Essa negação também deve ser vista no contexto das lutas de resistência de grupos historicamente marginalizados. A crítica ao programa, e por extensão à educação indígena, pode ser lida como uma manifestação de preconceito contra as populações indígenas, sugerindo que não estariam à altura de certos padrões acadêmicos ou que o Programa seria insuficiente para garantir uma formação de qualidade. Ao rejeitar essa visão, a PE7 não somente defende a eficácia do programa, mas responde à desqualificação subjacente à fala dos críticos, ou seja, à noção implícita de que os indígenas seriam intelectualmente inferiores ou incapazes de aproveitar plenamente as oportunidades educacionais.

A negação, portanto, atua como um mecanismo de preservação identitária. No campo discursivo, a identidade do sujeito é constantemente negociada e construída em relação aos outros discursos que o interpelam. A PE7 ao negar as críticas protege sua identidade de uma representação negativa, que buscaria desvalorizá-la e ao seu grupo de pertencimento, e afirma sua competência e a eficácia do programa em sua formação.

Por meio do MEDS, o contradiscurso pode ser estruturado nas entrelinhas de fala da PE7, evidenciando uma complexa articulação entre inclusão, exclusão e pertencimento. A negação aqui não é puramente uma resposta defensiva, mas uma ferramenta discursiva poderosa para reivindicar uma nova forma de ser vista e ouvida no espaço acadêmico. Dessa forma, a entrevistada se insere em um espaço de resistência ativa, criando brechas no discurso hegemônico para afirmar sua identidade e agência enquanto sujeito pertencente a uma minoria étnica.

A Análise do Discurso da entrevistada revela uma trajetória rica e complexa, que envolve superações, desafios e um profundo orgulho de sua identidade e cultura. As reflexões da PE7 sobre os desafios enfrentados na vida, transformando-os em oportunidades para o crescimento pessoal, exemplificam um espírito resiliente e uma visão positiva sobre as adversidades. Este é um ponto essencial no discurso da entrevistada, pois revela que, mesmo dentro de contextos adversos, é possível encontrar caminhos que potencializam a identidade e a história própria. Esse reconhecimento do multilinguismo como um componente enriquecedor da experiência humana destaca a importância de entender as dificuldades como oportunidades de aprendizado e de fortalecimento da essência cultural.

Por meio do MEDS, podemos entender como as escolhas lexicais, pausas, repetições, e a ênfase dada a diferentes aspectos da sua vida e educação contribuem para a construção de uma narrativa que valoriza tanto sua experiência pessoal quanto a realidade do povo Tukano. A narrativa não é só um relato histórico, é sim uma forma de resistência e de promoção da identidade indígena na sociedade contemporânea.

Nesse sentido, a elaboração e interpretação de seu discurso permitem refletir sobre a intersecção entre educação, identidade cultural e a luta por reconhecimento e valorização das línguas e saberes indígenas no Brasil.

A modalização epistêmica na narrativa da PE7 enfatiza a importância das expressões epistêmicas na construção do discurso e na relação entre o conhecimento individual e coletivo. Para integrar a Análise do Discurso de Leonardo Vichi (2021), podemos considerar como suas observações sobre a função do discurso se conectam aos conceitos apresentados.

A análise de Vichi sublinha que o discurso não é apenas um reflexo do que se quer comunicar, é também um dispositivo de construção de significado que opera em várias camadas. Em seus estudos, Vichi destaca a importância do contexto e do ator social na formação do sentido, corroborando a ideia de que as expressões epistêmicas no discurso são mais do que simples manifestações de opinião; elas são pontos de intersecção entre o subjetivo e o social.

A entrevistada, ao afirmar que "eu posso dizer que...", segundo Vichi, assertiva uma posição pessoal, e também insere essa afirmação dentro de uma matrix discursiva que remete a possíveis debates e interlocuções existentes na sociedade. Tal prática expressiva não apenas afirma a individualidade da experiência, mas

também promove uma ressonância com as construções coletivas que estão enraizadas nas normas sociais e nas práticas discursivas compartilhadas.

Além disso, o autor enfatiza que tais expressões epistêmicas podem operar como vetores de legitimidade. Quando a PE7 utiliza "nós sabemos... Nós precisamos de valorizar o que nós somos perante a sociedade ((expressa orgulho de sua origem com muita propriedade em sua fala))"., está convocando uma memória coletiva, o que não somente fundamenta sua posição, mas visa a validação da comunidade, legitimando, assim, a sua narrativa dentro de um repertório mais vasto. Isso se conecta ao que foi discutido anteriormente sobre a interdependência do saber individual e coletivo, ressaltando a relevância do contexto sociocultural no reconhecimento dessas vozes.

A partir dessa visão, a narrativa da PE7 se transforma em um relato pessoal, mas em um espaço de construção de identidades e de resgate de histórias coletivas. A ideia de que a modalização epistêmica convida o ouvinte a se engajar em um diálogo mais abrangente sobre saberes e experiências coletivas é uma extensão do que Vichi propõe, ao afirmar que cada ato de fala tem o potencial de reconfigurar e revitalizar laços sociais e culturais. Portanto, a modalização epistêmica, evidencia a importância de expressões que revelam posturas e experiências individuais, e o papel crucial do contexto social e histórico na formação de significados em narrativas, reforçando, assim, a interligação entre as vozes singulares e as narrativas coletivas na construção do saber.

Os enunciados assertivos encontrados no discurso da PE7, como: "...eu sou do Povo Tukano" e "...me formei para o magistério...", manifestam uma certeza e convicção que não permitem ambiguidade. Essa segurança nas afirmações da entrevistada pode ser interpretada, conforme Fairclough (2003), como um mecanismo de validação da identidade e do pertencimento do falante. Tais declarações se estabelecem como verdades sustentadas pela PE7, alinhando-se a uma construção de poder que reforça a legitimidade de sua voz e experiência no espaço social.

Em contraste, os enunciados quase assertivos, como "eu diria que..." ou "para mim, parece que...", introduzem uma camada de incerteza e suavização das afirmações. Nesta perspectiva, a escolha do uso dessas expressões pela entrevistada, pode ser entendida como uma estratégia discursiva que visa fomentar um diálogo mais aberto, ao mesmo tempo em que evita a imposição de um ponto de vista absoluto. O uso da expressão pela PE7: "mas pra mim são falácias de pessoas

que não sabem..." ilustra essa dinâmica, uma vez que a inclusão de "pra mim..." sugere uma subjetividade que permite a entrevistada distanciar-se do rigor absoluto da assertividade, convidando, dessa forma, o interlocutor à reflexão. Nesse caso, a PE7 expressa sua opinião e demonstra uma conscientização sobre a pluralidade de perspectivas existentes.

A interação entre os assertivos e os quase assertivos, analisada à luz das teorias de Fairclough, revela não só a intenção comunicativa intrínseca a cada enunciado como evidencia as estratégias de engajamento e construção de relações interpessoais. A escolha de um determinado tipo de enunciação reflete o contexto social, as relações de poder e a identidade da PE7 ressaltando como a linguagem exerce uma influência simultânea nas interações sociais. Dessa forma, o discurso se configura como um espaço de negociação em que as vozes são reivindicadas e as percepções são compartilhadas, garantindo que cada enunciado, seja ele assertivo ou quase assertivo, ressoe na complexidade do diálogo humano.

O Método do Estudo do Discurso Subjacente (MEDS) possui uma função de suma importância na organização e articulação do pensamento dos indivíduos bem como suas implicações narrativas e sociais. Utilizando o MEDS, para aprofundar a análise dos efeitos subjacentes das escolhas linguísticas específicas da PE7, por meio de uma abordagem que combina a análise do enunciado e suas consequências, percebemos que a hesitação manifestada pelos delimitadores nas falas da entrevistada pode refletir como uma incerteza sobre o conteúdo verbalizado e uma preocupação com a recepção e interpretação do seu discurso pelo ouvinte. Essa análise revela a tensão entre a intenção comunicativa e a percepção do interlocutor, que se torna um elemento fundamental para compreendê-lo no contexto social mais amplo.

Dessa forma, os delimitadores "é::", "a::" e a expressão "só que", utilizados pela PE7 em seu discurso como em: "e:: começou o curso de alfabetização aos..."; "a:: minha aprendizagem na língua portuguesa foi tardia, meus estudos também foram tardios, tanto é que o Programa Profllind é: me forneceu base ((ênfase na palavra e firmeza em sua expressão))" e "...só que os professores indígenas ministravam aula no português e aqueles...", cumprem uma função gramatical e revelam a dinâmica da interação verbal. A repetição dos elementos linguísticos "é" e "a" indica momentos de hesitação e reflexão, sugerindo que a entrevistada está buscando clarificar suas ideias ou desenvolver um argumento. Isso pode ser interpretado como uma estratégia

discursiva que permite à PE7 organizar seu raciocínio e manter o controle sobre a narrativa. A expressão "só que" serve como uma base, marcando uma transição ou uma oposição na linha de pensamento, sinalizando ao ouvinte que uma nova dimensão da narrativa está sendo introduzida.

Do ponto de vista da Análise Linguística, os delimitadores se enquadram nas categorias de marcadores do discurso. Eles ajudam a estabelecer relações temporais, causais e adversativas, sendo fundamentais na construção da coerência textual. A repetição das expressões "é::" e "a::" pode ser investigada sob a ótica da prosódia, indicando uma pausa ou um prolongamento que sinaliza a necessidade de tempo para processar o conteúdo. Linguisticamente, isso sugere que a PE7 está utilizando essas pausas para articular seus pensamentos de forma mais clara e ponderada.

Em suma, a intersecção das Análises do Discurso, Análise Linguística e o MEDS fornece uma compreensão aprofundada das funções dos delimitadores no discurso. Eles vão além de meros componentes gramaticais, servindo como ferramentas de organização que refletem o estado emotivo e o processo cognitivo da PE7. Compreender esses fenômenos permite uma apreciação mais matizada da complexidade da comunicação humana, em que a forma se torna tão significativa quanto o conteúdo.

A modalização deôntica é um conceito central na Análise Linguística e do Discurso, particularmente quando investigamos como os falantes expressam obrigações, permissões e restrições em suas comunicações. Ao nos debruçarmos sobre a frase da entrevistada: "...eu tenho uma obrigação enorme de fazer o certo pelo correto...", podemos perceber a complexidade e a profundidade desse mecanismo linguístico.

Primeiramente, a utilização da expressão da PE7 "obrigação enorme" evoca não apenas uma imposição interna, mas também uma expectativa social que a pressiona a agir de acordo com normas morais ou éticas. Aqui, a entrevistada não se coloca apenas em uma posição de responsabilidade, ela também sinaliza a presença de uma comunidade que a observa, e que espera que suas ações estejam alinhadas aos valores coletivos de sua etnia. Isso implica que a modalização deôntica ultrapassa o domínio individual, inserindo-se em um contexto mais amplo de relações sociais e de pertencimento. Essa responsabilidade social se torna, então, uma via pela qual a identidade da PE7 é reforçada e modificada.

Ao aplicar uma análise linguística em contextos de discurso, como no caso de Pêcheux, podemos explorar como o sentido é construído através de uma intertextualidade que correlaciona a individualidade ao coletivo. Pêcheux (1995) e outros teóricos argumentam que o ato de falar não é neutro; é permeado por ideologias que refletem e influenciam a configuração de poder nas relações sociais. Assim, a declaração da PE7 não é só um reflexo de suas crenças pessoais, é um ato que se insere em um jogo social maior, em que normas e expectativas se entrelaçam.

Além disso, a modalização deôntica implica uma série de escolhas linguísticas que revelam o entendimento do sujeito sobre sua própria posição em relação à comunidade. A PE7, ao usar o termo "...fazer o certo pelo correto...", molda a percepção dos ouvintes, reforçando ou contestando normas sociais e práticas comuns. É importante considerar o contexto linguístico ao qual a entrevistada está inserida, uma vez que os saberes e as práticas educacionais das comunidades indígenas oferecem uma visão única sobre obrigações e permissões dentro de suas realidades culturais. A inclusão da educação indígena na análise da modalização deôntica pode ampliar a compreensão das dinâmicas sociais e discursivas, evidenciando como esses princípios são interpretados e negociados dentro desse contexto.

Dessa forma, o discurso se revela como um poderoso veículo de interação social, em que as obrigações e permissões, tanto nas tradições ocidentais quanto nas indígenas, são constantemente negociadas e reconfiguradas. A valorização desses diferentes saberes linguísticos e culturais enriquece o debate e a construção de identidades, promovendo o respeito e a pluralidade no diálogo social.

A luta pela educação indígena é uma das frentes mais significativas na busca pela valorização e preservação da cultura, identidade e direitos dos povos indígenas. Esse movimento não se limita só ao acesso à educação formal, ele abrange a promoção de currículos que respeitem e integrem a memória e as práticas culturais desses povos. A educação indígena é um espaço de resistência e inclusão, assim como a afirmação de uma forma única de ver e entender o mundo, essencial para a diversidade cultural e para a construção de uma sociedade mais equitativa.

A Análise Linguística e do discurso se torna uma ferramenta poderosa para compreender como a comunicação e a construção identitária se manifestam nas falas dos líderes e membros das comunidades indígenas. A modalização, particularmente

a afetiva, subjetiva e intersubjetiva, desempenha um papel de destaque nesse processo.

A modalização afetiva subjetiva refere-se ao modo como os indivíduos expressam sentimentos e emoções em suas falas. No discurso da entrevistada indígena, essa característica é claramente evidenciada em expressões como: "Hoje em dia eu faço doutorado em linguística da faculdade de letras lá no Fundão e entrei em 2023, já estou terminando as aulas das disciplinas é... teóricas e estou muito feliz ((expressão de satisfação))", em que ela compartilha uma emoção e estabelece uma conexão íntima com seus ouvintes. Essa manifestação dos sentimentos é fundamental, pois humaniza o discurso e permite que a audiência perceba a profundidade da experiência indígena em relação à educação. A alegria expressa demonstra uma resposta a sua conquista pessoal e revela um anseio coletivo de progresso e reconhecimento.

Por outro lado, a modalização intersubjetiva aparece quando a entrevistada busca construir uma ponte de entendimento com o interlocutor. Ao afirmar que "...nunca é tarde para estudar...", ela propõe uma convicção pessoal e convoca todos ao reconhecimento da importância da educação contínua. Essa afirmação reflete uma visão inclusiva, que valoriza a importância da aprendizagem ao longo da vida e estabelece um espaço de diálogo com aqueles que a escutam. O uso de uma linguagem que busca consenso e conexão é uma estratégia eficaz para engajar o público, promovendo a reflexão sobre a natureza da educação e seu papel nas comunidades indígenas, a profundidade da luta pela educação indígena, mostrando como a expressividade emocional e a busca por entendimento comum são fundamentais no processo de reivindicação de direitos e identidade. A educação, nesse contexto, torna-se um meio de aquisição de conhecimento, uma arma poderosa na luta por dignidade, respeito e fortalecimento cultural. Essa batalha, portanto, é vital para as comunidades indígenas e para a sociedade como um todo, que se enriquece ao reconhecer e valorizar a diversidade cultural que a educação indígena representa.

No discurso da PE7 do Povo Tukano, há uma reafirmação significativa da identidade cultural e linguística que se intensifica frente aos preconceitos e limitações impostas pela sociedade não-indígena. Essa construção identitária pode ser compreendida através da perspectiva de Norman Fairclough, que propõe que o discurso é tanto uma forma de comunicação, quanto um meio através do qual as identidades sociais são moldadas e contestadas.

A linguagem utilizada pela PE7 é um instrumento de resistência e afirmação. Ao compartilhar sua trajetória educacional e as dificuldades enfrentadas, ela narra sua experiência pessoal e traz à tona uma luta coletiva pela valorização e reconhecimento de sua cultura e línguas. Essa narrativa se torna uma forma de contestação aos estereótipos e preconceitos que cercam os povos indígenas, destacando a importância da linguagem como receptáculo identitário.

Por meio da análise linguística, podemos observar como a escolha lexical, os registros e as estruturas sintáticas utilizadas pela PE7 são carregados de significado. A utilização de termos específicos da cultura Tukano e referências à sua visão de mundo cria um espaço de visibilidade para sua identidade, que muitas vezes é marginalizada em contextos dominantes. A resiliência se evidencia na forma como a PE7 articula sua narrativa, tornando-se uma voz ativa que desafia a invisibilidade histórica imposta aos povos indígenas.

Ao considerar a trajetória da entrevistada indígena sob a luz da Análise do Discurso e da análise linguística, podemos entender melhor como a identidade é construída, reafirmada e desafiada em um contexto de opressão. A luta da PE7 transcende o individual, representando as aspirações de muitas pessoas dentro da comunidade Tukano. Essa interconexão ressalta a riqueza cultural e a complexidade das identidades comunitárias, mostrando que as lutas individuais estão interligadas às lutas sociais mais abrangentes, enriquecendo os seus discursos na sociedade contemporânea.

O testemunho da entrevistada sobre o Programa Proflind revela o quanto essa iniciativa tem sido fundamental em sua trajetória pessoal e social. O Proflind se destaca como um Programa que valoriza a diversidade cultural e se compromete com a inclusão social, com especial atenção aos grupos indígenas. Esse enfoque se reflete em expressões como espaço de fortalecimento e reconhecimento da diversidade cultural, que denotam um clima de esperança e otimismo, evidenciando o papel fundamental de dar voz a populações historicamente marginalizadas.

A entrevistada, ao relatar suas experiências, encarna o perfil daqueles que se beneficiam do Proflind. Ela ressalta uma visão proativa sobre a educação como um instrumento vital para o empoderamento, tanto no plano pessoal quanto no coletivo. Seu discurso evidencia que a formação recebida não apenas a transformou individualmente, mas a equipou com ferramentas para também impactar sua

comunidade, reforçando a importância de uma educação que promove desenvolvimento integral.

De uma perspectiva discursiva, o Proflind não se limita a oferecer cursos ou capacitações; ele molda um discurso que desafia normas sociais e promove um novo entendimento de inclusão. Esse discurso posiciona os participantes como protagonistas de suas próprias histórias, incentivando a aceitação das diferenças e a promoção de iniciativas voltadas para a transformação social. A interligação entre igualdade e oportunidades, presente nos discursos gerados pela PE7, atua como um contrapeso às estruturas sociais que frequentemente excluem e marginalizam.

No âmbito social, o Proflind emerge como uma resposta a questões críticas que envolvem direitos e reconhecimento da identidade cultural. O Programa não é apenas uma necessidade imediata, mas parte de um movimento mais amplo que busca promover inclusão e celebrar a diversidade cultural, não só no Brasil, mas também em contextos globais.

Ao analisarmos o Proflind sob a ótica de Fairclough, percebemos que ele vai além do simples ensino acadêmico; trata-se de uma iniciativa transformadora que busca reestruturar relações sociais em prol da inclusão. As narrativas e práticas que fundamentam o Programa estão impregnadas de significados sociais e políticos, moldando identidades e relações de poder na sociedade contemporânea.

Em síntese, a Análise do Discurso em torno do Proflind revela a complexa teia que interconecta texto, prática discursiva e contexto social. O Programa é mais do que uma plataforma de empoderamento e promoção da diversidade; é um elemento crucial nas discussões sobre inclusão e igualdade de oportunidades, refletindo uma luta incessante por reconhecimento e direitos em uma sociedade em constante evolução. A experiência da entrevistada serve, assim, como um poderoso testemunho do impacto transformador que o Proflind tem na vida de seus participantes e na sociedade em geral.

## 6. ANÁLISE COMPARATIVA DAS ENTREVISTAS

A pesquisa em questão propõe a Análise do Discurso de alunos egressos do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas – Proflind - que se alicerça em métodos qualitativos como o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS), uma abordagem que surge dos estudos de Jacqueline Authier-Revuz a respeito da metaenunciação. O conceito de metaenunciação revela a imperfeição da linguagem na medida em que em o falante precisa se debruçar sobre o seu próprio dizer. O trabalho de Authier-Revuz está em perspectiva com a Análise do Discurso de Michel Pêcheux, que tem como premissa a ideia de que o discurso é sempre ideologicamente motivado e com isso caracterizado pela pluralidade de diferentes vozes presente nas produções discursivas. Authier-Revuz e Pêcheux representam a Escola Francesa de Análise de Discurso em nossa análise das entrevistas feitas com alunos do Proflind. Para enriquecer essa discussão, a pesquisa também integra a Teoria Social do Discurso de Norman Fairclough, uma abordagem crítica do discurso que pertence à Escola Americana de Análise do Discurso. Essa abordagem crítica concebe o discurso como uma prática composta por três dimensões (texto, prática social e prática discursiva), que não só reflete, mas também produz as relações sociais contemporâneas.

Além dessas fundamentações teóricas supracitadas, a inclusão das contribuições de Leonardo Vichi, outro representante da Escola Estadunidense de Análise do Discurso, possibilitou uma intersecção teórica que nos permitiu uma descrição mais minuciosa e uma análise abrangente dos significados que emergem das produções linguísticas dos participantes de nossa pesquisa. Tal abordagem se revela essencial para uma compreensão mais profunda das experiências vividas e das dinâmicas que influenciam as trajetórias acadêmicas dos estudantes egressos do Proflind, que vêm de uma multiplicidade de etnias entre os povos indígenas do Brasil.

Ao destacar a intersecção entre linguagem, poder e cultura, e examinando como os discursos refletem e moldam realidades sociais (Fairclough, 2023), os relatos dos alunos egressos do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas evidenciam a dinâmica complexa das identidades indígenas contemporâneas. Esses discursos ressaltam a importância da educação na

luta pelo reconhecimento e valorização cultural das comunidades indígenas e como ela funciona como um veículo de resistência e empoderamento.

Nesse contexto, as entrevistas realizadas com alunos egressos das turmas de 2016, 2017 e 2018 do Proflind, que inclui seis participantes indígenas e uma participante não-indígena, evidenciam a relevância do Programa na formação acadêmica e na transformação das vidas dos estudantes indígenas. A diversidade de vozes e experiências compartilhadas por esses entrevistados proporciona uma compreensão abrangente do impacto do Proflind em suas vidas, ressaltando sua importância como um espaço de empoderamento cultural e social.

Ao mapearmos as experiências dos entrevistados, é possível verificar que o Proflind desempenhou um papel transformador como agente de empoderamento cultural e social em suas trajetórias acadêmicas. Alguns dos egressos entrevistados deram continuidade aos seus estudos no Doutorado acadêmico do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com orientadores do Proflind que também atuam nesse Programa.

A Análise do Discurso dos participantes possibilitou a identificação dos temas tanto convergentes quanto divergentes tratados por eles, os quais foram fundamentais para a construção de seus perfis e papéis sociais no âmbito da educação escolar indígena.

A seguir, serão apresentados os principais temas identificados durante a análise das entrevistas, organizando as ideias que se inter-relacionam e aquelas que se contrapõem. Este texto apresenta uma análise da organização dos tópicos e subtópicos que estruturam os temas abordados nas entrevistas realizadas.

Essa estruturação proporcionou uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas presentes nas narrativas dos egressos, além de permitir a análise, reconhecer padrões e sutilezas nas falas dos participantes, contribuindo para uma discussão mais rica sobre a formação acadêmica e seu efeito nas identidades e práticas culturais dos estudantes, e nas convergências e divergências de suas experiências e perspectivas.

Os tópicos convergentes identificados na pesquisa revelaram aspectos importantes na trajetória acadêmica e na construção de identidades indígenas dos estudantes. A unanimidade entre os participantes, identificados na pesquisa como PE1, PE2, PE3, PE4, PE5 e PE6, em reconhecer a educação formal como um elemento fundamental para a valorização de suas identidades, indica um consenso

sobre a importância do conhecimento disciplinado. A ênfase na busca por diplomas e no conhecimento destaca a valorização da formação acadêmica, que vai além do simples aprendizado teórico, atuando como um catalisador de mudanças sociais e culturais em suas comunidades.

O depoimento do PE1 exemplifica essa dinâmica, ao salientar como o Profflind potencializou seu desejo de promover transformações na Educação Escolar Indígena. As ferramentas teóricas adquiridas através do Programa ampliaram seu conhecimento e o capacitaram a integrar a cultura Kayapó nos currículos escolares, refletindo um compromisso com a valorização de sua herança cultural. Essa intersecção entre formação acadêmica e identidade cultural enfatiza o papel da educação como um instrumento de empoderamento e resistência, essencial para a afirmação das identidades indígenas contemporâneas por meio de sua valoração em diferentes espaços.

Um dos temas recorrentes nas entrevistas realizadas são os desafios enfrentados na Educação Superior. Nesse contexto, a nossa pesquisa evidenciou uma visão crítica das condições enfrentadas pelos estudantes egressos, demonstrando um consenso significativo entre os entrevistados. sobre os obstáculos enfrentados no contexto da Educação Superior, refletindo uma preocupação compartilhada. A identificação de obstáculos como a falta de recursos e a escassez de materiais didáticos adequados, conforme mencionado pela PE2, é um indicativo claro das deficiências estruturais que permeiam o sistema educacional superior na inclusão dos estudantes indígenas. Adicionalmente, a ênfase do PE4 na valorização das culturas e línguas nativas destaca a necessidade de um currículo que reconheça e celebre a diversidade cultural nas universidades públicas.

Outro tema é a identidade cultural dos entrevistados. Um aspecto central na pesquisa diante das narrativas dos entrevistados é o profundo apego à identidade cultural. Os participantes destacam a importância da preservação das tradições, um elemento que, conforme enfatizado pela PE3, é considerado fundamental em suas práticas educativas. Essa valorização da identidade cultural enriquece o contexto educacional e contribui para a formação de uma consciência coletiva que reafirma suas origens e práticas culturais. Assim, as narrativas evidenciam como a educação pode servir como um espaço de resistência e fortalecimento das identidades indígenas, promovendo a continuidade das tradições e o respeito à diversidade cultural.

Além disso, a defesa do bilinguismo e a inclusão da língua indígena no currículo escolar são aspectos comuns nas falas dos alunos egressos PE1, PE5 e PE6, que argumentam ser a língua materna essencial tanto para o aprendizado quanto para a afirmação da identidade cultural.

Dessa forma, os alunos egressos perceberam um aumento em suas competências sociais, bem como uma maior consciência de suas identidades culturais. O Profillind atuou como um catalisador para o desenvolvimento de habilidades cruciais, permitindo que os alunos superassem dificuldades e se engajassem ativamente em suas comunidades. As narrativas de estudantes de comunidades indígenas destacam a urgência de uma educação que integre suas tradições culturais, reforçando a proposta de Fairclough sobre a importância do contexto social e cultural na análise da linguagem.

Chama atenção nas entrevistas as falas sobre resiliência e esperança. A Análise do Discurso sobre os temas de resiliência e esperança dos participantes revelou uma forte determinação entre os entrevistados em transformar a realidade educacional de suas comunidades. Os depoimentos do PE1 e da PE7 são exemplares nesse sentido, pois expressam a crença na educação como um meio de empoderamento, transformação e um compromisso ativo com a melhoria das condições de ensino e aprendizagem para os povos indígenas.

Esses relatos evidenciam a capacidade dos participantes de se posicionarem como agentes transformadores dentro do contexto acadêmico. A resiliência manifestou-se nas narrativas, refletindo uma adaptação às adversidades enfrentadas e uma persistência em buscar soluções para os desafios educacionais. A esperança, por sua vez, pode vir a ser um sentimento que impulsiona a ação e a mobilização para a promoção da educação indígena.

Além disso, essa temática sublinha a interconexão entre as experiências individuais e o compromisso coletivo, indicando que as lutas individuais são parte de um movimento maior em prol da valorização cultural e da identidade indígena. Assim, os entrevistados relatam suas trajetórias e conseguem se inserir em uma narrativa coletiva de resistência e transformação, enfatizando a importância da educação como pilar fundamental para a afirmação de suas identidades e para a construção de um futuro mais inclusivo e que valorize suas comunidades.

A identidade cultural é um tema que surge da preocupação com a valorização da educação étnica. Nesse contexto, a pesquisa demonstra que os relatos dos

entrevistados revelam como o Proflind proporcionou um espaço de reflexão e articulação dos saberes indígenas no papel de educadores. O PE1, em sua trajetória que liga a aldeia Kayapó à Secretaria de Educação, celebra o papel que o Mestrado Profissional teve em potencializar seu desejo de gerar mudanças na Educação Indígena. Através do conhecimento adquirido, ele busca garantir que a cultura Kayapó e sua língua sejam integrados de forma efetiva nos currículos escolares. Sua narrativa revela as lutas e desafios da educação indígena, refletindo uma identidade cultural híbrida entre a educação indígena e a educação escolar.

Da mesma forma, a PE3, único egresso não-indígena, demonstra sua paixão por criar material didático respeitoso com as tradições indígenas, intensificada pela formação no Proflind. Ela relata uma transformação tanto profissional quanto emocional, reconhecendo que a educação não diz respeito apenas à transmissão de conhecimento, mas à valorização e preservação da cultura indígena. A fala da entrevistada apresenta um tom de proximidade e amor pela cultura indígena, manifestando uma identidade que se dissolve nas vivências cotidianas com os Kayapó. Ela utiliza um léxico acessível e expressões que mostram empatia e cuidado, revelando sua experiência acadêmica e um forte componente emocional em sua relação com os indígenas. Ao falar sobre a cultura Kayapó, a PE3 propõe um sentido de urgência de preservação cultural, para garantir a continuidade das tradições e da língua, sendo essencial que as práticas pedagógicas integrem os saberes ancestrais e a história desse povo.

A importância do Proflind na formação dos entrevistados também foi um tema recorrente. No que diz respeito ao impacto do Proflind, os entrevistados enfatizam o caráter transformador do Mestrado em suas jornadas acadêmicas. A PE3 menciona que a formação recebida intensificou sua paixão por criar materiais didáticos que incorporem o conhecimento e saberes indígenas, reconhecendo a educação como um meio de valorização cultural. Além disso, o PE5 e a PE6 compartilham que o mestrado foi essencial para despertar o interesse pela valorização de línguas nativas, desafiando o discurso dominante que frequentemente marginaliza a voz dos povos originários. A formação acadêmica adquirida no Proflind foi descrita como essencial para atuação como educadores, capacitando-os a criar materiais didáticos autênticos e relevantes que reflitam e celebrem suas tradições. O PE1 e a PE3, reiteram a necessidade de um currículo que respeite a diversidade linguística e cultural, enquanto a PE2 e o PE4 enfatizam a urgência da preservação e proteção das línguas

indígenas como um componente essencial na educação das novas gerações. O compromisso de o P5 e a PE6 em se tornarem sujeitos agentes de mudança em suas comunidades indica um entendimento profundo de que a educação é um pilar fundamental na luta pela dignidade e reconhecimento cultural.

Passaremos a seguir a tratar dos tópicos divergentes produzidos pelos participantes das entrevistas realizadas. Os tópicos divergentes indicam os interesses individuais de cada participante. Eles revelam particularidades no sentido do que cada participante diz.

As experiências pessoais de cada participante individualizam os entrevistados em suas trajetórias de vida. A partir da análise das entrevistas de a PE2 e o PE4, conduzidas dentro da abordagem de Fairclough sobre a Análise Crítica do Discurso, destacamos em nossa pesquisa algumas dimensões importantes, como o enfrentamento, a luta contra o preconceito e as desigualdades sociais, na análise das experiências. A PE2, em particular, narra as barreiras impostas pela sua etnia Baré em sua trajetória acadêmica, ressaltando como a formação recebida no Profflind a capacitou com ferramentas teóricas que fortalecem sua luta contra as desigualdades culturais. Ela menciona sua formação em Ciências Humanas e Filosofia, e como esses estudos não preparam os educadores para abordarem a cultura de seu povo nas escolas. Esse fato evidencia um preconceito sistemático referente ao conteúdo educacional que não inclui a história e a língua indígenas, reforçando a marginalização cultural.

As reações ao preconceito vivenciados por cada entrevistado também mostram como diferentes subjetividades enfrentam a exclusão social. Essa abordagem foi analisada na pesquisa, refletindo as experiências individuais dos entrevistados e suas interações no contexto educacional. Os participantes compartilharam como enfrentaram dúvidas e desconfianças de educadores não-indígenas, quanto às suas capacidades e a marginalização de suas culturas e saberes, revelando os desafios que essas experiências geraram em suas trajetórias acadêmicas, e evidenciando a resiliência dos entrevistados e a necessidade de um reconhecimento mais profundo das capacidades e contribuições dos estudantes indígenas no ambiente escolar.

Diante dos discursos, o PE4 ilustra sua trajetória de superação ao relatar que, apesar das dúvidas lançadas por educadores não-indígenas sobre sua capacidade, ele se tornou um exemplo na sua comunidade. Assim, demonstrou que as capacidades indígenas devem ser reconhecidas e valorizadas.

Os participantes entrevistados também apresentaram diferentes visões sobre o sistema educacional. Nesse aspecto, a nossa pesquisa permitiu investigar e registrar que existem divergências entre os entrevistados sobre as análises do sistema educacional. O PE5 acredita que a inclusão da cultura indígena nas escolas não-indígenas pode ser benéfica, enquanto a PE2 considera o sistema fundamentalmente falho e necessitando de transformação. Essas divergências refletem a complexidade das experiências e perspectivas dos egressos do Proflind. O PE5, ao considerar a inclusão da cultura indígena nas escolas não-indígenas como uma possibilidade benéfica, aponta para a potencial abertura de espaços de diálogo e respeito mútuo entre culturas. Essa perspectiva sugere um otimismo em relação à capacidade do sistema educacional de se adaptar e integrar saberes indígenas, promovendo uma educação mais inclusiva e diversificada.

Por outro lado, a PE2 expressa uma crítica contundente ao sistema, caracterizando-o como fundamentalmente falho e carente de transformação. Essa visão pode ser entendida como uma resposta às barreiras estruturais e preconceituosas que muitos estudantes indígenas enfrentam em ambientes educacionais que não valorizam suas culturas e identidades. A posição de PE2 ressalta a urgência de uma reforma educacional que inclua conteúdos indígenas e reestruture as práticas pedagógicas e a formação de educadores, garantindo que as vozes indígenas sejam verdadeiramente ouvidas e respeitadas.

Nesse contexto, as posições contrastantes ilustram as diferentes experiências vividas pelos participantes e evidenciam a necessidade de um diálogo mais profundo sobre a educação escolar indígena. A pluralidade de opiniões deve ser considerada para a construção de políticas educacionais que reconheçam e abordem as especificidades e os desafios enfrentados por comunidades indígenas, permitindo que se avance em direção a um sistema educacional mais equitativo e representativo.

O impacto da pandemia da Covid19 é um tema que não poderia estar ausente nas entrevistas. As percepções sobre o impacto da pandemia nas comunidades indígenas e na educação também diferem. A PE3 destaca as perdas de conexão cultural, enquanto a PE7 fala sobre adaptações e novas formas de ensino durante o isolamento. As diferentes percepções sobre o impacto da pandemia nas comunidades indígenas e na educação, conforme relatado pelas PE3 e PE7, ressaltam a complexidade das experiências enfrentadas durante esse período. A PE3, ao enfatizar as perdas de conexão cultural, destaca um aspecto crucial: a pandemia interrompeu

a rotina educacional e afetou profundamente as práticas culturais e comunitárias. A perda de interações presenciais e a dificuldade de realizar eventos tradicionais e coletivos podem ter contribuído para um sentimento de desconexão e vulnerabilidade cultural entre os indivíduos e suas comunidades.

Em contrapartida, a PE7 oferece uma perspectiva mais adaptativa, ao mencionar as novas formas de ensino que emergiram durante o isolamento. Essa visão sugere uma capacidade de resiliência e inovação dentro das comunidades, as quais educadores e alunos buscaram alternativas para continuar o processo de aprendizado, mesmo em um contexto adverso. As adaptações tecnológicas e metodológicas podem ter proporcionado oportunidades para explorar novas abordagens educacionais, ainda que essas soluções tenham seus próprios desafios.

Essas visões contrastantes refletem a diversidade de experiências entre os egressos do Proflind e indicam a necessidade de uma análise mais ampla sobre como a pandemia afetou a educação indígena escolar e não escolar. A dualidade entre a perda de conexões culturais e a busca por novas formas de ensino sugere que, enquanto a pandemia trouxe desafios significativos, também pode ter impulsionado um processo de reflexão e inovação que pode ser explorado em futuras práticas educacionais. É fundamental considerar essas diferentes dimensões ao elaborar estratégias para a recuperação e fortalecimento da educação indígena no pós-pandemia.

Futuro da Educação Indígena é um tema atravessado por diferentes expectativas. As perspectivas futuras dos entrevistados variam. O PE1 sonha com universidades indígenas, enquanto o PE4 acredita que mudanças nas políticas públicas são essenciais para garantir direitos e recursos para as comunidades. As perspectivas sobre o futuro da educação indígena, conforme expressas pelos PE1 e PE4, revelam uma rica diversidade de aspirações e estratégias para a construção de um ambiente educacional mais justo e inclusivo. O PE1, ao sonhar com a criação de universidades indígenas, destaca a importância de instituições de ensino superior que respeitem e integrem as culturas e saberes dos povos originários. Essa visão sugere um desejo de autonomia e autodeterminação, em que a educação reflita as tradições indígenas, e vise capacitar os jovens a se tornarem líderes em suas comunidades, promovendo a valorização cultural e a continuidade das línguas e práticas ancestrais.

Por outro lado, o PE4 enfatiza a necessidade de mudanças nas políticas públicas como um pré-requisito para garantir direitos e recursos adequados às

comunidades indígenas. Essa perspectiva aponta para a compreensão de que, sem um suporte institucional robusto e comprometido, as iniciativas educacionais podem ser insuficientes. A luta por políticas educacionais que assegurem acesso equânime a recursos, infraestrutura e formação de educadores é essencial para criar um sistema que reconheça e valorize as particularidades culturais e sociais das comunidades indígenas.

A visão dos PE1 e PE4, embora distintas, se complementam na busca por um futuro mais promissor para a educação escolar indígena. A combinação de esforços para estabelecer instituições próprias, como universidades indígenas, e a defesa de políticas públicas educacionais eficazes pode resultar em um ambiente escolar mais robusto e adaptado às necessidades das comunidades.

Assim, as aspirações dos PE1 e PE4 sublinham a importância de uma abordagem integrada que una a autonomia local com a necessidade de apoio estrutural, promovendo, dessa forma, um futuro educacional que respeite e celebre a diversidade cultural dos povos originários.

Os discursos do PE5 e da PE6 em afirmarem o compromisso de se tornarem agentes de mudança em suas comunidades e evidenciam uma compreensão profunda de que a educação é um pilar fundamental na luta pela dignidade e pelo reconhecimento cultural. Dessa forma, o Profillind se estabelece não apenas como um Programa de formação, mas como um catalisador de transformação social e cultural nas vidas dos estudantes indígenas.

As narrativas coletadas revelam como o Programa contribuiu para a capacitação acadêmica, o fortalecimento da identidade cultural e o empoderamento social desses indivíduos, destacando seu papel transformador na promoção de uma educação que respeite e valorize as especificidades culturais indígenas.

A análise comparativa das entrevistas revela como os alunos egressos utilizam suas experiências e suas vozes para reafirmar a identidade indígena e lutar contra o preconceito e a discriminação. A linguagem que empregam, recheada de emoção, experiência e um desejo fervoroso de mudança na comunicação para que esta se torne uma ferramenta poderosa de resistência e transformação social. A inclusão da língua e cultura indígenas nos currículos mostrou ser uma necessidade educacional, uma questão de dignidade e reconhecimento cultural.

As análises das entrevistas que realizamos demonstram que o Profillind, para os alunos egressos, transcende a função de um simples Programa de Pós-graduação;

trata-se de uma verdadeira plataforma de empoderamento social e cultural. Os relatos reunidos indicam a urgente necessidade de práticas educacionais que reconheçam e valorizem essas experiências e os desafios enfrentados por esses alunos.

As narrativas dos egressos revelam uma transformação profunda em suas vidas, evidenciando que a educação se tornou uma ferramenta essencial para a resistência e a valorização das identidades indígenas. Através do Proflind, esses indivíduos ampliaram seus conhecimentos acadêmicos, fortaleceram suas identidades e seus papéis nas comunidades, ressaltando a importância de uma educação que seja inclusiva e valorize as suas realidades.

Com base nos dados coletados, podemos propor algumas dinâmicas que podem ser integradas às práticas do Proflind para aprimorar seu currículo e atender de forma mais eficaz às necessidades dos alunos. Essas sugestões incluem a atualização dos conteúdos abordados, a adoção de novas tecnologias educacionais e a exploração de abordagens pedagógicas inovadoras. O *feedback* contínuo dos alunos também pode ser estruturado de maneira a coletar informações sobre sua experiência e dificuldades, para isso é fundamental estruturar esse processo de forma a obter informações detalhadas sobre suas experiências e desafios enfrentados. Isso pode ser realizado por meio de questionários, entrevistas ou fóruns de discussão, que devem ser cuidadosamente elaborados para captar informações importantes. As informações coletadas devem ser utilizadas para orientar decisões pedagógicas e oferecer suporte aos alunos atuais, permitindo que visualizem um futuro promissor ao conhecer as experiências dos egressos.

A troca de vivências tem o potencial de inspirar e motivar os alunos, evidenciando a relevância do aprendizado contínuo e das oportunidades que podem surgir ao longo de sua jornada acadêmica. Além disso, a implementação de ações e projetos voltados para o monitoramento constante do desempenho e da satisfação dos discentes pode ser um instrumento crucial para a autoavaliação do Programa. Tais iniciativas promovem um ambiente de aprendizado dinâmico e permitem ajustes estratégicos que atendam às necessidades dos estudantes, fortalecendo, assim, a qualidade da formação oferecida.

Sugerimos também uma formação contínua para educadores que se adapte às realidades multifacetadas dos estudantes indígenas. A formação contínua dos educadores pode garantir que eles estejam equipados com as melhores práticas e estratégias pedagógicas para lidar com as diversidades desse ambiente educacional,

que exige uma flexibilização nos conteúdos, nas interações sociais, e a participação contínua dos alunos nas atividades.

Esperamos que essa análise das entrevistas realizadas com alunos egressos do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas possa vir a ser um instrumento de contribuição e proporcionar percepções valiosas, para promover a melhoria contínua do Programa e assegurar que os alunos tenham acesso a um ambiente de aprendizado cada vez mais eficaz e sempre adaptado às suas necessidades.

Neste contexto, os egressos do Proflind capacitaram-se academicamente e tornaram-se defensores de suas culturas e lutadores por uma educação mais inclusiva, respeitosa e que reflete a riqueza das tradições indígenas. O testemunho de suas vivências reafirma que, ao empoderar indivíduos, o Proflind contribui para a construção de um futuro mais justo, em que a diversidade cultural é respeitada e celebrada.

Acreditamos que os *feedbacks* dos alunos devem ser uma ferramenta constante no aprimoramento do Proflind, assegurando que a formação oferecida continue a atender as necessidades e aspirações dos discentes sobretudo indígenas.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho revela a importância fundamental do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas (Proflind) na formação de educadores comprometidos com a valorização e preservação das línguas indígenas. As percepções e expectativas dos alunos concluintes destacam a relevância do conhecimento adquirido e o impacto significativo que essa formação exerce nas práticas educacionais voltadas para comunidades indígenas. Além de proporcionar um espaço de reflexão sobre a identidade cultural e linguística, o Proflind se configura como um espaço do ensino superior essencial para a transformação das práticas pedagógicas e transmissão de conhecimentos linguísticos específicos para a reflexão vinculadas às línguas indígenas do Brasil. Ao promover um ensino inclusivo de ação afirmativa dos estudantes indígenas brasileiros, torna-se um espaço de respeito às diversidades e à herança linguístico-cultural dos povos originários do nosso país.

A partir das contribuições teóricas da Análise do Discurso, em suas diferentes correntes, a pesquisa possibilita compreender como as relações sociais e ideológicas se manifestam nos discursos sobre línguas indígenas e como essas práticas discursivas são reproduzidas e transformadas nos contextos educacionais. Com base nas diversas correntes da Análise do Discurso, esta pesquisa permite entender de que maneira as relações sociais e ideológicas se expressam nos discursos sobre as línguas indígenas e os povos que as falam, além de investigar como as práticas discursivas são tanto reproduzidas quanto transformadas nos ambientes educacionais. A Análise Linguística, por sua vez, permite explorar as estruturas formais e funcionais das línguas indígenas, oferecendo subsídios para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que respeitem as especificidades linguísticas e culturais dos alunos, promovendo um aprendizado que considere essas particularidades de forma isonômica.

Os achados da pesquisa sugerem que o multilinguismo desempenha um papel central na construção da identidade cultural dos estudantes e na sua adaptação ao sistema educacional formal. As implicações dessas descobertas são amplas para a formulação de políticas educacionais e a elaboração de práticas pedagógicas que promovam a inclusão e a valorização da herança cultural dos povos indígenas. Recomenda-se, portanto, a criação de materiais didáticos bilíngues, a formação

continuada de educadores para atuarem em contextos multiculturais e a implementação de programas educacionais que integrem a preservação cultural e linguística como componentes essenciais do currículo. A capacitação dos profissionais ligados à educação formal indígena é um dos grandes legados do Proflind.

Ademais, as práticas educacionais devem ser estruturadas para garantir um ambiente onde diferentes formas de conhecimento e expressão cultural sejam igualmente reconhecidas e respeitadas. Iniciativas que estimulem o uso das línguas indígenas seja no ambiente escolar, seja no ambiente acadêmico, e a incorporação de perspectivas culturais diversas no ensino contribuiriam para enriquecer a experiência educativa de todos os alunos entrevistados, criando um contexto de aprendizagem inclusivo e intercultural.

Realizamos uma pesquisa qualitativa caracterizada pela descrição e interpretação de dados obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas. Daí a amostra de participantes poder ser composta por um número reduzido de entrevistados, o que não impede a interpretação qualitativa dos resultados na amostra de participantes entrevistados. A fim de aprofundar o conhecimento sobre a influência do multilinguismo e da formação intercultural no desempenho acadêmico e na preservação identitária dos alunos indígenas, estudos futuros podem ampliar o número de participantes da pesquisa e incluir egressos de outras turmas.

Nesse sentido, futuras investigações devem considerar a adoção de abordagens longitudinais, que permitam acompanhar a implementação de ações educacionais no Proflind ao longo do tempo e avaliar seu impacto na trajetória acadêmica e identitária dos estudantes. Tais estudos poderiam oferecer *insights* valiosos para a formulação de práticas pedagógicas mais dinâmicas.

Assim, os resultados apontam para a necessidade de continuidade e expansão de iniciativas que fortaleçam a educação bilíngue e a valorização das línguas indígenas, contribuindo para preservação das línguas indígenas ameaçadas e para a revitalização das línguas dos povos reorganizados, nas próximas gerações.

O presente trabalho tem como objeto de estudo as percepções, expectativas e experiências dos alunos concluintes do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas, com foco no impacto de sua formação acadêmica nas práticas educacionais e na preservação das línguas indígenas.

Os principais objetivos encontrados nas entrevistas ao analisar as opiniões e expectativas dos alunos egressos do Proflind, quanto à relevância de sua formação para a promoção da educação bilíngue e intercultural, são o de investigar como a experiência no Programa influencia a preservação das línguas indígenas e a promoção das práticas culturais; e de identificar as dinâmicas de poder e significações que permeiam a experiência dos alunos no contexto educacional, utilizando as correntes da Análise do Discurso para compreender as relações de poder e as relações sociais manifestadas nos discursos sobre línguas indígenas. Outro objetivo é propor diretrizes para o desenvolvimento de práticas pedagógicas e de políticas educacionais que promovam a inclusão de conhecimentos indígenas e o fortalecimento das identidades culturais.

A relevância e a importância deste trabalho para a área de linguística e Análise do Discurso reside em sua capacidade de evidenciar as complexidades que envolvem a formação de profissionais que atuam na área da educação escolar indígena e os impactos políticos e sociais na promoção das línguas minorizadas dos povos indígenas no Brasil.

A pesquisa contribui para a compreensão de como os fatores culturais e identitários interagem no processo educacional e nas práticas de ensino bilíngue, propondo que as abordagens respeitem a diversidade linguística e cultural dos povos originários. Especificamente para a Análise do Discurso, o estudo permite explorar como as relações de poder, o pertencimento cultural e as dinâmicas de legitimação dos saberes são construídos e perpetuados em ambientes acadêmicos.

A metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos na pesquisa foi desenvolvida a partir das diferentes correntes da Análise do Discurso. As ferramentas de análise fornecidas por cada corrente visam descrever e analisar o significado subjacente das estruturas linguísticas, a fim de revelar como os enunciados produzidos pelos egressos entrevistados revelam suas experiências e opiniões a partir de suas vivências no Proflind. Nesse sentido, concentramo-nos em estudos que abordam a língua como um objeto social, investigando as interseções entre linguagem, identidade e poder. Além disso, a metodologia implicou também uma pesquisa qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas com alunos egressos do Proflind, com o intuito de obter uma visão aprofundada de suas percepções e experiências.

Essa combinação de métodos das diferentes correntes da AD permitiu uma compreensão mais abrangente dos temas que apareceram nas entrevistas realizadas. As entrevistas foram analisadas tanto individualmente quanto de forma comparativa. Com base nos dados obtidos, foi desenvolvida uma abordagem específica para identificar significados subjacentes e estruturas discursivas que revelam as expectativas, tensões e percepções dos alunos em relação ao programa e à preservação de suas culturas. Dessa forma, a análise se tornou mais profunda e capaz de captar as nuances presentes nas experiências dos participantes.

Dessa forma, podemos constatar, de acordo com o discurso dos alunos egressos, a missão do Proflind foi plenamente atendida. Os alunos expressaram que conseguiram adquirir conhecimentos teóricos do discurso sobre suas línguas, compreender a interação entre suas línguas e outras línguas indígenas, além da língua hegemônica, assim como as implicações dessa convivência. Além disso, desenvolveram competências teóricas que os capacitaram a atuar na prática de maneira eficaz em contextos reais, seja na pesquisa, na educação ou em outras áreas profissionais nas quais o domínio das línguas dos povos originários possa promover a inclusão social.

Os resultados alcançados com a pesquisa demonstram que os egressos do Proflind veem a formação como essencial para a preservação e o fortalecimento das línguas indígenas, além de ser um fator determinante para a redefinição de suas trajetórias acadêmicas e profissionais. A análise revelou três descobertas principais: a primeira diz respeito à relação entre identidade cultural e práticas educacionais; a segunda aborda as dificuldades enfrentadas na preservação linguística das línguas indígenas; e a terceira discute os impactos na formação de lideranças educacionais.

Em relação à conexão entre identidade cultural e práticas educacionais, os participantes consideram a educação bilíngue como uma ferramenta que vai além do ambiente escolar, servindo como um meio de fortalecimento de suas identidades culturais e como um veículo para a transmissão de saberes tradicionais. As dificuldades e estratégias para a preservação linguística evidenciam a complexidade de ensinar uma língua indígena em contextos em que a discriminação e a desvalorização das línguas minoritárias são frequentes. Contudo, também são destacadas soluções inovadoras, como a criação de materiais didáticos bilíngues e o uso de músicas e narrativas tradicionais.

Quanto aos impactos na formação de lideranças educacionais, o Programa se destaca na capacitação de líderes indígenas que atuam como mediadores interculturais e defensores das políticas linguísticas. Esses líderes desempenham um papel crucial na formulação de estratégias educacionais que visam à preservação das línguas e culturas indígenas.

Os resultados corroboram a hipótese inicial de que o Proflind atua como um espaço de fortalecimento da identidade cultural e da formação de líderes educacionais indígenas. A expectativa de que o Programa contribuísse para a valorização e promoção das línguas foi amplamente comprovada pelos relatos dos participantes, que destacaram a importância de integrar saberes acadêmicos e conhecimentos tradicionais. No entanto, os conhecimentos adquiridos no Mestrado Profissional ainda encontram resistência para serem colocados em prática na educação escolar indígena. Isso ocorre em virtude da dificuldade de implementação do conhecimento linguístico em práticas pedagógicas que integram as línguas indígenas no currículo formal, especialmente em contextos urbanos, e a falta de recursos para a produção de materiais didáticos adequados. São desafios que ainda precisam ser superados pelas políticas educacionais voltadas para os povos indígenas.

O trabalho aponta novos caminhos para a pesquisa e a prática educacional, tal como desenvolvimento de metodologias Interculturais, em que se sugere o desenvolvimento de metodologias educacionais que respeitem as especificidades linguísticas e culturais dos povos indígenas, integrando práticas discursivas e pedagogias críticas que promovam o multilinguismo.

Os resultados demonstram que os egressos do Proflind veem a formação superior como essencial para a preservação e o fortalecimento das línguas indígenas, além de ser um fator determinante para a redefinição de suas trajetórias acadêmicas e profissionais.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. Positions. Paris: Editions Sociales, 1976.

\_\_\_\_\_. Ideologia e Aparelhos ideológicos de Estado. Lisboa: Presença, 1971.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_ (Eds.). The Sage Handbook of qualitative research. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2005. p. 1 – 32

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and Social Change**. Polity Press.1992.

FAIRCLOUGH, N. **Media Discourse**. London: Edward Arnold, 1995.

FAIRCLOUGH, N. Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research. London: Routledge, 2003.

FOUCAULT, M. **The Order of Things: An Archaeology of the Human Sciences**. New York: Vintage Books, 1997

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Índios: Conflito e Aliança**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1955.

GEE, J. P. **How to Do Discourse Analysis: A Toolkit**. New York: Routledge, 2014.

GEORGES, Élia Sarfati. **Discurso e poder: a construção social da realidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

GIDDENS, A. **The Constitution of Society: Outline of the Theory of Structuration**. University of California Press, 1984.

HABERMAS, J. **The Theory of Communicative Action**. Boston: Beacon Press, 1981.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 1992.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning**. Edward Arnold, 1978.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Disponível em: <https://www.pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bakairi>. Acesso em: 11 set. 2024.

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO EM POLÍTICA LINGUÍSTICA. Disponível em: <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros/> Acesso em: 19 set.2024.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. University of Pennsylvania Press, 1972.

LACERDA, David. **Educação e Cultura Indígena: Desafios e Oportunidades**, 2020.

LEMINSKI, Paulo. **Catatau: um romance-ideia**. Ed. do Autor, 1975.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1999.  
\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria; ROMÃO-DIAS, Daniela; LEITÃO, Carla Faria. Como conhecer usuários através do Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). In: **VI Simpósio sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais - IHC 2004: Mediando e Transformando o Cotidiano**, 2004, Curitiba. Anais do VI Simpósio sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais - IHC 2004. Porto Alegre: SBC, p. 49-59, 2004.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Os índios Tukuna** In: Textos indigenistas. São Paulo: Loyola, 1982. p. 192-208.

PECHÊUX, Michel. **A análise automática do discurso**. São Paulo: Editora 34, 1988.

PECHÊUX, Michel. **Análise do Discurso: Uma Abordagem Crítica**. São Paulo: Pontes, 1984.

PÊCHEUX, M. **Análise da relação entre linguagem e aprendizagem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PECHÊUX, M. **Análise crítica do discurso: O discurso das tecnologias e a construção da subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PÊCHEUX, M. (1990). Discourse: Structure or Event?. In: The Discourse Reader. London: Routledge

PÊCHEUX, M. Língua, linguagens, discurso. In: **Análise de discurso: Michel Pêcheux - Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi**. Tradução Freda Indursky. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015 [1971].

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani, 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊGO, Marly. **Reflexões sobre a prática docente e identidade cultural**. CIDADE, EDITORA, 2016.

PEIXOTO, Jaqueline dos Santos. O contato do português com as línguas indígenas brasileiras: considerações sobre o desenvolvimento de L2. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica** / Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Editora – Brasília: Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, v. 12 (2020), pp. 41-68. ISSN: 2176-834X- e-ISSN: 2317 1375[<https://www.periodicos.unb.br/index.php/ling/issue/current>].

A avaliação do emprego de operadores e conectivos argumentativos. In **Textos dissertativo-argumentativos: subsídios para qualificação de avaliadores** / Lucília Helena do Carmo Garcez, Vilma Reche Corrêa, organizadoras. – Brasília: Cebraspe, 2016, p. 154-163. ISBN 978-85-5656-005-6.

\_\_\_\_\_. **Fonologia, Aspectos Gramaticais e Discurso: um Estudo Comparativo entre uma Língua Indígena e o Português do Brasil**. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2003. 448 fls. mimeo. Dissertação de Mestrado em Linguística.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. Disponível em:

<https://www.pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna>. Acesso em: 19 set.2024.

PROCESSO SELETIVO PARA INGRESSO NO CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS – PROFLLIND – PARA O SEGUNDO SEMESTRE LETIVO DE 2024. EDITAL Nº 375, DE 13 DE MAIO DE 2024. Disponível em:

[https://www.museunacional.ufrj.br/proflind/docs/2024/edital\\_proflind\\_selecao\\_2024\\_v2.pdf](https://www.museunacional.ufrj.br/proflind/docs/2024/edital_proflind_selecao_2024_v2.pdf). Acesso em 22 out. 2024.

PROCESSO SELETIVO PARA INGRESSO NO CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS – PROFLLIND – PARA O ANO LETIVO DE 2023. EDITAL nº 810 /2023 Disponível em [https://www.mn.ufrj.br/proflind/docs/2023/edital\\_proflind\\_2023.pdf](https://www.mn.ufrj.br/proflind/docs/2023/edital_proflind_2023.pdf). Acesso em 22 out. 2024.

PROCESSO SELETIVO PARA INGRESSO NO CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E LÍNGUAS INDÍGENAS – PROFLLIND – PARA O ANO LETIVO DE 2022. EDITAL nº 38 /2022. Disponível em [https://museunacional.ufrj.br/proflind/docs/2022/edital\\_proflind\\_2022.pdf](https://museunacional.ufrj.br/proflind/docs/2022/edital_proflind_2022.pdf). Acesso em 22 out. 2024.

REVUZ, Jacqueline Authier. **La Représentation du Discours Autre: Principes Une Description**: 5 Editora, de Gruyter, 2022.

RODRIGUES, Aryon Dall'gna. **Línguas brasileiras**. Edições Loyola - São Paulo, 1986.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SOARES, Marília F. Subespecificação tonal e tom default: o caso Tikuna. In: Encontro Nacional da ANPOLL, 15., 2000, Niterói. Anais... Niterói: Associação Nacional de pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, 2000. 19 p.

VAN DIJK, T. A. **Elite Discourse and Racism**. London: Sage Publications, 1993.

VICHI, Leonardo. **Manual Básico de Linguística Forense – Da Análise do Discurso ao Perfilamento em Investigações Criminais**. 2ª ed. Editora Alpheratz, 2021.

WRIGHT, Robin M. **História Indígena e do Indigenismo no Alto Rio Negro**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

## APÊNDICE – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

### PE1

- Fale um pouco sobre a sua trajetória acadêmica.
- Quando você visita essas comunidades onde não fala fluentemente todas as línguas, como você se comunica? Você utiliza sua própria língua, tenta se adaptar às línguas locais ou consegue entender um pouco do que as pessoas dizem?"
- E como você se no contato com eles?
- O que você acha que faz mais falta para a aprendizagem dos indígenas, para que a educação indígena possa ocorrer de uma forma mais efetiva?
- Como o curso do Programa impactou sua vida pessoal, sua comunidade e seus estudos? Quais habilidades ou conhecimentos você considera que adquiriu e que fazem diferença nesses aspectos?
- E no dia a dia com os colegas em sala de aula, você encontrou dificuldades de se comunicar com eles devido a turma ter várias etnias?
- São poucas as universidades que oferecem Ensino Superior para vocês, não é? Mesmo sendo um projeto que é de sobrevivência da humanidade que são vocês que cuidam.
- Agradeço muito a sua atenção e explicação do que está acontecendo e espero contar com você para participar de outras entrevistas.

### PE2

- Me fala um pouco sobre a sua trajetória acadêmica. Quando é que você se interessou por estudar?

### PE3

- Como era o desenvolvimento dos estudos durante sua época? E em que ano você se formou como professora?
- Vocês falam a língua dos Kayapó para dar aula?
- Em sua vivência nas escolas como você se sentiu quando estava nas comunidades com muitas pessoas falando línguas diferentes?

- Você fica constrangida quando vai em algum local que estão falando muitas línguas diferentes?
- Como você vê a importância de a comunidade aprender sua língua nativa como meio para facilitar o estudo e o acesso ao conhecimento?
- Você acha que a educação pode impactar a vida deles?
- Como você já vivenciou preconceito linguístico em algum lugar específico?
- Poderia compartilhar uma experiência que tenha marcado você?
- Existe um projeto de lei no Senado que ele tipifica como crime a discriminação em razão de pertencimento ou proveniência de determinada região geográfica, Unidade Federativa, comunidade tradicional ou identidade cultural. Você considera pertinente esse projeto?
- Na sua opinião o que deveria ser feito para assegurar as línguas indígenas nas escolas?
- Você gostaria de fazer algum comentário de mais alguma coisa sobre as línguas? Sobre o período que você passou aqui na sala de aula? Porque ali foi uma diversidade cultural.
- Como você reagia quando estava em contato com seus colegas de turma e não compreendia o que eles estavam dizendo? Que atitudes você tomava nessas situações?
- Quando você se interessou em falar a língua Kayapó?
- Como é a situação da língua nativa na sua cidade? As pessoas costumam usá-la mais no dia a dia?
- Ou mais o português?
- E as pessoas que trabalham na saúde, no comércio. Eles falam também Kayapó?
- Obrigada pela entrevista.

#### **PE4**

- Conta um pouquinho sobre você.
- Quando você veio para o Rio para realizar seu mestrado, você enfrentou alguma dificuldade em se comunicar ou se integrar com seus colegas, considerando a diversidade étnica da turma? Houve algum aspecto em particular que chamou sua atenção?

- Como você se sentiu a respeito do preconceito que pode ter enfrentado devido à sua identidade indígena durante sua vida escolar? Poderia compartilhar alguma experiência específica?
- E você em algum momento na sua vida ou na escola você sentiu um certo preconceito quanto a sua figura indígena na sala de aula?
- Na sua aldeia, como o uso da língua materna é incentivado? A educação atualmente prioriza o português ou há um esforço para preservar e resgatar a língua materna? Você poderia compartilhar como está a situação linguística e educacional por lá?"
- Quais os maiores problemas que vocês encontram na escola para lecionar com as famílias indígena?
- Você irá retornar a sua comunidade quando terminar o doutorado ou pretende ficar por aqui mesmo?
- E o seu projeto desenvolvido aqui no Proflind foi sobre o quê?
- Você está contribuindo bastante, não é? Porque você retornando ajudará com a sua pesquisa, não é?
- Você gostaria de fazer mais algum comentário alguma coisa que você ache importante na educação pro seu povo, para os próximos que virão?

## **PE5**

- Qual foi o tema da sua Dissertação do mestrado?
- Como você acredita que a educação pode impactar positivamente o futuro do seu povo, e há algo específico que gostaria de compartilhar ou sugerir para as próximas gerações?
- Quais recursos ou apoio vocês acreditam ser essenciais para melhorar a educação na aldeia, tanto para as crianças quanto para os adultos que também buscam aprofundar seus conhecimentos?"
- Quais aspectos você acredita que precisam de mais atenção ou melhorias na sua comunidade?"
- Você poderia compartilhar mais sobre a educação indígena e como as crianças de sua comunidade vivenciam o processo de aprendizagem? Além disso, vocês enfrentam algum tipo de discriminação ou desafios ao buscar o acesso a

oportunidades educacionais fora de sua cultura? Como isso afeta a construção do conhecimento e a autonomia de vocês?"

- Você acredita que é possível melhorar essa situação por meio de mudanças na legislação?"
- Da legislação?
- Muito abrigada pela entrevista.

## **PE6**

- E você encontrou muita dificuldade para fazer o curso? Você sentiu muita discriminação dos colegas da turma e desse processo todo que você percorreu até aqui?
- Porque tinham outros colegas de outras etnias na turma.
- Falando outras línguas?
- O que você acha que está falta ainda para complementar a educação indígena?
- E você acha que o governo deveria fazer alguma coisa mais por isso ou vocês têm que lutar mesmo por essa conquista?
- Considerando as reflexões que você e o professor X compartilharam, gostaria de saber se há alguma iniciativa em andamento ou se poderia haver um movimento para que os professores indígenas já formados possam colaborar ativamente na criação da universidade indígena?
- As crianças lá na sua aldeia, eles falam a língua nativa mesmo na escola?
- E o professor lá fala a língua nativa também?
- E de que maneira a sua formação contribuiu para a sua profissão?
- E o material didático lá, como é trabalhado?
- O seu trabalho é de grande importância para manter a cultura viva.
- Para os Ticunas para preservar e promover a sua língua e cultura? O que pode ser feito de maneira forma efetiva?
- A maioria fala mais o português do que a própria língua, não?

## **PE7**

- As escolas na sua aldeia não tinham professores não-indígenas? Como eram as escolas lá na sua aldeia?

- Por esse motivo você incentiva aos seus parentes para que eles possam estudar?
- Qual a contribuição do Proflind para sua vida?

## ANEXO A – Entrevista do Participante Entrevistado 1 (PE1)

Entrevistas com alunos egressos do Proflind

Nome	Etnia	Idade
PE1	Kayapó – Aldeia Koroti	57 anos

Transcrição da entrevista:

**L:1. Fale um pouco sobre a sua trajetória acadêmica.**

**L:2.** Bom dia, né ... Sou da etnia Kayapó, nascido em uma aldeia chamada Koroti... eh ((interjeição: expressão de pensamento))...subindo o rio Fresco...ih ((interjeição de continuidade)) ao passar dos 13 para 14 anos, aí a minha mãe resolveu sair da aldeia e descer para o beiradão. Aí nesse intervalo aí...e:: eu fui apresentado a uma madrinha pra mim essa madrinha minha, tipo assim...me adotou me levou para Altamira, para eu estudar e lá começou os meus estudos em Altamira. Primeiro ano, naquele tempo era...1ª série né? 2ª série e assim tudo vai... Retornei novamente pra aldeia, passou um tempo minha mãe achou por bem voltar novamente para a cidade e começar os estudos na cidade. Aí eu comecei a trabaia na cidade e a estudar. Eu perdi um pouco sotaque, porque a minha madrinha quando ela estava comigo, em torno de uns três, quatro anos que a gente morava junto, ela colocou pra mim três professoras português, e que não era pra mim falar com sotaque indígena não ((expressão de tristeza)). E aí acabou o sotaque indígena. E aí foi... a gente vai perdendo devido a convivência com o pessoal a gente vai perdendo um pouquinho.

Daí terminei o meu 2º grau que eu fiz e me formei em contabilidade, serviu um tempo enquanto eu trabaia em um supermercado, serviu, depois eu saí e fui trabalhar na prefeitura e:: de lá eu fui para a Secretaria de Educação.

Na Secretaria de Educação, eu ((pensativo)), na época veio uma exigência de quem só trabaia lá quem tivesse o magistério. E na época a Secretária de Educação, então, fez um convênio a nível da Secretaria do Estado e levou o Ensino do Magistério pra cidade e lá eu fiz o magistério e quando eu fiquei na educação. E de lá para cá eu fiz uma graduação em pedagogia, fiz uma Pós e depois aí eu fiz mais uma graduação em Licenciatura em Informática ((pequena pausa, fala calma)) e:: lá na Secretaria de Educação eu era adjunto na época da Secretária e quando eu saí, ela me chamou para assumir a área indígena, que estava um pouco em decadência,

aí ela me chamou para assumir. Então tem uns 15 ou 16 anos que eu trabalho nessa área de coordenação, não em sala de aula.

Lá em São Felix tem 33 aldeias e 33 escolas o qual a gente coordena, são diversos lugares. Entendeu? Por exemplo: Rio Iriri, Rio Xingu, Guarapés Porto Seguro, Riozinho, Rio Fresco e Rio Iriecê, então nessas áreas são 33 escolas no qual eh ((interjeição exprime vários estados)), a gente faz a coordenação. E na época quando eu comecei só tinha cinco aldeias que a gente começou a coordenar. Aí foi crescendo e a gente foi dividindo, dividindo e assim... hoje lá no departamento a gente tem uma equipe, uma equipe que a gente montou lá com coordenador pedagógico, pessoal de assistência lá, secretaria e tal. Então, eh...a gente tem um pouco de di...di...paciência, porque trabaia com os indígenas não é fácil é uma exigência muito grande, é outra língua, então tem um grupo de professores, que a gente vai e orienta.

Lá em São Felix nós temos um curso que funciona uns três anos já, eh...um curso super... muito interessante pra área, porque a tutora lá ensina muita coisa da convivência que ela já teve lá...então ela está passando para todos os professores e é um curso muito riquíssimo que a gente... agora em agosto a gente vai estar retornando novamente e passando novamente antes do pessoal retornar ((fala explicativa)).

Então são várias coisas, os indígenas eles é assim ((pausa)) o professor as vezes não, não dá...dá...conta de alfabetizar ((pausa)), porque eles estão ali na aldeia no dia a dia deles. Então, eles vai pra sala de aula e eles tem o conteúdo ali, nós tem o professor e nós tem o monitor. O monitor é indígena que traduz pra eles e enquanto eles estão ali, eles estão aprendendo. O professor está na área eles estão aprendendo, mas quando o professor sai, aí eles vai pra aldeia, aí eles já começa a esquecer. Então é outro trabalho que você tem que fazer. É por isso que a gente estudou bastante na administração no sentido de colocar uma área pedagógica no departamento que é para poder começar a incentivar e aí nós estamos com esse projeto voltado pra esse sentido aí de acompanhar aí o dia a dia do índio pra que ele possa aprender não só o português. -- Em São Felix do Xingu foi aprovada uma lei aí agora, que é para ir para o currículo da língua, essa Lei<sup>2</sup> ela vai para o currículo da língua. Ela foi aprovada. Agora é só passar adiante o:: Conselho do Estado e inserir

---

2 Lei (Nº 005/2019 – CMSFX de 27 de agosto de 2019 – inciso V do artigo 27 e inciso XXV do artigo 90 LOM, onde inclui a língua Mebêngôkre (Kayapó) como língua cooficial no município de São Felix do Xingú- PA.).

no, no.. currículo pra poder a gente começar como incentivo. Porque na verdade é assim... muitos indígenas, eles vão para a cidade e lá na cidade, eles lê talvez -- e aquele que aprendeu um pouco o português ele sabe ((enfatiza)) -- Então qual que é a intenção nossa? Levar para a cidade e tem muito indígena que estuda na cidade também. Então essa aprovação da língua deles que vai ter no currículo e na grade vai servir para eles na cidade, porque assim... no aeroporto você coloca lá o português e coloca o inglês, então vai partir assim...((explica)) da hora que começar a gente vai colocar na secretaria o "Bem-vindo" em português e o "bem-vindo" em Mebêngôkre na secretaria que é para eles poderem ir apanhando, entendeu?

E sobre a escrita, porque eles podem até falar, mas na hora de passar para o papel, não sabem ((enfatiza)). E aí é uma bataia muito grande e a gente tem um projeto que a gente está trabalhando e os professores estão se dedicando nessa área aí. E a gente vai dar segmento nessa área aí para a gente alcançar o objetivo. É difícil. Mas a gente consegue ((expressão de confiança)). Até porque falta muita coisa, falta uma estrutura boa e eles dividem muito a aldeia e a gente fica numa correria muito sem fim é uma logística muito pesada, uma logística sem tamanho, porque nós tem aldeia que a gente só vai de avião, duas horas de voo e aí você não alcança o objetivo que você quer, porque as vezes a secretaria não tem dinheiro para pagar o voo que é muito... supercaro ((expressão de revolta)). E assim você fica meio... ((expressão de tristeza)), mas é assim... a gente vai aos pouquinhos até chegar lá ((expressão de confiança)).

**L1: Sim. Quando você visita essas comunidades onde não fala fluentemente todas as línguas, como você se comunica? Você utiliza sua própria língua, tenta se adaptar às línguas locais ou consegue entender um pouco do que as pessoas dizem?"**

**L: 2. É.**

**L:1. E como você se sente no contato com eles?**

**L:2.** Não, é assim... é:: ...eu até... ((gesticula para explicar a situação um pouco sem jeito na fala)), a gente sabe, compreende o que eles falam assim... é tanto que o:: indígena masculino eles já vem direto com a gente falando português, as indígenas não, elas ficam retratadas na delas ali, poucas as que falam, só quando tem conhecimento mesmo. Por exemplo: comigo como sou bem conhecido elas falam o comigo o português, mas com outras pessoas, não! E aí você tem que se adaptar com o que eles estão falando, com o que eles estão pedindo, porque eles cobram muito e

você tem que saber senão você sai dali sem dizer nada, então você tem saber o que fazer, porque é muita cobrança...e assim, eu não tiro a razão deles não. Não tiro a razão ((expressão de apoio)). Eles querem as coisas pra funcionar e nada mais, nada menos a educação tem que dar esse ímpeto para os indígenas andarem com seus próprios pés, para eles saberem para onde eles vão, para eles saberem o que eles querem ((expressão de incentivo)). É, é... impressionante os nossos indígenas de São Felix do Xingu, no caso na minha cidade que não tem nenhum... agora que não sei se é na quinta ou sexta turma que tem uns quatro ou cinco indígenas estudantes de lá... não sei se ainda tão... porque é muito fácil eles desistirem das coisas ((expressão de dúvida)). Eles começam, não tem muita paciência e quando começa a dar errado eles saem, vão embora, largam de mão, mas esses que estão dentro, a gente tem sempre uns colegas, uns companheiros, uns professores que estão sempre ajudando a eles para que possam terminar ((expressão de esperança)).

**L:1. O que você acha que faz mais falta para a aprendizagem dos indígenas, para que a educação indígena possa ocorrer de uma forma mais efetiva?**

**L:2.** Oh ((interjeição explicativa)), assim... é:: falta muito a questão de livro didático essas coisas...para trabalhar com o português principalmente para alfabetização. Na verdade nós tinha que trabaiá com o português na verdade porque lá vai ser duas línguas, duas culturas, né?... e o material didático indígena porque muitas vezes o indígena não sabe o que é. Você pega um livro aqui do Sul e leva para lá para eles escrever e eles não sabem o que é uma uva (*término do vídeo 1*).

(Continuação – vídeo 2)

**L:2** - Pois é... aí essa questão do livro didático o que que acontece? A professora X , que faz o curso Mebêngôkre na cidade para os professores e a gente cobra dela essa situação. Aí o professor agora já está levando esse material produzido que eles, produz lá no curso e eles leva pra a aldeia. É um... assim... é um elo a mais pra eles poderem encaixar, porque leva daqui, leva pra cidade o que não é da aldeia e assim eles lá vão ficar sabendo o que é, ou o que não na verdade. Porque só o português só...o indígena se leva muito pela questão de um desenho, se pedir para ele desenhar ele desenha, mas na hora de falar o que é ele não sabe ((explicação)). Se ele olhar ali e vê alguma coisa ele copia e faz um desenho perfeito. Se ele olhar um pássaro, uma arara ele desenha na miçanga ((pequenas contas decorativas feitas de materiais naturais como: pedra, osso, sementes...)) tudo certinho, sabe que é um pássaro

porque tem no convívio dele lá, mas se pedir a ele para desenhar uma uva ele não vai saber o que é uma uva. Então, assim a gente estamos com esse curso é um curso muito rico a professora está produzindo o material, está encaminhando para eles, para eles nesse sentido se adiantar um pouco mais na leitura, na alfabetização, no entender mesmo das coisas. Eles veem para a cidade e chega na cidade vê tudo completamente diferente e não sabem o que é. E aí você vê, que não é todos, mas são muitos... na hora que vê um índio entrar no comércio começa a botar o pessoal para fiscalizar aquele negócio todo... É assim... um preconceito muito grande e nós tem que acabar, acabar não! Minimizar essa situação. E na cidade de São Felix é uma tendência muito grande pra nós, né? E até hoje eu com tanta convivência com os APRÝ (preconceito em Mebêngôkre) que a gente fala APRÝ na nossa língua, eu ainda sinto muito preconceito, sinto muito preconceito mesmo ((expressão de tristeza e desapontamento)). E muitas vezes a gente escuta alguma coisa e a gente fica calado para não responder com altura, mas é muito grande o preconceito. É dessa forma aí. Estamos buscando, estamos trabalhando para que se coloque em prática esse material didático produzido por lá mesmo, deles mesmos, para que se possa produzir um livro melhor dentro de uma sala de aula.

**L:1 – Como o curso do Programa impactou sua vida pessoal, sua comunidade e seus estudos? Quais habilidades ou conhecimentos você considera que adquiriu e que fazem diferença nesses aspectos?**

**L:2-** Olha...((emoção)), tanto para mim como para alguns colegas e os próprios indígenas que estão fazendo aí, eles sentaram comigo perguntaram a situação, eu falei para eles e incentivei. Eles são poucos, mas tem que correr atrás. Eu quase não tenho muita palavra para dizer numa questão dessas, porque pra mim... Deus me livre ((gratidão)). É uma situação que na minha vida que eu nem penso que vai acontecer e de repente acontece ((expressão de felicidade)).

Nós tava, eu e mais duas colegas e uma das colegas lá e o rapaz passou o link, né? Pra gente lá e a colega deu uma olhada e passou para mim e falou: “Tem um link aqui, vê o que é.” E eu abri o link e nesse link estava o edital da Universidade na época e fazendo a inscrição para quem queria fazer o mestrado, os indígenas e tal e aquele negócio todo ((explicação)). Aí eu peguei fui com a secretária e perguntei pra ela como seria como a gente teria que fazer e a secretária falou que só poderia garantir uma pessoa só. Que fulaninho de tal que é para ir ((expressão de decepção)). Eu falei: “Mas eu vou por minha conta e risco” ((decisão)). Porque a faculdade me oferece

uma bolsa e eu não vou perder” ((enfazando sua fala)). E daí a gente entrou e contato com um rapaz e o rapaz entrou em contato aqui com a coordenação que perguntou se poderia inserir uma pessoa que trabalhasse com indígena. Ele respondeu que pode 30%, sendo 70% de vagas para indígenas e 30% para os professores do cargo. Aí a gente, lá mesmo fez a inscrição de todo mundo e aquele negócio todo. Eu tinha feito a minha carta de intenção para trabalhar com o diário, diário indígena. E um certo dia eu fui para a aldeia para fazer a pesquisa lá, para ver se eu ia dar conta e conversando com eles eu vi a situação e cada palavra... cada objeto uma coisa, cada nome outro e assim eu vi que não ia dar para mim. Aí eu conversei com a orientadora se podia mudar e ela disse que pode. Aí eu peguei e fiz a cerimônia de rituais que no caso é o marimbondo, né? Que é o rito que a comunidade tem que o rito do marimbondo. E aí eu fiz e na defesa foi tudo bem. E foi e graças a Deus por isso ((satisfação)). E assim, se eu puder incentivar os meus colegas pro curso eu vou incentivar, porque... Ave Maria ((agradecimento)).

**L:1. E no dia a dia com os colegas em sala de aula, você encontrou dificuldades de se comunicar com eles devido a turma ter várias etnias?**

**L:2.** Oh ((meio sem jeito)), a gente encontra né? ((riso)), mas como quase todos nós se adaptamos ao português, aqueles que não sabia falamos o português. Os Ticuna, né? ((referindo-se aos colegas Ticunas)). Às vezes eu queria falar e estava no alojamento junto com eles e eles se reunia ao pé da mesa lá e falavam a língua deles lá e eu ficava sem saber para onde ia. E eles me ensinaram um bocado de coisas, a gente fazia troca, eu ensinava o Mebêngokré e eles me ensinavam o ticuna ((satisfação)). O pessoal do Guarany também, eles me ensinaram também, tivemos uma convivência muito boa. O importante disso aí é aquela questão que diferencial de uma universidade completamente diferente, que quando a gente estava em sala de aula e passava por debate dessa forma e cada um contava a sua cultura, aquilo é riquíssimo você saber a cultura que tem, você saber a cultura do colega. E assim, quando a gente estava no dia a dia eles contavam muita coisa deles e eu contava da minha e a gente trocava ideias. Eu acho então que seria...seria, não, tem que ser ((enfaziza)). Muito viável essa troca de cultura o governo incentivar as próprias universidades, para um ficar conhecendo o outro para quando se unissem para uma defesa todos viessem se defender juntos, porque é uma cultura riquíssima e a gente não pode deixar acabar a cultura indígena não ((enfaziza)). O país inteiro tem que ter essa cultura. E eu sei que tem muitas etnias por aí no Brasil que com certeza se

acabou, porque vai se debatendo, vai procurando, porque eu vejo assim, que tem muitas poucas pessoas ter aquele prazer de ensinar os indígenas para eles terem um desenvolvimento melhor do que muito que fazem... Por exemplo: as ONGs. Por exemplo, tem muitas ONGs, muitas Associação no nosso município que eles não, não ensinam, eles buscam ((indignação)). Ao invés deles ensinarem eles tira, faz ali um cursozinho mais ou menos e pronto acabou-se. Então tinha que ser incentivado, vocês fazem isso, fazem aquilo, entendeu? Para poder a cultura não acabar.

Hoje em nossa aldeia Kayapó tem certas aldeias que não existe mais. Por exemplo, é, é, é do rito do marimbondo, a gente já quase não vê mais nas aldeias. Ela começa com numa preparação e a...a... aldeias era selva e eles tinham esse ritual começava uma preparação num... num... menor de idade ali para ser um guerreiro... ser um guerreiro para se uma força maior dentro da aldeia, porque era coberta. Hoje a gente já não se vê mais. A gente tinha quando eu morava na aldeia...Eu por exemplo quando morava na aldeia o meu tio X, que era um dos caciques do Pombo, ele colocava a gente sentado no casarão lá e ia bater aquelas coisas pra gente, explicar toda a situação de quando começou e aquele negócio todo. Hoje a gente já não vê mais. Isso aqui ((aponta para o aparelho celular)) invadiu as aldeias. Acabou-se ((indignação)). Hoje você vê indígena novo que não quer saber de nada, não quer dançar, não quer se pintar não quer escutar, só quer andar de calça apertada, esse negócio todo. É outra figura praticamente. Então, assim... tá, tá se acabando a cultura e eu vejo que os governos não se interessam por isso e é uma perda muito grande pra nós ((expressão de tristeza)). Porque é assim... os indígenas hoje, perante o governo federal, estadual e municipal, eles são os protetores da reserva. Em São Felix do Xingu tem uma reserva muito grande e é onde os índios sabe que ninguém entra, ninguém... e é deles. E isso vai acabar a partir da hora que eles começam a ser incentivado a plantar cacau, igual a essas ONGs fazem. Para plantar cacau eles vão ter que derrubar o mato, vai ter que criar gado, vai ter que derrubar o mato e aí acaba tudo ((expressão de revolta)). E aí todo mundo vai ficar onde mesmo? Vai todo mundo vir para a cidade passar fome e os governos não querem dar mais né? Não querem atender e aí a situação é essa ((lastima a situação)).

**L:1. Agradeço muito a sua atenção e explicação do que está acontecendo e espero contar com você para participar de outras entrevistas.**

**L: 2 -** A gente agradece muito ((satisfação)). Pra gente é de suma importância é bom a gente contar aquilo que a gente sabe e o que a gente faz no dia a dia. É muito

distante, é no Norte, é pra lá, mas esse feito da universidade abrir essa porta, essa janela para os indígenas fazer esse curso igual de mestrado e doutorado é de suma importância, isso aí não tem preço, não tem preço para gente dizer, não. Isso aí é um preço que eu tenho que pagar isso é para o resto da vida ((agradecimento)).

**L: 1. São poucas as universidades que oferecem Ensino Superior para vocês, não é? Mesmo sendo um projeto que é de sobrevivência da humanidade que são vocês que cuidam.**

**L: 2.** Eu fico muito grato assim, agradeço demais. Um certo dia ali na sala de aula, eu sou calado, né? Eu sou mais na minha. Eu desde criança que comecei a estudar na sala de aula, a gente sempre foi muito cheio de preconceito. Uma vez na sala de aula eu estava sentado e o colega chegava e puxava à cadeira pra lá. E eu sem saber o que era preconceito. Eu pra mim pensava que o colega não gostava de mim na verdade, mas olha, depois a gente vai aprendendo e vai... E eu muito calado até que um certo dia a professora fez eu falar e eu falei. Ela disse: “Mas, moço ((espanto)). Por que você sabe das coisas e fica parado aí sem falar?” E os colegas falaram: “Ele sabe tudo mesmo” ((confirmação)). Mas é assim, eu gosto muito de ficar na minha ((expressão de tranquilidade)). Mas a gente agradece e tal o apoio da universidade, aquele carinho especial de vocês que sempre tratou a gente muito bem, nunca deixou assim... a desejar a nada pra gente. As coisas é dificultosa? É ((ênfase de afirmação)), porque aquele negócio todo... a gente vem de longe... as vezes não se sai muito bem, mas graças a Deus por isso ((expressão de agradecimento)). E hoje estou feliz da vida porque eu recebi o meu diploma e com certeza vai fazer toda a diferença pra mim. Obrigado ((expressão de muita satisfação))

## ANEXO B – Entrevista do Participante Entrevistado 2 (PE2)

Entrevistas com alunos egressos do Proflind

Nome	Etnia	Idade
PE2	Baré – São Gabriel da Cachoeira Amazonas	55 anos

### L: 1- Fale um pouco sobre a sua trajetória acadêmica.

**L:2** Sou de São Miguel da Cachoeira, pertencço ao povo Baré. Atualmente trabalho na gerência escolar indígena, a minha formação é Ciências Humanas Filosofia ih... tive toda a educação básica numa escola formal não indígena, né. Onde não se havia possibilidade nenhuma na época, é:: de se discutir a importância da língua, principalmente a cultura de um povo dentro do contexto da escola. Enfim, conclui o Ensino Médio, após isso fiz a primeira licenciatura que aconteceu em São Miguel da Cachoeira, né. Terminei o curso ih... com o tempo como professora do Estado consegui transitar no Estado, né? Tive uma vivência em Benjamin Constant trabalhando nas escolas estaduais não indígenas. É:: mais ai eu comecei a perceber a importância desse contato da língua de um povo, dentro da escola, porque os meus alunos eram falantes da língua Ticuna e muitas vezes eles tinham dificuldade de... de dialogar com os professores, né? E a gente... e foi nesse momento que a gente passa a perceber que existe um preconceito entre indígenas e não indígenas dentro desse processo de ensino-aprendizagem, né? ((constatação)). E na maioria das vezes é... a gente não observava essa importância de se discutir a presença dos povos indígenas dentro da escola. Com o passar do tempo tive que me deslocar para Manaus, é... para oferecer melhores condições de estudo para os meus filhos, né? Que já estavam já indo para a faculdade ((esperança)). Essa foi a razão que eu vim pra... pro...pra capital Manaus ((meio confusa)). É... chegando lá eu fui chamada pela Professora X, gerente da Educação Escolar Indígena no Estado do Amazonas, fui chamada, é:: pelo trabalho que a gente realizou em São Miguel da Cachoeira e nesse processo de trabalho eu fui trabalhar a Educação Escolar Indígena. Uma gerência que discute políticas específicas para educação escolar indígena e entre eles tinha a construção de material didático a formação de professores indígenas no magistério de Piraiuara. E a mim foi dado a coordenação de acompanhar o projeto Piraiuara, é::

com item de formação inicial, né? Dentre eles estava a discussão da política linguística de um povo dentro da formação no Estado do Amazonas e em cada município e em cada povo, né? Nós temos no Amazonas diversas línguas, vários povos, né? Então eu me vi numa necessidade de buscar conhecimento, teoricamente eu estava aprendendo, né? Começando uma nova... sendo professora, mas tendo uma nova experiência, né? De trabalhar com professores na formação. A gente como professor tem muito esse compromisso, né? De como trabalhar a aprendizagem indígena em comunidade indígena, né? Principalmente em escolas onde o aluno professor é falante indígena. Então a partir de todo o processo histórico a partir do contato, né? Da colonização e outras situações a gente ainda observa esse preconceito dentro dessas escolas, né? ((indignação)). E tem alguns locais que trabalham com as políticas públicas direcionadas pras escolas públicas indígenas, não percebe ainda essa necessidade e passam a atropelar vários direitos, né? Que nós temos de acordo com a constituição, e:: ih....ih... nós temos vá::rias leis é:: que nos ampara legalmente, né? ((expressão de ansiedade)), que nos dão direito de proteger a nossa cultura de falar, de ensinar dentro dos espaços é:: das escolas públicas indígenas ((fala pausada)). Então isso é:: me deu... eu percebi uma necessidade de eu saber mais para poder ajudar. Eu sabia o necessário, mas não sabia o essencial, né? Como ajudar os professores durante a formação e como ajudar o formador para ir até aquela comunidade né? ((expressão de questionamentos)). Então o tempo foi passando, depois de cinco ano, é:: Quando eu li a primeira vez o edital do Programa, né? E isso tem me chamado a atenção, por quê? Dentro da formação dos professores indígenas um dos objetivos é construção de material didático na língua indígena, né? Ou seja, construir um material você consegue, discutindo, dialogando com o povo daquele local, mas a teoria para sustentar aquela defesa, eu me senti assim totalmente desconhecido, né? Então quando vi pela primeira vez é:: o edital e li, eu disse: "Eu vou fazer" ((enfaticamente a fala)). Eu preciso para o meu trabalho, eu preciso... é:: pra...pra...pra eu poder me sustentar teoricamente, dentro do que eu vou discutir, né? ((gesticula bastante)).

A primeira turma eu não consegui entrar, porque eu estava em área trabalhando e quando eu voltei o edital já tinha é... já tinha...

**L: 1 Encerrado?**

**L:2** Ahã, Ahã ((concordância)). E aí quando foi na segunda também, eu comecei a escrever, mas tive que fazer uma viagem de trinta dias e quando voltei já estava

encerrado novamente ((risos)). Quando foi na terceira vez eu falei: “Não, eu vou deixar tudo pronto, arrumadinho porque eu vou me inscrever”. Quando abriu o edital no primeiro dia eu me inscrevi, já estava tudo prontinho e assim eu consegui então passar, né? ((voz de satisfação)). Então, como foi o curso? Foi uma experiência maravilhosa, porque a gente conhece... conheceu vários povos aqui, fora da nossa realidade né? Amizades, discussões, teoria dos professores, todos foram bons instrutores, né? Conhecedores da causa ((ênfatisa a fala)) e esse processo me fortaleceu, né? Me instrumentalizou teoricamente e a gente fala assim:” Eu precisava de um canudo, para dizer eu entendo disso também”, né?” Então essa foi uma das necessidades porque eu vim fazer, o canudo para me fortalecer profissionalmente e financeiramente, porque a gente não vai dizer que a gente não ganha nada, né? Mas foi um esforço assim, mais pessoal. É porque vir do Amazonas para o Rio de Janeiro, morar por conta própria, porque a gente não tinha apoio financeiro para essas situações, né? É o curso oferecia alimentação para nós que vínhamos de fora, que já é uma grande ajuda, né? E se distanciar dos filhos também, né? Foi uma outra...é:: foram outros obstáculo que a gente teve que vencer, mas enfim foram um ano distante dos filhos, mas eu consegui aprender muitas coisa e teoricamente com os colegas também e cada professor é formado de uma área dentro de um problema de cada comunidade e isso foi fortalecendo e a gente conseguia até é:: construir para o nosso fortalecimento pessoal que todos estão nessa luta, né? Fazer valer a educação escolar indígena entre eles e fortalecer a língua dos povos indígena e:: em particular aqueles que são indígenas e falam, eles se sentem com a autonomia de poder viajar nesse mundo de profissional, né? De ter essa prática na teoria. Então o Programa pra mim foi um mestrado que:: me deu autonomia para eu realizar o meu trabalho e financeira também ele me deu né? Que não é muito mais ajuda pra caramba, né? ((risos)), porque professor não ganha muito, mas ajuda, né? E pesar de tudo me deu uma luz no fim do túnel, porque eu dizia: “O que que eu vou fazer para ajudar?” ((expressão de satisfação)). E eu continuo trabalhando na gerência de educação escolar indígena, agora sim, mais fortalecida com esses conhecimentos que adquiri durante o curso. E dizer que todos os professores foram excepcionais dentro do seu ensino, né? E a professora X foi a minha orientadora, uma grande é:: doutora, conhecedora, e ela me ajudou bastante na dissertação, né? Discutíamos bastante. Ih... é:: um exemplo de luta assim que venceu várias situações que se falava durante o curso, né? Então não se vence nada com facilidade, sempre tem obstáculos e aqui

estou com o meu *diploma* ((segura o diploma para a câmera)) de volta para o Amazonas, que eu vim buscar aqui ((expressão de orgulho e satisfação)). E dizer para os colegas que estão cursando que aprendam ((conselho)). Você está no processo de aprendizagem. Leve essa ideia para quem precisa, né? E a língua indígena é importante para nós povos indígenas falantes e para os que não falam, que tenham respeito por nós que estamos presente na sociedade brasileira ((orgulho)). Obrigada ((expressão de felicidade)).

### ANEXO C – Entrevista do Participante Entrevistado 3 (PE3)

Entrevistas com alunos egressos do Proflind

Nome	Etnia	Idade
PE3	Não indígena	51 anos

**L1: Fale um pouco sobre a sua trajetória acadêmica.**

**L2:** Bom dia. Então...eu sempre trabalhei com a educação indígena, a educação indígena com os Kayapós na região de São Felix do Xingu, porque tanto tem Kayapó em Mato Grosso como na região do Xingu no Pará e aí eu trabalho... trabalhei com eles mais de sete anos, diariamente o tempo todo só em uma aldeia... só em uma aldeia, mas como ela era uma aldeia mãe ela tinha o convívio todos eles, que estavam juntos nas festas e nas comemorações, sempre estava todo mundo juto. E eu tinha o papel, no momento eu não estou trabalhando com eles, no momento eu estou um pouco afastada da aldeia, devido a pandemia eu saí e aí..., mas a... a vontade de voltar é grande, porque parece que foi um vínculo que criou que não dá mais vontade de sair mais. Então eu aprendi muito trabalhar com os indígenas Kayapó, eu aprendi muito, tanto a falar como conviver, a dar valor a pequenas coisas do dia a dia a gente deixa de ter aquele jeito tipo orgulhoso. Convivendo com eles você deixa de ser orgulhosa e passa a ser humilde, porque do mínimo com eles vivem a gente passa a viver, conviver juntos, então eu ficava muito tempo com eles e passava pouco tempo com a minha família em casa e era com eles que eu convivia o tempo inteiro. Eu e o meu supervisor, a gente ficava na área indígena e ele ficava na cidade. E até então eu aprendi muito tanto como falar como escrever. Quando a gente não tá na prática a gente vai esquecendo de algumas coisas, mas na hora que a gente volta e vê os conteúdos e como eu tenho muito material eu não consigo esquecer, não consigo. E foi um aprendizado maravilhoso trabalhar com os Kayapó, foi muito, muito bom... Eu sempre falo e meus esposo fala que eu sou apaixonada por eles, porque o jeito deles está perguntando por mim e quando eu chego em São Felix eles falam: “Ela voltou”, “Bora levar ela para a aldeia” Eu fui em julho, fui em agosto e agora no final do ano e eles vem o tempo todo. A minha menina parece muito comigo e ela disse que eles

vivem indo na minha casa dizendo que eu é ela, que eu sendo ela, aí, quando eles veem eles falam: “Não, não é a professora”. Ela fala: “Mãe dá um dó quando eles vêm confundindo eu com a senhora”. Então é um vínculo que não acaba, um vínculo que não acaba. Então esse meu mestrado eu fiz em prol deles e o meu objetivo... esses tempos atrás foi o pessoal da ((esqueceu nome)) como é que fala? Que é o pessoal da Nova é aquela do Pará, que mexe com os livros didáticos. E eu falei: “Por que vocês não produz livros para os indígenas?” “Porque eles são carentes de material didático” “Eu também tenho muito material didático e posso ajudar de qualquer forma.”

**L1: Me fala um pouco sobre a sua trajetória acadêmica. Quando é que você se interessou por estudar?**

**L:** Aí, foi assim... Quanto a gente tava na área indígena e veio a questão de produzir o material didático foi muito antes do mestrado, muito, muito antes do mestrado mesmo, que a gente veio fazer aqui. Já tinha surgido a oportunidade de fazer material de pegar texto e colocar para eles traduzir e colocar no Kayapó e a gente ensinar as duas línguas e ensinar com os textos mesmo em português. Então, a gente já vinha batendo nessa tecla antes e com o mestrado a gente conseguiu ter uma visão ampla de como trabalhar com eles usando só o material didático produzido por nós e por eles dentro da aldeia, que quase a gente não usava o material que está eleito, que não deixa a gente falar que é uma verdade, que a gente sempre trabalhou produzindo histórias da cultura, é o convívio dele da roça, então tudo isso que a gente trabalhou...trabalhava e isso despertou... ((expressão de entusiasmo)) é tanto que a minha dissertação era voltada para a história, que foi uma dica que o cacique deu. Como a cultura vai evoluindo, vai mudando as...as adolescentes não querem mais fazer os rituais de costume de antigamente, então tem uma história pra o futuro ela saber. Então eu quero publicar, vou publicar e aí é pra pode ter um livro didático voltado para a história. Dá aula de didática para eles que é voltado para história que é o conto do ritual, que é meu e dele ((supervisor)).

**L1: Como era o desenvolvimento dos estudos durante sua época? E em que ano você se formou como professora?**

**L2:** Olha só...Quando eu passei a ser professora, foi assim: Eu fazia pedagogia sendo servente em uma escola na minha cidade na escola particular. E aí no primeiro momento eu não queria ser professora, eu não tinha vocação. Só que segundo semestre de pedagogia eu me apaixonei pelo modo ser de querer se dar aula. E aí eu

passei no concurso da saúde e fui trabalhar e terminar o estudo e quando eu terminei, eu logo fui para a aldeia da educação, eu deixei o concurso de saúde e me mandei para a aldeia para dar aula. Não conhecia nada de aldeia, não conhecia nada. E aí a minha vocação não é para dar aula para adultos a não ser se for para indígenas. Mas para os não indígenas só se for para os pequenos, primeiro e segundo ano como eu estou trabalhando agora. Mas a minha vocação é pra mim voltar trabalhar com os indígenas adolescentes, os adultos indígenas que necessita de uma força maior de quem tem paciência de trabalhar com eles e tem sabedoria de ensinar, entendeu? Que nem a gente trabalhava com crianças... e adolescente que era como se diz... ((expressão de falta de lembrança da palavra)), ela era cadeirante e a gente fazia o exercício e levava para ela na casa dela, depois a gente conseguiu levar ela para a escola. Até agora o momento eu não sei se ela está indo pra escola de novo. Mas foi um aprendizado que eu num... tipo assim... eu me orgulho em dizer... Eu estou estudando agora para concurso e tem também uma senhora que é também professora e trabalhou na área indígena e nós duas estamos lá batendo na tecla que temos que ter material didático, porque o meu foco é ter material didático que eles não têm. E esse rodízio de pessoas que vai um hoje, amanhã vai outro e passam lá dois meses depois voltam e vai outra pessoa, isso confunde a cabeça deles. O nosso resultado tanto minha, a do supervisor, da Ana foi uma equipe que ficou muitos anos, uma equipe só a gente vê resultado e eles mesmo fala: “Professora nós estamos sentindo falta da senhora demais.” Mas sabe como é a gente tem a vida profissional e a vida pessoal. Meu esposo teve que sair de São Felix, porque ele queria, porque queria ficar mais perto da família dele e me levou junto e eu estou lá amargurada, porque não é isso que eu quero... Não é isso que eu quero... ((expressão de nervosismo)). Eu quero voltar para minha casa, porque onde eu moro eu pago aluguel e sempre durante o dia eu trabalhava fora também. E eu fico imaginando, se eu tivesse na minha aldeia eu estava fazendo o meu trabalho com gosto...com gosto e eu tava vendo resultado. E a aldeia que era grande, tá pequena, porque eles dividiram muito né? E acaba acontecendo isso, quando eles se desgostam da pessoa eles se mudam, eles se mudam...E quando eles se acostumam com a nossa linguagem, ele tem uma...

**L 1: Vocês falam a língua dos Kayapó para dar aula?**

**L 2:** Sim, a gente fala com a língua mãe do 1º ao 5º ano a gente tem que trabalhar as duas línguas. Do ensino... do 6º ao 9º ano trabalha, mas não é tanto. Porque já vem o livro didático mesmo tem que trabalhar do jeito que está. Mas do jardim ao 5º ano

tem que trabalhar as duas língua, as duas língua tem que trabalhar os dois alfabeto e tem que aprender, você tem que se desenvolver para poder ensinar, né? Então, eu passei esses anos todos que eu trabalhei sempre foi uma pessoa só indígena para trabalhar junto comigo, ele era meu monitor um indígena, então ele ficava na sala de aula o tempo todo comigo. Tanto que quando eu saí chorava eu, chorava ele, lá em casa, né? Porque eu ia mudar para outra aldeia, eles foram lá em casa e foi um choro danado por isso, por quê? Eles se apegam a gente e a gente se apega a eles e é uma coisa que eu não consigo esquecer, porque eu gosto muito de dar aula para eles.

**L1: Em sua vivência nas escolas como você se sentiu quando estava nas comunidades com muitas pessoas falando línguas diferentes?**

**L 2:** Engraçado...quando eu fui, eu não conhecia linguagem indígena nenhuma, eu nunca na minha vida tinha parado pra ficar conversando com eles, mas eu me adaptei muito rápido. Eu me adaptei tão rápido que até hoje eu fico encabulada como eu me adaptei tão rápido... Eu tenho a facilidade de me adaptar em qualquer espaço, em qualquer convivência... eu não tenho dificuldade de convivência com nenhum ser humano. Então com os indígenas a minha mãe fala que ela acha que sou indígena também, porque ela... eu tenho a facilidade de aprender as coisa, basta eu escutar eles conversar duas ou três vezes que eu já memorizo e consigo pronunciar o que eles estão falando e entender.

**L1: Você fica constrangida quando vai em algum local que estão falando muitas línguas diferentes?**

**L2:** Às vezes sim, às vezes não. Que nem aqui quando a gente estava estudando, foi o único que a gente se deparou com muita gente diferente, que tinha os Tupiniquins, os Ticuna, então a gente fica assim meia que... meus Deus será que eu vou falar alguma coisa errada? Então a gente fica com vergonha de falar, quando na verdade você tem uma timidez em falar, porque você não está entendendo o que aquela pessoa está falando e ela também não está entendendo o que você está falando também. Mas com os indígenas lá no Kayapó foi diferente, porque eu já tinha uma professora que ela já tinha muito tempo e ela me ensinou muito... me ensinou muito e eu aprendi rápido.

**L1: Como você vê a importância de a comunidade aprender sua língua nativa como meio para facilitar o estudo e o acesso ao conhecimento?**

**L2:** Esse é o objetivo que eu sempre foquei... Esse é o objetivo, porque aprender na língua deles eles têm facilidade é igual nós com nosso português que temos mais facilidade de aprender, uns tem mais facilidade outras não, né? Mas ficaria mais fácil se os material viesse voltado para sua etnia com o seu dialeto, seria mais fácil para alfabetização. Seria muito mais prático ((estalou os dedos em sinal de dinamismo na situação)), seria mais... chegava ao 6º ano muito mais... não seria igual a hoje que não conhece nada. O que que é que está acontecendo que eu pensei que só os indígenas que tinha dificuldade? Sei que está acontecendo porque eu estou vendo que não, porque eu estou trabalhando com o não indígena e tem só uma menininha que é da outra tia que trabalha na outra região lá, mas ela fala mesmo só o português. É... como é que se fala? Ela não é aldeada é da cidade, né? E aí a gente fica vendo assim, aquela dificuldade deles, a repetição que tem que trabalhar na aldeia, a repetição, repetição, repetição de conteúdo do mesmo jeito que acontece na escola não indígena. E com os indígenas é mais complexo. Eu falo para eles, gente: “Vocês imagina que você tem dificuldade só com o português, vocês estão com essa dificuldade... agora vocês imagina quem tem que aprender as duas línguas? Tanto a falar como a escrever?” E eles, os que se esforça e que tem um professor que tem aquele compromisso, porque tem aqueles que vai para aldeia só por causa do dinheiro, não tem compromisso nenhum com o aprendizado, com o desenvolvimento dele. Porque a... a indígena é mais tímida do que o indígena. A indígena para chegar, pra ela falar, ela precisa pegar a confiança em você. Ela tem que ter aquela confiança de se pronunciar, de se apresentar. E tanto, quando vinha as pessoas da secretaria na aldeia e que pedia para elas ler, elas davam uma de fingirem não saber, depois que iam embora eu perguntava: “Porque vocês não leram na frente deles se vocês sabem ler?” “Fiquei com vergonha, professora”. Então, se tivessem pessoas com compromisso de fazer material didático voltado pra eles, era não... É importante ((fala empolgada)).

**L1: De que maneira a escola pode promover e valorizar as línguas indígenas em sua prática educativa?**

**L2:** Como?

**L1: Como a escola pode contribuir para a valorização e preservação das línguas indígenas?**

**L2:** Olha... eu acho... eu acho não, eu tenho certeza que precisa do poder em público é::investir mais, porque vim uma parcela do governo federal sempre tem uma quantia a mais disponibilizada para o indígena a mais do que o não indígena, mas esse dinheiro não se faz valer do jeito que teria que ser. Porque as pessoas sempre passa a mão e tira uma parte e coloca só o mínimo do mínimo, o ruim, porque vai merenda errada, vai material de péssima qualidade, material de livros que muitas das vezes está quase vencendo ou vencido, entendeu? ((se expressa gesticulando como acontece)). Ah... É porque vai pros os índios, pode mandar assim mesmo... Então essa questão que deveria ter um olhar diferenciado. É isso que eu falo em todos os lugares. Esses dias atrás... meses atrás, teve uma palestra com o secretário de educação do Pará e aí foi chamada a professora do 2º ano e eu que trabalho com o 1º e o 2º ano fui chamada também. E na hora que ele estava falando lá, ele foi falar a questão da Educação Indígena, eu estrebuchei da... da... em cima da educação indígena. Aí ele disse “Ah, você entende né?” “Eu entendo, porque eu estudei... ((expressa certeza em sua fala)). Eu sei a necessidade. Eu não conheço todas as etnias, mas sei que eles mudam só de endereço, mas a carência é a mesma. Não é história de se dizer que fulano do Rio, os indígenas do Rio têm mais...não... A história é a mesma, a carência é igual.

**L1:Você acha que a educação pode impactar a vida deles?**

**L2:** Com certeza... com certeza. Porque os que tem um conhecimento como os Ticunas, que ficam lá no baixo Amazonas que já fica quase fora do Brasil, eles tem outra estrutura de estudos, eles são diferenciados dos Ribeirinhos do Pará, do Mato Grosso. Eles é diferenciado, eles são diferenciados, tanto que tem muitos que estão fazendo doutorado e se você procurar no Kayapó não tem... não tem. Se você perguntar no Kayapó se tem advogado, não tem. Se perguntar se tem um médico, não tem. Não tem. E aí a carência é grande a falta de compromisso das autoridades é pouca.

**L1: Como você já vivenciou preconceito linguístico em algum lugar específico? Poderia compartilhar uma experiência que tenha marcado você?**

**L2:** Já, já sim. Tipo assim... Quando eu tava na aldeia que vinha a semana de planejamento, mais unificado que você está lá tem as queixas as professoras da cidade têm a queixa de dizer que a gente que trabalha na área educação indígena a gente não trabalha, né? E que a gente não tem, como é que é? A gente é do povão...Que a gente não tem mais aquele jeito de estar se maquiando, se pintando. A gente aprende a conviver com o básico do básico e muitas vezes nessa questão eu me sentia, porque muitos, muitos que me vê pensam que eu não tenho estudo nenhum...mas eu tenho pedagogia, sou pós graduada em psicopedagogia, tenho letras e tenho mestrado e vários cursos que se colocar o diploma, então... mas eu não sou aquela pessoa de ficar me mostrando, de tá me orgulhando sabe? Não...Eu sou aquela pessoa que gosto de ficar ensinando dentro, pra eu viver o resultado, pra eu rever o resultado... E eu sou muito, muito amorosa com todo mundo, com os não indígenas e com os indígenas mais ainda. Eu sempre fui assim e tenho a certeza de que vou morrer assim, eu não consigo mudar ((Sorri)).

**L1:Existe um projeto de lei no Senado que ele tipifica como crime a discriminação em razão de pertencimento ou proveniência de determinada região geográfica, Unidade Federativa, comunidade tradicional ou identidade cultural. Você considera pertinente esse projeto?**

**L2:** Sim. Eu acredito que se esse projeto fosse aprovado seria maravilhoso, seria maravilhoso se ele fosse aprovado e entrasse em vigor, porque a maioria das vezes ele é aprovado, mas é arquivado, não faz valer, né? E aí se isso fosse aprovado e fizesse valer eu acredito que seria muito bom.

**L1:Na sua opinião o que deveria ser feito para assegurar as línguas indígenas nas escolas?**

**L2:** Olha... em São Felix foi feito uma votação na Câmara dos vereadores em 2019. Foi em 2019 ou 2018, que era para ter essa disciplina para todos. Não só para a área indígenas, mas dentro do município ter a disciplina, sim, em Kayapó. Isso eu acho que seria viável se todos os municípios que tivesse essa determinada etnia, para poder ajudar, porque ele vem da aldeia para a cidade e ele não vê mais nada da língua dele, ele não vê mais nada da cultura dele. Então, se tivesse eu acredito, eu acredito que seria muito mais desenvolvido. Que aí ele ia se desenvolver e por mais que ele tivesse

fora da aldeia e se passasse, dois meses, três meses, seis meses que é o máximo que ele fica na rua e depois ele volta para aldeia dele de novo, eles iam com o conhecimento de não esquecer. Meu pensamento é esse e eu falei isso para o editor da editora... ((tenta lembrar o nome da editora)) Nova Escola... Nova Escola. E aí ele falou pra mim que ele até ia mandar uns materiais pra mim, que ia fazer uma troca de material e que ia ver se conseguia publicar alguma coisa. Estou esperando... Eu tenho o e-mail dele e nós estamos debatendo, mas eu só debato em cima do indígena. Estou lá em Altamira, mas estou debatendo com ele. E aí eu tenho essa vocação de um dia poder produzir o mínimo que seja com a ajuda da linguística. Eu não falo bem, mas escrevo melhorzinho um pouquinho.

**L1: Você gostaria de fazer algum comentário de mais alguma coisa sobre as línguas? Sobre o período que você passou aqui na sala de aula? Porque ali foi uma diversidade cultural.**

**L2:** Uhum. Aqui foi... foi bom. Aqui foi assim um aprendizado, uma escola que me ensinou muito, que me tirou muita dúvida, me tirou muita timidez que eu tinha. A professora X, ela foi uma pessoa que me deu muita dica, porque eu tinha vergonha de falar no meio de gente, porque eu era professora, mas eu tinha aquele, como é que se fala? Eu tinha aquele receio de falar a palavra errada, porque nós lá em São Felix a gente tem uma... como ela que ela disse? A gente tem uma... esqueci a palavrinha que ela fala, a professora X fala, é coordenação? Não... É outra palavrinha, que ela fala que a gente não tem... Porque é uma linguagem misturada, não é só o paraense tem em todas as regiões do mundo, então ninguém fala certo, ninguém fala é:: de um jeito só. Porque o pessoal do Rio Grande do Sul fala naquele tom, quase todo mundo fala de um jeito só, de um tom só. O pessoal daqui do Rio de Janeiro fala de um tom só e lá não. Lá é:: uma linguagem misturada e aí eu tinha vergonha de falar no meio de gente e ela me tirou isso, ela me tirou, porque com as aulas que ela me deu de fonemas e fonética e todas as aulas que eu tive com as professoras X, o professor Y ((estala o dedo)). Então, eles me tiraram esse peso que as pessoas falam errado, ninguém fala errado. É a sua cultura, é o seu jeito. Então hoje quando eu estou no meio da minha família que ninguém estudou, só eu que sou a mais estudante, que eles dizem que sou a mais inteligente da família, aí, eu falo do jeito que eles falam. Quando eu estou no meio acadêmico eu procuro... porque você não tem aquele convívio de falar acadêmica vinte e quatro horas, né? Eu procuro falar

academicamente também, mas é mais complexo porque a minha convivência não é de pessoas estudiosas. E como eu vou ficar falando de estudo com a pessoa que não estudou nem a 1ª série, né? Aí fica difícil... Então, as pessoas falam: “A professora está certa”. Lá na escola quando descobriram que eu tinha mestrado, meu Deus do Céu... Diziam que não dá pra perceber o estudo que ela tem, porque sou uma pessoa muito simples, mas eu sempre fui assim... Eu sempre fui. E depois que eu passei a conviver com o meu povo eu aprendi mais ainda ser assim. Num interessa... Eu quero conseguir passar para eles, para eles aprender... Não interessa o que eu já fiz, só por isso eu vou ser ((expressa a posição de nariz em pé)). Não... Eles dizem pra mim: “Quando você está na cidade é o mesmo jeitinho que está aqui na aldeia” ... Mas é o meu jeito... ((risos)). Então tem que ser assim.

**L1: Como você reagia quando estava em contato com seus colegas de turma e não compreendia o que eles estavam dizendo? Que atitudes você tomava nessas situações?**

**L2:** Não, até que teve uma estrutura bacana com os Ticunas, que foi com quem mais a gente na minha turma e na turma do outro professor, teve muitos Ticunas e então as coisas que eu ficava meia sem saber, mais aí todos eles tinham aquela paciência em me explicar no Ticuna e no português. Eu não me senti nem um pouco constrangida.

**L1: Quando você se interessou em falar a língua Kayapó?**

**L2:** Foi por causa do convívio, porque quando eu terminei pedagogia eu estava devendo muito e aí surgiu a oportunidade do concurso que eu ganhava pouco e eu passei a trabalhar e ganhar mais e assim eu fui no intuito de ficar só seis meses. O meu pensamento era de ficar seis meses, igual a esses professores que vai só para pagar conta, eu fui com nesse pensamento de passar esses seis meses e voltar para casa e pronto. Só que antes desses seis meses eu não quis mais voltar pra casa ((risos)). E continuei por muito tempo. É quando foi mandado para lá o meu curriculum, que não foi o “QI” ((faz gesto com a mão)) de ninguém, né? Porque sempre é o “QI” que predomina, mas no meu caso não. Estou lá em Altamira, por causa dos meus méritos, não foi ninguém que me indicou, processo seletivo primeiro lugar, graças a Deus ((risos)).

**L1: Como é a situação da língua nativa na sua cidade? As pessoas costumam usá-la mais no dia a dia?**

**L2:** Não.

**L1: Ou mais o português?**

**L2:** Não, são mais a língua nativa. Dentro da aldeia você não vê mulher falar o português. A não ser que ela tenha uma intimidade muito grande com você que está só as mulheres, mas tendo um menino só deste tamanho ((faz sinal de medida de estatura)) ela fala só o Kayapó.

**L1: E as pessoas que trabalham na saúde, no comércio. Eles falam também Kayapó?**

**L2:** Tudo em Kayapó... tanto na saúde, quanto na educação, tudo é.... Tanto, que quando a gente passa muito tempo lá e quando volta você passa a falar Kayapó dentro de casa, vai falar um não fala kê, porque está ali naquele convívio, está ali naquela rotina de falar só o Kayapó. Lá o Kayapó ainda predomina. Agora os jovens, os homens, quando eles está na rua, eles fala mais o português. Mas eles tando dentro da aldeia eles falam a mesma linguagem entre eles. ((Risos))

**L1: Obrigada pela entrevista.**

**L2:** Obrigada, digo eu. Foi um prazer poder contribuir e eu queria ter trazido o material que eu falei que ia doar, né? Pra colocar, porque no momento eu não estou fazendo nem uso, mas eu posso tirar xerox e trazer.

### ANEXO D – Entrevista do Participante Entrevistado 4 (PE4)

Nome	Etnia	Idade
PE4	Bakairi – Mato Grosso	49 anos

**L:1. Fale um pouco sobre a sua trajetória acadêmica.**

**L:2** Bom dia, sou da etnia Bakairi do Estado do Mato Grosso, né? É:: eu vou falar um pouco sobre a minha vida de estudos, né? Eu fui alfabetizado na:: na escola indígena, meus professores eram não-indígena e indígena também. Com... com treze anos de idade eu saí fora da aldeia para poder estudar na escola não indígena, a escola agrícola era outro lugar, porque naquela época não tinha o ensino fundamental... o Ensino fundamental II na aldeia, né? E eu tive que ir para um município onde ofertava esse curso de... antigamente as pessoas de chamavam o antigo ginásio, né? E que agora é chamado de ensino fundamental I e II, então fiquei uns quatro anos na escola agrícola. Nessa escola a gente aprendia tantas matéria básica do ensino, quanto da matéria técnica da agricultura, né? Então, depois desse quatro ano tinha o sonho de seguir carreira, de estudar. Porque... só depois em 2000...lh... ((percepção da data correta)) 1997 que tive a oportunidade de poder estudar em Cuiabá, fazer o meu Ensino Médio. Era uma outra realidade sair da aldeia e ir para uma cidade muito grande, né? Naquele tempo... comecei a trabalhar na cidade como um... um repositor num mercado, né? Tive que aprender porque nunca tinha tido uma experiência de ter trabalhado numa empresa, uma empresa de um porte grande, né? Então a partir disso em 1999 ((expressão de dúvida)) eu não me lembro...eu acho que é... eu terminei o meu Ensino Médio. Tinha me formado porque estava fazendo os dois Ensino Médio juntos, nessa época era o Ensino Médio tudo junto, né? Então me formei no técnico e em administração. Nessa época eu tinha um projeto de voltar para a aldeia, eu retornei, né? Estava levando um projeto de... com as técnicas que eu tinha aprendido na escola agrícola de poder fazer avicultura, né? Eu tinha planejado de construir um galpão para criar frango de corte, né? E nesse processo nesse ano a gente estava passando uma dificuldade imensa na aldeia, estava faltando professor. Só que naquele tempo não tinha nenhum professor qualificado que tivesse Ensino Médio ou que tivesse o Ensino Fundamental completo, né? Então nesse ponto eu vi que tinha muita demanda, né? Mas o prefeito só abria a escola se tivesse pelo meno uns cinco

professor que tivesse o Ensino Médio, né? Então nessa época eu era um desses professores que tinha o Ensino Médio, né? Então a partir disso começava a ver a escola como demanda maior além disso... a comunidade precisava, né? Porque quando terminava a quarta série a comunidade não tinha onde estudar, né? E ficava lá mesmo, muitas das vezes eles se casava, era... eles não tinha perspectiva de vida, não tinha como sonhar alto. Então na realidade foi o que aconteceu nessa época a gente abriu em 2000 ((dúvida)) a escola Estadual, né? E os professores tinham o Ensino Médio e só tinha um professor que tinha graduação, né? Mas só que não era um professor que tinha graduação na área de pedagogia também, ele era economista, mas deu para ver que a gente dava um suporte legal. Mas eu fico feliz por ter sido nessa época o que tenha acontecido, porque pelo menos nós ex-aluno... nessa época... e teve alguém que entrou agora é psicólogo, hoje é enfermeiro, foi uma coisa muito importante na comunidade, né? ((expressão de satisfação)). Então, tinha outros também que era.... viraram professor, né? E então a partir disso nessa época em 2021 eu fiz o concurso vestibular para estudar no UNEMAT ((Universidade Estadual do Mato Grosso)), né? No Barra do Bugres. Então eu consegui passar na...na... no curso de Ciências da matemática e da Natureza, fiquei um bom tempo trabalhando com a minha comunidade, onde virei coordenador, virei diretor da escola, mas foi bastante interessante, mas nessa época o diretor em 2016 que eu fiquei sabendo através da professora X, que a gente tinha muita amizade desde época de criança, né? Que meus pais, que a minha família conhece ela, né? Tinha falado que estava saindo um seletivo para fazer o mestrado profissional aqui no Rio de Janeiro, porque eu já tinha vindo para o Rio de Janeiro, mas era novinho ainda, né? Mas eu nunca tinha imaginado que eu poderia voltar pra cá, né? Então a partir disso eu perguntei pra ela o que poderia ser feito. “Você precisa fazer um projetinho e se inscrever, se você for aprovado vai ter que estudar no Rio”. Então com isto, a minha vida mudou totalmente, né? Totalmente que eu falo porque passei da aldeia pra cidade ((expressão de preocupação)). Comecei a morar em Cuiabá porque era mestrado profissional e cada seis meses eu tinha que estar no Rio de Janeiro. Uma época bastante... muito bom que teve conhecido pessoas bem legais aqui no Rio de Janeiro, professores, professoras, então em 2018 eu consegui concluir o meu mestrado profissional. Então a partir disso era voltar para a aldeia, né? Porque ainda a gente tinha aquele pensamento eu tenho um projeto de questão ainda de trabalhar línguas na minha aldeia, né? Porque eu pretendo fazer um... é:: produzir material didático, porque uma

escola indígena tem que produzir o seu próprio material didático, né? Para poder dar suporte para os alunos, né? Mas nesse momento aconteceu que eu poderia fazer o doutorado e aí tive que fazer mais projetinho e fui aprovado em 2019. Nessa época estava pronto para vir para o Rio e aí veio esse negócio da pandemia e mudou tudo, nessa época que deveria estar aqui não estava aqui também. Então, esse período teve muitas mudanças, perdi meu pai nessa pandemia também. Então, mas a gente está sempre aqui em busca de novos conhecimentos para poder estar contribuindo com a nossa comunidade. Atualmente eu trabalho em uma escola estadual, eu dou aula, sou professor de matemática, né? Que é totalmente fora do curso que eu estou fazendo né? Mas só que eu gosto do... da linguística né? E eu dou aula de matemática na escola não indígena, né? Já faz uns quatro anos que eu estou fora da aldeia trabalhando com alunos não indígenas e a gente vê o trabalho nosso progredindo, né? Porque muitas das vezes eu não posso falar isso por mim, porque das vezes as pessoas falam que você é um bom profissional ((comentário de outras pessoas)), porque muitas coisas a gente está agregando para os nossos alunos. Então é isso que eu tenho a dizer em relação a mim.

**L:1 Quando você veio para o Rio para realizar seu mestrado, você enfrentou alguma dificuldade em se comunicar ou se integrar com seus colegas, considerando a diversidade étnica da turma? Houve algum aspecto em particular que chamou sua atenção?**

**L:2** Bom...a dificuldade...no meu ver eu não tive a gente teve bom relacionamento, assim, a gente teve muita amizade em função do curso mesmo eu vi que os colegas estavam tendo muita dificuldade em questão de fonologia, teve uma época que eu estava dando aula pros colegas... então, porque a professora viu que eu tinha mais... eu sabia um pouco, mais do que eles...((ênfase nas palavras)). Então, tu vai dar essa atividade aqui, você vai explicar... você vai falar isso, você vai falar as coisas sobre a atividade ((trejeitos com a cabeça com a fala tímida)). Então eu acho que a gente conseguiu, apesar que vários fala idioma diferente... o meu totalmente diferente deles... então, e:: além disso foi um momento de se ter essa troca de ideias, troca de conhecimento, achei muito interessante essa parte também, porque o nosso língua universal é a língua portuguesa mermo se a gente falar a língua portuguesa a gente comunica sim ((satisfação com o processo de troca de experiências das línguas indígenas)).

**L:1 E você em algum momento na sua vida ou na escola você sentiu um certo preconceito quanto a sua figura indígena na sala de aula?**

**L:2** É... eu acho que eu vi sim esse preconceito... por isso que eu penso assim muitas das vezes... que você chega assim em determinado lugar a pessoa te vê com um olhar diferente, será que essa pessoa, ela vai conseguir? Tem aquele ponto de interrogação na cabeça deles, mas só que eu vejo que a gente é capaz também ((expressão de insatisfação)). Muitas das vezes só a aparência engana as pessoas, né? Porque muitas das vezes o conhecimento...a inteligência...a sabedoria não está escrito na cara das pessoa. As pessoas tem conhecimento por dentro, de::ntro mesmo, né? Então eu acho que em todas as escolas não indígenas que eu trabalhei eu vi essa diferença, né, que desde Cuiabá que comecei a trabalhar com não indígena eu vi que no começo as pessoas pensava isso, mas só que na realidade quando foram experimentar como era a minha atitude na sala de aula... eu vi também que o progresso dos alunos... porque eu não posso me avaliar e dizer que eu sou melhor... mas o próprio processo do conhecimento e a aprendizagem dos aluno a gente viu que pelo menos a gente conseguiu semear algumas coisas ((expressão de satisfação)). Então...em tudo nesse sentido eu posso dizer que houve sim, mas só que eu acho que posso dizer que esse preconceito foi apagado de alguma forma. Não precisou de eu brigar de ser aceito porque os próprios colega viram que eu tinha condições, isso era, pessoas que viram que poderiam contar comigo nesse trabalho, né? ((relata com segurança a experiência vivida)). Então é isso que eu posso dizer sobre o preconceito no ambiente de trabalho, né?

**L:1. Na sua aldeia, como o uso da língua materna é incentivado? A educação atualmente prioriza o português ou há um esforço para preservar e resgatar a língua materna? Você poderia compartilhar como está a situação linguística e educacional por lá?**

**L:2** – Bom... na minha aldeia, eles lá é:: vamos dizer que... se você lá falar na língua eles entende, mas com o pessoa de fora os próprio indígenas e outras etnias eles falam em português, né? Mas só que eles fala na língua, nas duas línguas, né? Além disso a escola tem sido uma parceira nesse questão de língua, né? Então por isso a escola indígena, ele tem um currículo específico que fala a língua materna e fala sobre tecnologia indígena, temu um... é... acho que é um negócio é:: um negócio não...((esquecimento, não lembrava a palavra correta a ser empregada na fala)), práticas culturais e tudo voltado para poder trabalhar assunto tudo relacionado a

educação indígena e sendo professores indígenas mesmo... eles conseguem trabalhar essa parte de línguas mesmo, a cultura do canto, através do movimento que eles faz dentro da aldeia, né? Então, lá por enquanto, a gente tem essa língua meio aportuguesado ((se atrapalha um pouco na hora de falar a palavra)), mas só que as pessoas fala a língua mesmo, né? Só no momento a gente não tem o monolíngue, né? Porque a única senhora que falava só na língua Bakairi se foi né? Mas maioria que ficaram no momento tanto fala tanto a língua portuguesa tanto em língua Bakairi.

**L:1. Qual os maiores problemas que vocês encontram na escola para lecionar com as famílias indígena?**

**L:2.** Principalmente eu vejo a falta de material. Por isso o meu foco quando vim estudar aqui no Rio é produzir material didático voltado...material didático específico e diferenciado, né? Se fala em Educação Indígena diferenciado, mas na realidade nós não temu material específico, né? Temu material que nós recebemos do MEC, mas só que muitas das vezes, ele... aquele material não foi feito para aquele aluninho indígena, então a gente vê nessa parte, né? Então... e': eu acho que é isso. E já o calendário, ele já é específico, né? É porque realmente já é de acordo com o calendário da escola indígena.

**L:1 O seu povo está atento a importância da revitalização da língua indígena?**

**L:2** Sim... ultimamente quando eu saí para fazer esse mestrado os professores e própria comunidade começaram a despertar em relação a língua, né? Que a língua também ele morre aos poucos, né? Então se a gente não cuidar da nossa língua com certeza vai ter pelo meno 5 por cento de falante da nossa língua e o restante falante só de português, né? Então com isso e com esse Covid que chegou também fez a gente pensar muito em relação da cultura e questão da língua, porque nossos ancestrais, nossos anciões se foram e praticamente o povo Bakairi... são novos, então ficou o conhecimento, então a gente vê que tem pouco conhecimento, então a gente tinha que ter valorizado mais os anciãos que se foram, né? ((ênfase na fala)). Então a questão da cultura, do canto, da dança a gente está passando um processo de dificuldade, mas só que a gente aprendeu também com os nossos velhos. Então por isso a gente quer passar para os nossos alunos, para os nossos filhos, assim por diante, né? ((aparentou determinação com o objetivo de revitalizar a língua)).

**L:1. Você vai retornar a sua comunidade quando terminar o doutorado ou pretende ficar por aqui mesmo?**

**L:2.** É:: Eu pretendo voltar sim, porque temos duas possibilidades de poder estar trabalhando e ajudando comunidade, não somente o povo Bakairi também, porque lá em Mato Grosso no município do bairro do Bugre tem uma universidade chamado Intercultural, né? Que são universidades exclusivamente para os povos indígenas, né? Então eu pretendo trabalhar e esse projeto que pretendo realizar de produção de material didático vai encaixar legal nessa universidade, né? Porque eu quero trabalhar e ajudar o meu povo e se for necessário também um outro CTINN que tem em Mato Grosso também, então é isso que eu tenho vamos dizer... um futuro projeto relacionado a língua. ((Expressão de esperança de poder trabalhar em prol da sua comunidade)).

**L:1 E o seu projeto desenvolvido aqui na linguística foi sobre o quê?**

**L:2** Foi sobre memória... memória do povo Bakairi. A gente estava relatando sobre as pesquisas que foram realizadas a muito tempo e trazer como realmente está acontecendo, se realmente se perderam ou tem alguma coisa que permanece ainda, né? Porque última vez que foi feito um projeto...uma pesquisa que foi bem-feito mesmo foi lá na época de 1888, pelo alemão Karl Von den Steinen, né? É muito tempo, né? Então o Bakairi é pouco pesquisado, né? ((Demonstrou uma certa indignação em sua fala)). Como povo pouco pesquisado vai ter pouca coisa relacionado àquele povo, né? Então eu vejo assim... quando eu entrei na universidade, que quanto mais o povo é pesquisado a gente tem vários registros desse povo, né? E quando for pouco pesquisado é dificilmente... então eu vejo dessa parte esse lado, por isso eu topei a pesquisa, né? ((Apresentou um despertar para a importância da sua pesquisa ajudar a revitalizar o seu povo)).

**L:1 Você está contribuir bastante né? Porque você retornando ajudará com a sua pesquisa, não é?**

**L:2** É.

**L:1 Você gostaria de fazer mais algum comentário alguma coisa que você ache importante na educação pro seu povo, para os próximos que virão?**

**L:2.** É... Eu só queria agradecer primeiramente o meu povo, né? Que me deram um suporte muito grande, que acreditaram em mim, quando... porque não foi somente eu me escrever e vim aqui no Rio. Teve que passar por todo processo de aceitação da comunidade, né? Porque foi o compromisso que eu fiz, que um dia que terminasse o

curso poderia retornar para poder ajudá-los, né? ((Expressão de muita gratidão e emoção)). Eu acho que...eu...é uma coisa que eu também falo em relação a isso, né? Que os novos que queiram estudar, não é... não é... não é fácil ficar em um Estado diferente do nosso, né? A gente passa por várias situações difícil, mas se estiver com vontade de estudar de lutar por uma coisa boa... com certeza vai conseguir. É uma coisa que a gente precisa estudar ((expressão de incentivo e determinação)). E eu como indígena, sempre vivi desse lado, né? Porque se não estudasse ninguém me conheceria. Através do conhecimento, através do estudo você pode ser conhecido pelo mundo, pelo Brasil. Então é isso que eu queria dizer e deixar para os alunos que queira vir estudar ((Conselho aos colegas)).

**L:1 Obrigada.**

**L:2.** Obrigado, eu que agradeço. ((Expressão de muita satisfação por ter realizado a entrevista))

### ANEXO E – Entrevista do Participante Entrevistado 5 (PE5)

Nome	Etnia	Idade
PE5	Ticuna – Alto dos Solimões	50 anos

**L:1 Fale um pouco sobre sua vida acadêmica.**

**L:2** Boa tarde. Sou PE5, filho de cacique X e:: atualmente...eu como coordenador de escola indígena do município de São Paulo de Olivença, né? Eu trabalhei quase sete escola... sempre frente à escola indígena, né? Além do Kokama um, além Kambeba são doze escola, né? E:: atualmente estou gerenciando uma educação, né? E:: a minha graduação eu fiz em uma escola não indígena. Durante quatro anos eu estudei. Aprendi pouco a falar português, né? Mas, eu não nasce no meio do branco não...eu apenas fala pouco português, mas eu estudei muito, li muito para poder aprender a palavra técnico, né? Algum tempo...algum anos...é:: saiu o edital do Profillind, né? E eu trabalhei na secretaria, né? Em 2002 eu fiz concurso público municipal, passei como professor efetivo, né? E durante, hã... politicamente me chamaram para trabalhar né? Mas na verdade eu nunca dá aula na escola, sempre trabalhar com a tramitação, né? gerenciar algum órgãos, algumas situações, né? E:: algum tempo que saiu o edital do Profillind eu num tá nem aí a escrever o edital fica lá... mas ninguém escrever, né? Professora Nilorden trazer o edital pra nós, mas ninguém fazer inscrição. Na cima da hora... faltava um dia só para fechar a vaga, né? Aí meu colega: “Vamos fazer”. A Professora X falou que a gente tem que fazer... É:: a maioria é professor formado pelo OGPTB. Eu estudei só no município, não estudei no OGTPB, né? Aí nós fizemos, né? E aí nós fizemos a inscrição. Eu ajudei o meu colega, ajudei a colega da minha turma, eu ajudei ao outro colega da turma, né? A fazer uma carta, que pedia na edital, eu ajudei muito a eles. São sete pessoa Ticuna no município que tiveram convivência que fizeram inscrição. Primeiro turma e segundo turma nova. E:: eu nem tá preocupado se passei, não tá nem aí... Porque minha área é outra. Eu formei em pedagogia, né? E de repente... toca o celular, eu fui atender e professora Marci foi me entrevistei e eu sem saber se eu passei ou não, né? Quando eu consegui: “Passei”. A professora X ligou: “Você conseguiu, passou”. “Passei?”, “Passou”, eu

chorei em casa. Eu nunca consegui e de repente aquilo eu consegui, né? Eu chorei e falei pra minha esposa: “Esposa, eu passei pro Proflind”. E fui viajar tal dia. E quando eu cheguei na verdade...eu não sei de nada ((trejeitos com a mão para expressar a linguagem verbal)). Essa aprender linguagem... comecei a estudar, né? Mas pouco a pouco durante um mês que eu estou aqui no Rio, eu aprender muita coisa. Eu admirei Professora X e aprendi com ele, muito ((expressão de gratidão)). Depois eu mesmo que envolvi meu conhecimento e ela me ensinou como fazer e eu consegui passar, né? Nós conseguimos defender, mas no maior sacrifício. Ela... até o momento nós agradecemos ela...ela dá o vida pelos Ticuna, ela se sacrifica pelo gente. Até agora ela se sacrifica o vida dela pelos Ticuna. Por isso maiorias do povo Ticuna, maioria de estudante de povo Ticuna, né? Ela então na verdade... o povo Ticuna ama a professora X, professora X ama povo Ticuna, né? ((expressão de muito agradecimento, carinho e satisfação)). Então o sonho dela é que vai crescer Ticuna...formando em língua indígena. Um dia o próprio indígena vai fazer gramática. Esse é o prano, esse é a missão da professora X ((verbalização empolgado do ideal de ensino da professora)). Então, professora X, ele me transformou, ele que me abre minha mente, abre minha visão de como eu vou fazer o meu projeto, como fazer...ensinar. Antes eu falar em Ticuna, mas não sei escrever, não sei traduzir alguma coisa, mas durante um ano e seis meses que nós estamos aqui no Rio, devolver o que professora X quer ensinar e eu aprender, agora pra traduzir agora...alguma coisa. Frase eu traduzi a língua Ticuna, às vezes alguém me procurou pra ajudar, né? Então, agora como coordenador da escola indígena, às vezes vem um monte de pessoa me procurar para traduzir. Até o momento pro Ticuna, ele falar língua, mas não sei traduzir, não sabe escrever. Até mim memo não sei, mas depois que entrei pro Proflind, já bastante aprendi muita coisa. Por isso nós agradecemos muito a professora X, que ela dá a vida dela pelo indígena. Muito obrigado por essa entrevista. Agradecer muito. ((Expressão de satisfação)).

**L:1 Qual foi o tema da sua Dissertação do mestrado?**

**L:2** O tema, é:: “Arquivo do povo indígena... ((confuso)) do povo Ticuna”, “Arquivo do povo Ticuna” ((repete)), esse arquivo desenvolver artesanato, comparação antigo e no atual, né? Porque muitas vez, agora que nós temos material didático, aquele antigo colar, cocar é diferente, mas um dia Ticuna já imitou outra etnia. Já não usa mais cocar a que... Ticuna usa, né? ((gesticula informando com era)). Então essa parte... minha

pesquisa, né? Hoje em dia Ticuna não usa mais aquele colar não. Já... usa aquele que compra na cidade, parece sem sentido, né? A significado a colar, agente Tucumã é proteção pro indígena, né? ((expressão de fé)). E nunca acontecer se for na mata, não acontecer nada, porque colar é proteção, né? Cocar, significado pro Ticuna quando o Ticuna faz um guerra com tribo, ele usa só com um pena do arara ((faz gesto com a mão uma pena só)). Esse significado quer dirigir um guerreiro, né? ((expressa com as mãos gesto de caminho reto)), essa é a minha pesquisa. Ainda tem muita coisa pra desenvolver também, né?

**L:1 Como você acredita que a educação pode impactar positivamente o futuro do seu povo, e há algo específico que gostaria de compartilhar ou sugerir para as próximas gerações?**

**L:2** Nesse momento que está essa educação indígena, né? Muitos Ticuna está formando em pedagogia, né? Mas na visão que nós já...já...já... fazer reunião com os professores, nós adultos que formamos na cidade e não valorizam língua Ticuna, alguns valoriza a cultura. Eles valoriza mais o não indígena. Então, é em cima desse que tem que trabalhar e orientar professor. Mas tem certas escolas que já tem movimento muito, né? Parte da educação, algum já trabalhou com artesanato, né? Cultura, até o momento muita jovem, adolescência, não sabia o que é cultura, não sabe o significado da moça nova, né? Porque há professores que não ensina, sobre esse ensino. Ele valoriza mais o não indígena. Eu fui à escola e na parede eu não vi nada. Basicamente não é igual aqui, mas agora não. Essa um pouco diferente da educação indígena. Mas a gente vai trabalhar em cima disso e vai conseguir, né?

**L:1 Quais recursos ou apoio vocês acreditam ser essenciais para melhorar a educação na aldeia, tanto para as crianças quanto para os adultos que também buscam aprofundar seus conhecimentos?"**

**L:2.** Sim. ((afirma com a cabeça))

**L:1. Quais aspectos você acredita que precisam de mais atenção ou melhorias na sua comunidade?"**

**L:2.** É... A gente precisa de mais polo... precisa mais... alguém para orientar a gente, né? Alguém que tem mais conhecimento parte da educação indígena na escola, né? Na comunidade. Manter um ancião que mora na comunidade que pudesse explicar

como funciona a cultura indígena, como funciona a educação diferenciada, né? Para que a escola melhore daqui para frente, né?

**L:1. Você poderia compartilhar mais sobre a educação indígena e como as crianças de sua comunidade vivenciam o processo de aprendizagem? Além disso, vocês enfrentam algum tipo de discriminação ou desafios ao buscar o acesso a oportunidades educacionais fora de sua cultura? Como isso afeta a construção do conhecimento e a autonomia de vocês?"**

**L: 2.** É:: mas muitos Ticuna estuda na cidade crianças de cinco, seis anos, né? Na minha município São Paulo de Olivença, mais de cento e pouca família... Ticuna... a estudar na escola indígena. Às vezes professores e próprios gestores tem sim preconceito, às vez diz que não entende, né? Não entende...tem sim, né? Algum professor que discrimina, mas não mostra que discrimina. Tem sim... Minha filha estuda na cidade. Eles fala um pouco entre eles, mas fala, né? Mas outra pessoa que chega na primeira vez na escola indígena, tem sim... preconceito. Existe sim, existe sim... ((expressão sensível a situação, não comentou detalhes)).

**L:1. Você acredita que é possível melhorar essa situação por meio de mudanças na legislação?"**

**L:2.** É através das leis né? Precisa melhorar.

**L:1. Da legislação?**

**L:2.** Mas agora o prefeito que manipulou...o próprio prefeito que apoiou, né? Hãa...às vez o secretário ou os órgãos não foi lá, não valoriza o povo indígena na verdade, né? Porque eu trabalhei no meio deles e eu sei como funciona, não valoriza muito a gente não. Tem sim, preconceito, sim ((não quis se aprofundar muito no assunto)).

**L1: Muito abrigada pela entrevista.**

## ANEXO F – Entrevista do Participante Entrevistado 6 (PE6)

Nome	Etnia	Idade
PE6	Ticuna – Alto dos Solimões	49 anos

**L:1. Fale um pouco sobre a sua trajetória acadêmica.**

**L:2.** Boa tarde. Eu sou a PE6, sou da etnia Ticuna, meu nome é Nupawè`ena na minha língua, sou do Alto dos Solimões e eu vim aqui para pegar o meu diploma da Proflind da mestrado, né?

**L:1. Conta um pouquinho sobre você.**

**L:2.** Eu, vou falar um pouquinho da minha... ((sinaliza para si mesmo)), desde criança, né? Eu vivi... lá comunidade desde criança eu estudei um pouquinho na minha língua com a mesma professora que são da 4ª série dava aula lá na aldeia. Enquanto eu estudava os professores não são contratados da prefeitura, eles trabalham por própria conta, né? Os pais pagam o salário deles com plantação, né? Com penca de banana, abacaxi. A primeira vez que eu estudava lá com cinco anos, a gente estudava, com seis anos eu fiquei lá na aldeia. Depois com quatorze ano eu fui para o município por causa do meu pai, porque ele trabalhou lá no município, né? Com quatorze ano, eu não terminei... a primeira fase dos meus estudos lá não, eu terminei na cidade. Eu concluí minha primeira parte de ensino na cidade, já com quatorze ano já. Eu concluí a primeira fase dos meus estudos lá. Aí eu tenho dificuldade de aprender até a minha língua mesmo, que cada sílaba, né? Cada pedacinho, como a gente pronúncia também, né? Aí eu tive dificuldade nisso daí. Aí depois disso eu conclui toda Ensino Médio lá na cidade no magistério. Aí chegou também o dia do curso da pedagogia, chegou também o... o dia do curso do OGPTB. Eu fiz também, eu fiz... pa... passei, mas só que eu desisti de estudar lá. Eu preferi estudar aqui na cidade, né? Porque lá no OGPTB era mais importante do que o da pedagogia que eu estudei ((realiza movimento com a mão como se fosse uma etapa)). Porque lá há muita coisa da... da nossa língua foi estudado lá, os professores lá com a professora Jussara, né? E se eu estudasse lá, eu aprenderia mais, por que é a nossa língua mesmo, eu trabalharia a nossa língua mesmo, né? ((gesticula para ela mesma como representante do povo))

e é muito importante por que é cada tom na nossa língua mesmo, né? A gente aprende como é a nossa língua mesmo, né? Cada som que a gente faz, cada tom, né? Porque a nossa língua é dificuldade de a pessoa aprender, né? Lá no OGPTB... E quando eu soube desse curso eu me interessei, porque a nossa cultura tava fraquecendo já. Eu vi que tava fraquecendo... aí quando eu soube desse curso da professora X, eu fiz, né? Eu entrei, nós fizemos com as nossas colegas e consegui entrar, porque era tão importante pra nós pra pode aprofundar mais na nossa língua mesmo, porque depois pode ajudar meus alunos e os outros professores para dar aula, porque ele não sabe e ele aprender bem ainda a nossa língua, porque a gente fala o nossa língua, todo mundo fala a nossa língua, mas a gente não saber escrever qual que é sílaba, qual que é plural, onde fica plural? Onde que fica objeto? ((gesticula a pontuação)). Porque nosso é contrário, ((gesticula troca de lados)) não é igual a vocês ((expressa muita confiança em sua fala)). Aí eu queria aprender, aí eu me escrevi e isso eu aprendi aqui e a minha dissertação é sobre a música. A música antiga dos avós que cantavam na festa da moça nova. Quando eu trabalhava no Estado, encontrei que fazia visita na comunidade Indígena escolar, encontrei que já não tem mais pessoas fazendo dança da moça nova ((barulho de som de áudio de celular ao fundo)), as avós não cantava mais, eu não via mais aquele cantoria lá, não via mais não... ((expressão de tristeza)). Eu ficava pensando que isso ainda é sagrado pra nós, porque aquela música festa da moça nova é sagrado e nem encontrava mais isso não. Eles tinham a festa, mas não tinha mais aqueles avós cantando lá... Aí eu ficava pensando eu vou resgatar, eu vou procurar como é que vou manter ainda essa minha cultura, né? Esses música aí, né? Foi pra isso que eu me inscrevi, né? Pra mim aprender como escreve o tom baixo, fino, grosso, esse tom tem, né? Quando a voz canta, faz aquele som, a voz faz quando ela canta, fica bem bonito quando a gente ouve esse música aí, ((deu bastante ênfase ao seu conhecimento)). Pra isso eu fiz esse mestrado aí, quando a professora falou desse edital, né? Esse é o minha dissertação.

**L:1. E você encontrou muita dificuldade para fazer o curso? Você sentiu muita discriminação dos colegas da turma e desse processo todo que você percorreu até aqui?**

**L:2.** Não...não, não encontrei dificuldade muita não. Porque graças a Deus meus colegas...quem passa dificuldade, eles ajuda... Tem aquela união aí... Aí não encontra muito dificuldade aí, nesse curso aí ((expressou confiança em sua fala)).

**L:1. Porque tinham outros colegas de outras etnias na turma também.**

**L:2.** Ahã... Ahã....Mas nesse nosso turma aí, não. Não sei se nos outros turma passou por dificuldade, porque nosso turma acho que não.

**L:1. Falando outras línguas?**

**L:2.** Porque quando é de outra etnia ajuda também, quando tem dificuldade, pergunta como que é? Aí não passa dificuldade muito não. ((expressão de insatisfação com a pergunta)).

**L:1. O que você acha que está falta ainda para complementar a educação indígena?**

**L:2.** É... Assim pra mim, se tivesse universidade própria indígena, deve ter aí bem perto, né? Porque com isso muitos alunos não estão chegando as universidades não. Tem muita dificuldade de vir pra cá, cidade grande, né? Porque não tem recursos para se manter aqui não. Como é que vai pagar a moradia deles? E ir também visitar a família que está longe, né? E tem também os professores não indígenas deve respeitar bem a educação diferenciada. Porque muitas vezes não está respeitando mais não. Ele leva a cultura dele lá pra aldeia, ((demonstrou-se irritada com essa situação)). As vezes isso amansa a nossa cultura e eu não gostaria que isso acontecesse não. Se ele isse lá trabalha com essa mesma cultura deles, que são ricos, são bonitos lá. Isso atrapalha muito os alunos lá. Aí, isso daí eles não gostam mais de trabalhar com cultura deles e isso daí eles muda de ideia e tem vergonha de trabalhar com cultura deles, às vezes, por causa disso daí. É isso que acontece lá na comunidade. Se o professor trabalhasse com a cultura que tivesse lá né, professor? ((Professor Damião estava perto)).

**L:1. E você acha que o governo deveria fazer alguma coisa mais por isso ou vocês têm que lutar mesmo por essa conquista?**

**L:2.** É.

**L:1. Considerando as reflexões que você e o professor X compartilharam, gostaria de saber se há alguma iniciativa em andamento ou se poderia haver um movimento para que os professores indígenas já formados possam colaborar ativamente na criação da universidade indígena?**

**L:2.** Se a gente puder ir trabalhar lá nessa universidade para fortalecer nossa cultura, nossa língua. Porque os outros municípios não estão falando mais a língua com vergonha, né? Porque diz que tem discriminação.

**L:1. As crianças lá na sua aldeia, eles falam a língua nativa mesmo na escola?**

**L:2.** ((Balança a cabeça afirmando que sim)). A maioria fala a língua nativa mesmo, não fala o português não, até porque tem muita dificuldade.

**L:1. E o professor lá fala a língua nativa também?**

**L:2.** É, o professor lá fala a língua nativa e tem dificuldade de falar o português. Tem os que fala, mas falar bem assim, não.

**L:1. E de que maneira a sua formação contribuiu para a sua profissão?**

**L:2.** Ai...muitas coisas aí... por que se não tivesse nesse curso aí do mestrado né? Eu não poderia ajudar mais aquele aluno que trabalha com ensino médio a estudar gramática, que é mais dificuldade lá. Como já tinha dito antes, né? A gente fala assim nossa língua, mas a gente não saber direitinho a nossa gramática pra sala de aula, a gente cria a nossa livrinho para dar pra eles lê, que é tão importante, né?

**L:1. E o material didático lá, como é trabalhado?**

**L:2.** Hum-hum ((afirma)), a gente faz o nosso material didático aí tudo da nossa cultura. No caso da moça nova, eu fiz o meu tudo nesse patrimônio imaterial da moça nova, da tambor, da fruta e da tracajá, eu fiz um livro meu que fala tudo isso daí, ele fala tudo a história dos instrumentos que a gente usa na moça nova, aí. Porque tem muito aluno que não conhece essa história não. Tu pergunta dele, ele não sabe a história mais não. Todos nomes, toda cultura aí.

**L:1. O seu trabalho é de grande importância para manter a cultura viva.**

**L:2.** Ahã...

**L:1. Para os Ticunas para preservar e promover a sua língua e cultura? O que pode ser feito de maneira forma efetiva?**

**L:2.** É... O que também tem que se fazer é incentivar a ler a nossa língua no livro. Porque muitas vezes os alunos não lê... não lê na nossa língua mesmo. Eles têm dificuldade de ler na nossa língua escrita mesmo no livro, não leem não. A gente incentiva ele pra ler, a gente fala como se diz, né? Mas não adianta. Eles têm dificuldade de ler a própria língua. A gente tem que fazer os dois, a nossa língua e o português, que aí facilita mais para eles.

**L:1. A maioria fala mais o português do que a própria língua, não?**

**L:2.** Não ((ênfase na negação)), a maioria fala mais o Ticuna, mas assim mesmo eles não conseguem não.

**L:1 Muito obrigada pela sua entrevista, obrigada mesmo.**

## ANEXO G – Entrevista do Participante Entrevistado 7 (PE7)

Entrevistas com alunos egressos do Proflind

Nome	Etnia	Idade
PE7	Tukano	65 anos

**L:1 Fale um pouco sobre a sua trajetória acadêmica.**

**L:2** É... eu sou PE7, meu nome no meu povo é Yuphako, o meu povo se chama Povo Tukano. Eu sou:: do Povo Tukano, nascida e crescida na:: aldeia, fiquei na aldeia até meus 18 anos, quando eu fui pra escola a minha primeira vez foi aos 10 anos e:: começou o curso de alfabetização aos... aos 10.. 10 anos de idade no colégio interno. Passei no colégio interno durante uns 10, 8 anos, terminei a minha formação do Ensino Fundamental no ano de 1987 e fiquei algum ano em casa e depois eu fui fazer o meu Ensino Médio e depois do Ensino Médio foi para São José da Cachoeira de lá... lá eu terminei meu curso de Ensino Médio, é... me formei pro magistério, magistério do não-indígena mesmo, trabalhei como professora é:: 83 até:: hoje ((ênfase na fala)). Então a minha caminhada foi assim, em 99... (retoma o pensamento), no finalzinho de 95 eu fui pra Manaus de onde estou até hoje, quando foi finalzinho de 99 eu...eu fiz processo seletivo para a graduação nível superior e optei por fazer para a área de História, quando eu fui pra universidade é... Universidade Federal do Estado do Amazonas, terminei meu curso de História no ano de 2004 e a partir daí eu fiquei quase até 2017 trabalhando, cuidando das minhas filhas, cuidando da minha vida, é:: quando foi finalzinho de 2017 eu resolvi fazer o meu curso de mestrado ((ênfase na fala)), no Rio de Janeiro, onde é o Programa do Proflind Formação Profissional de Mestrado em Linguística, e... Linguística e Línguas Indígenas, aonde eu passei muito dias...passei uma temporada estudando com os colegas indígenas de vários povos, hã... e correu tudo bem, nós estudamos muitas coisas, muita coisa boa, muita coisa difícil porque pra quem não é da... da área de linguística fica muito difícil, mas isso foi tudo superado. Eu faço parte de uma vida de superação, de dificuldades, de obstáculos, é:: toda vez que eu penso nos desafios da vida, nos obstáculos da vida, eu penso que são oportunidades que surgem pra servir

de amadurecimento na minha vida como pessoa, como ser humano. Então, eu posso dizer que fazer parte de cursista do Proflind, pra mim foi muito importante ((ênfase de satisfação)), onde eu pude fazer parte de um grupo de pessoas... ((reflexão no que iria dizer)) diversas, onde nós pudemos dizer que nesse... nesse programa, nesse curso existe a diversidade de pessoas, temos indígenas e não-indígenas. É... os indígenas não veem apenas de um só território, eles são de vários territórios. É, isso quer quero dizer que eles vêm de vários territórios de vários Estados, então isso que dizer quem vem do Estado do Amazonas falando a minha língua. E... eu sempre digo que os meus estudos foram tardios. Aprendi e fui alfabetizada na língua portuguesa aos 9 anos ((balança a cabeça percebendo que se enganou e fala a idade correta)) ao 10 anos. É:: aprendi falar português, o português mesmo de verdade no ano de 2000 ((expressão de surpresa)), quando eu fui para a graduação, porque até 95 a nossa fala, a nossa linguagem falada dentro de casa foi a minha língua tukano ((tom da voz com orgulho)). Quando eu saí do seio da minha família e fui para Manaus é que eu tive é:: ((reflexão no que iria falar)) a saída de São Miguel da Cachoeira, pra Manaus eu tive essa ruptura da minha língua falada cotidianamente, então passei a falar mais o português, então por isso que eu digo que a minha aprendizagem na língua portuguesa foi um pouco tardia.

***L:1 As escolas na sua aldeia não tinham professores não-indígenas? Como eram as escolas lá na sua aldeia?***

**L:2** Hã...as escolas indígenas... as... ((confusa)), não... nessa época que eu estudei nós tínhamos escolas ((pausa recordando o passado)), só que os professores indígenas ministravam aula no português e aqueles... aqueles mesmo que falavam o tukano eles tinham que transmitir o ensino em língua portuguesa, tanto que no internato quando eu fui alfabetizada, eu fui alfabetizada na língua portuguesa ((segurança nas palavras)). Quando nós deixamos nossas aldeias e fomos para os internatos, nós éramos obrigadas a falar na língua portuguesa e não falar mais a nossa língua. Só que não funcionou muito bem essa... essa... essa ((refletindo para empregar a palavra correta)) o::obrigatoriedade da gente é:: não falar mais a nossa língua. Éramos alunas internas de diversos povos, era uma diversidade de meninas, assim de falando de tukano, de....de... de Tuyuka, de Karibetano, Desana e de diversos povos ((apresentou uma fala indignada)), cada qual falava suas línguas escondido das freiras... E aí a gente falava o português só em sala de aula. Aquela

coisa básica, é ou não é..., sim, quero..., essas coisas. Então é por isso que eu digo que a minha a... a:: minha aprendizagem na língua portuguesa foi tardia, meus estudos também foram tardios, tanto é que o Programa Proflind é: me forneceu base ((ênfase na palavra e firmeza em sua expressão)), não sei muita coisa... muitos ----, até mesmo outros professores, outras pessoas criticam do nosso programa Proflind, porque:: parece que a gente não aprendeu nada, mas pra mim são falácias de pessoas que...que não, não sabem exatamente ou são pessoas que não têm sensibilidade que esse programa foi realmente para suprir as necessidades é:: dos indígenas que queriam fazer o mestrado, porque nós somos indígenas falantes da nossa língua. Quando nós vamos estudar fora do nosso contexto social nós sentimos muitas dificuldades ((exclama com convicção)), principalmente a teoria ô:: dos teóricos, é da fonologia, do fonema, da semântica e de outros teóricos, se torna muito difícil ((exclama)), mas eu digo por mim que e::u aprendi o suficiente pra mim ((expressa segurança na fala e gesticula apontando para si mesma)) e digo que o nosso curso é criticado, mas pra mim ele deu a base de sustentação do povo que eu ser pra ir para o doutorado. Hoje em dia eu faço doutorado em linguística da faculdade de letras lá no Fundão e entrei em 2023, já estou terminando as aulas das disciplinas é... teóricas e estou muito feliz ((expressão de satisfação)), agradeço a oportunidade do Programa Proflind que foi sonhada e idealizada pela nossa professora X. É:: penso que é muito importante os indígenas de todas as regiões que não tiveram a oportunidade de entrar no mestrado nas suas áreas nos seus Estados, vim para o Rio de Janeiro e conhecer uma realidade totalmente diferente e saí daqui totalmente agradecidos por ter uma oportunidade de estar em um programa de formação de línguas e linguística muito importante ((exclama)). E... ((pensativa)) essa nossa vida de indígenas para essa sociedade não-indígena é:: ((pausa para reflexão)) é muito importante também ((firmeza na expressão facial)). Porque quando os não-indígenas chegaram os povos indígenas já estavam aqui ((reflexão)). É... aí eu percebo que nós indígenas, quando a gente vem do nosso território muitas vezes é... nós... nós temos um... nós vemos um preconceito muito forte dos não-indígenas começando pela nossa forma de ser, pela nossa forma de falar. É os... os não-indígenas que não têm essa sensibilidade de... de ver que nós somos povos diferentes, eles querem que nós também tenhamos o mesmo nível da fala da língua portuguesa. Eles esquecem que nós fomos colonizados pelos portugueses e fomos alfabetizados com a língua portuguesa e não fomos alfabetizados com a nossa, com a nossa língua materna,

então isso faz uma grande diferença na nossa história. E... e digo que a Proflind foi importante demais na minha carreira. ((pausa no vídeo))

((Vídeo 2 – Continuação da entrevista))

**L2:** E... esses cursos que eu estou fazendo aqui no Rio são muitos significativos porque, é:: no primeiro momento da minha vida quando eu saí da minha aldeia eu falei para o meu povo que eu estava saindo para estudar ((ênfase na fala)), até hoje estou fazendo isso, esse papel de estudar. É eu disse para eles que um dia eu voltaria, né... pra... pra ajudar o povo da minha aldeia, então quando eu penso que eu estou fazendo a escrita, o estudo da nossa língua, do povo indígena Tukano, eu tenho uma obrigação enorme de fazer o certo pelo correto, não fazendo de forma equivocada de uma formação apressada, e fazer um bom trabalho e lá na base ((ênfase na palavra)). Eu quero ir ao rio Tiquié que passa pela minha comunidade, eu vou parar na comunidade de São José do rio Tiquié, onde tem uma escola indígena. Lá eu quero concluir o:: --- a tese do meu doutorado. Porque se eu estou escrevendo a língua tukano o meu povo tem que conhecer de que forma eu estou escrevendo, para que o que nós estarmos escrevendo seja útil para aquela sociedade, para o meu povo. Então, eu tenho essa obrigação de estudar de fazer um bom trabalho de fazer bem de escrever a nossa língua tukano e retornar com eles com o trabalho pronto e entregar pra eles ô...ô nosso trabalho pronto, na...na língua tukano. Essa é a minha responsabilidade ((bate no próprio corpo em sinal de responsabilidade assumida)).

**L1: Por esse motivo você incentiva aos seus parentes para que eles possam estudar?**

**L2:** É::, só o fato de eu estar no Rio de Janeiro aos meus sessenta e cinco anos, é:: eu passo uma imagem né:: ---- uma...uma forma dos jovens pensarem que nunca é tarde pra estudar. Vale a pena estudar, porque nós precisamos estudar ((ênfase na fala)). Porque se você estuda você melhora a sua vida, se você estuda você atende melhor a comunidade, é... se você estuda, você cuida melhor dos seus alunos quando você é:: professor você tem... você tem a capacidade, a qualificação profissional de atender melhor aqueles alunos que estão, aqueles alunos, aqueles estudantes que estão nas suas mãos. Então você tem essa porta aberta que você pode acolher aquelas pessoas que estão em tuas mãos ((gesticula estendendo as mãos)). Então, eu passo por onde eu vou, aonde eu estiver, com quem eu estiver eu passo essa mensagem ((expressão de confiança)), que:: pros nossos acadêmicos indígenas, nossos estudantes indígenas do Ensino Médio que queiram estudar que tenham foco

com os estudos ((expressão de determinação)). Se vão para estudar é para estudar ((exclama)). Estudar significa TRABALHAR, ESTUDAR SIGNIFICA TRABALHAR, colocar a mão na massa, pegar os livros, pegar os teóricos, estudar, estudar, estudar, fazer tarefa tudo direitinho ((expressão e gestos de muita determinação e incentivo aos estudos)). Não é porque que somos indígenas é que vamos fazer de qualquer jeito, nós temos que fazer a diferença ((ênfatisa)). Se os não-indígenas sabem fazer, e por que que a gente vai fazer um trabalho mal feito? Não podemos fazer um trabalho mal feito ((exclama)). Vamos fazer o trabalho é com dignidade, é:: fazer um trabalho que esteja adequado ((gesticula firmemente)), para que aqueles que venham atrás de nós digam: “Se ela conseguiu, eu também posso”, então sempre podemos dizer que nunca é tarde estudar. Vale a pena estudar ((afirma com a cabeça)), pra ajudar melhor, de uma forma melhor, tanto a saúde, educação é... é:: como cuidar dos nossos territórios, como cuidar dos nossos rios, dos nossos lagos, dos nossos igarapés, porque... o povo indígena é aquele que guarda. É aquele guardião das florestas do nosso Estado do Amazonas, seja qual for indígena, ele tem esse foco, ele tem essa mentalidade de guardar o que é bom para nós ((faz gestos para si, se incluindo na fala)) povos indígenas os nossos territórios.

**L1: Qual a contribuição do Proflind para sua vida?**

**L2:** É::, o Proflind me ajudou nessa formação ((ênfatisa a fala)), o olhar para o futuro, o olhar para a educação é:: ele nos remeteu ao nosso passado ((gesticula com as mãos sinalizando o passado)). Porque eu por exemplo quando fui para Manaus, eu estava focada pelo meu trabalho, é:: o meu trabalho, família... mas quando eu vim pro Proflind eu:: passei a pensar mais no povo que eu deixei para trás. Então, Proflind me devolveu essa dignidade de eu ser mulher indígena, sair da minha aldeia, da minha comunidade e me remeteu ao meu passado ((exclama)). Porque através do Proflind eu fui rever a minha história, a minha história de criança de onde eu sou, é:: é:: das mitologias, das histórias e eu sei exatamente que EU SOU. Eu não posso dizer que eu fui alto declarada, NÃO. Povo indígena, ele é indígena desde o seu nascimento. Então nós temos o nosso pertencimento, a nossa etnicidade não autodeclarado, nós somos legítimos indígenas, independente de quem fala e de quem não fala ((se expressa com muita firmeza e propriedade sobre o seu discurso)). Então, o Proflind me deu essa coragem, essa força de nós remetermos, de nós voltarmos ao nosso passado e:: construir o nosso futuro a partir dos nossos dados de herança cultural, da

nossa língua que nós falamos é... é... pra mim o Proflind foi um significativo muito grande ((fala com entusiasmo)). Quando eu vim pra Proflind, eu vim porque eu era falante da minha língua tukano, mas eu não era hum... alfabetizada na minha língua tukano ((exclama)). Eu era alfabetizada na língua portuguesa, eu aprendi a escrever na língua portuguesa, eu aprendi a falar um pouco na língua portuguesa, e eu era é:: semianalfabeta na minha língua de origem a minha primeira língua, foi deixada para trás ((demonstra indignação)). Então, quando apareceu a oportunidade do programa de Proflind Línguas Indígenas em Linguística, eu optei, eu pensei, tá na hora de eu aprender a minha língua ((expressão séria voltada para a câmera)) e calei a boca de muita gente ((exclama)). Hoje eu posso dizer que eu sou bilingue, porque eu falo a língua portuguesa, eu escrevo a língua portuguesa, eu falo a minha língua indígena e eu escrevo a minha língua indígena ((expressão séria, pausada e segura diante da câmera)). Então, é assim que nós indígenas do Proflind independente de quem fale ou não fale temos que calar aqueles que nos criticam e dizem que nós indígenas não sabemos falar o português direito, que nós indígenas não sabemos quase nada. **NÓS SABEMOS**. Nós precisamos de valorizar o que nós somos perante a sociedade ((expressa orgulho de sua origem com muita propriedade em sua fala)). Então, Proflind pra mim foi um programa que me acolheu, que me deixou visibilidade pra eu continuar o meu doutorado e eu estou muito feliz. Obrigada ao Proflind, obrigada a todos os professores do Proflind e a professora X que acreditou em nós ((exclama)). Muito obrigada ((chora de emoção no final da entrevista)).